

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



As condicionais de *se* no português de Moçambique e no português europeu

Víctor Mércia Justino

Orientadoras: Professora Doutora Ana Maria Martins
Professora Doutora Anabela Gonçalves

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Linguística, na especialidade de Linguística Portuguesa

2018

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



As condicionais de *se* no português de Moçambique e no português europeu

Víctor Mércia Justino

Orientadoras: Professora Doutora Ana Maria Martins
Professora Doutora Anabela Gonçalves

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de Linguística, na especialidade de Linguística Portuguesa

Júri:

Presidente: Doutora **Inê Pedrosa da Silva Duarte**, Professora Catedrática e Membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

- i. Doutora **Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves**, Professora Associada Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- ii. Doutora **Ana Maria Lavadinho Madeira**, Professora Auxiliar Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- iii. Doutora **Ana Maria Martins**, Professora Catedrática Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientadora;
- iv. Doutor **Telmo Lopes Móia**, Professor Auxiliar Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- v. Doutor **Rui Pedro Ribeiro Marques**, Professor Auxiliar Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian através de Bolsas de Pós-graduação destinadas a estudantes dos Palop e Timor Leste

2018

À Ana, à Shirley e ao Vítor Júnior (meu porto seguro),
&
a Deus e Fanequiço

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão, merecidamente e em primeiro lugar, para as minhas orientadoras. À Professora Ana Maria Martins, minha orientadora, agradeço o facto de, mais do que eu próprio, ter sempre acreditado na minha capacidade de levar a bom porto uma tese de doutoramento. Agradeço ainda a exigente e rigorosa orientação, as leituras e releituras sempre atentas de todos os capítulos da tese; os comentários, as críticas e os elogios na altura certa que sempre me foram estimulantes. À Professora Anabela Gonçalves, minha co-orientadora, agradeço também a confiança, a rigorosa e estimulante orientação, as leituras e releituras sempre atentas da tese, as críticas e o constante incentivo.

Aos Professores Maria Lobo, Telmo Mória e Rui Marques, membros do júri da prova de conclusão da parte curricular do doutoramento, agradeço as críticas e sugestões que fizeram ao conteúdo dos capítulos 2 e 3 da tese e espero ter conseguido integrá-las devidamente.

À Professora Doutora Perpétua Gonçalves, agradeço a disponibilidade para discutir alguns aspetos desta tese, a leitura de alguns capítulos e todas as sugestões que me foi dando.

Agradeço ainda a todos os que fizeram críticas, sugestões e observações durante as apresentações de partes da tese no XXXI e no XXXIII encontros da Associação Portuguesa de Linguística, e no XXXIII Encontro Nacional da ENPOLL – GT Teoria da Gramática - 2018.

Aos meus Professores do Mestrado e do Doutoramento (Doutores Inês Duarte, Manuela Ambar, Gabriela Matos, Rui Marques, Ana Maria Martins, Tjerk Hagemeijer, Anabela Gonçalves, Madalena Colaço, Ana Lúcia Santos, Maria João Freitas, Ana Isabel Mata e Alina Villalva), pelas lições de Sintaxe, Semântica, Linguística Comparada, Linguística Educacional e Morfologia.

Aos meus colegas do Departamento de Línguas e de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, e aos participantes do estudo, pela incondicional colaboração e pelos momentos de diversão.

À Fundação Calouste Gulbenkian, agradeço a bolsa de estudo que me permitiu frequentar o doutoramento em Lisboa, entre 2013 e 2018.

Aos meus pais, familiares e amigos, agradeço o carinho e os momentos de descontração que foram fundamentais para o meu bem-estar.

À minha esposa, Ana Gabriela, e aos nossos filhos, Shirley e Víctor, agradeço a compreensão, a cumplicidade e a paciência com que souberam esperar pelo *projeto grande* do companheiro e pai.

A todos aqueles que de diferentes modos contribuíram para a concretização deste trabalho, **muito obrigado!**

Resumo

O objetivo deste trabalho é o de contribuir para o conhecimento de aspetos semânticos e sintáticos das condicionais de *se* no Português de Moçambique (PM) e no Português europeu (PE).

Neste estudo, considerou-se como base empírica dados, orais e escritos, extraídos de diferentes *corpora* do PM e do PE, e dados obtidos através de tarefas de produção provocada e juízos de gramaticalidade aplicadas a 25 sujeitos universitários moçambicanos.

A análise semântica das condicionais de *corpora* do PE permite não só corroborar as descrições apresentadas na literatura (Ferreira 1996; Marques 2001 e 2016, e.o), como também apresentar aspetos que ainda não tinham sido identificados em trabalhos anteriores, como é, por exemplo, o facto de condicionais no modo conjuntivo expressarem a factualidade e de tempos do indicativo e alguns do conjuntivo poderem ser ambíguos e compatíveis com as três classes semânticas (factuals, hipotéticas e contrafactuais). Do ponto de vista sintático, os dados mostram que as condicionais de *se* podem ser integradas ou periféricas. As integradas são estruturalmente adjuntas a VP da matriz e as periféricas, a TP ou CP (Haegeman 2003; Lobo 2002b, 2003, 2006). Além disso, os resultados revelam que as factuais do PE, por poderem ser integradas e também periféricas, são distintas das de outras línguas, como o inglês, em que são apenas periféricas (cf. Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006). Defende-se que as condicionais integradas antepostas são geradas por *Move*, contrariando, assim, a hipótese de que seriam geradas por *Merge* (Iatridou 1991; Lobo 2003).

A descrição semântica das condicionais do PM revela que não existem grandes diferenças entre o PM e o PE: há três classes semânticas (factuals, hipotéticas e contrafactuais) e a correspondência entre elas e o uso dos tempos/modos verbais não é biunívoca. No entanto, encontrámos algumas diferenças, entre o PM e o PE, em contextos em que, no PE, se usam de forma mais marcada tempos/modos verbais. Outras diferenças parecem resultar da ambiguidade do *input* do PE no que diz respeito à seleção dos tempos/modos verbais nas condicionais, e do facto de os falantes do PM operarem com regras gramaticais distintas: as comuns ao PE e as particulares do PM (ou seja, os falantes do PM exibem *competências múltiplas*; Gonçalves 2010, 2016, e.o,

na linha de Lightfoot 2006). Quanto à sintaxe das condicionais do PM, os resultados mostram que, tal como no PE, há condicionais integradas e periféricas em cada uma das três classes principais. Do ponto de vista estrutural, as integradas ocupam uma posição relativamente baixa, que é a de adjunção a VP. Mas as integradas antepostas são derivadas por *Move* do interior do TP da matriz, onde são geradas, para a posição de especificador de tópico, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987 ou 1996) e Valmala (2009). As periféricas são adjuntas a posições altas na frase, CP ou TP, e são geradas por *Merge* externo, à direita ou à esquerda destas categorias funcionais.

Palavras-chave: condicionais factuais/hipotéticas/contrafactuais, condicionais integradas/periféricas, tempos/modos verbais, sintaxe das condicionais, semântica das condicionais, português moçambicano, português europeu.

Abstract

This study aims at contributing to a better understanding of semantic and syntactic aspects of *se* ('if') conditionals in Mozambican Portuguese (MP) and European Portuguese (EP).

The study uses empirical oral and written data drawn from different MP and EP corpora, as well as from induced production and grammaticality judgment tasks applied to 25 Mozambican university respondents.

The semantic analysis of EP conditionals mainly corroborates the descriptions found in the literature (Ferreira 1996; Marques 2001 and 2016, a.o), but it also identifies new relevant aspects that had not been addressed in previous studies, such as the fact that subjunctive conditionals can express factuality, and that indicative and some subjunctive tenses may allow ambiguity and hence be compatible with the three semantic classes (factual, hypothetical and counterfactual). Syntactically, the data show that '*se*' conditionals may be integrated or peripheral. Integrated conditionals are structurally adjunct to a matrix VP, whereas peripheral conditionals are attached to TP or CP (Haegeman 2003; Lobo 2002b, 2003, 2006). Besides, the results of the application of standard tests to distinguish between integrated and peripheral conditionals show that EP factual conditionals behave differently from those found in other languages because they may be integrated or peripheral, whereas for example in English, factual conditionals are always peripheral (Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006). It is argued that EP integrated *se*-initial conditionals are generated by Move, against the hypothesis that they are generated by Merge (Iatridou 1991; Lobo 2003).

The semantic description of conditionals in MP shows that there are no major differences relative to EP conditionals: there are the same three semantic classes (factual, hypothetical and counterfactual) and the correspondence between them and the use of the verb tenses/moods is not biunivocal/simple. However, some differences could be found after close scrutiny, particularly in contexts where in EP certain verb tenses/moods are used in a more marked way than in MP. Other differences seem to be the result of ambiguous EP input regarding the selection of tenses/moods in conditionals, and the fact that MP speakers seem to be able to operate with grammatical rules common to EP in parallel with particular rules of MP. That is, as Gonçalves (2010, 2016, a.o), in line with Lightfoot (2006) would say it, MP speakers

accommodates *multiple competences*. Syntactically, the results of the application of standard tests show that, as in EP, MP displays integrated and peripheral conditionals in each of the three main semantic classes. Structurally, integrated conditionals are merged as VP adjuncts and typically surface in this relatively low position, but they may Move from the matrix TP where they are generated to Spec,TopP, by means of topicalization of the conditional adverbial clause, hence becoming *se*-initial conditionals. This is in line with Duarte (1987 or 1996) and Valmala (2009). Peripheral conditionals are merged higher in the clausal structure, as left or right adjuncts to CP or TP.

Keywords: factual, hypothetical and counterfactual conditionals, integrated and peripheral conditionals, tenses and moods, syntax of conditionals, semantics of conditionals, Mozambican Portuguese, European Portuguese.

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
1.1. Delimitação do objeto de estudo.....	1
1.2. Os dados linguísticos e a metodologia de pesquisa.....	4
1.3. Estrutura da dissertação.....	8
2. Tipologia semântica das condicionais, com foco no PE e na distribuição dos tempos/modos verbais.....	11
2.1. Revisão da literatura.....	11
2.1.1. A distinção entre condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais.....	11
2.1.1.1. Condicionais factuais.....	14
2.1.1.2. Condicionais hipotéticas (ou potenciais).....	21
2.1.1.3. Condicionais contrafactuais.....	26
2.1.2. Valores semânticos das condicionais e sua relação com o tempo e modo verbais.....	31
2.1.2.1. O tempo e o modo nas factuais.....	31
2.1.2.2. O tempo e o modo nas hipotéticas.....	36
2.1.2.3. O tempo e o modo nas contrafactuais.....	42
2.1.2.4. Conclusões gerais da secção 2.1.2.....	47
2.1.3. A ambiguidade nas condicionais com o modo indicativo e com o modo conjuntivo.....	48
2.2. Condicionais do PE nos <i>corpora</i> CRPC e <i>CETEMPúblico</i>	59
2.2.1. Condicionais com valor factual.....	59
2.2.1.1. Presente do Indicativo.....	61
2.2.1.2. Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	66
2.2.1.3. Pretérito Perfeito (simples ou composto) do Indicativo.....	69
2.2.1.4. Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo.....	71
2.2.1.5. Futuro do Indicativo.....	72
2.2.1.6. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	73
2.2.2. Condicionais com valor hipotético.....	75
2.2.2.1. Futuro do Conjuntivo.....	77
2.2.2.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	79
2.2.2.3. Presente do Indicativo.....	82
2.2.2.4. Pretérito Perfeito do Indicativo.....	85
2.2.2.5. Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	86
2.2.2.6. Modo Condicional.....	87

2.2.3. Condicionais com valor contrafactual.....	87
2.2.3.1. Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo.....	89
2.2.3.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	90
2.2.3.3. Pretérito Perfeito Composto do Indicativo.....	92
2.2.3.4. Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo.....	93
2.2.3.5. Presente do Indicativo.....	94
2.3. Conclusões	94
3. Tipologia e estrutura sintática das condicionais, com foco no PE e na relação entre tipologia sintática e tipologia semântica.....	97
3.1. Oposição condicionais integradas vs condicionais periféricas.....	97
3.2. Condicionais integradas vs. periféricas do português: comportamento sintático e relação com a tipologia semântica.....	103
3.2.1. Condicionais factuais.....	104
3.2.2. Condicionais hipotéticas	121
3.2.3. Condicionais contrafactuais.....	125
3.2.4. Conclusões gerais da secção 3.2.....	130
3.3. Estrutura sintática das condicionais integradas e das condicionais periféricas do PE.....	131
3.4. Conclusões.....	142
4. Tipologia semântica das condicionais do PM, com foco na distribuição dos tempos e modos verbais.....	144
4.1. Tipologia semântica das condicionais do PM.....	144
4.1.1. Condicionais factuais.....	144
4.1.1.1. Presente do Indicativo.....	146
4.1.1.2. Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	152
4.1.1.3. Pretérito Perfeito do Indicativo.....	154
4.1.1.4. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	155
4.1.1.5. Futuro do Conjuntivo.....	157
4.1.2. Condicionais hipotéticas.....	160
4.1.2.1. Futuro do Conjuntivo (simples ou composto).....	161
4.1.2.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	164
4.1.2.3. Presente do Indicativo.....	166
4.1.2.4. Pretérito Perfeito do Indicativo.....	170
4.1.2.5. Pretérito Imperfeito do Indicativo.....	171

4.1.3. Condicionais contrafactuais.....	173
4.1.3.1. Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo.....	174
4.1.3.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	175
4.1.3.3. Condicionais contrafactuais de sentido irónico.....	178
4.2. Condicionais do PM em comparação com as do PE	181
4.2.1. Condicionais factuais.....	181
4.2.2. Condicionais hipotéticas.....	185
4.2.3. Condicionais contrafactuais.....	187
4.3. Conclusões	190
5. Tipologia e estrutura sintática das condicionais do PM.....	194
5.1. Comportamento sintático das condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais.....	194
5.1.1. Condicionais factuais.....	194
5.1.2. Condicionais hipotéticas	208
5.1.3. Condicionais contrafactuais	213
5.1.4. Conclusões gerais da secção 5.1.....	217
5.2. Estrutura sintática das condicionais integradas e das periféricas.....	218
5.2.1. Condicionais integradas.....	218
5.2.2. Condicionais periféricas.....	224
5.3. Conclusões.....	227
6. Conclusões.....	229
Referências bibliográficas.....	233
Anexo.....	244

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1.1: <i>Corpora</i> do PM: tipo de dados, dimensão dos <i>corpora</i> e perfil sociolinguístico da população que os produziu.....	5
Tabela 1.2: Condicionais de <i>se</i> nos <i>corpora</i> do PM (Moçambula, CRPC, África e Justino 2011).....	5
Tabela 1.3: Condicionais do PE no CETEMPúblico e no CRPC	7
Quadro 2.1: Distribuição do tempo/modo verbais nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais no PE (estado da arte).....	48
Quadro 2.2: O tempo/modo nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais nos dados do PE (revisão do estado da arte com base na análise de dados de <i>corpora</i>).....	95
Quadro 3.1: Sumário dos diferentes testes e do modo como distinguem os dois tipos de condicionais.....	103
Quadro 3.2: Comportamento sintático dos diferentes subtipos de orações condicionais factuais do PE	116
Quadro 3.3: Comportamento sintático das condicionais factuais, das hipotéticas e das contrafactuais	130
Quadro 4.1: Tempo e Modo nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PM e do PE.....	191
Quadro 5.1: Testes sintáticos	194
Quadro 5.2: Comportamento sintático dos diferentes subtipos de orações condicionais factuais do PM.....	208

SIGLAS E ABREVIATURAS

AC/DC – *Acesso a Corpora /Disponibilização de Corpora*

CETEMPúblico – *Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público*

CP – *Complementizer Phrase*

CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*

DP – *Determiner Phrase*

FocP – *Foco (Focus Phrase)*

IP – *Inflectional Phrase*

JG – *Juízo de Gramaticalidade*

L1 – *Língua Materna*

L2 – *Língua Segunda*

PB – *Português do Brasil*

PE – *Português Europeu*

PM – *Português de Moçambique*

PP – *Produção Provocada*

PPT – *Ponto de Perspetiva Temporal*

NP – *Noun Phrase*

Spec – *Especificador*

T – *Tempo*

T₀ – *Tempo de enunciação*

TopP – *Tópico (Topic Phrase)*

TP – *Tense Phrase*

VP – *Verb Phrase*

1. Introdução

1.1. Delimitação do objeto de estudo

Como é consensualmente assumido na literatura, definir o que é uma condicional não é tarefa fácil, porque depende da perspetiva adotada e do quadro teórico escolhido: implicação material do cálculo proposicional, semântica dos mundos possíveis, teoria das representações discursivas ou teoria semântica das situações, por exemplo (Oliveira 1991). No entanto, tradicionalmente, a implicação material do cálculo proposicional [*se p, então q*] tem sido o modelo privilegiado para as definir. Nesta perspetiva, considera-se que, na generalidade das línguas, a forma prototípica de construções condicionais é uma frase complexa que consiste num antecedente marcado por *se* (ou a conjunção equivalente noutras línguas) e num conseqüente marcado, opcionalmente, por *então* (cf. von Stechow 2011; Schulz 2014).

O presente estudo tem por objeto as construções condicionais de *se* no PM e no PE. As condicionais de *se* podem assumir uma multiplicidade de valores e recobrir estruturas com formas e comportamentos bastante diferentes (Lobo 2003; Brito 2003, e.o). Assim, neste estudo, delimitou-se o objeto às condicionais de *conteúdo* (1) e às *epistémicas* (2) (Sweetser 1990).¹

(1) a. Se me vences, dou-te uma noiva. (*Corpus África*)

b. Se o atraso for de uma semana aplica-se uma multa de 30 por cento. par=1

(2) a. Se os presos não comem é porque não têm fome. par=ext1491745-nd-94a-2

b. Se a criança está a chorar, tem algum problema. (Marques 1999: 140)

Em (1), o conteúdo das duas orações está conectado de tal maneira que o conteúdo do conseqüente pode ser predito a partir do conteúdo do antecedente. Em (2), a relação de implicação entre o antecedente e o conseqüente observa-se ao nível epistémico (o conhecimento implica a conclusão), mas não ao nível do conteúdo como em (1).

Dito de outra forma, este estudo incidiu fundamentalmente sobre as condicionais canónicas prototípicas, definidas como sendo aquelas nas quais a condição expressa na oração introduzida por *se* se relaciona com o conteúdo proposicional da oração

¹ Comrie (1986) designa as condicionais de *conteúdo* de causais e as *epistémicas*, de *dedutivas*.

subordinante (Lopes 2009: 150). Ficaram, à partida, excluídas condicionais de *se* nas quais não há nenhuma relação semântica entre o evento do antecedente e o do consequente, i.e. as condicionais *não canónicas* ou de *enunciação* (Lopes 2009; Lobo 2003, 2013).²

- (3) a. Se tens sede, há cerveja no frigorífico. (Lopes 2009:155)
b. Se tu não estás muito ocupado, qual é o número de telefone da Ana? (Lopes 2009:158)
c. De resto, o seu ídolo, se assim pode dizer-se, é Maldini, do Milan. (CRPC)
d. Vieram alguns alunos, se é que não todos. (Lopes 2009: 162)
e. Estás a fazer o quê? Se não é muita indiscrição. (CRPC)
f. Se os portugueses tinham motivos para festejar, os australianos não tinham menos. par=ext150343-des-96b-1
g. Se em ciência dois mais dois são quatro, para os políticos são, frequentemente, 3,7 ou 3,8. par=ext158956-clt-soc-95a-2

Note-se, no entanto, que, no presente trabalho, dada a ausência de estudos sobre o PM, até onde conseguimos averiguar, e para se ter uma visão panorâmica sobre as condicionais de *se* nesta variedade, foram incorporadas algumas condicionais *não canónicas*, de que as frases em (4) são exemplos. O mesmo não aconteceu para o PE, em que há diversos estudos sobre a semântica e a sintaxe das condicionais *canónicas* (Ferreira 1996; Marques 2001; Lobo 2003, 2013; e.o) e a das *não canónicas* (Lopes 2009).

- (4) a. *Se Wazimbo não fosse cantor, seria cantor.* par=2
b. *Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou?*
(Corpus África)

A escolha das condicionais de *se* como objeto de estudo foi motivada, em primeiro lugar, pela falta, no PM, de trabalhos sobre a sintaxe e a semântica das condicionais, em particular, e a das orações adverbiais, em geral. Por outro lado, foi motivada pela

² Estas condicionais são também conhecidas como condicionais de *atos de fala* (Sweetser 1990; Ferrari 1999) ou *nonconditional conditionals* (Geis & Lycan 2001). Lopes (2009: 155-167) descreve semanticamente estas condicionais, agrupando-as em diferentes subclasses: condicionais *ilocutórias* ou para *atos de fala*, exemplos (3a,b); *metadiscursivas* ou *metalinguística* (3c,d); de *cortesia* (3e); *comparativas* (3f,g), entre outras.

necessidade de contribuir com uma descrição (caracterização) sistemática das estruturas condicionais do PM que possa servir para o ensino do PM no nível superior, assim como ser útil para constar de uma eventual gramática do PM (ou do português como uma língua pluricêntrica).

Como forma para compreender as condicionais do PM, são também estudadas as condicionais de *se* do PE. Este facto é ainda motivado por a maioria dos trabalhos do PE se centrar em aspetos semânticos (Oliveira 1991; Santos 1992; Ferreira 1996; Marques 2001, e.o). Só Lobo (2003) e Peres (1997) se ocupam de aspetos da sintaxe das condicionais, embora, na verdade, descrevam as subordinadas adverbiais em geral, e não apenas as adverbiais condicionais. Para além disso, constatámos a falta, no PE, de trabalhos que explorem as condicionais de *se* com base em dados de *corpora*. Em quase todos os trabalhos, as descrições das condicionais têm sido feitas com base na análise de dados que não são de *corpora* (cf. cap. 2). Assim, este trabalho, por tomar como base empírica condicionais do PE dos *corpora* CRPC³ e CETEMPúblico,⁴ vem colmatar essa lacuna.

O presente estudo tem como objetivo principal contribuir para o conhecimento de aspetos semânticos e sintáticos das condicionais de *se* no PM e no PE, numa perspetiva comparativa. Incide fundamentalmente sobre dados de observação (*corpora*) e experimentais (testes de elicitación) e, de um modo mais particular, procura discutir os seguintes principais pontos:

- ✓ Os valores semânticos das condicionais e sua relação com os tempos e modos verbais;
- ✓ A ambiguidade nas condicionais indicativas e conjuntivas;
- ✓ O comportamento sintático das orações adverbiais condicionais, cruzando-o com a tipologia semântica (factual, hipotética e contrafactual);
- ✓ A posição estrutural das orações adverbiais condicionais;
- ✓ A estrutura sintática das orações adverbiais condicionais de *se*;
- ✓ As semelhanças semânticas e sintáticas entre as condicionais do PM e as do PE;
- ✓ As diferenças semânticas e sintáticas entre as condicionais do PM e as do PE.

³ Corpus de Referência do Português Contemporâneo disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/>

⁴ Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público. <http://www.linguateca.pt/cetempublico>

Neste trabalho, houve a intenção de não só descrever dados que se relacionam com os pontos acima referidos, como também encontrar explicações empíricas e teóricas para os fenómenos implicados em cada um deles.

Enquadrado na área da semântica e na da sintaxe, o estudo teve por quadro teórico a Gramática Generativa, em particular a teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão minimalista (Chomsky 1995 e trabalhos seguintes). Os princípios e conceitos inscritos neste modelo teórico e que foram relevantes para a descrição e discussão dos dados vão sendo apresentados ao longo dos capítulos.

1.2. Os dados linguísticos e a metodologia de pesquisa

Em traços gerais, a situação do português em Moçambique é de uma L2 para a maioria dos seus falantes. Uma consequência desta situação é a variabilidade maior dos traços gramaticais que caracterizam esta variedade relativamente àquela que se verifica em línguas adquiridas como L1 (Gonçalves 2010 e 2013). Segundo Gonçalves (2013: 161), esta variabilidade evidencia-se na maneira pouco regular e sistemática com que os traços se manifestam na produção linguística dos falantes moçambicanos. Posto isto, optou-se neste trabalho por dados empíricos obtidos através de *metodologias híbridas* (Larsen-Freeman & Long 1991) ou *abordagem multimétodos* (Mönnink 1999). Dito de outra maneira, neste estudo optou-se não só por dados de observação como também por dados experimentais, esperando-se, assim, obter uma descrição semântica e sintática das condicionais de se do PM mais consistente com as produções linguísticas dos falantes desta variedade.

Os dados de observação foram extraídos de diferentes *corpora* eletrónicos, nomeadamente o *subcorpus* Moçambique do CRPC, o *corpus* Moçambula do projeto AC/DC⁵ e o *corpus* África⁶, e não eletrónicos, a saber, o *corpus* de Justino (2011). Na tabela 1.1, apresenta-se o tipo de dados destes *corpora*, a dimensão dos mesmos, bem como o perfil sociolinguístico da população que os produziu, nos casos em que estas informações estão disponíveis:

⁵ Acesso a *Corpora* / Disponibilização de *Corpora*, disponível em:

<https://www.linguatca.pt/CETEMPUBLICO>

⁶ Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/corpusafrica/index.php?action=cqp&act=advanced>

Tabela 1.1: *Corpora* do PM: tipo de dados, dimensão dos *corpora* e perfil sociolinguístico da população que os produziu

CORPUS			Perfil sociolinguístico dos informantes
Fonte	Tipo	Nº (aprox.) de palavras	
CRPC (Moçambique)	Escrito	640.000	Vários níveis de instrução (primário, secundário e universitário)
Justino (2011)	Oral	250.000	Vários níveis de instrução (primário, secundário e universitário) / Português é L2 para a maioria
África (Moçambique)	Oral e escrito	25.000	Vários níveis de instrução (primário, secundário e universitário)
Moçambula	Escrito	58.000	Vários níveis de instrução (secundário e universitário) / Português é L2 para a maioria

Para a obtenção dos dados relevantes, recorreu-se à pesquisa de *corpora* por *concordâncias*, nos *corpora* eletrónicos.⁷ Quanto ao *corpus* não eletrónico (34 ficheiros de áudio), extraíram-se manualmente todas as ocorrências de condicionais de *se*. Do ponto de vista quantitativo, as condicionais apuradas nesses *corpora* são apresentadas na tabela 1.2:

Tabela 1.2. Condicionais de *se* nos *corpora* do PM (Moçambula, CRPC, África e Justino 2011)

Modos/Tempos verbais no antecedente		Nº de Ocorrências				
		Moçambula	CRPC (Moç.)	África (Moç.)	Justino (2011)	Total
Indicativo	Presente	13	90	24	86	213
	Pretérito Perfeito	0	21	5	3	29
	Pretérito Imperfeito	1	7	1	2	11
	Pretérito Mais-que-Perfeito	0	1	0	0	1
Subtotal						254
Conjuntivo	Futuro Simples e Composto	34	90	32	104	260
	Pretérito Imperfeito	8	74	27	26	135
	Pretérito Mais-que-Perfeito	0	15	2	3	20
Subtotal						415
Total						669

Para além destes dados de observação, recorreu-se, para efeitos deste estudo, a dados experimentais recolhidos através de testes de produção provocada (PP) e de juízo de gramaticalidade (JG), por forma a alargar a base empírica, incluindo, por um lado, casos que ocorrem nos *corpora* de forma não representativa e que, por isso, poderiam não permitir caracterizar de forma consistente as estruturas alvo (estão, neste caso, por exemplo, as condicionais com o Pretérito Mais-que-Perfeito, de que se regista apenas uma ocorrência, e

⁷ O pedido de concordâncias em contexto foi feito, no CETEMPúblico, pela expressão: [lema="se"&pos="KS"] e, no CRPC e no *corpus* África, pela expressão *Se_CJ*.

com o Pretérito Imperfeito do Indicativo, com onze ocorrências (cf. a tabela 1.2)) e, por outro, estruturas que também são alvo de análise (e.g., condicionais genéricas universais, irônicas ou contrafactuais no modo indicativo) e que não ocorreram nos *corpora* do PM analisados. Lembramos que vários autores reconhecem que esta opção metodológica permite, por um lado, elicitar certos aspetos que o pesquisador queira testar (Seliger & Shohamy 1989: 177), incluindo as hipóteses de pesquisa – “The elicited production methodology is appropriate for evaluating scientific hypotheses” (Thornton 1998: 79) –, e, por outro, obter um *corpus* robusto com as estruturas que são alvo de análise e que, mesmo sendo conhecidas pelos falantes, podem não ocorrer nas produções espontâneas (Thornton 1998: 78-79; Espada 2009: 44).⁸

As tarefas de PP são constituídas por dois testes. O primeiro, constituído por 12 frases-teste e 3 distratoras, consistia na elaboração de frases usando o verbo dado entre parênteses para preencher os espaços em branco (cf. anexo). O segundo, constituído por 15 frases-teste, consistia em preencher os espaços em branco com uma forma adequada dos verbos apresentados entre parênteses (cf. anexo).

O teste de juízos de gramaticalidade é constituído por 15 frases-teste e 5 distratoras. Neste teste, solicitou-se aos informantes os seus juízos de gramaticalidade relativamente às 20 frases (veja-se, no anexo, o tipo de teste).

Os testes de eliciação foram aplicados, em 2015, a 25 estudantes universitários moçambicanos (11 do sexo feminino; 14 do sexo masculino). A idade dos sujeitos variava entre os 19 e os 40 anos. A maioria deles (17 estudantes) tem o português como L2.

A opção por dados de diferentes tipos (orais e escritos; espontâneos, de produção e de juízo de gramaticalidade),⁹ produzidos por falantes do PM/L1 e L2, instruídos e não instruídos, permitiu, neste estudo (cf. também Justino (no prelo)), captar diferenças entre o PM e o PE em parte decorrentes da heterogeneidade dos dados e do nível de proficiência em português (fator que não será explorado neste trabalho), mas também, acreditamos, reveladoras de traços gramaticais que poderão vir a estabilizar, tornando-se traços caracterizadores do PM.

⁸ Sobre as vantagens de tarefas de eliciação, sobretudo a de PP, veja-se a seguinte citação de Thornton (1998:79): “it enables the experimenter to evoke sentences corresponding to complex syntactic structures, ones that occur only rarely”.

⁹ Tem sido frequentemente notado que “a variação é desejável para que os resultados não sejam alterados pela homogeneidade do *corpus*” (Reis 2006:43).

Quanto aos dados do PE, optou-se por dados de observação extraídos de dois *corpora* eletrónicos CETEMPúblico e CRPC. O CETEMPúblico, constituído apenas por dados escritos extraídos do jornal diário *Público*, contém 191.300 milhões de palavras, e o CRPC, mais concretamente o *subcorpus* Portugal, contém mais de 300 milhões de palavras e abrange textos escritos (literário, jornalístico, técnico, etc.) e de registos orais (formal e informal).

A obtenção dos dados foi feita através da pesquisa por *concordâncias*. O pedido de concordâncias em contexto foi feito, no CETEMPúblico, pela expressão: *[lema="se"&pos="KS"]* e, no CRPC, pela expressão *Se_CJ*. Do CETEMPúblico, foi considerada uma amostra aleatória de 10.000 frases em que ocorre a conjunção *se*. Do CRPC, exportámos para uma área pessoal também uma amostra aleatória de 10.000 ocorrências.¹⁰ Eliminadas as frases irrelevantes para o presente estudo, os dados obtidos são os que se apresentam na tabela 1.3:

Tabela 1.3: Condicionais do PE no CETEMPúblico e no CRPC

Modos/Tempos verbais no antecedente		Ocorrências		
		CETEMPúblico	CRPC	Total
Indicativo	Presente	620	312	932
	Imperfeito	50	10	60
	Pretérito Perfeito	100	31	131
	Pretérito Perfeito Composto	2	9	11
	Pretérito Mais-que-Perfeito (Simple e Composto)	4	0	4
	Futuro	2	0	2
	Futuro de Pretérito/ Condicional	1	0	1
Subtotal				1141
Conjuntivo	Futuro	3305	664	3969
	Imperfeito	1003	467	1470
	Pretérito Mais-que-Perfeito	200	7	207
Subtotal				5646
Total				6787

Como se pode observar, tratando-se de dados de observação, também no PE ocorreram de forma não representativa algumas estruturas condicionais (cf. Pretérito

¹⁰ Destas ocorrências, foram eliminadas, em ambos os *corpora*, todas as frases incompletas por falta de contexto (i), as completivas de *se* (ii), as condicionais de nexos condicional e comparativo (iii), as frases em que *se* corresponde a um pronome (iv), entre outras irrelevantes para o presente trabalho.

- i. **Se** a polícia me mandasse parar, *se* (CRPC)
- ii. Só não sei **se** o programa vai ser ótimo. *par=ext1492651-nd95b-2*
- iii. «Com quatro mil milhões de contos para gerir em seis anos, se houvesse rigidez total era **como se** o mundo estivesse parado» *par=ext1216509-eco97b-2*
- iv. Mas a tentação pode tê-la e revela -a, como **se** viu. (CRPC)

Mais-que-Perfeito, Futuro e o Futuro de Pretérito, todos no modo indicativo). No entanto, a falta de informação sobre a representatividade destas estruturas foi superada pelo facto de se ter considerado também dados da literatura, apresentados nos capítulos sobre as condicionais do PE (capítulos 2 e 3), bem como as intuições de falantes nativos do PE padrão, todos eles linguistas.

Em suma, a pesquisa desenvolvida neste estudo foi fundamentalmente *qualitativa/heurística* (Larsen-Freeman & Long 1991; Mönnink 1999), por ter consistido em estabelecer regras/descrições inferidas indutivamente a partir de dados de *corpora*.

1.3. Estrutura da dissertação

Para além deste capítulo introdutório, este trabalho é constituído por mais 5 capítulos principais, que se descrevem brevemente de seguida.

O segundo capítulo procura essencialmente explorar aspetos da semântica das condicionais de *se* do PE. Num primeiro momento, fazemos a revisão da literatura associada à tipologia semântica das condicionais nas línguas naturais e uma reanálise sobre os valores semânticos das condicionais e sua relação com os tempos e modos verbais. Aí, mostraremos que os diferentes valores semânticos, nas condicionais, decorrem das propriedades temporais, aspetuais ou modais dos tempos verbais. E, por vezes, esses valores são legitimados contextualmente. Ainda nesse capítulo, discutimos a ambiguidade ligada aos tempos e modos verbais nas condicionais, descrevendo-se os contextos em que os tempos verbais (des)favorecem essa ambiguidade. Num último momento, descrevemos as condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais recolhidas nos *corpora* do PE, tendo em conta as propriedades temporais, aspetuais ou modais dos tempos e dos modos verbais selecionados em cada classe semântica de condicionais. Nesta secção, vamos mostrar que os dados de *corpora* não só corroboram o que é dito na literatura, como também permitem complementar o que já foi descrito.

No terceiro capítulo, consideram-se alguns aspetos da sintaxe das condicionais do PE. Em primeiro lugar, caracterizamos descritivamente a oposição sintática entre condicionais integradas e condicionais periféricas (Haegeman 2002, 2003 ou Lobo 2003, 2013). A seguir, exploramos o comportamento sintático das condicionais *canónicas* do PE, cruzando a tipologia semântica (factuais/hipotéticas/contrafactuais) com a tipologia sintática (integradas/ periféricas), e finalmente apresentamos a estrutura sintática de cada um dos

tipos sintáticos de condicionais. Relativamente ao estatuto sintático, mostraremos que, ao contrário do que é defendido na literatura (Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006; Lobo 2003), na classe das factuais, distinguem-se adverbiais periféricas e integradas. As hipotéticas e contrafactuais prototípicas comportam-se como integradas, tal como acontece com as hipotéticas e contrafactuais do inglês (Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006). Procuraremos ainda mostrar, através do seu comportamento face a fenómenos que envolvem escopo e ligação, que as integradas são geradas em posições baixas, em adjunção a VP da frase matriz, ao passo que as periféricas se encontram adjungidas a categorias funcionais altas, CP ou TP, na linha, por exemplo, de Haegeman (2003) ou Lobo (2003). Ainda no terceiro capítulo, considerando fatores de natureza semântico-discursiva e sintática, argumentaremos a favor da hipótese de as condicionais integradas que ocorrem à esquerda da matriz serem movidas da posição interna ao domínio de TP, onde são geradas, para a periférica à esquerda, contrariando, assim, a hipótese de que seriam geradas por *Merge* externo na sua posição superficial (Lobo 2003).

No quarto capítulo, exploramos aspetos semânticos das condicionais do PM em comparação com as do PE. Baseado em dados de *corpora* e experimentais, mostraremos que as diferenças entre o PM e o PE se verificam em contextos em que, no PE, se usam de forma mais marcada do que no PM certos tempos/modos verbais, nas hipotéticas e nas contrafactuais. Por outro lado, mostraremos que algumas diferenças entre o PM e o PE resultam da ambiguidade do *input* do PE quanto ao uso dos tempos e modos verbais nas condicionais e do facto de os falantes do PM poderem operar com regras gramaticais distintas: as comuns/próximas do PE e as próprias do PM, ou seja, com *competências múltiplas* (Lightfoot 2006),¹¹ entre outros fatores.

O quinto capítulo é sobre a tipologia e a estrutura sintática das condicionais do PM em comparação com as condicionais do PE. Num primeiro momento, aferimos o estatuto sintático das condicionais do PM, mostrando que as hipotéticas e contrafactuais são tipicamente integradas, ainda que tipos particulares, marcados, não o sejam. As condicionais factuais, por outro lado, em oposição às hipotéticas e contrafactuais, revelam-se uma classe não coesa quanto à oposição integrada/periférica, sendo integradas as correlativas de

¹¹ Como observou Gonçalves (1990) e (2010), no que diz respeito aos falantes do PM, esta competência traduz-se no facto de nem todos os falantes partilharem os mesmos traços e regras gramaticais, podendo até coocorrer no discurso do mesmo falante formas específicas do PM e outras do PE padrão.

eventos/situações e periféricas as outras subclasses de factuais (que não são marcadas nem marginais/infrequentes). Finalmente, é apresentada a estrutura sintática de cada um dos tipos sintáticos de condicionais, em comparação com as condicionais do PE. Veremos que, tal como no PE, todas as integradas do PM são geradas como adjuntas a VP da matriz. Neste trabalho, e com base em argumentos empíricos, defenderemos que as integradas antepostas são geradas por movimento do interior do TP matriz para a posição de Spec,TopP, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987, 1996) e Valmala (2009), contrariando, deste modo, a hipótese de que seriam geradas por *Merge* externo, à esquerda da matriz (Iatridou 1991; Lobo 2003). Para as periféricas, vamos assumir que são adjuntas a posições altas na frase, CP ou TP, e são geradas por *Merge* externo, à direita ou à esquerda destas categorias funcionais.

No sexto capítulo, apresentamos, em resumo, as principais conclusões.

2. Tipologia semântica das condicionais, com foco no PE e na distribuição dos tempos/modos verbais

O presente capítulo ocupa-se da descrição semântica das condicionais “*se...(então)*” do PE.

Tomando como base dados do PE obtidos pela pesquisa nos *corpora* CRPC e CETEMPúblico, esperamos vir a aprofundar e enriquecer as descrições sobre as condicionais *canónicas* de *se*, principalmente as do PE, que, na maioria dos trabalhos, têm sido feitas com base na análise de dados que não são de *corpora*,¹ e ainda alargar os estudos sobre a relação entre o tempo/modo verbais e os valores semânticos das condicionais do PE (Ferreira 1996; Marques 2001; Brito 2003 e Lobo 2013).

Para enquadrar a descrição semântica das condicionais de *corpora* do PE (ponto 2.2 deste capítulo), apresentamos, no ponto 2.1, a revisão da literatura, secção que se subdivide em 3 subsecções, nomeadamente, a subsecção 2.1.1, que incide sobre a distinção entre condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais; a secção 2.1.2, em que se discute a relação entre os tempos e modos verbais e os valores semânticos das condicionais; e a secção 2.1.3, na qual se discute a ambiguidade dos tempos verbais nas condicionais.

2.1. Revisão da literatura

2.1.1. A distinção entre condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais²

A lógica clássica divide as condicionais em “*indicative*” (1) e “*subjunctive*” ou “*counterfactual*” *conditionals* (2) (Jackson 1990; Bennett 1995, 2003; von Fintel 2011, 2012, entre outros).³

(1) a. If Booth did not kill Lincoln, someone else did. (Jackson 1990: 134)

b. If Grijpstra played his drums, de Gier played his flute. (von Fintel 2011: 1518)

¹ Tanto quanto é do nosso conhecimento, o único estudo sobre as condicionais de *se... então*, partindo de dados de *corpora* do PE, é sobre as condicionais não *canónicas* ou de *enunciação* que foi desenvolvido por Lopes (2009).

² Partes desta e das restantes secções deste capítulo foram objeto de uma comunicação que foi publicada na *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (Justino 2016).

³ Na lógica clássica, a interpretação de uma condicional depende dos valores de verdade atribuídos à relação entre *p* (antecedente) e *q* (consequente). Assim, a “conditional is true whenever we have one of the following combinations of truth-values for the antecedent and the consequent: (TT), (FT) or (FF).” (Anjum & Schapansky (sd)). Daqui, depreende-se que a proposição complexa só é falsa, quando antecedente é verdadeiro e o consequente é falso, isto é, quando se verifica a combinação (TF) (cf. Oliveira 1991, Santos 1992, Anjum & Schapansky (sd)).

- (2) a. If Booth hadn't killed Kennedy, someone else would have. (Jackson 1990: 134)
b. If Grijpstra had played his drums, de Gier would have played his flute. (von Fintel 2011: 1518)

As frases de (1) são classificadas como indicativas e as de (2) como contrafactuais. A diferença entre (1) e (2) reside no facto de as primeiras indicarem que está aberta a possibilidade de o antecedente ser verdadeiro, enquanto as segundas indicam que o antecedente é falso (Lakoff 1970; Karttunen & Peters 1979; von Fintel 1997, 2009, 2012, e.o.).⁴ Por outro lado, nota-se que ocorrem nas condicionais modos verbais diferentes associados aos diferentes graus de factualidade. Nas 'indicativas', que podem ser factuais, ocorre o modo indicativo e nas 'contrafactuais', o modo conjuntivo (cf. Karttunen & Peters 1979; Jackson 1990; Norris 2003; Hogeweg 2009).

A ideia de que existe uma correspondência entre o modo verbal e a classificação bipartida, indicativas e contrafactuais, foi, contudo, muito questionada. Johnson (1996), no seu trabalho intitulado 'The Paradox of Indicative Conditionals', argumentou que "*some conditionals that appear to be in the indicative are actually subjunctives*." (p. 2). Por sua vez, Dudman (1988) defende que existem condicionais contrafactuais do inglês que usam o modo indicativo, e a forma do modo conjuntivo, *were*, é opção também em condicionais não contrafactuais (3a). Também Bennett (2003) e von Fintel (2012) constataram que algumas condicionais formalmente indicativas podem expressar a contrafactualidade. Em (3b), apresenta-se um exemplo retirado de von Fintel (2012: 467).

- (3) a. We discussed what was best to be done in our circumstances. Violet put forward a proposal: if Parliament were recalled we would set off for home at once [Anthony Powell, 1980]. (Dudman 1988: 121)
b. If Messi waits just a second longer, he scores on that play. (von Fintel 2012: 467)

De acordo com von Fintel (2012: 467), "*indicative counterfactuals of the kind in (3b) are common in sportcast play-by-play commentary*" e não têm sido estudadas na literatura semântica.

⁴ Em relação a condicionais com um antecedente real/verdadeiro, veja-se o comentário de von Fintel (2009: 5): "Are there conditionals that convey that the antecedent is true? Perhaps, if one considers locutions like *since* or *given that* to be conditional connectives."

Ainda em relação à classificação das condicionais de acordo com o modo verbal, foi observado que o modo conjuntivo pode não implicar que o antecedente é necessariamente falso, como mostra o famoso exemplo de Anderson (1951: 37):

- (4) If Jones had taken arsenic, he would have shown just exactly those symptoms which he does in fact show.

É possível asserir a frase de (4) num contexto em que o antecedente não expressa a contrafactualidade (von Fintel 2011, Karttunen & Peters 1979), por exemplo, na seguinte situação: “A doctor who utters (12) [(4)] *might be prepared to use it as part of argument that antecedent is in fact true, so the conditional could not be conveying counterfactuality of its meaning.*” (von Fintel 2012: 467).

Quanto às condicionais tradicionalmente classificadas como indicativas, Gomes (2008) defende que nelas se distinguem duas classes semânticas, conforme o grau de factualidade: *uncertain-fact conditionals* (ou hipotéticas) (5a) e *accepted-fact conditionals* (ou factuais) (5b).

- (5) a. If {*in case*} you don't want me here, (then) I'll leave. (Gomes 2008: 227)
b. If {*since/given that*} you don't want me here, (then) I'll leave. (Gomes 2008: 227)

Assim, e tendo em conta que a terminologia clássica que restringe as condicionais a indicativas e contrafactuais tem sido considerada inadequada (e.g., Dudman 1988; Gilles 2012; von Fintel 2012, e.o.),⁵ assumimos, com Harris (1986); Motololó 1999; Brito (2003) ou Lobo (2013), uma classificação tripartida das condicionais das línguas naturais em *factuais* (ou reais), *hipotéticas* (ou potenciais) e *contrafactuais*. A nossa opção por esta classificação é fundamentada no pressuposto de que quaisquer condicionais “se...então” que se possam construir podem ser descritas como pertencentes a uma das classes, factual, hipotética ou contrafactual (Santos 1992: 19).

⁵ “English boasts nothing that merits the term 'subjunctive' and therefore nothing that merits 'indicative'. English is without distinctions of mood. Those many logicians and philosophers who take the indicative/subjunctive dichotomy as fundamental go wrong at their very first step.” (Dudman 1988: 122).

Nas subsecções seguintes, discute-se detalhadamente o valor semântico associado a cada classe, bem como as propriedades sintático-semânticos ligadas a cada uma dessas classes: factual, hipotética e contrafactual.

2.1.1.1. Condicionais factuais

Para Lobo (2013: 2020), uma condicional é factual ou real quando a situação expressa pela oração introduzida pelo conector condicional “tenha tido lugar”.

(6) *Se o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.* (Lobo, 2013:2021)

O exemplo (6) tem uma interpretação real ou factual – o Rui esteve doente – e é equivalente à oração subordinada temporal com *quando*: *Quando/sempre que o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.* Também na literatura do inglês, frases com as características de (6) são classificadas como factuais, designadamente “*habitual conditionals*” (Norris 2003).⁶

Por sua vez, Marques (2001), Gomes (2008) ou Gryner (1998) consideram que uma frase é factual quando o antecedente é assumido como verdadeiro (ou acredita-se que é verdadeiro, como propõem Iatridou 1991 e Bhatt & Pancheva 2006).

(7) a. *Se (como dizes) a Ana foi à festa, então o Paulo também foi.* (Marques 2001: 325)

b. *Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim.* (Gryner 1998: 145)

A frase (7a) é factual porque há indicação, entre parênteses, de que o falante assume a verdade do antecedente, podendo ser demonstrada através do seguinte contexto assertivo:

(8) A: *A Ana foi à festa.*

B: *Se a Ana foi à festa, então o Paulo também foi.*

⁶ Ainda a propósito deste tipo de factuais, considere-se Oliveira (1991: 246) segundo a qual a situação descrita pelo antecedente de condicionais que permitem comutar com *quando* ou *sempre que* teve lugar mais do que uma vez, conduzindo, assim, a uma condicional factual de tipo genérica: quando x então y = sempre que (geralmente se) x então y.

Na frase (7b), pelo contrário, não há a indicação sobre se o falante assume ou não a verdade do antecedente. Mas, por ser uma condicional de nexos predominante dedutivo (i. e., condicional epistémica, Sweetser (1990)), em que o conhecimento do que é descrito no antecedente leva à conclusão do que é descrito no consequente, o uso do Presente do Indicativo, no antecedente, permite inferir que a proposição *o meu noivo estar comigo* é um facto do mundo real. Por outras palavras, o locutor assume que, no mundo real, no momento relevante/momento da enunciação (t_0), o meu noivo está comigo porque sabe que é assim.

Já Brito (2003:706) define como factuais as condicionais em que o conteúdo das duas proposições se verifica no mundo real, em t_0 (8):

- (9) a. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (Brito 2003: 706)
- b. Se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra / entrará em ebulição.
 (Brito 2003: 706)
- c. Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal. (Brito 2003: 706)

Os exemplos (9a) e (9b) têm uma implicação temporal-aspetual particular, daí poderem ser parafraseáveis por *Quando/ Sempre que está bom tempo, ficamos bem-dispostos. e Quando / Sempre que a água atinge a temperatura de 100°C, entra/entrará em ebulição*. Deste modo, podemos classificá-las como condicionais *genéricas habituais*, como Justino (2011), ou condicionais factuais do tipo habitual, como Celce-Murcia & Larsen-Freeman (1999, *apud* Norris 2003). Para estas condicionais *genéricas habituais*, Telmo Mória (c.p) sugeriu-me o termo *correlativa de eventos ou situações* porque o que é um facto é a correlação antecedente e consequente, e não apenas o antecedente como acontece, por exemplo, nas factuais de (7). Daqui em diante usaremos este termo para designar as factuais *genéricas habituais*.

Ao contrário das frases (9a,b), a terceira, (9c), apesar de também ser uma genérica, não admite parafrases com *quando ou sempre que*: **Quando o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal*. Isto deve-se ao facto de (9c) descrever propriedades reais, em todos os intervalos de tempo, de uma espécie de planta, “o narciso”, (‘os narcisos são sempre plantas e, como tal, pertencem ao reino vegetal’), o que levou Justino (2011) a designar este tipo de condicionais como *genéricas universais*. Semanticamente, há ainda a

considerar que a frase (9c), genérica universal, é uma condicional caracterizadora, já que a leitura genérica resulta da atribuição de propriedades a espécies, na linha de Krifka *et al.* (1995), enquanto as correlativas de eventos/situações são frases que expressam generalizações sobre situações ou eventos, na linha de Carlson (1995, 2005).

Com base em tarefas de PP e de JG que consistiam em avaliar que tempo e modo verbais são selecionados em condicionais apresentadas isoladamente, sem intervenção de fatores pragmáticos que legitimassem a factualidade, Justino (2011) concluiu que frases como as de (9), repetidas em (10), favorecem a interpretação factual, porque ou têm uma implicação genérica (10) ou têm um conteúdo que é verificável em t_0 , sendo possível substituir o operador *se* por *como* (*visto que/ uma vez que*) ou por *já que* (11).

- (10) a. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (= *Quando está bom tempo, ficamos bem dispostos.*)
b. Se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra/entrará em ebulição. (= *Quando água atinge a temperatura de 100°C, entrará em ebulição.*)
c. Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal. (= *O narciso é uma flor, por isso pertence ao reino vegetal.*)
- (11) a. *Como* (*visto que/ uma vez que*) *está bom tempo*, ficamos bem-dispostos.
b. *Já que o narciso é uma flor*, pertence ao reino vegetal.

A possibilidade de substituir *se* por *já que* (ou conectores equivalentes) nas condicionais factuais já era referida em estudos sobre as condicionais, na perspetiva semântica de expressão de diferentes *graus de crença* (cf. Gryner 1998, 2008; Gomes 2008). Nesta linha, Iatridou (1991), Gomes (2008) e Gomes & Monken (2011), por exemplo, defendem que, quando a condicional é de “facto aceite” (*accepted-fact conditionals* ou factual), é parafraseável por *já que* ou por *dado que*.

- (12) a. If (= *Since/Given that*) you don’t want me here, (then) I’ll leave. (Gomes 2008: 227)
b. Se (= *já que*) ele está atrasado, não poderá entrar. (Gomes & Monken 2011: 132)

Porém, é de notar que nem todas as condicionais que são factuais comutam livremente com *já que* (embora algumas possam admitir *dado que* ou *como*), em português.

Estão neste caso, por exemplo, as factuais equivalentes a temporais de *quando* ou *sempre que* (isto é, correlativas de eventos) (13) e as factuais de nexos dedutivos cujo consequente inicia por *é porque* (14).⁷

- (13) a. Se {= Quando} está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (**Já que está bom tempo, ficamos bem dispostos/ Como/Dado que está bom tempo, ficamos bem-dispostos.*)
- b. Se {= Quando} a água atinge a temperatura de 100°C, entra/entrará em ebulição. (**Já que a água atinge a temperatura de 100°C, entra/entrará em ebulição/*Dado que a água atinge a temperatura de 100°C, entra em ebulição.*)
- c. Se {Sempre que} o ferro é aquecido, derrete. (**Já que o ferro é aquecido, derrete.*)
- (14) Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim. (**Já que o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim/ ^{ok}Como o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim.*)

De entre as condicionais factuais que expressam generalizações/correlações de eventos baseadas em situações habituais ou em leis da física (13), podem comutar com *dado que* ou *como* aquelas para as quais é possível obter uma interpretação factual não correlativa. Em (13a), a frase *Como/Dado que está bom tempo, ficamos bem-dispostos* é equivalente a uma condicional factual não genérica/correlativa, legitimada contextualmente. As frases (13b,c) não admitem outra leitura factual que não seja do tipo correlativo, por isso não é possível uma paráfrase com *como* ou *dado que* (*?Como/*Dado que o ferro é aquecido, derrete.*).

De forma geral, os diferentes estudos defendem que o modo utilizado nas condicionais factuais é o indicativo, em diferentes línguas (Leão 1961; Gryner 1998; Montolío 1999; Brito 2003; Norris 2003, e.o.).

⁷ Nas correlativas (13), o conetivo *já que* não pode ocorrer porque não é compatível com construções em que há uma quantificação sobre os eventos: *Sempre que/quando a água atinge a temperatura de 100°C, entra em ebulição*. Nas frases como a de (14), condicionais de nexos dedutivos, *já que* não pode coocorrer com focalizadores. Compare-se **Já que o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim* com *?Já que o meu noivo está comigo, então gosta de mim*.

- (15) a. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (Brito 2003: 706)
b. Si hacía buen tiempo, los domingos salíamos a la montaña. (Montolío 1999: 3657)
c. If you heat water to 100 degrees C, it boils. (Norris 2003: 3)

No entanto, nem sempre que ocorre uma forma verbal do indicativo a condicional é factual ou real (Oliveira 1991; Ferreira 1996; Marques 2001, 2013, 2016; Justino 2011, e.o.). Os exemplos que se seguem, apresentados isoladamente (fora do contexto), admitem outros valores semânticos para além do factual.

- (16) a. Se acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento. (Ferreira 1996: 54)
b. Se ele nos viu, estamos tramados.

A leitura mais natural para a frase (16a) é hipotética. A frase pode ser asserida numa situação em que o falante não sabe se acertou no totoloto, ainda estando à espera da divulgação dos resultados. A possível leitura factual obtém-se apenas enquanto condicional com interpretação genérica: *Quando acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento.*⁸ A frase (16b) pode ser asserida num contexto em que o falante tem indícios de que alguém os viu, mas não tem a certeza absoluta, obtendo-se, deste modo, a leitura hipotética: *Caso ele nos tenha visto, estamos tramados.* Já a leitura factual é possível nesta situação: A - *Ele viu-nos.* /B - *Se ele nos viu, estamos tramados.* (= *Se (como dizes), ele nos viu, estamos tramados*).

A diversidade de interpretações – factual ou não factual – verificada nas condicionais com indicativo (16), permite formular a hipótese de que o modo indicativo pode não marcar a factualidade (i.e., o facto de uma condicional ocorrer no indicativo não implica que seja factual). A interpretação factual é dependente ou do contexto de asserção ou do tempo verbal se combinado com outros fatores, por exemplo, a genericidade (cf. *Se (= Quando) a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra em ebulição*).

Assim, de modo mais restrito, podemos propor, com base na literatura consultada, o que entendemos ser uma condicional factual: é uma condicional na qual é possível, isoladamente (isto é, sem contexto anterior), se deduzir que as situações descritas ou no

⁸ Mas esta leitura não está facilmente acessível, já que não é frequente que alguém acerte vezes repetidas no totoloto.

antecedente ou na frase total (antecedente + consequente) são reais/verdadeiras. Essa possibilidade existe em:

(a) condicionais de correlação de eventos/situações:

- (17) a. Se o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias. (Lobo 2013: 2021)
b. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (Brito 2003: 706)
c. Se há sol e chuva, aparece o arco-íris. (Lopes 2009: 152)
d. Se o ferro é aquecido, derrete.

(b) condicionais genéricas universais (frases caracterizadoras)

- (18) a. Se o narciso é uma flor, (então) pertence ao reino vegetal. (Brito 2003: 706)
b. If Socrates is a man, then he is an animal. (Anjum & Schapansky sd: 16)

(c) certas condicionais não genéricas, *episódicas*, como as frases de (19) (frases que facilmente admitem paráfrases com conectores que exprimem um facto assumido como real em t_0).⁹

- (19) a. Se (= como) o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim. (Gryner 1998: 145)
b. Se (= *dado que/ já que*) ele vai à China no próximo ano, devíamos publicar o seu livro agora. (Ferreira 1996: 69)

As propriedades sintático-semânticas das condicionais definidas, neste trabalho, como factuais são as seguintes:

1. As correlativas de eventos/situações podem ser parafraseadas por *quando* ou *sempre que*:

⁹ Repare-se que, nestas frases, o que é descrito dificilmente pode ser interpretado como não factual:

- i. Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim. (#*Caso o meu noivo esteja comigo*, é porque gosta de mim)
ii. Se ele vai à China no próximo ano, devíamos publicar o seu livro agora. (?No caso de ele ir a China no próximo ano, devíamos publicar o seu livro agora.)

(20) a. *Se/Quando* o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.

b. *Se/Quando* está bom tempo, ficamos bem-dispostos.

c. *Se/Quando /Sempre que* há sol e chuva, aparece o arco-íris.

d. *Se/Quando* o ferro é aquecido, derrete.

2. As genéricas universais (21a) e as episódicas (21b,c) comutam com os conectores *como*, *visto que* ou *dado que* – operadores que “exprimem uma causa conhecida” (Mateus *et al.* 1989: 303, nota 5)¹⁰ – e algumas delas também com *já que* (21a,c).

(21) a. *Se/Já que/Como/ Visto que* o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.

b. *Já que/ Dado que/ Como ele vai à China amanhã*, devíamos publicar o seu livro agora.

c. *Como/Visto que* meu noivo está comigo, é porque gosta de mim.

3. As factuais do tipo genérico universal (22a) e episódicas (22b) não podem alternar com o conjuntivo.¹¹

(22) a. Se o narciso é/#for uma flor, (então) pertence ao reino vegetal.

b. Se meu noivo está/ #estiver comigo, é porque gosta de mim.

4. As correlativas de eventos, ainda que marginalmente, são parafraseáveis com recurso a *caso* (23a,b), ao contrário das factuais genéricas universais e das episódicas (23c,d).

¹⁰ Apesar de comutarem com *já que*, o antecedente das genéricas não constitui a causa do consequente, mas sim uma mera condição suficiente.

¹¹ As factuais que expressam correlações passadas, pelo contrário, podem ser compatíveis com o conjuntivo, tal como veremos mais adiante, na secção 2.2 deste capítulo, com base na análise de dados de *corpora*. Nesta fase do trabalho (do estado da arte), não assumiremos que o conjuntivo também pode ocorrer nas condicionais factuais, porque não é referido na literatura sobre o PE.

- (23) a. Se o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias. (*Caso o Rui estivesse doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.*)
- b. Se está bom tempo ficamos bem-dispostos (*?Caso esteja bom tempo, ficamos bem-dispostos.*)
- c. Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal. (*#Caso o narciso seja uma flor, pertence ao reino vegetal.*)
- d. Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim. (*#?Caso o meu noivo esteja comigo, é porque gosta de mim.*)

2.1.1.2. Condicionais hipotéticas (ou potenciais)

Em alguns trabalhos, assume-se que uma condicional é hipotética quando o antecedente pode vir a ser verdadeiro (Karttunen & Peters 1979; von Stechow 1997) ou pode vir a ter lugar (Brito 2003; Lobo 2013).

- (24) a. *Se o Rui estiver doente, a mãe telefonar-lhe-á todos os dias.* (Lobo 2013:2021)
- b. *Ficarei encantado se vieres jantar à minha casa.*

Estas frases têm uma interpretação hipotética: a partir da frase (24a), deduz-se que o Rui pode vir a estar doente ou não e, de (24b), infere-se que o interlocutor pode ir jantar à casa do locutor ou não.

Por sua vez, Marques (2001) defende que uma condicional é hipotética quando o valor de verdade do antecedente é desconhecido no mundo de avaliação, que, normalmente, coincide com o mundo real:

- (25) a. Neste momento, se alguém **estiver** dentro do edifício, corre o risco de inalar fumo. (Marques c.p.)
- b. Se alguém **tiver lido** este livro (algum dia), sabe do que estou a falar. (Marques c.p.)

Na maioria das línguas, às hipotéticas está associado o modo conjuntivo (cf. Quirk *et al.* 1985; Montolí 1999; Brito 2003, e.o). No que diz respeito ao PE, os tempos do

conjuntivo que podem ser usados são o Futuro (25), o Imperfeito (26) e o Pretérito Mais-Que-Perfeito (27).

(26) a. Se tu **viesses** cedo, íamos / iríamos jantar fora. (Brito 2003:708)

b. Se **faltasse** outra vez a água, queixava-me / queixar-me-ia à EPAL. (Brito 2003:708)

(27) Chegas a Coimbra às 10 horas. Se já **tivesses lido** o artigo, discutia-lo com eles.

(Marques 2001: 325)

De acordo com Brito (2003) e Ferreira (1996), as em frases (25), com o Futuro, distinguem-se das frases em (26), com o Pretérito Imperfeito, quanto ao grau de probabilidade (ou hipoteticidade): o conteúdo proposicional descrito no antecedente das frases em (26) é menos provável do que nos exemplos anteriores. Tendo em conta a questão da acessibilidade epistémica e da fonte de ordenação (Kratzer 1991, e.o.), o Imperfeito do Conjuntivo distingue-se do Futuro do Conjuntivo, na interpretação hipotética, por indicar que a hipótese descrita pelo antecedente é mais distante do que é assumido como normal ou expectável no contexto de conversação.¹²

Porém, nem sempre o grau de hipoteticidade de uma condicional com Imperfeito é diferente do de uma condicional com o Futuro, conforme ilustram os exemplos de (28).

(28) a. Se **pudesses** (= **puderes**) levar-me amanhã ao aeroporto, resolvias-me um problema.

b. Se me **desses** (= **deres**) uma ajuda, isto fazia-se depressa. (Marques 2010: 555)

c. A: Estou quase atrasado para a aula, e parece que não há autocarros.

B: Se **apanhasses** (= **apanhares**) o metro já ali, chegavas (chegas) a tempo.

Nestas frases, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo introduz uma nota de delicadeza/cortesia. São condicionais que podem aparecer a seguir a uma pergunta canónica: *Podes levar-me amanhã ao aeroporto? Se puderes, resolves-me um problema/ Se*

¹² Agradeço a Rui Marques por me ter sugerido esta explicação. A mesma observação é encontrada em Marques (2016: 630), ao afirmar que o Pretérito do Conjuntivo ou tem uma interpretação contrafactual ou aponta para hipóteses mais distantes do que é esperado no contexto conversacional.

*pudesses, resolvias-me um problema; Dás-me uma ajuda? Se me deres uma ajuda, isto faz-se depressa/ Se me desses uma ajuda, isto fazia-se depressa.*¹³

Por outro lado, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo nas frases de (26), repetidas em (29), pode estar associado a interpretação contrafactual. Esta leitura é possível se assumirmos a ideia clássica de que uma contrafactual pressupõe a falsidade do antecedente (Lakoff 1970),¹⁴ sendo, por isso, possível inferir, em t_0 , as pressuposições: *ele não chegou cedo e não faltou outra vez água*.

(29) a. *Se tu viesses cedo*, iríamos jantar fora. (Brito 2003: 708)

b. *Se faltasse outra vez a água*, queixar-me-ia à EPAL. (Brito 2003:708)

Assim, podemos afirmar que o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, em frases como as de (29), é ambíguo, permitindo uma leitura hipotética, como antes explicitámos, ou uma leitura contrafactual. A discussão sobre a ambiguidade associada aos tempos do conjuntivo é feita mais adiante, na secção 2.1.3. deste capítulo (veja-se também Justino 2016).

A leitura hipotética também pode ser expressa pelo modo indicativo no antecedente (Ferreira 1996; Gryner 1998; Gomes 2007; Marques 2016), como já referimos na subsecção 2.1.1.1.

(30) a. Se **acerto** no totoloto, não modifico o meu comportamento. (Ferreira 1996:54)

b. If you **don't want** me here, (then) I'll leave. (Gomes 2008: 207)

Na linha de Gomes (2008) e Gryner (2008), enquanto hipotéticas, as frases de (30) podem ser parafraseadas por estruturas com *caso/in case*, já que expressam incerteza em relação à realização do evento descrito no antecedente.

¹³ Note-se ainda que as frases em (28), assim como (26a) e (27), envolvem uma espécie de ato de fala diretivo “indireto” (o enunciador faz uma sugestão ou pedido, transmitindo, no seu enunciado, mais do que o significado literal), o que permite facilmente obter a leitura hipotética.

¹⁴ Cf. também Iatridou (2000), para quem o termo contrafactual se refere a construções gramaticais que marcam ou fazem referências a situações que são “contrárias aos factos”. No que às condicionais diz respeito, apresentam-se de seguida alguns exemplos de *present counterfactual* (cf. (i)) e de *past counterfactual* (cf. (ii)), retirados do trabalho referido:

i. If he were smart, he would be rich (conveys “he is not smart” and “he is not rich”)
ii. If he had been smart, he would have been rich (conveys “he was not smart” – in general or on one particular occasion – and “he was not rich”) (Iatridou 2000: 232).

Nesta linha, os exemplos em (29) são do tipo *present counterfactual*.

- (31) a. *Caso* acerte no totoloto, não modifico o meu comportamento.
b. *In case* you don't want me here, (then) I'll leave.

Note-se que, nas condicionais episódicas com interpretação factual (32), bem como em algumas factuais correlativas (33), o conector *caso* dificilmente pode alternar com *se*:

- (32) a. Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim.
a'. #?*Caso* o meu noivo esteja comigo, é porque gosta de mim.¹⁵
(33) a. Se/*Quando* um indivíduo é juiz, tem uma licenciatura em Direito.
a'. **Caso* um indivíduo seja juiz, tem uma licenciatura em Direito.
b. Se/*Quando*/ *Sempre que* ele bebe muito álcool, perde a memória.
b'. *Caso* ele beba muito álcool, perde a memória.

Apesar de (33b), factual correlativa de eventos, poder ser parafraseada com recurso a *caso*, a interpretação de (33b) não é equivalente à de (33b'). Na nossa opinião, a frase (33b) tem uma interpretação genérica factual e a frase (33b') tem uma interpretação hipotética. Assim, nas hipotéticas, a condicional de *se* e a sua paráfrase iniciada pelo operador *caso* são sinónimas. Desta forma, o teste com *caso* será relevante para testar um conteúdo hipotético se o resultado for uma condicional equivalente à de *se*, em termos de sentido e de referência temporal.

Resumindo, uma condicional é hipotética quando o valor de verdade do antecedente é desconhecido, quer por a situação ainda não ter ocorrido quer por o enunciador não saber se ocorreu de facto (embora já tenha ocorrido).

As condicionais hipotéticas que se projetam no futuro podem ser modificadas por advérbios de referência futura, como se ilustra em (34):

- (34) a. *Amanhã*/ *No futuro*, se vieres cedo, vamos jantar ao restaurante.
b. *No futuro* / *Amanhã*, se acerto na lotaria, não modifico o meu comportamento.
c. Se pudesses levar-me *amanhã* ao aeroporto, resolvias-me um problema.

¹⁵ Esta frase seria ok como: *Caso* o meu noivo (ainda) esteja comigo nessa altura é porque gosta de mim. O que mostra que *caso* torna a frase necessariamente hipotética.

Tal como se afirmou anteriormente, as condicionais hipotéticas admitem uma paráfrase com *caso*, mantendo-se o mesmo sentido e a mesma referência temporal da situação descrita no antecedente.

- (35) a. Se vieres cedo, vamos jantar ao restaurante.
b. *Caso* venhas cedo, vamos jantar ao restaurante.
- (36) a. Se acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento.
b. *Caso* acerte/ tenha acertado no totoloto não modifico o meu comportamento.
- (37) a. Se pudesses levar-me amanhã ao aeroporto, resolvias-me um problema.
b. *Caso* pudesses levar-me amanhã ao aeroporto, resolvias-me um problema.

Quando a condicional tem uma interpretação hipotética, *se* não pode comutar com um conector factual, como *já que*, *dado que*, *visto que*:

- (38) a. Se vieres/*#já que* / *#dado que* vens cedo, vamos jantar ao restaurante.
b. Se /**já que* / **visto que* acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento.
c. Se pudesses / **já que* / **visto que* *podes* levar-me amanhã ao aeroporto, resolvias-me um problema.

É de salientar que, quando a conjunção *se* é substituída por *já que* ou *como* nas condicionais hipotéticas, no modo indicativo, se obtêm frases que não são equivalentes semanticamente: *Se acertei no totoloto, não modificarei o meu comportamento.* vs ***#Já que/como** acertei no totoloto, não modificarei o meu comportamento.* (o mesmo é verdade para (38a)). De facto, com a substituição de *se* por *já que* ou *como*, perde-se o valor de condicional hipotética, passando-se a ter uma interpretação factual.

2.1.1.3. Condicionais Contrafactuais

Contrafactuais são condicionais que estão associadas à pressuposição de que o antecedente é falso (Lakoff 1970, Karttunen & Peters 1979, Marques 2016, e.o.), de que as frases em (39) são exemplos.

- (39) a. If it were raining outside, the drumming on the roof would drown out our voices. (Karttunen & Peters 1979: 4)
- b. Se a terra não fosse esférica, era / seria cúbica. (Brito 2003: 708)
- c. Se tivesse chovido em Portugal em 1981, não tinha / teria havido seca. (Brito 2003:708)

A frase (39a) está associada à pressuposição de que não está a chover; a frase (39b) está associada à pressuposição de que a terra é esférica e (39c), que não choveu em Portugal em 1981.¹⁶

No intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente destas condicionais verifica-se no mundo real, sendo sempre possível acrescentar à proposição antecedente a sua negação (Brito 2003: 708).

- (40) a. Se a terra não fosse esférica, *mas é*, era/seria cúbica. (Brito 2003: 708)
- b. Se tivesse chovido em Portugal em 1981, *mas não choveu*, não tinha/teria havido seca. (Brito 2003: 708)

Sublinhe-se ainda que Lobo (2013) refere que, quando condicionada pragmaticamente, a leitura contrafactual resulta do facto de o antecedente não descrever uma situação do mundo real, de acordo com o nosso conhecimento do mundo.

- (41) a. Se as nuvens fossem feitas de algodão, apanhava um pedaço para fazer um edredão. (Lobo 2013: 2021)
- b. Tudo seria diferente se os homens tivessem asas. (Lobo 2013: 2021)

Relativamente às frases em (41), Lobo (2013: 2021) considera que o Pretérito Imperfeito do Indicativo ou o modo Condicional na oração principal realçam o mundo alternativo que é construído.

¹⁶ Como me fez saber Rui Marques (c.p.), a frase (39c) também pode ser hipotética, se ela for asserida num contexto em que se está a tentar saber se em 1981 choveu ou não em Portugal e se, por exemplo, temos acesso aos registos dos anos de seca. Entretanto, consideramos esta leitura marcada, já que essa interpretação depende de se imaginar um contexto muito exigente.

Na generalidade das línguas, numa condicional contrafactual, emprega-se o modo conjuntivo (cf. Karttunen & Peters 1979; Montolío 1999; Brito 2003; Gomes 2008):

- (42) a. If it were raining outside, the drumming on the roof would drown out our voices. (Karttunen & Peters 1979: 4)
- b. Se a terra não fosse esférica, era / seria cúbica. (Brito, 2003: 708)
- c. Se estuviéramos ahora en una pista de esquí, nos estaríamos divirtiéndolo muchísimo. (Montolío 1999: 3658)

Os tempos verbais do conjuntivo que ocorrem nas contrafactuais são o Pretérito Mais-que-Perfeito (43a) e o Pretérito Imperfeito (43b) (cf. Brito 2003; Marques 2001, e.o).

- (43) a. Se eles tivessem estudado mais, teriam tido melhores notas. (Brito, 2003:708)
- b. Se o Zé fosse teu amigo, terias sido convidado para a festa. (Lobo 2013:2021)

Em relação ao Pretérito Imperfeito, note-se que pode ocorrer também em condicionais com a leitura hipotética, como já referimos anteriormente (cf. Ferreira 1996; Brito 2003):

- (44) a. Se tu viesses cedo, íamos/iríamos jantar fora. (Brito 2003: 708)
- b. Se o comboio chegasse a horas, ainda ia/iria ao cinema. (Ferreira 1996: 70)

Como foi descrito na subsecção anterior (em 2.1.1.2.), quando as frases de (44) são produzidas sem contexto, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo gera ambiguidade entre a leitura contrafactual do antecedente – *o interlocutor não veio cedo* (44a); *o comboio não chegou a horas* (44b) – e uma leitura hipotética: *Mais logo, se viesses/caso viesses cedo, íamos jantar fora. Se o comboio chegasse agora, ainda ia ao cinema.* É de notar que nem todas as condicionais com Pretérito Imperfeito do Conjuntivo dão origem à ambiguidade, que se regista em (44). Estão neste caso (i) as condicionais em que a situação descrita no antecedente é em si mesma falsa (cf. *Se a terra não fosse esférica, era/seria cúbica*) ou (ii) condicionais como *Se eu fosse novo, ia/iria correr o mundo*, em que a interpretação preferida é contrafactual, já que a possível interpretação hipotética é dependente de se

imaginar um contexto muito mais exigente, como, por exemplo, um contexto de asserção em que o falante, por qualquer razão, pensa, erradamente, que já não é novo.

Também o modo indicativo, nos tempos Presente ou Pretérito Perfeito Composto, é usado em condicionais contrafactuais. O Presente do Indicativo emprega-se em condicionais com carácter irónico (cf. Oliveira 1991; Quirk *et al.* 1995; Lobo 2013; Anjum & Schapansky (sd)):

- (45) a. Se o Zé é honesto, então eu sou o rei de Marrocos! (Lobo 2013: 2021).
b. Se ele é rico, então eu sou o Rockfeller. (Oliveira 1991:240)
c. If they're Irish, I'm the Pope. ['Since I'm obviously not the Pope, they're certainly not Irish'] (Quirk *et al.* 1985: 1094)

Nas frases (45a,b), deduz-se que *o Zé não é honesto* e que *ele não é rico*. De acordo com Lobo (2013) e Oliveira (1991), a leitura contrafactual do antecedente destas frases obtém-se porque é sabido que o falante não é o rei de Marrocos nem é o Rockfeller. Também em inglês (cf. 45c), o antecedente é considerado falso, já que, segundo Quirk *et al.* (1985: 1094), a proposição da frase matriz é absurda: "If the proposition in the matrix clause is patently absurd, the proposition in the conditional clause is shown to be false". Pelo contrário, Anjum & Schapansky (s/d), mesmo assumindo que o que se afirma no conseqüente é absurdo, defendem que o que o falante expressa no antecedente é dúvida, descrença ou ironia em relação à verdade da proposição antecedente. Estas autoras acrescentam ainda que "this type of conditionals is expressed in a lower degree of hypotheticality, since the consequent cannot realistically be predicted from the antecedent" (p. 24).

O Presente do Indicativo pode também ocorrer em contrafactuais não irónicas (Marques 2016):

- (46) a. Se ele perde o comboio, já não conseguia sair da cidade! (Marques 2016: 613)
b. Se ele chega cinco minutos mais tarde, perdia o comboio! (Marques 2016: 626)

Tendo em conta exemplos como os de (46), defendemos que o Presente do Indicativo ocorre em frases que descrevem uma situação que estaria completamente realizada (perfectiva) se tivesse ocorrido.

Por sua vez, e de acordo com Ferreira (1996), o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo surge em condicionais com leitura contrafactual como as que se seguem:¹⁷

- (47) a. Se a Maria tem ido às aulas, não chumbava. (Ferreira 1996: 65)
- b. Se a Maria tem estado doente, já tinha desculpa para poder entregar o trabalho mais tarde. (Ferreira 1996: 65)
- c. Se a Maria tem bordado a toalha, não precisava de comprar outra. (Ferreira 1996: 65)

De acordo com Ferreira (1996: 65), a leitura das frases de (47) é equivalente à das contrafactuais com o verbo no Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo (48).

- (48) a. Se a Maria tivesse ido às aulas, não chumbava. (Ferreira 1996: 65)
- b. Se a Maria tivesse estado doente, já tinha desculpa para poder entregar o trabalho mais tarde. (Ferreira 1996: 65)
- c. Se a Maria tivesse bordado a toalha, não precisava de comprar outra.

Deste modo, consideramos que o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo, com interpretação contrafactual, é usado, semanticamente, no PE, como uma forma supletiva do Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo.

Em conclusão, uma condicional contrafactual é aquela que pressupõe a falsidade do que é descrito no antecedente.

Sintaticamente, é possível acrescentar à proposição expressa no antecedente a proposição contraditória, já que, no intervalo de tempo relevante, a negação do antecedente se verifica no mundo real (49):

¹⁷ As frases de (47) parecem mais exclamativas do que assertivas, implicando da parte do falante uma avaliação negativa da situação descrita.

- (49) a. Se eles tivessem estudado mais, *mas não estudaram*, teriam tido melhores notas.
- b. Se fosse novo, *mas não sou*, ia/iria correr o mundo.
- c. Se a Maria tem ido às aulas, *mas não foi*, não chumbava.
- d. *Se ele é rico, *mas não é*, então sou o Rockefeller.
- d'. Se ele fosse rico (o que obviamente não é), então eu seria o Rockefeller.
- e. Se ele perde o comboio (mas felizmente não perdeu), já não conseguia sair da cidade!

Note-se, contudo, que, ao contrário das contrafactuais irónicas no modo conjuntivo (49d'), as irónicas no modo indicativo são incompatíveis com o teste da negação do antecedente (49d). Nestas contrafactuais, a falsidade é estabelecida indiretamente através de um comentário irónico a uma (suposta) asserção absurda/sem fundamento na realidade (ou descrença do falante em relação ao que é descrito no antecedente).

Por outro lado, as contrafactuais podem, tal como as hipotéticas, ser parafraseadas pelo conector *caso*:

- (50) a. *Caso* eles tivessem estudado mais, *mas não estudaram*, teriam tido melhores notas.
- b. *Caso* fosse novo, *mas não sou*, ia/iria correr o mundo.
- c. *Caso* a Maria tivesse ido as aulas, *mas não foi*, não chumbava.
- d. **Caso* ele seja rico, *mas não é*, então sou o Rockefeller.
- d'. *Caso* ele fosse rico (o que obviamente não é), então eu seria o Rockefeller.

Também, neste teste, observa-se que as contrafactuais irónicas, no modo indicativo, são incompatíveis com *caso* (50d). Nesse sentido, vamos assumir que são contrafactuais não comuns.

2.1.2. Valores semânticos das condicionais e sua relação com o tempo e modo verbais

Nesta secção, analisando a distribuição dos tempos e modos verbais nas condicionais, vamos reavaliar a ideia de que às diferentes leituras das condicionais estão necessariamente associados diferentes modos verbais (Karttunen & Peters 1979, Montolíó 1999, Lobo 2013, e.o.). Adicionalmente, pretendemos verificar se as leituras factuais, hipotéticas ou contrafactuais decorrem da relação entre o *tempo-modo* verbal do antecedente e o da frase principal (Lobo 2013).

2.1.2.1. O tempo e o modo nas factuais

O modo indicativo é, geralmente, associado às condicionais com interpretação factual (Norris 2003; Brito 2003, e.o.). Porém, como vimos na secção anterior (em 2.1.1.1.), a interpretação factual com os tempos do indicativo obtém-se associando a esses tempos outros fatores, entre eles, o contexto comunicativo e os predicados que induzem a leitura aspetual habitual ou genérica.

Mostrou-se, assim, que condicionais com o modo indicativo podem admitir, para além da interpretação factual, outras interpretações semânticas.¹⁸ Veja-se, a título ilustrativo, que as frases em (51) são ambíguas entre leitura factual e leitura hipotética, de acordo com as nossas intuições.

(51) a. Se o João foi à festa, então a Maria também foi.

b. Se ele parte amanhã, sigo com ele. (Ferreira 1996: 68)

Por um lado, estas frases podem ser asseridas num contexto em que o antecedente foi dado com um facto certo, tendo, portanto, uma leitura factual: *Se (como dizes) o João foi à festa, então a Maria também foi/ Se (como dizes) ele parte amanhã, sigo com ele*. Por outro lado, podem ser asseridas num contexto em que o valor de verdade do antecedente é desconhecido em t_0 , obtendo-se uma leitura hipotética: *Não sei se o João foi à festa, mas se realmente foi (= tiver ido), então a Maria também foi. / Se realmente partes amanhã, seguirei contigo*.

¹⁸ Relativamente às condicionais do inglês e do PB, ver, por exemplo, Gomes (2008).

A interpretação factual, nas frases de (51), não é exclusivamente determinada pelos tempos do indicativo. Ou seja, apesar dos tempos do indicativo, a interpretação factual tem de ser legitimada contextualmente.

Passemos agora a analisar o contributo dos tempos do indicativo para a interpretação das frases que, não estando ancoradas num contexto em particular, admitem facilmente a leitura factual: as correlativas de eventos/situações; as genéricas universais e as episódicas de nexos interproposicionais dedutivos.

Nas condicionais factuais decorrentes da correlação de eventos (considerando ainda apenas os exemplos da literatura), encontramos o Presente do Indicativo no antecedente e o Presente do Indicativo no consequente (52a), ou o Pretérito Imperfeito do Indicativo no antecedente e o Pretérito Imperfeito do Indicativo no consequente (52b).

(52) a. *Se/quando o João vem, a Maria faz uma festa.*

b. *Se/ quando o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.*

A possibilidade de, nestas condicionais, ocorrer um outro tempo verbal no consequente tem alguma implicação de natureza semântica ou sintática.¹⁹ A frase *Se o João vem, a Maria faz uma festa*, se usada com Futuro do Indicativo (53a) no consequente, deixa de ter a interpretação genérica habitual/correlativa (53b), passando a ter uma leitura não genérica, que é ambígua entre factual e hipotética.

(53) a. *Se o João vem, a mãe fará um bolo.*

b. **Quando o João vem, a mãe fará um bolo.*

Esta mesma frase, se usada com o Pretérito Perfeito no consequente, também perde a leitura genérica e passa a ser uma condicional de nexos dedutivos (54a). O Presente do

¹⁹ Nestas frases, é possível obter outros valores semânticos variando os tempos verbais. Por exemplo, o antecedente de (53a) pode integrar o Futuro do Conjuntivo (i) e o de (53b), o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo:

i. *Se o João vier, a Mãe faz um bolo.*

ii. *Se o Rui estivesse doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.*

Indicativo no antecedente não pode coocorrer com um tempo do passado no consequente, se o nexos interproposicional for causal (54b).²⁰

(54) a. #Se o João vem, a mãe fez um bolo. (**Quando o João vem, a Mãe fez um bolo.*)

b. Se o João vem, então a mãe faz/ *fez um bolo.

Quanto à frase (52b), o tempo do antecedente não pode coocorrer com o Presente ou com o Futuro do Indicativo no consequente (55), nem com o Pretérito Perfeito do Indicativo (56).

(55) *Se o Rui estava doente, a mãe telefona-lhe/ telefonar-lhe-á todos os dias.

(56) *Se o Rui estava doente, a mãe telefonou-lhe todos os dias.

Estes dados revelam que a interpretação genérica do tipo habitual, nas condicionais, se obtém através da concordância temporal das formas verbais do indicativo no antecedente e no consequente. As combinações de formas verbais são Presente + Presente e Imperfeito + Imperfeito.²¹ Estas formas verbais têm sido associadas à expressão de eventos tidos como regulares/habituais (cf. Carlson 1995; Oliveira & Cunha 2011; Oliveira 2013; Mória 2016).²² Nesse sentido, concluímos que o Presente e o Imperfeito do Indicativo que expressam uma leitura aspetual de habitualidade tanto no antecedente como no consequente de condicionais de *se* induzem a interpretação factual. Refira-se que frases com Presente do Indicativo, como a frase *Se o João vem, a Maria faz uma festa.*, admitem

²⁰ Quando a condicional é de nexos dedutivo esta restrição não se coloca. Vejam-se os exemplos seguintes, dos quais os dois últimos foram extraídos de Santos (1992: 16):

- i. Se a Maria parte amanhã, é porque o João foi hoje.
- ii. Se o João chega amanhã, então a Isabel chegou ontem.
- iii. Se ele está em casa, então saiu do escrito antes das seis horas.

²¹ Embora não seja referido na literatura, nem esteja atestado nos corpora pesquisados, Telmo Mória (c.p.) defende que, nas condicionais correlativas de eventos/situações, para além das combinações Presente + Presente e Imperfeito + Imperfeito, ainda são possíveis outras, a saber: o Pretérito Perfeito ou Mais-que-Perfeito, no antecedente, e o Presente e Pretérito Imperfeito, com valor de sobreposição ao PPT. Exemplos:

- i. Se o João **fez** os trabalhos de casa, a Maria **faz** uma festa. É sempre assim.
- ii. Naquela altura, era assim. Se o João **tinha feito** os trabalhos de casa, a Maria **fazia** uma festa.

No entanto, quanto a nós, estas frases são distintas das que temos estado a designar por correlativas de eventos/situações porque não podem comutar com *quando/ sempre que*:

- iii. ??*Quando/Sempre que o João fez os trabalhos*, a Maria faz uma festa.

²² Na literatura, é comum chamar-se presente habitual ou frequentativo ao Presente do Indicativo que expressa uma ação habitual (Cunha & Cintra 1984, e.o.).

uma leitura não genérica se a forma verbal expressar posterioridade a t_0 .²³ Nesse sentido, tem uma leitura ambígua: *Se o João vem (amanhã), a Maria faz uma festa.* (= hipotética) / *Já que o João vem, a Maria faz uma festa* (= factual).

Nas condicionais genéricas universais, temos também uma sequência de formas verbais do Presente do Indicativo, enquanto presente genérico, no antecedente e no consequente, o que é determinante para a leitura factual da frase total (antecedente + consequente).

(57) Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (Brito 2003:706)

Por outro lado, como o antecedente de (57) descreve um facto do mundo real (o narciso é um flor), o Presente, no antecedente, pode coocorrer com o Futuro do Indicativo:

(58) Se o narciso é uma flor, então pertencerá ao reino vegetal. (= Já que o narciso é uma flor, então pertencerá ao reino vegetal.)

Mas não pode alternar com o conjuntivo, mantendo-se o indicativo (Presente) no consequente (59). A frase (59) é hipotética, podendo ser produzida numa situação em que não se sabe o que é um narciso e, tendo recebido a informação de que se trata de uma flor, o locutor mantém alguma dúvida ou reserva em relação a essa informação.

(59) Se o narciso for uma flor, então pertence/pertencerá ao reino vegetal. (#Já que o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal.)

Observemos, de seguida, o tempo verbal nas condicionais factuais episódicas cujo nexos semântico é predominantemente dedutivo, como em (60).

²³ O Presente morfológico pode ser usado com valor de posterioridade quando o predicado é eventivo (cf. Oliveira 2013). Aliás, este é o valor temporal que se obtém com o Presente em predicados eventivos, uma vez que, com estes predicados, não é possível a leitura temporal de sobreposição a t_0 : *ele vem* não significa o mesmo que *ele está a vir*.

- (60) a. Se o meu noivo está comigo, é porque gosta de mim. (Gryner 1998:145)
b. Se o Douro encheu de novo, é porque choveu. (Ferreira 1996:98)
c. Se a criança está a chorar, é porque tem algum problema. (Marques 1999:140)

O conceito 'dedutivo' subjacente a estas frases implica que o conhecimento do que é descrito no antecedente leve a concluir-se o que está descrito no consequente. Assim, o Presente do Indicativo ou o Pretérito Perfeito remetem para uma situação em que o antecedente é conhecido ou foi dado antes como um facto.²⁴ Mas, se considerarmos a atitude epistémica (isto é, o grau de certeza ou avaliação de probabilidade acerca do conteúdo proposicional da frase; cf. Oliveira & Mendes 2013), é possível asserir as frases, sobretudo (60b) e (60c), num contexto em que o falante expressa uma dúvida em relação ao antecedente (*Não sei se choveu, mas se realmente choveu, o Douro encheu*).

A variação dos tempos/modos verbais no consequente das condicionais dedutivas altera o seu conteúdo semântico; vejam-se os exemplos em (61).

- (61) a. Se o meu noivo estiver comigo, é porque gosta de mim.
b. Se o Douro encher de novo, é porque choveu.
c. Se a criança estiver a chorar, é porque tem algum problema.

Com a alteração dos tempos verbais, as frases passam a ter uma leitura hipotética, inferindo-se que o conteúdo proposicional do antecedente é desconhecido.

Em algumas condicionais episódicas denexo causal, o Presente do Indicativo também é determinante para se considerar que a condicional é factual:

- (62) Se ele vai à China no próximo ano, então devíamos publicar o seu livro agora.
(Ferreira 1996:75)

²⁴ Refira-se que o modo indicativo, no antecedente das dedutivas (60), pode ocorrer com o futuro epistémico, acentuando o carácter dedutivo destas condicionais:

- i. Se o meu noivo está comigo, é porque gostará de mim.
- ii. Se o Douro encheu de novo, é porque terá chovido.
- iii. Se a criança está a chorar, é porque terá algum problema.

Nesta frase, o tempo verbal aponta para que se considere que o locutor sabe que *alguém vai à China no próximo ano*.

Em síntese:

- ✓ Os tempos do indicativo são determinantes para a fixação do valor factual quando combinados com predicados que induzem a leitura genérica das situações descritas em ambas as orações (antecedente e consequente).
- ✓ Os tempos do indicativo que não induzem a leitura genérica, na generalidade, admitem, além do valor factual, outros valores semânticos, isto é, induzem ambiguidade.
- ✓ O modo indicativo nas condicionais de *se* não implica que a condicional seja necessariamente factual (Marques 2001).

2.1.2.2. O tempo e o modo nas hipotéticas

Vários trabalhos associam o modo conjuntivo às hipotéticas (Quirk *et al.* 1985; Brito 2003; Lobo 2013). Porém, com base em Oliveira (1991), Ferreira (1996), Marques (2016), entre outros, mostrou-se na subsecção 2.1.1.2 que o modo indicativo também é usado em condicionais com interpretação hipotética no PE. As frases de (63) são hipotéticas com o conjuntivo e as frases de (64) são hipotéticas com o indicativo.

(63) a. Se acertar no totoloto, não modificarei o meu comportamento. (Ferreira 1996: 54)

b. Se acertasse no totoloto, não modificava o meu comportamento.

(64) a. Se acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento. (Ferreira 1996: 54)

b. Se acertei no totoloto, não modifico o meu comportamento.

Nas frases de (63), as formas verbais do antecedente apresentam-se no Futuro ou no Pretérito Imperfeito.²⁵ Marques (2010), analisando a semântica dos tempos do conjuntivo, defende que o Futuro do Conjuntivo aponta para possibilidades em aberto no contexto da enunciação, enquanto o Pretérito Imperfeito aponta para outras possibilidades, que não

²⁵ Ainda que não seja referido na maioria dos trabalhos sobre o PE, o Pretérito Mais-que-Perfeito também pode ocorrer em condicionais com valor hipotético:

i. Chegas a Coimbra às 10 horas. Se já tivesses lido o artigo, discutia-lo com eles. (Marque 2001: 325)

incluem necessariamente t_0 ou não pertencem ao *context set*.²⁶ Partindo deste pressuposto, defendemos que, nas condicionais, o Futuro do Conjuntivo fixa o valor hipotético, ou seja, os morfemas do Futuro do Conjuntivo implicam que a condicional é apenas hipotética. Os tempos verbais com os quais o Futuro do Conjuntivo do antecedente pode coocorrer no conseqüente são o Futuro, o Presente do Indicativo e as formas do Imperativo (tempos que também podem ser portadoras do traço [+ futuro]; Azevedo 1976).

- (65) a. Se acertar no totoloto, não modificarei o meu comportamento.
b. Se vieres cedo, vamos jantar fora.
c. Se chegares a casa cedo, telefona-me.

Nestes exemplos, em particular, observa-se que o Futuro do Conjuntivo no antecedente parece induzir tempos verbais que também têm uma referência temporal futura no conseqüente (Gryner 2008; Justino 2011). Veja-se a agramaticalidade das frases quando ocorre um tempo de referência passada no conseqüente:

- (66) a. *Se acertar no totoloto, não modificava o meu comportamento.
b. *Se vieres cedo, íamos [ontem] jantar fora.
c. *Se chegares a casa, telefonaste-me.

A agramaticalidade que se verifica nas frases de (66) é devida ao nexso causal que se estabelece entre o antecedente e o conseqüente (que implica que o estado de coisas descrito na condicional seja anterior ao que é descrito na oração principal). Aliás, nas dedutivas, é possível a combinação Futuro do Conjuntivo/Pretérito Perfeito (67a,b) e Futuro do Conjuntivo/Futuro epistémico (67c,d), no antecedente e no conseqüente, respectivamente.

²⁶ *Context set* designa o conjunto das possibilidades que estão em aberto no contexto de enunciação (ou seja, os mundos possíveis compatíveis com o que é assumido pelos intervenientes numa interação discursiva; cf. Marques 2010: 556).

- (67) a. Se o João comer, é porque já recuperou da doença.²⁷
b. Se ele já estiver em casa, é porque saiu mais cedo do trabalho.
c. Se o João comer será porque já recuperou da doença.
d. Se o João comer é porque já terá recuperado da doença.

Em relação ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, observou-se, na linha de Marques (2010), que o mesmo aponta para possibilidades que não estão em aberto em t_0 . Além disso, mostrou-se, na linha de Ferreira (1996), Brito (2003) e Marques (2010), que tal tempo pode indicar que o estado de coisas descrito é contrário aos factos conhecidos ou é menos provável do que o estado de coisas descrito pela oração com o Futuro do Conjuntivo. Esta última ideia favorece o que já observámos na subsecção 2.1.1.2: o Pretérito Imperfeito simples pode ser ambíguo, permitindo uma leitura hipotética ou uma leitura contrafactual nas condicionais. Em relação à leitura hipotética, defendemos que o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, por defeito, fixa o valor hipotético quando se lhe associa, por exemplo, uma referência temporal futura. Nas frases que se seguem, o tempo do antecedente é posterior a t_0 , isto é, sofre uma *mudança dística* (Crouch 1993, 1994; Ferreira 1996).²⁸

- (68) a. Se acertasse no totoloto, não modificava o meu comportamento.
b. Se me desse uma ajuda, isto fazia-se depressa. (Marques 2010: 555)²⁹
c. Se alguém abrisse a porta [agora], apanhava um susto.

A interpretação hipotética nas frases de (68) está dependente da possibilidade de o locutor considerar possível que a situação descrita na condicional ocorra num intervalo de tempo que pode sobrepor-se ou ser posterior a t_0 (por exemplo: *Amanhã vou à casa dos jogos: se acertasse no totoloto, não modificava o meu comportamento*), mesmo que seja

²⁷ Nesta frase, observa-se que, usando, em vez do Pretérito, o Futuro do Indicativo, o sentido da frase muda, passando a ter um nexso causal: *Se o João comer, então vai recuperar da doença*.

²⁸ A *mudança dística* diz respeito à mudança do tempo de eventos descritos pelos verbos no Pretérito e no Presente para uma interpretação de referência temporal futura. Pode ser primária ou secundária: “primary deictic shift, which can give both past and present tenses futurate interpretations, and secondary deictic shift, which only gives present tenses futurate interpretations” (Crouch 1993: 189). Neste trabalho, não usaremos o termo de forma rigorosa e como definido pelo autor, mas sim sempre que o tempo verbal da condicional permitir qualquer mudança temporal.

²⁹ Esta condicional pode ser interpretada como uma hipotética com valor pragmático, caso em que o locutor pede ao seu interlocutor que lhe dê uma ajuda.

num mundo diferente do real.³⁰ Por vezes, a interpretação hipotética é motivada pelo tipo de predicados que ocorre no antecedente da condicional, que, no caso das frases em apreço, é eventivo, em associação com o tempo do conseqüente, Imperfeito do Indicativo, ou o modo condicional.³¹

Para além dos tempos do conjuntivo, emprega-se o Presente do Indicativo em condicionais com interpretação hipotética. Vejam-se as frases de (69):

- (69) a. Se acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento. (Ferreira 1996: 64)
b. Se dás mais um passo, és um homem morto.

Nestes exemplos, observa-se que à leitura hipotética está associado o Presente do Indicativo. A referência temporal dos eventos descritos na condicional é de futuro, ou seja, é posterior a t_0 . Tal como o Futuro do Conjuntivo, o Presente do Indicativo em (69) aponta para um valor de verdade desconhecido (pelo locutor) no mundo real. Sintaticamente, observa-se ainda que o Presente (tal como o Futuro) coocorre com formas verbais de referência temporal futura no conseqüente, Futuro do Indicativo ou Presente do Indicativo (70), e não com as de referência temporal passada (71).

- (70) a. Se acerto no totoloto, não modificarei / modifico o meu comportamento.
b. Se dás mais um passo, serás um homem morto.
(71) a. *Se acerto no totoloto, não modifiquei o meu comportamento.
b. *Se dás mais um passo, eras/devias ser um homem morto.

³⁰ Recorde-se que Marques (2001) defende que o Imperfeito do Conjuntivo no antecedente introduz uma proposição nova no discurso, sendo parafraseável por *imagine-se que*.

³¹ Repare-se que, com o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto e Condicional Composto no conseqüente, apesar de o predicado ser eventivo, a leitura que se obtém, por defeito, é contrafactual – a condicional não teve lugar efetivamente:

- i. Se acertasse no totoloto, não tinha modificado o meu comportamento.
- ii. Se me desse uma ajuda, isto ter-se-ia feito depressa.
- iii. Se alguém abrisse a porta, teríamos apanhado um susto.

Nestas construções, o facto de o conseqüente denotar uma situação que não teve efetivamente lugar parece anular a possibilidade de o antecedente vir a ocorrer num momento posterior a t_0 . No entanto, como observa Rui Marques (c.p.), nestas frases, a ocorrência da 3.ª pessoa, em vez da 1.ª pessoa (do singular ou do plural), favorece a leitura hipotética.

Assim, podemos concluir que, com o Presente do Indicativo, há leitura hipotética quando se trata de uma hipótese. Nesse sentido, são impossíveis paráfrases como: *?Quando/*Visto que/*Como acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento / *Já que/ *Como dás um passo, és um homem morto*. Deve notar-se que estas frases são distintas das frases de (72):

- (72) a. Se ele parte amanhã, sigo com ele.
b. Se ele vai à China amanhã, deveríamos publicar o seu livro agora.

Estas condicionais admitem facilmente uma interpretação factual – *Já que ele parte amanhã, sigo com ele*. Ou *Se (como dizes) ele parte amanhã, sigo com ele*. –, uma interpretação que as de (71) não (ou dificilmente) admitem, conforme demonstrámos no parágrafo anterior (cf. *?Quando acerto no totoloto, não modifico o meu comportamento*.).

Por último, as frases de (73) atestam o uso do Pretérito Perfeito do Indicativo em condicionais que podem ter uma leitura hipotética.

- (73) a. Os resultados das apostas saem amanhã e, se acertei no totoloto, não modificarei o meu comportamento.
b. Se o Pedro cometeu um crime, tem de ser castigado.

Nestas frases, verifica-se que o que é descrito no antecedente pode apontar para possibilidades em aberto no contexto de enunciação, tendo como referência uma situação no passado. São frases asseridas num contexto em que o falante expressa dúvida em relação à situação descrita pela oração subordinada condicional, sendo o exemplo mais claro o de (73a). Ao contrário desta frase, a frase (73b) é ambígua entre uma leitura hipotética (*Caso o Pedro tenha cometido um crime, tem de ser castigado*) e uma leitura factual (*Se, como dizes, o Pedro cometeu um crime, tem de ser castigado*). Na verdade, muitas das condicionais com Pretérito Perfeito do Indicativo, se apresentadas isoladamente, são ambíguas entre as interpretações factual e hipotética. Esta ambiguidade pode estar relacionada com o facto de o que é assumido como verdadeiro no mundo real (factual) pelo falante x poder não o ser para o falante y (ver a ideia de veracidade subjetiva em Giannakidou 2013). Pode inferir-se a leitura factual com base na crença de outrem na verdade da proposição e a leitura

hipotética, com base na incerteza do sujeito enunciador em relação à verdade dessa mesma proposição. Uma discussão mais detalhada sobre este assunto é apresentada na secção 2.1.3. e em Justino (2016).

Do ponto de vista da combinação temporal, deve notar-se que, haja ambiguidade (73b, c) ou não (73a, só hipotética), encontramos, na matriz, o Presente ou o Futuro do Indicativo:

- (74) a. Os resultados das apostas saem amanhã e se acertei no totoloto, não modifico/modificarei o meu comportamento.
b. Se o Pedro cometeu um crime, tem/terá de ser castigado.
c. Se a Maria escreveu uma carta ao João, alguma coisa se passa/passará entre eles.

A coocorrência com o Pretérito Perfeito do Indicativo é sempre possível nas frases (74b,c), que, para além de ambíguas, são de nexos dedutivo (75), mas não nas condicionais de nexos causal (76a), tal como acontece nas hipotéticas de Futuro do Conjuntivo (76b).

- (75) a. Se o Pedro cometeu um crime, foi castigado.
b. Se a Maria escreveu uma carta ao João, alguma coisa se passou entre eles.
(76) a. *Os resultados das apostas saem amanhã e, se acertei no totoloto, não modifiquei o meu comportamento.
b. *Se acertar no totoloto, não modificava o meu comportamento.

Em suma:

- ✓ O valor hipotético pode ser expresso por Futuro do Conjuntivo, Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo, Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito do Indicativo e Pretérito Imperfeito do Indicativo (em condicionais com predicados estativos e com um PPT passado: se o João estava na festa, a Maria também estava, parafraseável por *não sei se o João estava na festa, mas, se realmente estava, a Maria também estava.*).
- ✓ O Futuro do Conjuntivo é o tempo não marcado, já que induz apenas a leitura hipotética.
- ✓ O Pretérito Imperfeito e o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo, bem como tempos do indicativo são marcados quanto à fixação do valor hipotético. Esta leitura,

por vezes, decorre (i) da mudança do tempo do que está descrito no presente ou no passado para uma referência temporal futura, incluindo os contextos em que está envolvido um efeito pragmático, como um ato de fala diretivo indirecto, ou (ii) da expressão de uma atitude epistémica fraca da parte do falante relativamente à situação descrita no antecedente, sobretudo com os tempos do indicativo.

2.1.2.3. O tempo e o modo nas contrafactuais

Na subsecção 2.1.1.3, definimos uma condicional contrafactual como aquela que pressupõe que o antecedente é falso (Lakoff 1970; von Stechow 2012; Marques 2016) ou é contrário aos factos (Iatridou 2000; Marques 2001, 2010).

- (77) a. Se a Maria tivesse ido às aulas, não chumbava. (Ferreira 1996: 65)
b. Se as nuvens fossem feitas de algodão, apanhava um pedaço para fazer um edredão. (Lobo 2013: 2021)

A frase (77a) pressupõe que *a Maria não foi às aulas* e a frase (77b) implica que, dado o que se sabe sobre o mundo, as nuvens *não são feitas de algodão*. No antecedente destas frases, ocorre o modo conjuntivo, no Pretérito Mais-que-Perfeito (77a) ou no Pretérito Imperfeito (77b). Estes tempos verbais têm alguma relevância para a interpretação, fora do contexto, do conteúdo contrafactual, já que, da forma “tivesse ido”, se pode inferir que “não foi” e, da forma “fossem”, que “não são” (78).³²

- (78) a. Se a Maria tivesse ido às aulas, *mas não foi*, não chumbava / chumbaria.
b. Se as nuvens fossem feitas de algodão, *mas não são*, apanhava um pedaço para fazer um edredão.

Tal facto mostra que os tempos do conjuntivo referidos permitem inferir a leitura contrafactual sem associar as frases a um contexto específico. No consequente das condicionais contrafactuais, ocorrem o Pretérito Imperfeito e o modo Condicional (ou o

³² Recorde-se que Neves (1999: 525) defende que “nas construções contrafactuais, a falsidade é assegurada na própria indicação morfológica dada pelo Futuro do Pretérito Composto (que é na verdade, um passado): dizer que, em dependência de uma determinada condição, X **teria/não teria feito** algo é necessariamente dizer que X **não fez /fez** algo.”

Condicional Composto e o Pretérito Mais-que-perfeito Composto – tempos tipicamente associados à contrafactualidade). Qualquer outro tempo verbal que não seja um dos tempos referidos anteriormente torna a condicional agramatical (79).

- (79) a. Se a Maria tivesse ido às aulas, não chumbava / chumbaria / teria chumbado / *chumbará.
- b. Se as nuvens fossem feitas de algodão, apanhava / apanharia / *apanho / *apanharei um pedaço para fazer um edredão.

Como já referimos ao longo deste trabalho, condicionais com Pretérito Imperfeito do Conjuntivo sobretudo combinado com tempos simples no consequente podem admitir o valor semântico hipotético, para além do contrafactual, de que as frases de (80) são exemplos.³³

- (80) a. Se tu viesses cedo, íamos jantar fora.
- b. Se o Zé estivesse em perigo de vida, eu ajudá-lo-ia. (Lobo 2013:2021)

Nestas frases, a ambiguidade associada ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo pode ser explicada pelo facto de os morfemas típicos deste tempo serem, por um lado, operadores modais que apontam para situações possíveis (Marques 2010) ou distantes do real (Hogeweg 2009) e, por outro, marcadores temporais que, dependendo do tipo de predicado com o qual são construídos, podem ter uma leitura de passado, presente ou futuro em relação a t_0 (cf. Iatridou 2000; Oliveira 2008). A discussão mais detalhada deste fenómeno é feita na secção 2.1.3.

No modo indicativo, encontramos, nas contrafactuais, o Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo empregue como forma supletiva do Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo (81).³⁴

³³ Entretanto, se, em vez de tempos simples na matriz, se usar o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto ou o Condicional Composto, obtém-se apenas a leitura contrafactual:

i. Se tu **viesses** cedo, teríamos ido jantar fora.

ii. Se o Zé **estivesse** em perigo de vida, eu tê-lo-ia ajudado.

³⁴ Apesar disso, note-se que as frases são distintas, sintaticamente: com indicativo, não é possível omitir a conjunção *se*: **Tem a Maria ido às aulas e não chumbava*. Já as frases com conjuntivo, permitem omitir o conector “se”, com inversão sujeito-verbo: *Tivesse a Maria ido às aulas e não chumbava/teria chumbado*.

(81) Se a Maria tem ido (= tivesse ido) às aulas, não chumbava.

Note-se que, em (81), só pode ocorrer um tempo composto: **Se a Maria foi/vai às aulas, não chumbava*. Além disso, o Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo, com a leitura contrafactual, implica o uso do Pretérito Imperfeito ou do Condicional no conseqüente, tal como acontece com o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo:

(82) Se a Maria tem ido às aulas, não chumbava/ chumbaria.

O uso de outros tempos verbais no conseqüente faz com que a frase de (81) se torne uma condicional ambígua (83), o que pode ter levado Lobo (2013) a aduzir que é através da relação que se estabelece entre o tempo da oração principal e o da oração condicional que se consegue interpretar a facticidade da condicional.³⁵

(83) Se a Maria tem ido às aulas, provavelmente não chumba / chumbará. (factual: *Como (visto que/uma vez que) a Maria tem ido às aulas, não chumbará*; hipotética: *Caso a Maria tenha ido às aulas, não chumbará* / *Se é que a Maria tem ido às aulas, não chumbará*.)

Para além do Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo, o Presente também pode ocorrer em condicionais contrafactuais (cf. Marques 2016):

(84) a. Se ele perde o comboio, já não conseguia sair da cidade! (Marques 2016: 613)

b. Se ele chega cinco minutos mais tarde, perdia o comboio! (Marques 2016: 626)

³⁵ Tomando como exemplos as frases abaixo, Lobo (2013) mostra que o tempo da oração principal condiciona a interpretação: em (i. a), deixa-se em aberto a hipótese de o Zé *vir a estar em perigo de vida*; em (i. b), pelo contrário, deduz-se que o Zé *não estava em perigo de vida*.

i. a. Se o Zé estivesse em perigo de vida, eu ajudá-lo-ia.

b. Se o Zé estivesse em perigo de vida, eu tê-lo-ia ajudado.

Nestes contextos, o Presente coocorre necessariamente com o Imperfeito do Indicativo ou condicional composto, com valor modal contrafactual, no consequente, tal como acontece nas contrafactuais com o conjuntivo (85).³⁶

(85) a. Se ele perde o comboio, já não conseguia sair.

b. *Se ele perde o comboio, já não *conseguiu sair/ ??consegue sair da cidade!

Para terminar, é assumido na literatura que, por outro lado, o Presente do Indicativo se emprega em contrafactuais com sentido irónico (i.e. aquelas em que a falsidade da condicional se deduz da falsidade – reconhecida pragmaticamente – da principal):

(86) a. Se o Zé é honesto, então eu sou o rei de Marrocos! (Lobo, 2013: 2021)

b. If they're Irish, I'm the Pope. ['Since I'm obviously not the Pope, they're certainly not Irish'] (Quirk *et al.* 1985: 1094)

Adicionalmente ao contrário do que é descrito na literatura, nomeadamente, que frases como as de (86) são contrafactuais porque é sabido que, obviamente, o consequente é falso (Quirk *et al.* 1995; Lobo 2013; Anjum & Schapansky (sd)), defendemos que nelas o locutor expressa não só a convicção de que o antecedente é falso mas também um comentário irónico/avaliativo (negativo e jocoso) relativamente a quem acredita que é verdadeiro. Digamos que são diferentes das outras contrafactuais (comuns), como as de (84) e as conjuntivas (78), porque há uma relativização do valor de verdade. Para que as frases de (86) sejam produzidas, é necessário que aquilo que é falso para o locutor seja tido por verdadeiro por outros. A falsidade não está, portanto, estabelecida como um facto universalmente aceite.

³⁶ Nestas contrafactuais (85), por diferenças acentuadas de registo ([in]formalidade), a coocorrência com o Condicional (na principal) é marginal (Telmo Mória c.p.).

i. ?? Se ele perde o comboio, já não conseguiria sair da cidade!

ii. ??Se ele chega cinco minutos mais tarde, perderia o comboio!

Mas há uma alternativa com tempo composto:

iii. a. Se ele perde o comboio, já não teria conseguido sair da cidade!

iv. b. Se ele chega cinco minutos mais tarde, teria perdido o comboio!

No que diz respeito à sua combinação com tempos verbais, os dados da literatura revelam que as irónicas estão sempre no Presente do Indicativo (Presente no antecedente/Presente no consequente).

(87) a. Se o Zé é honesto, então eu sou o rei de Marrocos!

b. If they're Irish, I'm the Pope.

Mas elas podem também ocorrer no Pretérito Perfeito ou Pretérito Imperfeito do Indicativo (88), bem como no Futuro Imperfeito do Conjuntivo (89):

(88) a. Se o Zé foi honesto alguma vez na vida, então eu sou o rei de Marrocos. (Móia, c.p.)

b. Se o Zé estava a ser sincero há bocado, então eu sou o rei de Marrocos. (Móia, c.p.)

(89) Se o Zé for / vier a ser honesto alguma vez na vida, então eu sou o rei de Marrocos.

(Móia, c.p.)

Pode-se ter ainda outros tempos do conjuntivo, como mostram os exemplos (90a,b), e o Imperfeito do Indicativo, como mostra o exemplo (90c), combinados com o Imperfeito do Indicativo no consequente, em estruturas com pontos de perspectiva passado (e/ou discurso indirecto livre).

(90) a. Se ele tivesse sido / viesse a ser honesto alguma vez na vida, então eu era o rei de Marrocos. (Móia, c.p.)

b. Eu disse-lhe na altura que se ele estivesse a ser sincero, então eu era o rei de Marrocos. (Móia, c.p.)

c. Eu disse-lhe na altura que se ele era honesto, então eu era o rei de Marrocos.

(Móia, c.p.)

Em síntese:

- ✓ Os tempos que fixam o valor contrafactual são o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo. O Presente do Indicativo e o Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo podem expressar a contrafactualidade em construções *marcadas*: o Presente em condicionais com sentido irónico ou não e o

Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo enquanto forma supletiva do Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo, e ambos os tempos usados com valor modal (isto é, com significado semântico de *contrário aos factos*).

- ✓ Para além do valor contrafactual, os tempos e modos verbais referidos anteriormente podem expressar outros valores semânticos, a saber, o hipotético.

2.1.2.4. Conclusões gerais da secção 2.1.2.

A interpretação semântica das condicionais é marcada pelos tempos e modos verbais que ocorrem no antecedente, mas não de forma simples. De acordo com os dados da literatura, à factualidade está associado apenas o indicativo. Às leituras hipotética e contrafactual estão associados tanto o conjuntivo como o indicativo. Em relação aos tempos verbais, depreende-se que, na generalidade, os tempos do indicativo são compatíveis com os três valores semânticos: factual, hipotético e contrafactual. Quanto aos tempos do conjuntivo, o Imperfeito e o Pretérito Mais-que-Perfeito são polissémicos, podendo ser usados com valor hipotético e com valor contrafactual. O Futuro do Conjuntivo, pelo contrário, está associado a um único valor semântico, o valor hipotético. No quadro que se segue, apresenta-se a distribuição dos tempos e modos verbais nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais no PE, de acordo com a literatura consultada:

Quadro 2.1: Distribuição do tempo/modo verbais nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais no PE (estado da arte)

Classes Semânticas/Subclasses		Tempos e modos verbais	
		<i>Antecedente (P)</i>	<i>Consequente (Q)</i>
Factuais	Correlativas de eventos/situações	Presente habitual	Presente habitual
		Imperfeito habitual	Imperfeito habitual
	Genéricas Universais	Presente genérico	Presente genérico
		Presente genérico	Futuro do Indicativo
	Episódicas	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito Perfeito do Indicativo
		Pretérito Perfeito Composto	Presente/Futuro do Indicativo
Hipotéticas		Futuro do Conjuntivo	Presente/Futuro/Imperativo
		Futuro Composto do Conjuntivo	Presente/Futuro do Indicativo
		Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito do Ind/condicional
		Pretérito M-Q-P do Conjuntivo	Imperfeito do Indicativo
		Presente do Indicativo	Presente do Indicativo
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente/Futuro do Indicativo
		Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Indicativo
		Pretérito Perfeito Composto	Presente/Futuro do Indicativo
		Futuro do Conjuntivo	Futuro do Indicativo
Contrafactuais	Comuns	Pretérito M-Q-P do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional
		Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional
		Presente do Indicativo	Imperfeito/Condicional
		Pretérito Perfeito Comp. do Ind.	Imperfeito/Condicional
	Irónicas	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo
		Pretérito Imperfeito do Indicativo	Presente do Indicativo
		Futuro do Conjuntivo	Presente do Indicativo
		Pretérito Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Indicativo
		Pretérito (Imperfeito ou M-Q-P do Conjuntivo)	Imperfeito do Indicativo

Tendo em conta os resultados apresentados no quadro 2.1, constatamos que tempos que são compatíveis com diferentes valores semânticos, designadamente o Presente do Indicativo, o Pretérito Perfeito do Indicativo e o Imperfeito do Conjuntivo, dão origem à ambiguidade semântica. A discussão da distribuição dos tempos verbais no antecedente revela que nem sempre a variação dos tempos verbais implica necessariamente valores semânticos distintos, confirmando parcialmente a hipótese de que as leituras factual, hipotética e contrafactual derivam da relação entre o *tempo-modo* verbal da frase condicional e o tempo do verbo da frase principal (Lobo 2013).

2.1.3. A ambiguidade nas condicionais com o modo indicativo e com o modo conjuntivo

Nalguns trabalhos sobre o PE, as frases de (91) são classificadas como factuais e as de (92) como hipotéticas.

- (91) a. Se o João veio, a Maria fez uma festa. (Oliveira 1991: 243)
b. Se a água atinge a temperatura de 100°C, (então) entra/ entrará em ebulição.

(Brito 2003: 706)

- (92) a. Se tu viesses cedo, íamos / iríamos jantar fora. (Brito 2003: 708)
b. Se faltasse outra vez a água, queixava-me / queixar-me-ia à EPAL. (Brito 2003: 708)

Estas frases não são apenas factuais ou apenas hipotéticas, como já foi brevemente referido. Por exemplo, a frase (91b) é ambígua entre uma leitura factual do tipo genérica ou correlativa – *Quando a água atinge a temperatura de 100°C, entra em ebulição.* – e hipotética – *Caso a água atinja a temperatura de 100°C, entrará em ebulição.* A frase (92a) é ambígua entre uma leitura hipotética – *Mais logo, se tu viesses cedo, íamos / iríamos jantar fora.* – e uma leitura contrafactual – *Aos sábados, se tu viesses cedo, **mas não vens**, íamos / iríamos jantar fora.*³⁷

A ambiguidade que anteriormente demonstrámos existir é um fenómeno que, até onde pudemos investigar, não é discutido com grande detalhe na literatura, em geral. Em Gomes (2008: 228), é apenas referido que “many conditionals in Portuguese are also ambiguous as concerns the uncertain-fact/accepted-fact distinction, as the following example:

- (93) (= (33)) Se ele foi contratado, vamos primeiro ver o trabalho dele para depois criticar.

The sentence could be used either by one who thinks that the man was hired or by one who is merely considering the hypothesis that he was.” Assim, interessa-nos discutir detalhadamente a questão da ambiguidade nas condicionais de *se*, descrevendo esse fenómeno e dando uma explicação (mesmo que provisória) sobre o mesmo.

A ambiguidade associada aos tempos do indicativo e ao Imperfeito do Conjuntivo parece decorrer sobretudo do facto de estes serem formas verbais ligadas a mais de um valor semântico (cf. quadro 2.1). Repare-se, por exemplo, que as formas do Futuro do

³⁷ A ambiguidade associada a estas frases pode ser explicada pela dicotomia *condicional genérica/condicional episódica/eventiva*, já que a leitura genérica, com tempos do indicativo, induz a interpretação factual e a leitura episódica, a leitura hipotética. Quanto ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, a leitura genérica do antecedente induz a contrafactualidade (*Se tu viesses cedo aos sábados, (coisa que nunca fazes,) íamos jantar fora.*) e a leitura episódica, a hipoteticidade (*Se tu viesses cedo mais logo, íamos jantar fora.*).

Conjuntivo, por estarem associadas a um único valor semântico, o hipotético, não induzem ambiguidade.

No que se refere particularmente aos tempos do indicativo, a possibilidade de ocorrerem com diferentes valores semânticos pode ser explicada tendo em conta (i) a indeterminação quanto à verdade do antecedente, nas condicionais (na linha de Oliveira 1991), e (ii) as suas propriedades *temporo-aspetuais*.³⁸

Em relação à indeterminação, os tempos do indicativo que na literatura são associados à descrição de situações reais ou à marcação do valor epistémico positivo (expressão de crença de alguém na verdade da proposição; Marques 1995, 2013) podem revelar-se incapazes de neutralizar o traço semântico do conector *se*, o que leva à maior ou menor indeterminação no que se refere à verdade ou à realização do evento descrito na condicional (94), mesmo quando o falante reporta uma situação que é dada como real por um outro falante, como em (94b).

(94) a. Se ele foi contratado, vamos primeiro ver o trabalho dele para depois criticar.

(Gomes 2008: 228)

b. A: O João viu-nos.

B: Se realmente o João nos viu, estamos tramados.

Quem asseire as frases de (94) revela alguma incerteza relativamente à verdade ou à realização do que é descrito na condicional, ou, na linha de Oliveira (1991), a condicional é tomada pelo falante como provisoriamente aceite, talvez para efeitos comunicativos, mas ainda é suscetível de ser revista. Talvez seja por isso que von Stechow (2011) questione a existência, em inglês, de condicionais indicativas cujo antecedente seja verdadeiro. Lopes (1989), *apud* Brito (2003), conclui que a factualidade é quase sempre aparente nas condicionais e Gomes (2008) defende que as condicionais factuais são raras. Ainda assim, nesta perspetiva da indeterminação, é possível que uma condicional seja factual, reduzindo-se a indeterminação, o que faz com que a condicional se aproxime de verdadeira, ou anulando totalmente a indeterminação, através de formas do indicativo em associação com outros fatores pragmáticos e linguísticos (ver, p.e., Oliveira 1991; Norris 2003; Bhatt &

³⁸ Note-se que, por exemplo, em Inglês, as formas gramaticais do indicativo ocorrem em condicionais com interpretação factual e hipotética, o que é uma clara evidência de que podem ser ambíguas.

Pancheva 2005). Na frase (95), inferimos que o emprego do indicativo com um valor temporal que se sobrepõe a t_0 permite a interpretação da condicional como factual: a frase é asserida num contexto em que se sabe que realmente está bom tempo. Em (96), o indicativo combinado com os predicados dessas frases aponta para situações habituais, fazendo com que a condicional exprima regularidade de eventos e, por isso, as frases são equivalentes a temporais de *quando* (conector que implica uma referência ao mundo real do que está descrito na condicional (Ferreira 1997: 295)).³⁹

(95) Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (= *Como está bom tempo, ficamos bem-dispostos*).

(96) a. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (*Quando está bom tempo, ficamos bem-dispostos*)

b. Se vejo um filme de terror, fico assustado. (= *Quando vejo um filme de terror, fico assustado*).

Assim, à exceção dos tempos do indicativo nos contextos como os de (95) e (96), os tempos do indicativo podem não estar associados apenas à asserção da factualidade, assumindo outros valores semânticos, conforme já referimos. Este fenómeno, que está na origem da ambiguidade, também pode ser explicado através das propriedades *temporo-aspetuais* dos tempos do indicativo. Está atestado na literatura que o Presente do Indicativo e Pretérito Imperfeito do Indicativo podem ser usados com um valor estritamente temporal e ainda com valores aspetuais. Eis alguns dos contextos de ocorrência do Presente e do Pretérito Imperfeito do Indicativo com valor semântico **temporal** (i) e igualmente com a dimensão **aspetual** (ii) e **modal** (iii), de acordo com Oliveira (2013: 514-524).⁴⁰

(i) O Presente é usado com valor de Presente semântico, descrevendo uma situação que se sobrepõe a t_0 , quando combinado com predicados que denotam estados (97). O Pretérito Imperfeito é usado com valor temporal de anterioridade a t_0 quando combinado

³⁹“Como *quando* introduz uma referência ao mundo real, sobrepõe-se a condicionais genéricas e habituais, isto é, que exprimem regularidade de eventos. Nas hipotéticas e nas contrafactuais não há permuta:

i. (22) Quando/Se houve seca no Alentejo, os agricultores passaram um mau bocado.

ii. (23) *Quando/Se o João tivesse estado em casa regaria as plantas.

iii. (24) Quando/?Se a Maria casar, vai vestida de branco.” (Ferreira 1997: 295)

⁴⁰ Para uma visão geral e detalhada, ver, por exemplo, Oliveira (2013) e Telmo (2016). Sobre o aspeto em Português, veja-se, por exemplo, Cunha (2013).

com predicados estativos que identificam propriedades estáveis dos indivíduos (98a) ou com predicados estativos temporários ou eventivos (98b), desde que, nos exemplos como o de (98b), seja usado com um tempo de referência a que o Imperfeito se possa ancorar (cf. *Na semana passada*).

(97) a. Ele está contente.

b. A Ana é alta.

c. A Rita tem febre.

(98) a. O João era pasteleiro.

b. Na semana passada, o filho da Ana estava doente.

Quando acompanhado de adjuntos adverbiais adequados e com predicado eventivos, o Presente morfológico pode ser utilizado para referir um tempo futuro:

(99) a. *Amanhã*, a Maria está em casa.

b. A Ana chega a Paris *dentro de duas semanas*.

(ii) Em relação à dimensão **aspetual**, nas frases complexas introduzidas por *quando* ou *sempre que*, o Presente e o Pretérito Imperfeito imprimem uma leitura *habitual*. A oração temporal assinala a repetição de eventos em correlação com as repetições habituais expressos na oração principal (100).

(100) a. Quando a Maria chega, o Rui levanta-se.

b. Quando a Maria chegava, o Rui levantava-se.

Também em frases simples, estes tempos, quando combinados com predicados eventivos, introduzem uma leitura em que se descreve uma repetição regular e habitual de situações simples (101a). Da mesma forma, com predicados associados a estados episódicos, obtém-se a mesma leitura aspetual, desde que esteja presente uma expressão adverbial de periodicidade (101c) – no caso, *sempre (que)*.

- (101) a. A Ana fuma/fumava.
b. A Joana desmaia/desmaiava *sempre que vê/via sangue*.
c. A criança está/estava *sempre* contente.

Um outro valor aspetual do Presente obtém-se quando o mesmo é usado em frases com uma interpretação *genérica*, que descrevem características típicas ou essenciais e atemporais das espécies ou de outro tipo de entidades (cf. Lopes & Santos 1993; Lopes 1995; Oliveira & Cunha 2011; Telmo 2016, e.o):

- (102) a. O narciso é uma flor.
b. Os tigres são animais ferozes.

(iii) Com valor **modal**, o Pretérito Imperfeito pode ser usado sem qualquer referência ao passado, para expressar uma situação localizada num futuro iminente (103a) ou claramente no futuro (103b,c), e ainda para expressar que a situação corresponde a uma mera expectativa do falante, conforme o exemplo (103d).

- (103) a. Agora, bebíamos um cafezinho, não?
b. Se chegarmos a horas ao Porto, ainda íamos a tua casa.
c. Amanhã, passava pelo seu gabinete.
d. Tanto quanto sei, a A Ana ia para Macau?

Outros usos modais do Pretérito Imperfeito manifestam-se em enunciados diretivos com efeito atenuador – o seu uso introduz um efeito pragmático de delicadeza, como em (104a) –, ou em que este tempo verbal é usado, na oração consequente, com valor epistémico (de possibilidade) em vez do condicional (104b), e, a par deste modo, com valor contrafactual em construções textuais paratáticas (104c).

- (104) a. Queria um sumo de laranja (, por favor).
b. Se a Maria tivesse lido o jornal, já sabia/saberia as notícias.

- c. Ele bebeu durante toda a noite. Mais um copo e ultrapassava/ultrapassaria os limites de álcool no sangue. (cf. ...*Se tivesse bebido mais um copo, ultrapassava os limites de álcool no sangue.*)

Deste modo, tendo em conta estas propriedades, *temporal*, *aspetual* e *modal*, podemos inferir que propiciam a ambiguidade semântica, nas condicionais, o Presente e o Imperfeito quando usados com valor estritamente *temporal* (105).⁴¹

- (105) a. Se a Maria já está em casa, é porque saiu mais cedo do trabalho. (**Factual:** *Como a Maria está em casa, é porque saiu mais cedo do trabalho.* **Hipotética:** *Caso a Maria esteja em casa, é porque saiu mais cedo do trabalho.*)
- b. Se eles vêm aqui, já sabe qual pode ser o castigo. *par=ext1207943-pol-93a-1* (**factual:** *Se, como diz, eles vêm aqui, já sabe qual pode ser o castigo/hipotético: Caso eles venham, já sabe qual pode ser o castigo.*).
- c. Se o João estava na festa, a Maria também estava. (**Hipotético:** *Não sei se o João estava na festa, mas, se realmente estava, então a Maria também estava/Factual:* *Se, como dizes, o João estava na festa, a Maria também estava*).

O Presente e o Pretérito Imperfeito em contextos de uso aspetual *genérico* (106) e *de habitualidade* (107), em ambas as orações, pelo contrário, induzem a leitura factual, nas condicionais de *se*, o que contribui para anular a indeterminação ou a possibilidade de a condicional admitir o valor hipotético.

- (106) Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (Brito 2003: 706)
- (**Factual:** *Já que /Como o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal.* / **Hipotético:** **?Caso o narciso seja uma flor, então pertence ao reino vegetal.*)

⁴¹ Por falta de dados da literatura para ilustrar algumas situações de ambiguidade nas condicionais, alguns exemplos do *CETEMPúblico* e do *CRPC*, que são objeto de análise no ponto 2 deste capítulo, são já convocados. Na verdade, a explicação que se dará em relação à ambiguidade dos tempos do indicativo e conjuntivo nesta secção é também válida para os dados de *corpora* do PE.

- (107) a. Se vejo um filme de terror, fico assustado. (**Factual:** *Quando vejo um filme de terror, fico assustado* / **Hipotético:** *?Caso veja um filme de terror, fico assustado.*)
- b. Se o Rui estava doente, a mãe telefonava-lhe todos dias. (Lobo 2013: 2021)
- (**Factual:** *Quando o Rui estava doente, a mãe telefona-lhe todos os dias.* / **Hipotética:** *#Caso o Rui estivesse doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.*)

Nestes exemplos, conforme vimos na subsecção 2.1.2.1, também ocorre, no consequente, ou um Presente ou um Imperfeito aspetual. Veja-se, por exemplo, que uma forma verbal com valor não aspetual, mas sim modal (ou estritamente temporal) (cf. *Se vejo filmes de terror, ficarei assustado.*), implicará considerar a frase hipotética. O Futuro do Indicativo que ocorre no consequente leva a que o Presente do Indicativo sofra *mudança dística*, passando a ter uma referência temporal futura.

O Pretérito Perfeito, nas condicionais, veicula informação essencialmente temporal (e não genérica, ver Oliveira 1991): apresenta situações como estando localizadas temporalmente no passado em relação a t_0 (estando, portanto, terminadas; cf. Oliveira 2013). Este cenário faz com que condicionais com Pretérito Perfeito dificilmente induzam uma leitura factual, sem que esta seja legitimada contextualmente. Compare-se a frase (108a), que é ambígua, com a frase (108b), que não é ambígua porque implica um contexto em que o interlocutor respondeu que não tinha sido ele.

- (108) a. Se o João **veio**, a Maria fez uma festa. (Oliveira 2001: 243) (**Factual:** *Se (como dizes) o João veio, a Maria fez uma festa.* / **Hipotético:** *Não sei se o João veio, mas se realmente veio (= tiver vindo), então a Maria fez uma festa.*)
- b. «Ah, mas, se não **foste** tu, foi o teu pai! *par=ext571979-soc-96a-2* (**Factual:** *Se, como dizes, não foste tu, foi o teu pai. (ou Como não foste tu, foi o teu pai)/* **Hipotético:** A: Não fui eu. B: ?? *Caso não tenhas sido tu, então foi o teu pai.*)

Assim, podemos concluir que induzem ambiguidade semântica, nas condicionais de se não ancoradas num contexto discursivo, os tempos do indicativo se usados com valor estritamente temporal.

O Pretérito Imperfeito do Conjuntivo também está ligado a mais de um valor semântico. A leitura não ambígua obtém-se geralmente nos contextos em que o que é descrito no antecedente é falso, de acordo com o nosso conhecimento do mundo (109a) ou por estar associado a um contexto particular (cf. *Obviamente que não vai acontecer*, no exemplo (109b)).

(109) a. Morríamos de calor, se houvesse, na verdade, quatro sóis. (CRPC)

b. Obviamente que não vai acontecer – mas, se acontecesse, saibam que morro feliz fazendo aquilo de que mais gosto no mundo: viajar em países que nunca viram um turista antes de mim. (CRPC)

Condicionais ambíguas com Pretérito Imperfeito do Conjuntivo são frases como as de (110). Estas condicionais são problemáticas quanto à interpretação contrafactual vs hipotética e, na literatura, não há consenso sobre como as designar (Hogeweg 2009).

(110) a. Se as eleições fossem hoje, o PS vencia. (CRPC)

b. Se saísse um decreto a acabar com o teatro, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas. *par=ext1230658-pol-95b-1*

c. Se tu viesses cedo, iríamos/iríamos jantar fora.

Nestas frases, a diversidade de interpretações pode estar relacionada com o facto de as formas do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo serem analisadas, por um lado, como operadores modais que apontam para situações possíveis (Marques 2010) ou distantes do real (Hogeweg 2009; Marques 2016) e, por outro, como marcadores temporais que, dependendo do tipo de predicado com o qual são construídas, podem ter uma leitura de passado, presente ou futuro (veja-se, por exemplo, Oliveira 2008). Tendo em conta o significado modal, observa-se que o que é descrito no antecedente de (110) aponta para situações possíveis, que podem ser mais distantes do mundo real (? *Se as eleições fossem hoje, como espero que aconteça, o PS vencia.*) ou menos distantes do mundo real (*Se saísse um decreto a acabar com o teatro, como espero que aconteça, no dia seguinte as salas*

estavam todas esgotadas.).⁴² Por outro lado, as formas do Imperfeito do Conjuntivo apontam para situações que, em t_0 , são contrafactuais: *Se as eleições fossem hoje, mas não são, o PS vencia.*; *Se saísse um decreto a acabar com o teatro, mas não saiu, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas.* Tendo em conta a informação temporal, é defendido (cf. Iatridou 2000; Oliveira 2013) que o Pretérito Imperfeito, com valor de passado ou presente, sobretudo nos contextos construídos com predicados estativos, favorece a leitura contrafactual (111a) e, com a referência temporal de futuro nos contextos adequados, p.e., com eventos, favorece a interpretação hipotética (101b).

(111) a. Se os estaleiros estivessem vedados, nada disto acontecia. (CRPC)

b. Se saísse um decreto a acabar com o teatro, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas. *par=ext1230658-pol-95b-1*

Ainda assim, nas frases em que o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo veicula leitura de passado, é possível uma interpretação hipotética, imaginando-se um contexto, no caso de (111a): [*Não sei se os estaleiros estavam vedados;*] *se realmente estivessem, nada disto acontecia.* Nas frases em que o Pretérito Imperfeito pode veicular a leitura de futuro, é também possível a interpretação contrafactual: *Se houvesse ali um incêndio, mas não há, não se conseguia lá chegar / Se saísse um decreto a acabar com o teatro, mas não saiu, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas.*

Em condicionais fora de contexto, o Pretérito Imperfeito pode não ser ambíguo quando o que é descrito no antecedente não aponta para uma situação possível no mundo real (ou seja, está associado à leitura contrafactual):

⁴² Contudo, de acordo com um revisor anónimo do artigo de Justino (2016), a leitura hipotética não é possível nestas frases. Ele defende que, em ambos os casos, o locutor parece, em qualquer contexto credível, estar a pressupor a falsidade do antecedente (não se está a admitir que, no mundo real, as eleições sejam hoje, nem que sairá um decreto a acabar com o teatro). Nós assumimos que a contrafactual é a leitura mais acessível, por defeito. A hipotética (também possível nas frases em causa) é marcada, porque a sua admissibilidade vai depender de se imaginar um contexto ((i) e (ii)) ou de se considerar mundos alternativos ao real, numa semântica dos mundos possíveis.

- i. Não se sabe quando é que serão as eleições, mas, *se fossem amanhã*, o PS vencia. (\approx ..., mas se forem amanhã, o PS vence.)
- ii. Não acredito que tal venha a acontecer, mas, se esse decreto saísse a acabar com o teatro, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas. (\approx ... mas se esse decreto sair a acabar com o teatro, no dia seguinte as salas estarão todas esgotadas.)

- (112) a. #Morríamos de calor, se houvesse, na verdade, quatro sóis, e pode vir a haver/ talvez venha mesmo a haver.
- b. #Se Edward Newson fosse japonês, e pode vir a ser/ talvez venha a ser, seria considerado um Tesouro Vivo Nacional.

Ou o antecedente tem um valor habitual e/ou estativo:

- (113) a. Se tu fosses pontual, não tínhamos perdido o comboio. (Móia, c.p.)
[“se fosse teu hábito ser pontual”, “se tivesses a característica da pontualidade”]
- b. Se tu chegasses a horas, não tínhamos perdido o comboio. (Móia, c.p.)
[“se fosse teu hábito chegar a horas”, “se tivesses a característica de chegar a horas habitualmente”]

Admite-se facilmente, para além da leitura contrafactual, a leitura hipotética em condicionais em que, a partir do que é descrito, se pode inferir uma situação possível no mundo real (114a) ou num mundo alternativo ao real (114b), independentemente de se combinar com predicados estativos ou eventivos.

- (114) a. Se a família não pagasse, e não pagou/ e pode ter pago ou não, matariam ambos.
- b. Se/caso as eleições fossem *hoje* / *amanhã*, o PS vencia.

Nestes contextos, pode persistir apenas a leitura contrafactual se, em vez de tempos simples, se usar o Pretérito Mais-que-Perfeito ou o Condicional Composto (tipicamente associados à contrafactualidade).

- (115) a. Se a família não pagasse, tinha matado ambos.
- b. Se as eleições fossem *hoje*, o PS teria vencido.

Em certas condicionais em que o antecedente descreve uma situação eventiva (116), a leitura preferencial é hipotética (116b). Repare-se que, ao contrário de (115), em (116b), a

partir de (116a), a combinação de Pretérito Imperfeito e Condicional Composto ou Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (tipicamente associados à contrafactualidade) é estranha.

(116) a. *Se tu viesses cedo, íamos/iríamos jantar fora.*

b. *?/??Se tu viesses cedo, teríamos/tínhamos ido jantar fora.*

Por outro lado, (116) pode facilmente ser interpretada como hipotética por razões pragmáticas, que legitimam o uso de uma condicional como uma espécie de ato de fala diretivo indireto, como já referido.

Em suma, a ambiguidade associada ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo é congruente com o tratamento deste tempo verbal como um operador modal, que aponta para situações falsas ou possíveis, e um marcador temporal, que veicula diferentes valores temporais. Em contextos adequados, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo favorece ora uma leitura hipotética ora uma leitura contrafactual.

2.2. Condicionais do PE nos *corpora* CRPC e CETEMPúblico

Nesta secção, são nossos objetivos (i) explorar a relação que existe entre os tempos e modos verbais e os valores semânticos (factual, hipotético e contrafactual) nas condicionais do PE nos *corpora* CRPC e CETEMPúblico e (ii) atestar o uso efetivo das condicionais com as leituras propostas na literatura e apresentadas na secção anterior (2.1.2).

2.2.1. Condicionais com valor factual

Definimos condicionais factuais como sendo, por um lado, aquelas em que a situação descrita no antecedente é tida como verdadeira em t_0 , como mostram o exemplos (117) e (118) e, por outro, aquelas em que o que é um facto é o conteúdo da frase total (antecedente + consequente), sendo a condicional equivalente a uma temporal (119).

(117) *Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (Já que/Como o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal.)*

- (118) Se ele vai à China no próximo ano, então devíamos publicar o seu livro agora. (= *Já que ele vai à China no próximo ano, então devíamos publicar o seu livro agora.*)
- (119) Se o Luís estava doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias. (= *Quando o Luís estava doente, a mãe telefona-lhe todos os dias.*)

Nos *corpora*, atestamos a ocorrência de condicionais indicativas com interpretação factual, como as que se apresentaram anteriormente, sendo os tempos selecionados o Presente (120a), o Pretérito Imperfeito (120b), o Pretérito Perfeito simples (120c) ou composto (120d), o Pretérito Mais-que-Perfeito (120e) e o Futuro (120f).

- (120) a. Se se **vem** de Bombaim, como eu venho, está-se sempre rodeado de gente de Goa, indianos cristãos, indianos judeus. (CRPC)
- b. Se alguém **achava** mal alguma coisa, dizia logo. *par=ext696110-clt-95a-2*
- c. Se vocês os **expulsaram**, porque querem que nós vivamos com eles?
par=ext282940-pol-95b-2
- d. Importa combater os «centrolistas», que insistem em diluir as regiões administrativas como «governo regional» (...), considerando que, se Portugal **tem vivido** com o modelo actual, sobreviverá no futuro! *par=ext746782-opi-98a-1*
- e. Mas o interessado reclama logo de seguida já que, se o executivo municipal **aprovara** a construção do muro, deveria também aceitar o portão que nele se integrava. *par=ext1010126-soc-98a-2*
- f. Se o orçamento de «manutenção» das iniciativas **ultrapassará** facilmente os nove milhões de contos, o investido para tornar possíveis as comemorações será bem superior, tendo o ministro da Cultura apontado um montante próximo dos 20 milhões. *par=ext1114919-nd-92a-1*

Também constatamos a ocorrência de condicionais de conjuntivo com a interpretação factual, que, até onde investigámos, não são mencionadas na literatura sobre o PE:⁴³

⁴³ Em frases como as de (121), há uma implicação temporal-aspetual que permite que *se* comute com *quando* ou *sempre que*, conduzindo, assim, a uma afirmação factual, o que não acontece quando a condicional é hipotética ou contrafactual (cf. Ferreira 1997 e a nota 40 deste capítulo).

i. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). *Quando eu fizesse barulho no meu quarto, toda a gente sabia. Muita calma, até demais...*

- (121) a. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). Se eu **fizesse** barulho no meu quarto, toda a gente sabia. Muita calma, até demais...*par=ext500249-des-96b*
- b. No final de 1997 era chique organizar uma festa perto de San José e depois enfiar os convidados numa carrinha e levá-los a passear no Mae. Se se **pusesse** isso no convite as pessoas que compareciam à festa duplicavam. (CRPC)

2.2.1.1. *Presente do Indicativo*

Nos dados recolhidos, o Presente do Indicativo veicula um valor aspetual genérico.

- (122) Se em ciência dois mais dois **são** quatro, então quatro é divisível por dois. (CRPC)

A situação descrita no antecedente de (122) é real em todos os intervalos de tempo: dois mais dois são sempre quatro.

Dado que a forma verbal usada nesta frase possui um valor aspetual genérico, atemporal (ou seja, é um *presente genérico*, na tradição gramatical; cf. Cunha & Cintra 1984), não pode ser modificada por advérbios de referência temporal futura (123) nem o seu conteúdo pode ter uma interpretação não factual (124). Esta condicional é, portanto, factual do tipo genérico universal (Justino 2011).

- (123) *Se em ciência dois mais dois são quatro amanhã, quatro é divisível por dois.

- (124) ?Caso em ciência dois mais dois sejam quatro, quatro é divisível por dois. (*Ou se, por a caso, em ciência dois mais dois são quatro, quatro é divisível por dois.)

O Presente do Indicativo é também usado em frases condicionais que exprimem eventos regulares ou repetidos, designadamente em factuais correlativas de eventos (i.e. as designadas por Justino 2011 como genéricas habituais):

-
- ii. No final de 1997 era chique organizar uma festa perto de San José e depois enfiar os convidados numa carrinha e levá-los a passear no Mae. *Quando/ Sempre que se pusesse isso no convite, as pessoas que compareciam à festa duplicavam.*

O Pretérito Imperfeito do Conjuntivo em frases como estas é atestado nos dados de *corpora*, como se verifica nos seguintes exemplos:

- i. Leva imenso tempo a tratar de tudo e só tirava a carta *quando fizesse os vinte e um*. (CRPC)
- ii. Sempre que Carmem Abreu decidia denunciar o seu marido por este espancá-la *quando estivesse embriagado*, André Abre ameaçava-a de separação definitiva. (CRPC).

(125) a. Todo o jogo é feito de contrastes: se uma cena **é** brilhante, a seguinte é péssima. *par=ext999020-clt-soc-95a-2*

b. Nos Estados Unidos é assim: se um canal **consegue** uma história exclusiva, os seus concorrentes directos apressam-se a acusá-lo de a ter comprado ou fabricado. *par=ext794237-clt-97b-4*

Estas frases são equivalentes a temporais introduzidas por *quando ou sempre que* (126), e o Presente do Indicativo é usado com o valor aspetual de habitualidade.

(126) a. Todo o jogo é feito de contrastes: *quando uma cena é brilhante*, a seguinte é péssima.

b. *Nos Estados Unidos é assim: quando um canal consegue uma história exclusiva*, os seus concorrentes directos apressam-se a acusá-lo de a ter comprado ou fabricado.

Como observado, entre outros, por Oliveira (2013) e também nas secções anteriores deste capítulo (em 2.1.2 e 2.1.3), enquanto condicionais com interpretação factual comutáveis por *quando ou sempre que* é obrigatória a ocorrência do Presente do Indicativo também no consequente.

(127) a. Todo o jogo é feito de contrastes: se uma cena é brilhante, a seguinte é péssima.

b. Nos Estados Unidos é assim: se um canal consegue uma história exclusiva, os seus concorrentes directos apressam-se a acusá-lo de a ter comprado ou fabricado.

Sintaticamente, este *consecutio temporum* afigura-se relevante para a fixação do valor factual do tipo genérico. Pelo contrário, não se obteria essa interpretação se, por exemplo, se optasse explicitamente por uma discordância temporal, conforme ilustrado em (128).

(128) a. Todo o jogo é feito de contrastes: se uma cena é_{Presente} brilhante, a seguinte será_{Futuro} péssima.

- b. Nos Estados Unidos é assim: se um canal consegue_{Presente} uma história exclusiva, os seus concorrentes directos apressar-se-ão_{Futuro} a acusá-lo de a ter comprado ou fabricado.

As frases de (128) passam a admitir também a leitura hipotética/episódica: *Todo o jogo é feito de contrastes: caso uma cena seja brilhante, a seguinte será péssima.* / *Nos Estados Unidos é assim: se um canal consegue (= conseguir) uma história exclusiva, os seus concorrentes directos apressar-se-ão a acusá-lo de a ter comprado ou fabricado.* O Futuro do Indicativo, que ocorre no consequente, faz com que o Presente do antecedente, já com valor temporal e não aspetual, sofra a mudança de tempo, isto é, a mudança dítica, passando a ter uma referência temporal futura.

Nas condicionais não genéricas (ou seja, com leitura particular/episódica), a leitura factual com Presente do Indicativo é legitimada contextualmente. Nos exemplos abaixo, há formas linguísticas que apontam para que o conteúdo do antecedente seja tomado como um facto certo. Na frase (129a), é a expressão *conforme cremos*; na frase (129b), a frase *e a maioria não está a participar* e na frase (129c), a expressão *(ser) já um facto*.

- (129) a. Se o homem **é**, conforme cremos, um ser de liberdade, nada é irreversível, nem sequer o tempo e a morte. *par=ext769830-nd-92a-1:R.*
- b. Se a maioria não **participa** – e a maioria não está a participar – acabamos por ter um sistema que não representa a América. *par=ext7636-pol-96a-1*
- c. Se, nos Estados Unidos, a liberalização do espaço aéreo **é** já um facto, na Europa, o próximo ano conhecerá idêntico fenómeno. *par=ext331436-eco-92b-1*

O exemplo (129a) tem uma interpretação factual – *o homem é um ser de liberdade* – assim como (129b) – *a maioria não participa* – e (129c) – *nos Estados Unidos, a liberalização do espaço aéreo é já um facto*. Assim, é possível demonstrar o conteúdo factual destas frases através das frases de (130), com operadores factivos:

- (130) a. Dado que/ Visto que o homem é, conforme cremos, um ser de liberdade, nada é irreversível, nem sequer o tempo e a morte.
- b. Já que/ Visto que a maioria não participa – e a maioria não está a participar – acabamos por ter um sistema que não representa a América.

Dado o carácter relevante do contexto que legitima a factualidade, as frases não são compatíveis com paráfrases que indiquem que o conteúdo pode ser incerto (hipotético):

- (131) a. ?Caso o homem seja, conforme cremos, um ser de liberdade, nada é irreversível, nem sequer o tempo e a morte.
- b. ?Caso a maioria não participe – e a maioria não está a participar – acabamos por ter um sistema que não representa a América.

Porém, sem o contexto, é possível não só uma interpretação hipotética (132), que não ocorre em (131), mas também factual (133):

- (132) a. *Caso o homem seja um ser de liberdade*, nada é irreversível nem sequer o tempo e a morte.
- b. *Caso a maioria não participe*, acabamos por ter um sistema que não representa a América.
- (133) a. *Já que o homem é um ser de liberdade*, nada é irreversível, nem sequer o tempo e a morte.
- b. *Já que a maioria não participa*, acabamos por ter um sistema que não representa a América.

O fenómeno de ambiguidade ilustrado pelas frases de (132) e (133) evidencia que o Presente do Indicativo, nas condicionais em apreço, tem um valor semântico de Presente, localizando temporalmente as situações descritas como sendo coincidentes com o tempo da enunciação (cf. *o homem é, conforme cremos, um ser de liberdade* (129a); *a maioria não **participa***, e *a maioria não está a participar* (129b) ou *nos Estados Unidos, a liberalização do espaço aéreo é já um facto* (129c)).

Na verdade, os dados de *corpora* corroboram a hipótese de que o Presente do Indicativo, nas condicionais não necessariamente genéricas, bem como nas condicionais fora de contexto, é ambíguo sobretudo entre um valor factual e um valor hipotético. Observemos as frases que se seguem:

- (134) a. Se os **encontro**, tenho o programa resolvido. *par=ext529542-clt-91b-1*
b. Se não **há** qualquer objecção à aprovação do orçamento, assim se fará. (CRPC)
c. Se se **confirma** esta tendência, vencemos as eleições. *par=ext407798-pol-96a-1*

Em (134a), a leitura factual obtém-se se considerarmos que a frase total exprime eventos regulares, sendo, por isso, equivalente a uma temporal de *quando*, caso em que o Presente do Indicativo é interpretado com valor aspetual de habitualidade (135a). Nas frases (134b,c), a factualidade obtém-se considerando que o que é descrito é dado como um facto que se verifica em t_0 (o Presente do Indicativo é usado com valor temporal) e, por isso, essas condicionais admitem paráfrases com *já que* ou *como* (135b,c).

- (135) a. *Sempre que/ quando* os encontro, tenho o problema resolvido.
b. *Já que não há qualquer objecção à aprovação do orçamento*, assim se fará.
c. *Como se confirma esta tendência*, vencemos as eleições.

Já a interpretação hipotética obtém-se se as frases tiverem sido asseridas num contexto em que o que é descrito pode vir a verificar-se num momento posterior a t_0 , possibilidade que decorre do uso do Presente com valor temporal.

- (136) a. Caso os encontre amanhã, tenho o problema resolvido.
b. Caso não haja qualquer objecção à aprovação do orçamento, assim se fará.
c. Caso se confirme esta tendência, vencemos as eleições.

Para finalizar a descrição das condicionais factuais de Presente do Indicativo, observemos as frases de (137), que ocorrem descontextualizadas nos dados obtidos pela pesquisa em *corpora*:

- (137) a. Se o senhor **é** soviético, como é que pode avaliar europeus? (CRPC)
- b. Se nem o Estado **cumpre** a lei, como se pode exigir o seu cumprimento aos cidadãos e às empresas? *par=ext644709-opi-96a-2*
- c. Se não **têm** medo, não percebo a vossa postura! (CRPC)

O antecedente destas condicionais é factual. As frases são asseridas num contexto em que o falante sabe que *o interlocutor é soviético*, que *o Estado não cumpre a lei* e que *eles não têm medo* porque lhe disseram que não tinham medo. O que leva a que o antecedente seja interpretado como factual é o consequente, que ocorre sob a forma de uma interrogativa retórica ou de uma asserção exclamativa, enfatizando que, na perspetiva do enunciador, o consequente é contraditório com a expectativa criada pelo facto expresso pelo antecedente. Isto é: não se espera de um soviético que avalie os europeus, não se espera de um Estado que não cumpre a lei que exija o seu cumprimento aos seus cidadãos e empresas, não se espera de quem não tem medo (ou diz não ter medo) que tenha uma certa postura. As implicações envolvidas são, portanto: ... não deveria avaliar europeus, ... não deveria exigir..., não deveria ter essa postura.

Em síntese, os dados dos *corpora* pesquisados mostram que à interpretação factual está associado o Presente do Indicativo, que veicula um valor aspetual genérico ou habitual. Nos contextos em que o Presente é usado com valor estritamente temporal (indicando sobreposição ou posterioridade a t_0), a factualidade é legitimada contextualmente.

Além disso, o Presente do Indicativo é usado em condicionais que interpretamos como factuais pelo facto de o consequente ocorrer sob a forma de uma interrogativa retórica ou de uma asserção exclamativa, enfatizando que o que é nele descrito é contraditório com o facto expresso no antecedente (que é dado/sabido como um facto) (cf. *Se o senhor é soviético, como é que pode avaliar europeus?*).

2.2.1.2. Pretérito Imperfeito do Indicativo

As frases que se seguem, com Pretérito Imperfeito do Indicativo, têm também uma interpretação factual:

- (138) a. Se alguém **achava** mal alguma coisa, dizia logo. *par=ext696110-clt-95a-2*
b. Era um bom aluno, nas aulas participava, se alguém **precisava** de ajuda os professores mandavam-me ajudar. *par=ext1308729-soc-91b-1*

Destas frases, depreende-se que *alguém achava mal alguma coisa* (138a) e que *alguém precisava de ajuda* (138b). O Imperfeito do Indicativo, nestas frases, tem um valor aspetual de habitualidade, atribuindo, assim, uma leitura genérica às frases, conforme ilustrado em (139).

- (139) a. *Quando / Sempre que alguém achava mal alguma coisa*, dizia logo.
b. Era um bom aluno, nas aulas participava, *sempre que / quando alguém precisava de ajuda* os professores mandavam-me ajudar.

Também tem valor aspetual habitual o Pretérito Imperfeito do Indicativo que ocorre no conseqüente (ver também Oliveira 2013):

- (140) a. *Se/ **Sempre que** alguém achava mal alguma coisa, dizia sempre logo.*
b. Era um bom aluno, nas aulas participava, *se/ **quando** alguém precisava de ajuda os professores mandavam-me sempre ajudar.*

Assim, concluímos que ambas as orações são factuais e que a factualidade é induzida por este valor aspetual. Dito de outra forma, as frases em discussão são correlativas de eventos/situações passadas. Nesse sentido, podem alternar com o conjuntivo (Imperfeito), mantendo-se o Pretérito Imperfeito na oração principal (141), e podem ser parafraseadas com recurso a *caso* (142).⁴⁴

⁴⁴ Em (142), não há restrição de episodicidade, daí ser possível uma paráfrase com recurso a *caso* não episódico:

- i. *Se/ **Caso** alguém achasse mal alguma coisa (esse dia), dizia logo.*
- ii. *Era um bom aluno, nas aulas participava, se/**caso** alguém precisasse de ajuda (nesse dia) os professores mandavam-me ajudar.*

- (141) a. Se/ **Quando** alguém achava /achasse mal alguma coisa, dizia logo.
 b. Era um bom aluno, nas aulas participava, se/ **quando** alguém precisava/
precisasse de ajuda os professores mandavam-me ajudar.
- (142) a. Se/ **Caso** alguém achasse mal alguma coisa, dizia logo.
 b. Era um bom aluno, nas aulas participava, se/**caso** alguém precisasse de ajuda os
 professores mandavam-me ajudar.

Nas frases episódicas (não genéricas/correlativas de eventos), o Pretérito Imperfeito tem valor semântico de passado. Nessas frases, a leitura factual é legitimada por um contexto particular. Vejam-se os exemplos em (143):

- (143) a. Marcelo Rebelo de Sousa, se **estava** no Coliseu, segundo se disse, terá gostado de ouvir. (CRPC)
 b. A aluna explicava que, se se **tratava** do exame «definitivo», esperava-se que fosse mais fácil. *par=ext131742-soc-97b-1*

Da frase (143a), depreende-se que *Marcelo Rebelo de Sousa esteve no Coliseu*, porque há indicação de que o antecedente é tido como verdadeiro, através do uso do frase parentética *segundo se disse*. A frase (143b) é factual – *tratava-se de um exame* – porque o sujeito enunciador reporta uma explicação que foi dada como real (cf. *A aluna explicava que, já que/como se tratava de exame definitivo, esperava-se que fosse mais fácil*). Sem o contexto que legitima a factualidade da frase, sobretudo na frase (143a), deixa de estar disponível apenas a interpretação factual, admitindo-se também a leitura hipotética: *Marcelo Rebelo de Sousa, caso tenha estado no Coliseu, terá gostado de ouvir*.

Quando a factualidade não é legitimada contextualmente, condicionais com Pretérito Imperfeito do Indicativo com valor temporal são ambíguas (144a) ou admitem uma interpretação distinta da factual (144b).

(144) a. Se não **tinha** dinheiro em casa, que lhe passasse um cheque ao portador.

par=ext806046-soc-96b-1

b. No entanto, enviámos uma mensagem com prioridade para Camberra no dia 13 de outubro, indicando que, *se **havia** alguns australianos em Balibó*, deveriam ser avisados imediatamente dos riscos que corriam. (CRPC)

A frase (144a) é ambígua entre uma interpretação factual (*Se, como dizes, não tinha dinheiro em casa, que lhe passasse um cheque ao portador / Já que não tinha dinheiro em casa, que passasse um cheque ao portador.*) e uma interpretação hipotética (*Caso não tivesse dinheiro em casa, que lhe passasse um cheque ao portador*). A frase (144b) é hipotética: *No entanto, enviámos uma mensagem com prioridade para Camberra no dia 13 de outubro, indicando que, se / caso **houvesse** alguns australianos em Balibó, deveriam ser avisados imediatamente dos riscos que corriam.*

Em suma, o Pretérito Imperfeito é usado em condicionais factuais que são equivalentes a construções temporais de *quando* ou *sempre que*, isto é, nas factuais decorrentes da correlação de eventos/situações passadas. Nestas construções, o Pretérito Imperfeito tem um valor aspectual, para além de temporal, neste caso, de anterioridade a t_0 . Quando usado com valor estritamente temporal de passado, em condicionais episódicas, a leitura factual é legitimada por um contexto pragmático.

2.2.1.3. Pretérito Perfeito (simples ou composto) do Indicativo

Com Pretérito Perfeito, as condicionais com interpretação factual são frases como as que se seguem:

(145) a. O Sr. Ministro da Administração Interna: – Sr. Deputado, já saiu outro!

O Orador: – Se **saiu** outro, tanto melhor. (CRPC)

b. Ainda de acordo com este elemento da PJ, "não tem havido um reforço no corpo de investigação" e, se **tem havido** algum reforço, é só nos serviços administrativos, já que, diz, desde que Leitão dos Reis chegou à Guarda já foram requisitadas quatro funcionárias administrativas. (CRPC)

A frase (145a) é factual, já que o falante retoma uma asserção que já lhe tinha sido apresentada como um facto. Em relação à frase (145b), é factual dado que se justifica *ter havido algum reforço nos serviços administrativos* pelo facto de se dizer que foram requisitadas quatro funcionárias administrativas.⁴⁵

Além de condicionais cuja factualidade é legitimada contextualmente (145), ocorrem nos *corpora* pesquisados condicionais com leitura factual acessível porque se pode inferir o possível contexto de asserção. A frase (146a) é asserida numa situação em que o locutor sabe que as pessoas de quem se fala foram realmente expulsas. Quanto à frase (146b), implica um contexto em que o interlocutor respondeu que não tinha sido ele.

(146) a. Se vocês os **expulsaram**, porque querem que nós vivamos com eles?

par=ext282940-pol-95b-2

b. «Ah, mas, se não **foste** tu, foi o teu pai! *par=ext571979-soc-96a-2*

Quando não está implícito um determinado contexto situacional, os dados confirmam que o Pretérito Perfeito simples induz ambiguidade (147).

(147) a. Se **foram** utilizados em despesas confidenciais, têm de pagar imposto.

par=ext282940-pol-95b-1

b. Se Óscar **traiu** Tomás, foi para o tentar salvar. *par=ext1198457-clt-92a-1*

c. Se ainda não **acabou** as suas férias, não as acabe! *par=ext1177404-pol-93b:2*

Em (147), a leitura factual está dependente de se inferir que o antecedente foi dado como um facto certo: *Se, como dizes, foram utilizados em despesas confidenciais, têm de pagar imposto. / Dado que Óscar traiu Tomás, foi para o tentar salvar.* A leitura hipotética decorre da expressão de uma atitude de incerteza da parte do locutor em relação à verdade do que está descrito no antecedente: *Caso tenham sido utilizados em despesas confidenciais, têm de pagar impostos. / Caso Óscar tenha traído Tomás, foi para o tentar salvar.*

⁴⁵ Repare-se que, nas frases factuais como as de (145), repetidas em (i), quando se elimina o contexto, admite-se também a leitura hipotética:

i. a) [A: O Sr. Ministro da Administração Interna: — Sr. Deputado, já saiu outro!]

B: O Orador: - Se **saiu** outro, tanto melhor. (**Hipotética**: O Orador: - *Caso tenha saído, tanto melhor.*

Relativamente ao Pretérito Perfeito Composto, fora de contexto, observa-se que é factual quando usado com valor temporo-aspetual básico, de continuidade temporal (cf. Justino 2016), como no exemplo que se segue:

- (148) Se (= *Já que*) Portugal **tem vivido** com o modelo actual, sobreviverá (*sempre*) no futuro. *par=ext746782-opi-98a-1*

Enquanto factual, o Pretérito Perfeito Composto correlaciona-se com o Futuro (148) ou com o Presente do Indicativo (ver a frase (145b)) no consequente. Já se se correlacionar com o Pretérito Imperfeito ou com o Condicional, como em (149), a leitura que se obtém é contrafactual e, nestes contextos, pressupõe que a proposição contraditória expressa no antecedente descreve uma situação completamente realizada (perfetiva) e que é anterior a t_0 , e não o valor temporo-aspetual básico (Justino 2016).

- (149) Se **tem marcado** esse golo, o FC Porto ganhava / ganharia.

Em conclusão, o Pretérito Perfeito simples, por ser usado com valor estritamente temporal é sempre ambíguo. A leitura factual terá de ser legitimada contextualmente, incluindo alguma indicação de que o antecedente é assumido como verdadeiro.

O Pretérito Perfeito Composto induz a leitura factual quando usado com o valor exclusivamente temporal de duração de uma situação iniciada no passado que abrange o momento de enunciação e pode continuar para além do mesmo, ou seja, com os valores aspetuais de continuidade temporal e de iteração.

2.2.1.4. Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo

A frase (150), com Pretérito Mais-que-Perfeito simples, é igualmente factual – o *executivo municipal aprovou a construção do muro*.

- (150) Mas o interessado reclama logo de seguida já que, se o executivo municipal **aprovara** a construção do muro, deveria também aceitar o portão que nele se integrava. *par=ext1010126-soc-98a-2*

Interpretamos a condicional como factual porque está sob o escopo da conjunção factiva *já que*. Por outro lado, observa-se que, na frase (150), o tempo verbal localiza no passado uma situação dada como um facto, sendo, por isso, agramatical com o valor modal contrafactual: **Mas o interessado reclama logo de seguida já que, se o executivo municipal aprovasse a construção do muro, deveria também aceitar o portão que nele se integrava.*⁴⁶

2.2.1.5. Futuro do Indicativo

Nos dados, com Futuro do Indicativo, foram identificadas somente as frases de (151), que interpretamos como factuais tendo em conta o contexto discursivo.

- (151) a. Se desta vez Portugal **estará** representado em pleno no sector masculino, pertinente se torna perguntar por que razão volta a não haver equipa feminina.

par=ext1401284-des-91a-3

- b. Se o orçamento de «manutenção» das iniciativas **ultrapassará** facilmente os nove milhões de contos, o investido para tornar possíveis as comemorações será bem superior, tendo o ministro da Cultura apontado um montante próximo dos 20 milhões. *par=ext1114919-nd-92a-1*

A interpretação factual destas condicionais é atestada pelas paráfrases em (152):

- (152) a. *Já que* desta vez Portugal **estará** representado em pleno no sector masculino, pertinente se torna perguntar por que razão volta a não haver equipa feminina.

- b. *Como o* orçamento de «manutenção» das iniciativas **ultrapassará** facilmente os nove milhões de contos, o investido para tornar possíveis as comemorações será bem superior, tendo o ministro da Cultura apontado um montante próximo dos 20 milhões.

De acordo com Ferreira (1996: 68), “o Futuro simples é limitado a casos raros de condicionais que não estão sujeitas a relação de causa/efeito e cujo antecedente é uma

⁴⁶ Usos modais do Pretérito Mais-que-Perfeito são ilustrados nas frases que se seguem (Oliveira 2013):

i. Que fôra a vida se nela não houvera (= houvesse) lágrimas? (CRPC)

ii. Mas D. Pedro V, esse sim, se não morrera (= tivesse morrido) tão novo, poderia ter sido um grande estadista. *par=ext1391943-soc-96a-1*

disjunção, indicando dúvida, por isso de interpretação modal: *Se a Maria fará o bolo ou não, logo se verá.*” Nas condicionais denexo causal, o Futuro é agramatical:

(153) *Se a Maria fará um bolo, não sairá tão cedo da cozinha (Ferreira 1996: 68).

As frases de (152) contrariam essa hipótese. O nexo entre antecedente e o consequente é causal (sobretudo na frase (152b)) e o antecedente de ambas as frases não é uma disjunção que indica dúvida, conforme se pode observar:

- (154) a. *Já que desta vez Portugal **estará ou não** representado em pleno no sector masculino, pertinente se torna perguntar por que razão volta a não haver equipa feminina.
- b. *Se o orçamento de «manutenção» das iniciativas **ultrapassará ou não** facilmente os nove milhões de contos, o investido para tornar possíveis as comemorações será bem superior, tendo o ministro da Cultura apontado um montante próximo dos 20 milhões.

Este é mais um argumento que permite demonstrar que as frases em análise são factuais, porque a forma verbal é usada com valor temporal e não modal (que é de dúvida).

2.2.1.6. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

Nos dados obtidos a partir da pesquisa nos *corpora*, ocorrem condicionais com o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo com valor factual decorrente da existência de uma correlação de eventos/situações que são verdadeiros:

- (155) a. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). Se eu **fizesse** barulho no meu quarto, toda a gente sabia. *par=ext500249-des-96b*
- b. No final de 1997 era chique organizar uma festa perto de San José e depois enfiar os convidados numa carrinha e levá-los a passear no Mae. Se se **pusesse** isso no convite, as pessoas que compareciam à festa duplicavam. (CRPC)

Nestas frases, há uma implicação temporo-aspetual que as torna equivalentes a frases subordinadas temporais de *quando* ou *sempre que*:⁴⁷

- (156) a. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). *Quando/ Sempre que eu fizesse/fazia barulho no meu quarto*, toda a gente sabia.
- b. No final de 1997 era chique organizar uma festa perto de San José e depois enfiar os convidados numa carrinha e levá-los a passear no Mae. *Quando / Sempre que se pusesse/punha isso no convite, as pessoas que compareciam à festa duplicavam*.

O que nos permite demonstrar que estas condicionais podem ser factuais é o facto de as contrafactuais (157a) e as hipotéticas (157b), com Imperfeito do Conjuntivo, não poderem permutar com *quando/sempre que* (158) (cf. Ferreira 1997).⁴⁸

- (157) a. Morríamos de calor, **se houvesse** quatro sóis. (CRPC)
- b. **Se eu fizesse** roupa, era só para mim, não haveria mercado. (CRPC)
- (158) a. *Morríamos de calor *quando houvesse quatro sóis*.
- b. **Quando eu fizesse roupa, era só para mim, não haveria mercado*.

Nas condicionais como as de (156), o contexto discursivo é determinante para se considerar a condicional como factual, anulando a possibilidade de as frases exprimirem a leitura contrafactual ou a hipotética, que vimos estarem associadas ao Imperfeito do

⁴⁷ Repare-se que a leitura destas frases, com *quando* ou *sempre que*, no modo conjuntivo, é equivalente à das condicionais genéricas ou correlativas de eventos passados, no modo indicativo, como ilustram (i) e (ii):

- i. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). *Quando/ Sempre que eu **fizesse** barulho no meu quarto, toda a gente sabia*.
- ii. Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). *Quando/ Sempre que eu **fazia** barulho no meu quarto, toda a gente sabia*.

⁴⁸ Também as contrafactuais que têm um valor estativo/habitual não permutam com *quando*, daí assumirmos que são distintas das que designamos de correlativas de eventos/situações, que são necessariamente factuais. Além disso, nas correlativas de eventos ou situações, ambas orações descrevem situações tidas como regulares/habituais no passado, enquanto nas contrafactuais só o antecedente é que é habitual.

- i. Se tu fosses pontual, não tínhamos perdido o comboio. (= **Quando tu fosses pontual...*)
[“se fosse teu hábito ser pontual”, “se tivesses a característica da pontualidade”]
- ii. Se tu chegasses a horas, não tínhamos perdido o comboio. (= **Quando chegasses cedo...*)
[“se fosse teu hábito chegar a horas”, “se tivesses a característica de chegar a horas habitualmente”]

Conjuntivo. Repare-se, por exemplo, que uma possível interpretação contrafactual da frase (156a) é pouco natural:

- (159) ?Em Barcelona, foram públicos os problemas que houve, problemas com as instalações e entre os atletas (...). *Se eu fizesse barulho no meu quarto, mas não fiz, toda a gente sabia.*

Sem contexto, frases como as que estão em discussão, que comutam com *quando*, admitem várias interpretações. Observemos o exemplo, em (160), que admite uma leitura factual (160a), contrafactual (160b) ou hipotética (160c).

- (160) Se o fizessem, levavam pedradas. par=ext1340018-soc-95b-1
(Quando/sempre que o fizessem, levavam pedradas.)
a. Eles sempre o fizeram e, *quando o faziam, levavam pedradas.*
b. *Se o fizessem, mas não o fizeram, levavam pedradas.* Assim não levaram pedradas.
c. *Se o fizessem de novo, levavam pedradas.*

Em síntese, nos dados recolhidos, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo ocorre em factuais que são equivalentes a condicionais temporais de *quando*. Este tempo verbal é usado com valor aspetual de habitualidade e temporal de passado em relação a t_0 ou a um PPT passado e não como operador modal como acontece nas construções contrafactuais e hipotéticas.

2.2.2. Condicionais com valor hipotético

Numa condicional hipotética, o antecedente pode vir a ser verdadeiro (Karttunen & Peters 1979; von Stechow 1997) ou pode vir a ter lugar (Lobo 2013; Brito 2003), tal como já referimos. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (161) a. Se o Rui estiver doente, a mãe telefonar-lhe-á todos os dias. (Lobo 2013:2021)
b. Ficaria encantado se viesses jantar à minha casa.
c. Se acertei no totoloto, comprarei um carro novinho.

Estas frases têm uma interpretação hipotética: o *João pode vir a estar doente ou não* (161a); o *interlocutor pode ir jantar à casa do locutor ou não* (161b). A frase (161c) é hipotética porque pressupõe que o falante não sabe se acertou ou não no totoloto, apesar de a situação descrita já ter tido lugar num momento anterior a t_0 .

Sintaticamente, estas frases (i) podem ser parafraseadas por *caso* (162), na linha de Gomes (2008), e (ii) podem ser modificadas por um advérbio de referência temporal futura (cf. Justino 2011) (163).⁴⁹

- (162) a. *Caso o Rui venha a estar doente*, a mãe telefonar-lhe-á todos os dias.
b. Ficaria encantado *caso viesses jantar à minha*.
c. *Caso tenha certado no totoloto*, comprarei um carro novinho.
- (163) a. *No futuro*, se e o Rui estiver doente, a mãe telefonar-lhe-á todos os dias.
b. Ficaria encantado se viesses jantar à minha casa *mais logo*.

Ao valor hipotético, estão associados tempos verbais do conjuntivo (164a,b) e do indicativo (164c). Nos dados recolhidos, para além dos tempos já referidos nos trabalhos sobre o PE, designadamente o Futuro do Conjuntivo (164a), o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (164b), o Presente do Indicativo (164c) e o Pretérito Perfeito (164d), observamos a ocorrência do Pretérito Imperfeito do Indicativo (165a) e do Condicional (165b).

- (164) a. Se **houver** alguma coisa que precise de ser dita, eu não tenho medo de a dizer.
par=ext439801-soc-92b-2:9
- b. Se **houvesse** ali um incêndio não se conseguia lá chegar. (CRPC)
- c. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedade e concluiu: “Se não **há** vitória em San Sebastian, estarei ao nível do anterior treinador.” (CRPC)
- d. Se Óscar **traiu** Tomás, foi para o tentar salvar. *par=ext1198457-clt-92a-1*

⁴⁹ A frase (161c) descreve uma situação já decorrida no passado, por isso não pode ser modificada por advérbios de referência temporal futura. Apesar disso, a verificação/confirmação da proposição *acertar no totoloto* é posterior a t_0 e à ocorrência do evento, ou seja, o falante só poderá saber se acertou ou não num momento futuro em relação ao momento da realização do evento.

(165) a. No entanto, enviámos uma mensagem com prioridade para Camberra no dia 13 de outubro, indicando que, se **havia** alguns australianos em Balibó, deveriam ser avisados imediatamente dos riscos que corriam. (CRPC)

b. Se em Illinois a falta lhe **poderia** ser perdoada, em Michigan isso é impossível.

2.2.2.1. Futuro do Conjuntivo

De um modo geral, o Futuro do Conjuntivo é usado em condicionais que descrevem factos cuja realização é provável. Em (166a), pressupõe-se que *a evolução do estado de saúde de Suzana Poças pode manter-se positiva ou não*; de (166b), infere-se que *o interlocutor pode doar 10 contos à organização “X” ou não* e de (166c), que *podem vir a ficar em segundo ou não*.

(166) a. Suzana Poças pode regressar a Portugal depois de amanhã, se se **mantiver** a evolução positiva do seu estado de saúde. (CRPC)

b. Se você **doar** 10 contos à organização “X”, poupa cem contos no imposto. (CRPC)

c. Se **ficarmos** em segundo lugar, teremos de ultrapassar uma pré-eliminatória. (CRPC)

Como o que é descrito no antecedente é dado como incerto, as frases são equivalentes a condicionais introduzidas por *caso*:

(167) a. Suzana Poças pode regressar a Portugal depois de amanhã, *caso se mantenha a evolução positiva do seu estado de saúde*.

b. *Caso doe 10 contos à organização “X”, poupa cem contos no imposto.*

c. *Caso fiquemos em segundo lugar, teremos de ultrapassar uma pré-eliminatória.*

Tendo em conta ainda que o que é descrito no antecedente da estrutura condicional é posterior a t_0 , as frases são compatíveis com advérbios de referência temporal futura:

- (168) a. Suzana Poças pode regressar a Portugal depois de amanhã, *se se mantiver até amanhã a evolução positiva do seu estado de saúde*.
- b. *Se doar 10 contos à organização “X” amanhã*, poupa cem contos no imposto.
- c. *No futuro*, se ficarmos em segundo lugar, teremos de ultrapassar uma pré-eliminatória.

No conseqüente das condicionais como as que estão em análise, verifica-se uma maior ocorrência de formas verbais com o traço temporal [+ futuro], a saber: o Futuro do Indicativo (169a) (incluindo o futuro perifrástico (169b)), o Presente do Indicativo (169c) e o Imperativo (169d).⁵⁰

- (169) a. Se a Cláudia não vier, o Algarve não ficará a perder. *par=ext261400-soc-95b-2*
- b. Se não houver objecções, vamos votar, em bloco, o artigo 1. (CRPC)
- c. Se a ponte cair, Mostar cai com ela. *par=ext1475877-pol-93b-2*
- d. Se for essa a verdade, tenha a coragem de dizê-la. (CRPC)

Deste modo, estes resultados sustentam o que foi observado por Justino (2011), relativamente a uma tarefa de PP: há uma opção forte pelo Futuro do Conjuntivo nos contextos em que a situação descrita no antecedente é posterior a t_0 .⁵¹ Corroboram, ainda, a ideia de que, em condicionais denexo causal, o Futuro do Conjuntivo parece estar dependente de um tempo verbal com o traço [+ futuro] no conseqüente, sendo um argumento a favor desta ideia a agramaticalidade deste tipo de condicionais quando o tempo do conseqüente é portador do traço [- futuro]:⁵²

⁵⁰ Sobre o facto de estes tempos verbais serem caracterizados com o traço [+ futuro], veja-se, por exemplo, Azevedo (1976).

⁵¹ Também o estudo de Gryner (1998) é coerente com esta ideia. A autora conclui que a postura epistémica fraca favorece a *consecutio temporum* em condicionais hipotéticas do PB, ou seja, há preferência pelo Futuro do Conjuntivo no antecedente quando, no conseqüente, ocorre uma forma verbal no Futuro do Indicativo.

⁵² Nas condicionais em que ocorrem tempos do passado, esses tempos verbais podem ser interpretáveis igualmente como sendo posteriores a t_0 :

i. Se não houver qualquer objecção, por parte da Câmara, passaríamos à votação do n. 1. (CRPC)

ii. Implícita, está a ameaça de que, se não agirem «moralmente», o sistema de «auto-regulação» poderia ser reformado. *par=ext464428-soc-92a-2*

- (170) a. *Se a ponte cair, Mostar está a cair com ela.
 b. *Eu só estou a ir se a Maria vier também.
 c. *Se algum dia tu me deixares, estou a matar-me primeiro.

Com efeito, nas condicionais hipotéticas de Futuro do Conjuntivo, tanto o antecedente como o consequente descrevem situações não realizadas em t_0 .

Por fim, observa-se que todas as condicionais com o Futuro do Conjuntivo que ocorrem nos *corpora* considerados são apenas hipotéticas.

2.2.2.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

Atente-se nos seguintes exemplos:

- (171) a. Se eu **fizesse** roupa, era só para mim, não haveria mercado. (CRPC)
 b. Neste momento, não teríamos resposta, se **houvesse** um tremor de terra nos Açores, umas cheias como as de Moçambique, ou um terramoto em Lisboa.
 (CRPC)
 c. Se **saísse** um decreto a acabar com o teatro, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas. *par=ext1230658-pol-95b-1*

As frases de (171) descrevem situações prováveis e, como tal, podem ser parafraseadas por *caso*, induzindo uma leitura de posterioridade em relação a t_0 .

- (172) a. *Caso eu fizesse roupa*, era só para mim, não haveria mercado.
 b. Neste momento, não teríamos resposta, *caso houvesse um tremor de terra nos Açores, umas cheias como as de Moçambique, ou um terramoto em Lisboa*.
 c. *Caso saísse um decreto a acabar com o teatro*, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas.

Além disso, as frases são compatíveis com um **comentário** que indica que a situação descrita pode vir a ter lugar ou não:

- (173) a. *Se/Caso eu fizesse roupa, como espero vir a fazer, era só para mim, não haveria mercado.*
- b. *Neste momento, não teríamos resposta, se/caso houvesse, como é possível vir a acontecer, um tremor de terra nos Açores, umas cheias como as de Moçambique, ou um terramoto em Lisboa.*
- c. *Caso saísse um decreto a acabar com o teatro, como pode vir a acontecer ou não, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas.*

É de notar que, quando a condicional descreve uma situação improvável, de acordo com os nossos conhecimentos do mundo, não pode coocorrer com um **comentário**, como se mostra nas frases de (174):

- (174) a. *?Morriámos de calor se houvesse quatro sóis, como espero que venha a acontecer. (CRPC)*
- b. *?Se as eleições fossem hoje, como espero que aconteça, o PS vencia. (CRPC)*

Apesar disso, observa-se que quer nas frases de (173) quer nas de (174) o Imperfeito do Conjuntivo é problemático quanto à interpretação contrafactual vs hipotética e na literatura não há consenso sobre como designar estas condicionais (Hogeweg 2009). Em (175), é possível classificar essas frases também como contrafactuais se considerarmos que, no mundo real, as situações aí descritas são contrárias aos factos, na linha de Iadridou (2000), ou não tiveram efetivamente lugar, como defende Lobo (2013).

- (175) a. *Se eu fizesse roupa, mas não faço, era só para mim, não haveria mercado.*
- b. *Neste momento, não teríamos resposta, se houvesse um tremor de terra nos Açores, umas cheias como as de Moçambique, ou um terramoto em Lisboa, mas não há.*
- c. *Se saísse um decreto a acabar com o teatro, mas não saiu, no dia seguinte as salas estavam todas esgotadas.*

Do mesmo modo, as frases de (174) são contrafactuais, se considerarmos que, no mundo real, o que é descrito é contrário à realidade atual: “não há quatro sóis”, “as eleições

não são hoje”. Podem também indicar uma situação hipotética, num mundo alternativo ao real, como se ilustra a seguir:

- (176) a. Morríamos de calor, se/caso **algum dia** houvesse quatro sóis.
b. Se/caso as eleições fossem hoje/ **amanhã**, o PS vencia.

A diferença mínima entre estes dois grupos de frases pode estar no grau de *hipoteticidade* e não numa oposição clara entre hipótese vs contrafactualidade. Nas primeiras, existe a possibilidade de o antecedente vir a ter lugar no mundo real, como já demonstrado em (173). Já nas segundas, essa possibilidade está mais distante de acordo com o nosso conhecimento do mundo. Não é provável que venha a haver quatro sóis nem que as eleições sejam hoje ou amanhã, conforme já demonstrado em (174). Assim, podemos assumir que as frases de (174) são, por defeito, contrafactuais: *expressam uma situação que é contrária aos factos e o que é descrito não pode vir a ter lugar no mundo real*. Acrescente-se ainda que essa leitura, nestes exemplos, se obtém não unicamente pelo Imperfeito do Conjuntivo que ocorre no antecedente, mas sim pela oração completa, com base num contexto situacional. Por exemplo, a frase *Se as eleições fossem hoje, o PS vencia* é estranha se for asserida num contexto em que as eleições possam vir a ser hoje (A: *Parece que as eleições são hoje.* / B: **Se as eleições fossem hoje, o PS vencia.*). Já as frases de (179) são sempre ambíguas entre uma interpretação hipotética e uma interpretação contrafactual, pois implicam que o antecedente pode vir a ter lugar ou pode ser contrário aos factos.

Apesar de o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo ser um tempo ambíguo, permitindo obter uma leitura hipotética ou uma leitura contrafactual, favorece a leitura hipotética nas frases em que está envolvido um efeito pragmático, no sentido em que a condicional é usada como uma espécie de ato de fala diretivo *indireto*: uma sugestão, um pedido ou um convite.

- (177) a. Se vocês, em Portugal, fizessem algo parecido, também podiam ter jogadores evoluídos tecnicamente. *par=ext162921-des-93a-1*
b. Se conhecessem Portugal consideravam-se, de certeza, no Paraíso.
par=ext1190364-clt-95a-2

Por outro lado, nestes exemplos, as situações descritas são episódicas/eventivas. Na verdade, com predicados de eventos, a leitura hipotética pode sobrepor-se à contrafactual se a situação descrita pelo Imperfeito tiver uma orientação temporal futura em relação a um PPT que pode ser um passado ou presente (t_0).

- (178) a. Até ontem, se víssemos uma bandeira palestina, mandávamos tirar e talvez prendêsemos o indivíduo. *par=ext397803-pol-93b-2*
b. A votação ainda está a decorrer, se ganhasse as eleições, ia defender a atual constituição. (CRPC)
c. Neste momento, se chovesse, as gotas cairiam devagar.

Concluindo, nos dados recolhidos, o Imperfeito do Conjuntivo é, por defeito, associado à leitura hipotética quando envolve um ato de fala diretivo indireto, bem como quando descreve situações episódicas/eventivas que são geralmente posteriores a t_0 .

2.2.2.3. Presente do Indicativo

Tal como foi notado por diversos autores, também nos dados recolhidos o Presente do Indicativo é usado em condicionais hipotéticas, de que as frases abaixo são alguns exemplos.

- (179) a. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedad e concluiu: "Se não **há** vitória em San Sebastian, estarei ao nível do anterior treinador." (CRPC)
b. Se a CMVM **inicia** acções de surpresa, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem. *par=ext455956-eco-92b-1*

Estas frases implicam que o que é descrito ainda não teve lugar. Nesse sentido, são equivalentes a condicionais com o Futuro do Conjuntivo, estando a diferença no registo. A maioria das condicionais hipotéticas, com o Presente do Indicativo, é do tipo coloquial, como

(179), ocorrendo apenas em registo oral, informal e correspondendo, portanto, a uma opção marcada.⁵³

- (180) a. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedade e concluiu: "Se não **houver** vitória em San Sebastian, estarei ao nível do anterior treinador." (CRPC)
- b. Se a CMVM **iniciar** acções de surpresa, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.

O conteúdo do que é descrito pelo Presente do Indicativo é desconhecido no mundo de avaliação, que normalmente coincide com o mundo real (Marques 2001). Assim, essas condicionais implicam uma atitude modal associada à incerteza:

- (181) a. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedade e concluiu: *caso não haja vitória em San Sebastian*, estarei ao nível do anterior treinador.
- b. *Caso a CMVM inicie acções de surpresa*, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.

Por outro lado, já que a situação descrita no antecedente é, temporalmente, posterior a t_0 , o Presente do Indicativo pode coocorrer com advérbios de referência temporal futura:

- (182) a. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedade e concluiu: "Se amanhã não há vitória em San Sebastian, estarei ao nível do anterior treinador." (CRPC)
- b. *Se a CMVM inicia acções de surpresa no próximo mês/ Caso a CMVM inicie acções de surpresa no próximo mês*, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.

⁵³ É de notar que uma frase como: *Se acerto no totoloto, não modifico meu comportamento* pode ser algo estranha para um falante de PE à primeira leitura, mas já não se for construída da seguinte forma: *Ai, se eu acerto no totoloto! Compro um palácio e nunca mais na vida trabalho!*, como me fez saber Telmo Mória (c.p.).

A possibilidade de o Presente do Indicativo exprimir um valor hipotético pode ser explicada através da *mudança dística*, motivada pelo tempo futuro da frase matriz ou pelos valores aspetuais inerentes ao Presente do Indicativo, nomeadamente o presente com valor de futuro.⁵⁴

Para terminar este ponto, note-se que, nas condicionais com indicativo e interpretação hipotética, é necessário distinguir dois grupos: frases como as de (183), que são apenas hipotéticas, e frases como as de (184), que são ambíguas entre uma leitura hipotética e uma leitura factual.

(183) a. Se a CMVM **inicia** acções de surpresa, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem. *par=ext455956-eco-92b-1*

b. Se te **apanho** perto da escola, dou-te uma sova a valer. (CRPC)

(184) a. Se **vem** aí a guarda é um problema. *par=ext911731-soc-93b-1*

b. Se a resposta **é** negativa, estamos safos. (CRPC)

Nas frases (183) obtém-se apenas a leitura hipotética porque o que é descrito não teve efetivamente lugar e a vir a ter só poderá ser num momento posterior a t_0 . São frases que admitem paráfrases com estruturas com *caso* de valor hipotético (185) e não com *já que*, *dado que*, *visto que* (186).⁵⁵

(185) a. *Caso a CMVM inicie acções de surpresa*, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.

b. *Caso te apanhe perto da escola*, dou-te uma sova a valer.

(186) a. **Já que a CMVM inicia acções de surpresa*, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.

b. **Como te apanho perto da escola*, dou-te uma sova a valer.

⁵⁴ Também noutras línguas, o Presente simples, em condicionais indicativas (hipotéticas), pode denotar uma referência futura dos eventos descritos, conforme o exemplo de Schuls (2008: 696):

i. If I win the competition (tomorrow), I will buy an expensive car.

⁵⁵ O mesmo acontece com as frases já analisadas, a seguir ilustradas:

i. Revisitou a história dos resultados da equipa catalã no terreno da Real Sociedad e concluiu: *#Já que não há vitória em San Sebastian, estarei ao nível do anterior treinador.*

ii. *#Como/ ?Já que não o encontro, temos que ir de comboio.*

iii. *#Como/ #Já que CMVM inicia acções de surpresa, o caldo pode ficar entornado para muitos escritórios de corretagem.*

Quanto às frases ambíguas em (184), admitem paráfrases com recurso a *caso* (indicando que o antecedente pode vir a ter lugar ou não; (187)) e com conectores factivos (indicando que a condicional é factual; (188)).

(187) a. *Caso venha aí a guarda*, é um problema.

b. *Caso a resposta seja negativa*, estamos safos.

(188) a. *Como vem aí a guarda*, é um problema.

b. *Se, como dizes, a resposta é negativa*, estamos safos.

Note-se ainda que, apesar de ambíguas, na frase *Se vem aí a guarda é um problema*, a leitura hipotética é mais acessível do que a factual, já que o predicado verbal, eventivo, sofre facilmente a *mudança dística*, ou uma referência temporal futura, enquanto na frase *Se a resposta é negativa, estamos safos* acontece o contrário, ou seja, porque ocorre um verbo estativo (e o que é descrito sobrepõe-se a t_0), a leitura factual é mais acessível do que a hipotética.

2.2.2.4. Pretérito Perfeito do Indicativo

Nos dados recolhidos, ocorrem condicionais de Pretérito Perfeito com leitura hipotética, como as que se seguem:

(189) a. Se Óscar **traiu** Tomás, foi para o tentar salvar. *par=ext1198457-clt-92a-1*

b. Se **esteve** atento àquilo que eu li, verá que não está lá implícita uma crítica, mas sim um pedido de esclarecimento dirigido ao Sr. Presidente da Assembleia da República. (CRPC)

Nestas frases, o valor de verdade da condicional é caracterizado por ser inderterminado. As paráfrases em (190) demonstram esta atitude epistémica.

(190) a. *Caso Óscar tenha traído Tomás*, foi para o tentar salvar.

b. *Caso tenha estado atento àquilo que eu li*, verá que não está lá implícita uma crítica, mas sim um pedido de esclarecimento dirigido ao Sr. Presidente da Assembleia da República.

A leitura hipotética com o Pretérito Perfeito não decorre da *mudança dística*, tal como pode acontecer com o Presente do Indicativo e com o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo. O que é descrito na condicional é um facto concluído que se localiza num momento anterior a t_0 e o que está em causa não é se o antecedente teve lugar ou não, mas se o locutor acredita ou não no que é descrito na condicional, independentemente de ser real ou não. Como consequência, observa-se que muitas condicionais com Pretérito Perfeito do Indicativo no antecedente admitem ambiguidade entre uma leitura hipotética e factual. A leitura factual obtém-se porque se pode inferir que a situação descrita é real ou porque há quem acredite que o seja (191) e a leitura hipotética, porque o falante pode expressar incerteza em relação ao que é descrito, mesmo quando a condicional é tida como real por outrem.

(191) Se, como dizes, Óscar traiu Tomás, foi para o tentar salvar.

2.2.2.5. Pretérito Imperfeito do Indicativo

Nos dados considerados, o Pretérito Imperfeito do Indicativo também é usado com valor hipotético:

- (192) a. No entanto, enviámos uma mensagem com prioridade para Camberra no dia 13 de outubro, indicando que, se ***havia*** *alguns australianos em Balibó*, deveriam ser avisados imediatamente dos riscos que corriam. (CRPC)
- b. Não sei qual era o objectivo: se ***era*** empatar conseguiram. *par=ext167628-des-95b2*

Da frase (192a), não se pode inferir que o locutor assume como verdadeira a proposição *haver alguns australianos em Balibó* (ou que, nessa altura, dava como certo *haver alguns australianos em Balibó*). O locutor exprime antes incerteza ou dúvida em relação à verdade dessa proposição. O equivalente de (192a), a frase (193), é prova de que o Imperfeito do Indicativo foi usado como uma forma supletiva do Imperfeito do Conjuntivo:

- (193) No entanto, enviámos uma mensagem com prioridade para Camberra no dia 13 de outubro, indicando que, se ***houvesse*** *alguns australianos em Balibó*, deveriam ser avisados imediatamente dos riscos que corriam.

Na frase (192b), a leitura hipotética decorre do facto de o locutor não saber qual era o objetivo e, decorrente disso, não ter a certeza de o empate ser o objetivo da entidade referida na frase condicional.

Nas frases em análise, o Imperfeito do Indicativo é usado com valor estritamente temporal, o que favorece a leitura hipotética.

2.2.2.6. *Modo Condicional*

Para concluirmos a descrição das condicionais hipotéticas nos *corpora* pesquisados, atente-se na frase (194) (a única com o verbo no condicional que ocorre nos dados considerados, ainda que não seja uma condicional prototípica):

(194) Se em Illinois a falta lhe **poderia** ser perdoada, em Michigan isso é impossível.

par=ext1523983-pol-92a-1

Trata-se de uma condicional com interpretação hipotética – *Em Illinois a falta poderia ser-lhe perdoada ou não*. O antecedente descreve uma situação hipotética através do modo condicional, que em português pode expressar um valor modal do domínio da crença (Marques 2013). Na frase (194), o locutor expressa uma atitude de incerteza em relação à proposição antecedente.

2.2.3. Condicionais com valor contrafactual

Na subsecção 2.1.1.3, definimos como contrafactual uma ccondicional que pressupõe que o antecedente é falso (195a) ou, pragmaticamente, contrário aos factos conhecidos (195b).

(195) a. If it were raining outside, the drumming on the roof would drown out our voices. (Karttunen & Peters 1979: 4)

b. Se as nuvens fossem feitas de algodão, apanhava um pedaço para fazer um edredão. (Lobo 2013: 2021)

A frase (195a) pressupõe que *não está a chover*; a frase (196b) pressupõe, em conformidade com o nosso conhecimento do mundo, que *as nuvens não são feitas de*

algodão. Vimos também que, no intervalo de tempo relevante, a proposição contraditória do antecedente se verifica no mundo real, daí ser possível acrescentar à proposição expressa no antecedente a sua negação (Brito 2003):

- (196) a. *If it were raining outside, but it isn't raining, the drumming on the roof would drown out our voices.*
b. *Se as nuvens fossem feitas de algodão, mas não são, apanhava um pedaço para fazer um edredão.*

Adicionalmente, mostrámos que, em condicionais contrafactuais, o conector *se/if* pode ser substituído, sem alteração de significado, pelo conector *caso/in case*:

- (197) a. ***In case** it were raining outside, but it isn't raining, the drumming on the roof would drown out our voices.*
b. ***Caso** as nuvens fossem feitas de algodão, mas não são, apanhava um pedaço para fazer um edredão.*

Quanto aos tempos verbais, estão associados à leitura contrafactual o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (196a) e o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo (196b). Também é referido, na literatura sobre o PE, que o Pretérito Perfeito Composto (198) e o Presente do Indicativo (198) são usados em contrafactuais.

- (198) a. *Se a Maria tem ido às aulas, não chumbava. (Ferreira 1996: 65)*
b. *Se o Zé é honesto, então eu sou o rei de Marrocos!*

Nos dados recolhidos, também foram empregues com sentido contrafactual o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo (199a), o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (199b) e o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo (199c):

- (199) a. *Se **tivéssemos jogado** sempre assim, não teríamos descido. (CRPC)*
b. *Se não **houvesse** concorrentes, tinha sido uma boa operação. par=ext3435-eco-93a-1:*

- c. João Abrantes, um dos treinadores da equipa portuguesa, disse ao Público: "
«Foi um salto excelente, pois ela não apanhou praticamente a tábua e se o **tem
feito melhor conseguiria cerca de 6,40m.** par=ext26894-des-92b-1

Além dos tempos já referidos na literatura, ilustrados nos exemplos de (199), ocorre também com valor contrafactual o Pretérito Mais-que-Perfeito simples (200).

- (200) Mas D. Pedro V, esse sim, se não **morrera** tão novo, poderia ter sido um grande estadista. par=ext1391943-soc-96a-1

2.2.3.1. Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo

Atente-se nos seguintes exemplos:

- (201) a. Se **tivesse ganho**, não scandalizaria ninguém. (CRPC)
b. Se **tivéssemos jogado** sempre assim, não teríamos descido. (CRPC)

Nestas condicionais, observa-se que tanto o antecedente como o consequente implicam a falsidade do estado de coisas aí descrito. De facto, a partir de (201a) infere-se do antecedente que *ele não ganhou* e do consequente, que *escandalizou alguém*. Em (201b), a proposição expressa na condicional pressupõe que não *jogaram sempre da mesma maneira* e a principal pressupõe que *desceram* (de divisão).

Nestas frases, o tempo verbal descreve situações completamente realizadas (perfetiva) e que são anteriores a t_0 , e é veiculado apenas o valor contrafactual, conforme ilustrado em (202).

- (202) a. Se *tivesse ganho*, mas não ganhou / *e pode vir a ganhar ou não / *e ganhou,
não scandalizaria ninguém.
b. Se *tivéssemos jogado sempre assim*, mas não jogámos / *e jogámos / *e
podemos vir a jogar, não teríamos descido.

Como se pode observar, as frases só admitem a possibilidade de se acrescentar à proposição expressa no antecedente a sua negação, em conformidade com a proposta de

Brito (2003) de que a proposição contraditória do antecedente é verdadeira (no mundo real, não se verifica a situação descrita pelo antecedente da construção condicional), e não admitem a possibilidade de o antecedente ter tido lugar (cf. *e ganhou/ e jogámos*) ou vir a ter lugar num momento posterior a t_0 (cf. *mas pode vir a ganhar ou não /e mas podemos vir a jogar*).⁵⁶

Também o modo Condicional e o Pretérito Imperfeito do Indicativo (203) no consequente veiculam um valor modal de contrário aos factos, em correlação com o que é descrito no antecedente:⁵⁷

- (203) a. Se tivesse ganho, não escandalizaria ninguém, mas escandalizou.
b. Se tivéssemos jogado sempre assim, não teríamos descido, mas descemos.
c. E desabafa-se que «se se **tivesse dito** no princípio do ano, toda a gente tinha percebido», mas ninguém percebeu. *par=ext526476-pol-93a-1*

Posto isto, podemos afirmar que a leitura contrafactual é assegurada pelo Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo e que existe uma relação de concordância entre este e o tempo do consequente, relativamente à referência temporal e ao valor modal.

2.2.3.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Conjuntivo aparece no antecedente de condicionais contrafactuais. Assim, na frase (204a), a proposição *existir quatro sóis* é falsa, conforme o nosso conhecimento do mundo (existe um único sol). Em (204b), pressupõe-se que, nas crenças do locutor, *Edward Newson não é japonês*.

- (204) a. Morríamos de calor, se **houvesse**, na verdade, quatro sóis. (CRPC)
b. Se Edward Newson **fosse** japonês seria considerado um Tesouro Vivo Nacional.
par=ext1254118-soc-95b-2

⁵⁶ Propomos, nesta linha, que as contrafactuais só admitem *mas NEG* (cf. (i)), enquanto condicionais que são contrafactuais ou hipotéticas admitem tanto *mas NEG* como *e AFF* (cf. (ii)):

i. Se tivesse ganho (*e ganhou / mas não ganhou), não escandalizaria ninguém.
ii. Se ganhasse (e ganhou (ou e pode vir a ganhar) /mas não ganhou), não escandalizaria ninguém.

⁵⁷ Isto pode corroborar a ideia de que “nas construções contrafactuais, a falsidade é assegurada na própria indicação morfológica dada pelo Futuro do Pretérito Composto (que é na verdade, um passado): dizer que, em dependência de uma determinada condição, X **teria/não teria feito** algo é necessariamente dizer que X **não fez /fez** algo.” (Neves 1999: 525).

Enquanto condicionais com leitura contrafactual, no mundo real, verifica-se a proposição contraditória do antecedente.

- (205) a. Morríamos de calor, se houvesse, na verdade, quatro sóis, mas não há.
b. Se Edward Newson fosse japonês, mas não é, seria considerado um Tesouro Vivo Nacional.

Tal como nas contrafactuais com Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo, analisadas anteriormente, nestes contextos o que é descrito não pode vir a ter lugar (206) – uma propriedade que é possível quando a presença do Pretérito Imperfeito (também) admite a interpretação hipotética, como ilustram os exemplos em (207).

- (206) a. *Morríamos de calor, se houvesse, na verdade, quatro sóis, e pode vir a haver.
b. *Se Edward Newson fosse japonês, e pode vir a ser, seria considerado um Tesouro Vivo Nacional.
- (207) a. Se a família não **pagasse**, e não pagou/ e pode ter pago ou não, matariam ambos.
b. Se os trabalhos **findassem** hoje, e podem vir a findar ou não, o aviso prévio já não faria sentido.

Este contraste mostra que a leitura contrafactual das condicionais com Pretérito Imperfeito do Conjuntivo não decorre apenas do tempo verbal do antecedente, mas sim deste, enquanto forma modal com significado de *contrário aos factos* (Iatridou 2000),⁵⁸ em associação com outros fatores, de natureza pragmática. É pelo nosso conhecimento do mundo que é assegurada a interpretação apenas contrafactual nas condicionais de (205). Além disso, o tempo da oração consequente pode contribuir para que o antecedente seja interpretado como contrafactual. Isto é o que geralmente acontece quando ocorre o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (208a) ou o Condicional Composto (208b).

⁵⁸ Como defende a autora, este significado de contrário aos factos pode ser cancelado, sendo o que acontece, na nossa opinião, quando o Imperfeito do Conjuntivo exprime um valor hipotético.

(208) a. Equilibrámos a partida e podíamos ter ganho, se tivéssemos uma pontinha de sorte. *par=ext93733-des-97a-1*

b. Se fossem assim tão graves, não teriam esperado dois meses para me demitir.
par=ext193221-soc-96a-2

Também, por Modus Tollens, frases condicionais admitem a interpretação contrafactual, como mostram os exemplos a seguir:

(209) a. Se amanhã não se realizasse a reunião de Constância nós não estaríamos aqui.
par=ext674973-pol-98b-1 (por Modus Tollens, se estamos aqui então a reunião realiza-se amanhã.)

b. Se acreditasse minimamente nisso não estava aqui sentado, isso é inverosímil.
par=ext819910-des-98b-3 (por Modus Tollens, se estou aqui sentado é porque não acredito nisso.)

2.2.3.3. Pretérito Perfeito Composto do Indicativo

Os dados recolhidos atestam o emprego do Pretérito Perfeito Composto do Indicativo em condicionais contrafactuais:

(210) a. João Abrantes, um dos treinadores da equipa portuguesa, disse ao Público: "Foi um salto excelente, pois ela não apanhou praticamente a tábua e se o **tem feito** melhor conseguiria cerca de 6,40m." *par=ext26894-des-92b-1*

b. Eu fiquei espantado porque as pessoas fartaram-se de criticar a exibição dos portistas mas eu pessoalmente gostei muito do remate que o Porto fez! Então se **tem ido** à baliza...(CRPC)

O antecedente de (210a) pressupõe que *ela não fez melhor*, e o de (210b), que *o remate não foi à baliza*. Assim sendo, pode-se acrescentar ao antecedente a sua negação:

(211) a. João Abrantes, um dos treinadores da equipa portuguesa, disse ao Público: "Foi um salto excelente, pois ela não apanhou praticamente a tábua e se o tem feito melhor, mas não o fez, conseguiria cerca de 6,40m."

- b. Eu fiquei espantado porque as pessoas fartaram-se de criticar a exibição dos portistas mas eu pessoalmente gostei muito do remate que o Porto fez! Então se tem ido à baliza, mas não foi,...

Nestes contextos, em que o Pretérito Perfeito Composto é usado com valor modal contrafactual, este tempo verbal descreve uma situação completamente realizada e que é anterior a t_0 , e não exprime o seu valor aspetual básico: imperfetivo (cf. Cardoso & Pereira 2003) e/ou de iteração (cf. Oliveira 2013, Telmo 2016). Por outro lado, o uso deste tempo com valor contrafactual tende a correlacionar-se com o Pretérito Imperfeito do Indicativo (212a) ou o Condicional (212b) no conseqüente, tal como acontece em contrafactuais de conjuntivo.

- (212) a. «Se **tem sido** mais tarde, morriam lá todos» comentava-se ontem frente ao prédio enegrecido. par=ext469586-soc-95a-2
b. ...se o **tem feito** melhor, conseguiria cerca de 6,40m. par=ext26894-des-92b-1

2.2.3.4. Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo

O Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo também é usado com valor contrafactual nos dados recolhidos. Na frase abaixo, observa-se que o antecedente tem a leitura contrafactual: *D. Pedro morreu novo*.

- (213) Mas D. Pedro V, esse sim, se não **morrera** tão novo, poderia ter sido um grande estadista. par=ext1391943-soc-96a-1

Repare-se que, nesta mesma frase, poderia ter-se usado o Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo ou do Conjuntivo, mantendo-se a leitura contrafactual.

- (214) Mas D. Pedro V, esse sim, se não **morrera / tivesse morrido / tem morrido** tão novo, poderia ter sido um grande estadista. par=ext1391943-soc-96a-1

O tempo verbal de (214) é usado com valor modal, uso que é atestado pelos dados das fases anteriores da língua portuguesa. Veja-se o exemplo *que fôra a vida se nela não*

houvera lágrimas? (CRPC, Herculano, *Eurico*), do séc XIX (correspondente a *que seria a vida se nela não houvesse lágrimas?*; cf. Oliveira 2013: 525).

2.2.3.5. Presente do Indicativo

Embora o Presente do Indicativo não tenha ocorrido nos dados dos *corpora* considerados neste estudo, talvez por grande parte ser de natureza escrita, é frequente, sobretudo no discurso oral, o uso deste tempo verbal com valor contrafactual:

(215) a. Se o Benfica **faz** o 0x2 no lance em que o Jonas vai isolado, o resultado do jogo teria sido diferente. (*Locutor da Antena 1*, 11-11-15)

b. Arnold é bom miúdo, bom jogador. Se **faz** o 2x2, seria uma noite fantástica para ele. (*A Bola.PT*, 18-04-16)

Nestes contextos, o Presente do Indicativo descreve eventos que, a terem ocorrido, estariam completamente realizados e que seriam anteriores a t_0 . Enquanto associado à contrafactualidade, este tempo coocorre com Imperfeito do Indicativo ou Condicional no consequente.

2.3. Conclusões

No ponto 2.1 deste capítulo, apresentámos e discutimos o que é descrito na literatura sobre as condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais, tendo chegado às seguintes conclusões:

1. À factualidade está associado apenas o modo indicativo.
2. Às leituras hipotéticas e contrafactuais estão associados tanto o conjuntivo como o indicativo.
3. Em geral, os tempos do indicativo são compatíveis com os três valores semânticos: factual, hipotético e contrafactual. Nos tempos do conjuntivo, o Imperfeito e o Pretérito Mais-que-Perfeito são usados com valor hipotético ou com valor contrafactual, enquanto o Futuro do Conjuntivo está ligado apenas ao valor hipotético.
4. Os tempos e modos verbais ligados a mais de um valor semântico podem admitir ambiguidade semântica nas condicionais.

No ponto 2.2, procurámos descrever as condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PE com base nos dados extraídos dos *corpora* CETEMPúblico e CRPC, tendo observado a distribuição dos tempos e modos verbais que a seguir sumariamos:

Quadro 2.2: O tempo/modo nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais nos dados do PE (revisão do estado da arte com base na análise de dados de *corpora*)

Classes Semânticos/Subclasses		Tempos e modos verbais	
		Antecedente (P)	Consequente (Q)
Factuais	Genéricas Universais	Presente genérico	Presente genérico/ Futuro
	Correlativas de eventos/situações	Presente	Presente habitual
		Imperfeito habitual	Imperfeito habitual
		Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito habitual
	Episódicas	Presente do Indicativo	Presente do Indicativ./ Futuro
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito/Presente/Futuro Ind.
		Pretérito Perfeito Comp. do Ind.	Presente/Futuro do Indicativo
		Imperfeito do Indicativo	Imperfeito/Futuro do Indicativ.
		Futuro do Indicativo	Presente/Futuro do Indicativ.
		Pretérito M-Q-P simples do Ind.	Modo Condicional
Hipotéticas	Futuro do Conjuntivo	Presente/Futuro/Imperativo	
	Futuro Composto do Conjuntivo	Presente/Futuro do Indicativo	
	Imperfeito do Conjuntivo	Imperf. do Indic/ Condicional	
	Presente do Indicativo ¹	Presente/Futuro do Indicativo	
	Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito Presente/Futuro Ind.	
	Imperfeito do Indicativo	Imperf. do Ind./ Condicional	
	Pretérito Perfeito Composto	Presente/Futuro do Indicativo	
	Futuro do Conjuntivo	Futuro do Indicativo	
Contrafactuais	Comuns	Pretérito M-Q-P do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional Simp/composto
		Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional/ Pretérito M-Q-P Composto
		Presente do Indicativo	Imperfeito/?Condicional
		Pretérito Perf. Composto do Ind.	Imperfeito/Condicional
		Pretérito M-Q-Perfeito Simples	Imperfeito/Condicional

Comparando os resultados do quadro 2.2 com o que nos é apresentado na literatura (cf. Quadro 2.1), observa-se que a análise dos dados de *corpora* (i) confirma, na generalidade, as descrições levadas a cabo na literatura (as conclusões 2, 3 e 4 acima); mas (ii) permite completar, corrigir ou acrescentar algo de novo ao que estava descrito (alguns destes resultados estão destacados no quadro 2.2). Assim, às conclusões enunciadas em 1. a 4. acima, devem adicionar-se as que se seguem (sendo que 7. se contrapõe a 1., mostrando que a factualidade não está exclusivamente associada ao modo indicativo):

¹ Em registo muito marcado, só orais informais.

5. Os tempos do indicativo que imprimem uma leitura aspetual de habitualidade e o Pretérito Perfeito Composto quando usado com valor temporo-aspetual básico (continuidade temporal; Oliveira 2013) são determinantes para a interpretação da condicional como factual.

6. Excetuando o uso do indicativo nos contextos descritos em 5, as formas do indicativo podem por si só não induzir a leitura factual. Ou seja, apesar dos tempos do indicativo, a interpretação factual tem de ser legitimada contextualmente.

7. Condicionais no modo conjuntivo, no Imperfeito (com correlação num PPT passado, com possível alternância Imperfeito do Indicativo/Imperfeito do Conjuntivo), podem ocorrer com valor factual.

8. Nos dados, verifica-se um uso efetivo do indicativo com valor hipotético, sobressaindo este, por um lado, com formas do indicativo que podem estar associadas à marcação de um valor epistémico de incerteza e, por outro, com a generalidade dos tempos do indicativo porque o valor de verdade da condicional pode ser indeterminado/incerto, mesmo com este modo (i.e. o locutor pode exprimir incerteza em relação ao valor de verdade da condicional).

9. Além dos tempos já referidos na literatura (tempos no modo conjuntivo, Presente do Indicativo e Pretérito Mais-que-Perfeito Composto), ocorre ainda, com valor contrafactual, o Pretérito Mais-que-Perfeito simples.

10. A relação entre os valores semânticos de factualidade e os tempos e modos verbais não é direta.

3. Tipologia e estrutura sintática das condicionais, com foco no PE e na relação entre tipologia sintática e tipologia semântica

Depois de, no capítulo anterior, termos discutido a tipologia semântica das condicionais, adotando a tripartição *factuais*, *hipotéticas* e *contrafactuais*, neste capítulo, procuramos (i) descrever a tipologia e a estrutura sintática das condicionais, adotando a distinção entre condicionais integradas e condicionais periféricas, e (ii) proceder ao cruzamento da tipologia sintática com a tipologia semântica.

Assim, este capítulo está organizado como se segue: na secção 3.1, caracterizamos, descritivamente, a oposição condicionais integradas/condicionais periféricas; na secção 3.2, exploramos o comportamento sintático das condicionais do português, cruzando a tipologia semântica (*factuais/hipotéticas/contrafactuais*) com a tipologia sintática (*integradas/periféricas*); na secção 3.3, apresentamos as estruturas sintáticas que assumiremos neste trabalho para as condicionais integradas e para as condicionais periféricas. Finalmente, na secção 3.4, apresentamos as conclusões.

3.1. Oposição condicionais integradas vs condicionais periféricas

Paralelamente à distinção que é feita para as orações subordinadas adverbiais em geral, em diferentes línguas (Quirk *et al.* 1985; Renzi & Salvi 1991; Bosque & Demonte 1999; Lobo 2003, 2013), as orações subordinadas adverbiais condicionais de se subdividem-se em integradas (ou centrais) e periféricas (Haegeman 2003, 2010). Essencialmente, as condicionais integradas distinguem-se das periféricas por manifestarem comportamentos diferentes em relação a fenómenos que envolvem o escopo:¹ i) dependência de T matriz, ii) resposta a interrogativas QU-, iii) negação e operadores de foco, iv) estruturas clivadas, v) posição, vi) quantificadores e pronomes ligados, vii) lacunas parasitas, e viii) interrogativas e negativas alternativas (Haegeman 2002, 2003, 2004; Lobo 2003, 2013, e.o.).

Baseando-nos nestes fenómenos sintáticos, apresentamos de seguida, de um ponto de vista descritivo, a oposição sintática entre condicionais integradas e condicionais periféricas.

¹ O efeito de escopo sugere que as integradas são dependentes da frase matriz, enquanto as periféricas são independentes da frase a que estão associadas (Haegeman 2002, 2003, e.o.).

1. *Escopo de T(empo) (ou dependência de T matriz)*

De acordo com Haegeman (2002, 2003), as orações condicionais integradas são temporalmente dependentes da oração matriz, no sentido em que a situação descrita na condicional toma como PPT (Kamp & Reyle 1993) o tempo da matriz (Silvano 2002; Gonçalves, Cunha & Silvano 2010).² No exemplo (1), o Presente do Indicativo (cf. *tire*) tem obrigatoriamente uma referência temporal futura, que é determinada a partir do tempo da matriz (cf. *will be*).

- (1) If your back-supporting muscles tire (future), you will be at increased risk of lower-back pain. (Haegeman 2003: 320)

Com efeito, Haegeman (2003: 320) defende que, quando o tempo da subordinada está no escopo de T matriz, como em (2), é possível formar uma frase em que o operador *if/se* pode ser expandido para *if and when/se e quando*:

- (2) If and when your back-supporting muscles tire, you will be at increased risk of lower-back pain.

As condicionais periféricas, pelo contrário, não são temporalmente subordinadas ao T da oração matriz, ou seja, a situação descrita na periférica não integra necessariamente o mesmo domínio temporal da situação matriz, podendo a sua localização temporal ser determinada a partir de t_0 (ver Gonçalves *et al.* 2015, para orações completivas de tempo independente). Isto é ilustrado em (3a), em que a referência temporal da periférica, no futuro, é distinta da que é expressa na matriz, e em (3b), em que a referência temporal da periférica, no presente, é a mesma da que é expressa na matriz.³

² Na linha destes autores (Gonçalves, Cunha & Silvano 2010 e Silvano 2002), a definição de dependência temporal articula os conceitos de PPT (Kamp & Reyle 1993) - intervalo de tempo a partir do qual uma situação é perspectivada - e *domínio temporal* (Declerck 1991) - intervalo de tempo ocupado por uma situação ou conjunto de situações temporalmente relacionadas entre si. Nesse sentido, a oração subordinada integrada e a frase matriz partilham o mesmo domínio temporal.

³ Com dados como o de (3b) conclui-se que nem sempre que o tempo da encaixada e o da matriz coincidem se verifica dependência temporal, embora vários trabalhos tenham assumido, do ponto de vista sintático, que tal coincidência configura um caso de dependência temporal (Ambar 1992b, Landau 2004, e.o., para as subordinadas completivas). Para uma discussão das limitações teóricas e empíricas desta aceção de tempos (in)dependentes, ver Duarte, Gonçalves & Santos (2012), Gonçalves *et al.* (2013); Gonçalves, Santos & Duarte (2014) e Marques *et al.* (2015).

- (3) a. If I'm no longer going to be arrested for possessing cannabis for my own consumption (...), shouldn't I be able to grow my own? (Haegeman 2003: 321)
- b. If we are so short of teachers, why don't we send our children to Germany to be educated? (Haegeman 2002: 124)

Assim, ao contrário do que acontece com as integradas (2), nas periféricas, não é possível expandir a frase subordinada para *se e quando*.

- (4) **If and when we are so short of teachers, why don't we send our children to Germany to be educated?* (Haegeman 2003: 321)

2. Escopo da negação

As condicionais integradas (5), mas não as periféricas (6), estão no escopo da negação da frase matriz (Haegeman 2003, Lobo 2003, 2013).

- (5) a. John won't finish on time if there's a lot of pressure on him. (Haegeman 2003: 322)
- b. Eu não deixava de trabalhar *se ganhasse a lotaria*. (Deixava se ficasse muito doente) (Lobo 2003: 444)
- (6) a. John won't finish on time, if there's (already) such a lot of pressure on him now. (Haegeman 2003: 322)
- b. ?*Não podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui* (só se o Zé está na prisão). (Lobo 2003: 444).

Relativamente à frase (6b), note-se que sem a continuação “só se o Zé está na prisão”, a frase seria gramatical com a interpretação de condicional integrada. Mas, nesse caso, a presença do Zé seria condição para se ficar descansado e não o contrário. A continuação “só se o Zé está na prisão” força a leitura em que o Zé é um fator de insegurança e não de tranquilidade, ou seja, a leitura em que a oração condicional está fora do escopo da negação na matriz.

3. Resposta a interrogativas QU-

As condicionais integradas podem ocorrer como resposta a interrogativas QU- (7).

(7) A: How can John get any fitter?

B: If he takes (= future) more exercise in the future. (Haegeman 2003: 322)

As periféricas, pelo contrário, nunca podem constituir-se como alvo de uma interrogativa *QU*- (8):

(8) A: How can John get any fitter?

B: #If he is already taking so much exercise now. (Haegeman 2003: 322)

4. Focalização com 'só' ou 'apenas'

Nas condicionais integradas, um marcador de foco exclusivo (como *only* ou *só/apenas*) na oração matriz tem escopo sob a subordinada condicional (9a), enquanto, nas periféricas, o marcador de foco na matriz não tem escopo sob a oração encaixada (9b) (Haegeman 2003).⁴

(9) a. John will only finish the book if there is a lot of pressure on him. (= only if there is a lot of pressure on him, John will finish the book) (Haegeman 2003: 322)

b. John will only finish the BOOK, if there is already such a lot of pressure on him. (= *Only if there is already a lot of pressure on it; John will finish the book) (Haegeman 2003: 323)

5. Clivagem

As condicionais integradas (10a), mas não as periféricas (10b), podem ser clivadas.

(10) a. It is (only) if he takes more exercise that John will get fitter. (Haegeman 2003:323)

b *It is only if there is already such a lot of pressure on him now that John will finish the book. (Haegeman 2003: 323)

⁴ Cf. também Lobo (2003, 2013) ou Bhatt & Pancheva (2006). Seguindo estes autores, as condicionais periféricas não permitem construções de focalização, o que é demonstrado pela agramaticalidade deste tipo de condicionais:

i.* She only should leave [if she is so unhappy]. (Bhatt & Pancheva 2006: 673)

6. Quantificadores e pronomes ligados

As condicionais integradas (11a), mas não as periféricas (11b), podem estar sob o escopo de um quantificador na frase matriz.

- (11) a. *No one* will answer the phone if *he* thinks it's his supervisor. (Haegeman 2003: 323)
b. Why does *no one* answer the phone, if *he* probably thinks it's his supervisor?
(Haegeman 2003: 323)

Na frase (11a), o pronome pessoal sujeito da subordinada tanto pode referir-se a uma entidade específica saliente no discurso como pode ser uma variável ligada pelo quantificador *no one*. De modo a explicar o contraste entre (11a) e (11b) quanto à possibilidade de o pronome ser ou não ligado pelo quantificador, Haegeman (2003) defende que, em (11a), o pronome na condicional integrada é c-comandado pelo DP sujeito da matriz.⁵ Na frase (11b), o pronome pessoal tem uma referência independente, i.e., não é ligado pelo quantificador *no one*, por isso a subordinada não está no domínio de c-comando do sujeito da oração matriz.

7. Lacunas parasitas

De acordo com Haegeman (2002, 2003), nas condicionais integradas, são legítimas lacunas parasitas (12a). Nas condicionais periféricas, pelo contrário, não são legítimas lacunas parasitas (12b).

- (12) a. He is a man who if you know [Ø] you will love [Ø] (Jespersen, 1940, p. 202)
(Haegeman 2003: 324)
b. ?*...a paper which I will receive [Ø] today, if (,as you say,) he probably sent [Ø] to me yesterday. (Haegeman 2003: 324)

Relativamente a (12b), Haegeman (2003) considera que, uma vez que a periférica não está integrada na oração matriz, não há legitimação de lacunas parasitas. A condicional, contendo a lacuna parasita, e a matriz, contendo o vestígio, não formam aquilo que a autora

⁵ A definição de c-comando assumida pela autora é a seguinte:

"I assume that bound pronouns must be c-commanded by their binder (Safir, 1984; Haik, 1984; May, 1986; Hornstein, 1984 etc.). A c-commands B if A is a sister of a constituent dominating B." (Haegeman 2003: 323).

designa como um tipo de “predicado complexo”, isto é, a subordinada condicional não constitui um evento complexo com a oração matriz (Haegeman 2002).⁶ Para (12a), considera-se que “complex predicate formation is only possible if the predicate of the associated clause c-commands the constituent with which it composes and which contains the parasitic gap” (Haegeman 2002: 135).

8. Posição

Para Lobo (2013), as orações adverbiais integradas podem ocorrer em posição final sem marcação prosódica particular (13a), enquanto as periféricas só podem ocorrer em posição final se forem antecedidas de pausa ou quebra entoacional, a que corresponde geralmente uma vírgula na escrita (13b).⁷

- (13) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado*. (Lobo 2003: 151)
b. Podemos ficar descansados *(||) *se o Zé já não mora aqui*. (Lobo 2003: 443)

9. Interrogativas e negativas alternativas

As condicionais integradas podem ocorrer em estruturas interrogativas alternativas (14a) e em estruturas negativas alternativas (14b).

- (14) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado ou se lhe concedessem um empréstimo?* (Lobo 2003: 153)
b. O Zé não compraria um carro novo *se fosse aumentado, mas sim se lhe concedessem um empréstimo*. (Lobo 2003: 153)

As condicionais periféricas, no entanto, não podem ocorrer em estruturas interrogativas alternativas (15a) nem em estruturas negativas alternativas (15b).

⁶ Esta definição de predicado complexo é uma definição particular, que nada tem a ver com os casos de reestruturação ou união de orações e que decorre do facto de a subordinada constituir um evento complexo com a matriz.

⁷ Em relação às periféricas, veja-se também Haegeman (2004: 68): “Peripheral adverbial clauses are typically prosodically set off from the associated clause by comma intonation, usually signaled by a comma in writing. Sometimes, however, the peripheral adverbial clause is typographically set off as if it were an independent clause.”

- (15) a. *Podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui* ou *se a porta está fechada?* (Lobo 2003: 446)
- b. *Não podemos ficar descansados *se o Zé já não mora aqui, mas sim se a porta está fechada.* (Lobo 2003: 446)

Neste trabalho, assumimos a oposição entre condicionais integradas e condicionais periféricas consoante respondam de forma positiva ou negativa, respetivamente, aos testes sintáticos acima descritos.

No quadro 3.1 apresentam-se os elencos dos diferentes testes e o modo como distinguem entre si os dois tipos de condicionais.

Quadro 3.1: Sumário dos diferentes testes e do modo como distinguem os dois tipos de condicionais

Tipologia sintática de Condicionais	Testes Sintáticos								
	Escopo de T	Escopo da neg.	Resp. inter. QU-	Escopo de op. de foc.	Clivagem	Quant. e pron. ligados	Lacun. paras.	Inter. e neg. altern.	Posiç. final sem pausa
<i>Integradas</i>	+	+	+	+	+	+	+	+	+
<i>Periféricas</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-

3.2. Condicionais integradas vs. periféricas do português: comportamento sintático e relação com a tipologia semântica

Nesta secção, aplicando de forma sistemática os testes formais às condicionais do português, vamos explorar o comportamento sintático de cada um dos tipos semânticos (factual/hipotética/contrafactual).

Da leitura do trabalho de Haegeman (2003), conclui-se que existe uma articulação entre a tipologia semântica e a tipologia sintática das condicionais. A autora defende que as hipotéticas (que designa por *premise-conditionals*) são integradas e as factuais (que designa por *event-conditionals*) são periféricas. As condicionais contrafactuais não foram objeto de análise nesse estudo, mas Lobo (2003, 2013) defende que estas condicionais se comportam como adverbiais integradas: podem estar sob o escopo da negação matriz e de marcadores de foco; admitem a clivagem, podem ocorrer como resposta a interrogativas Qu- e em interrogativas alternativas e negativas alternativas.

É partindo do pressuposto de que existe uma articulação entre a tipologia semântica (factuais/hipotéticas/contrafactuais) e a sintática (integradas/periféricas) que passaremos a explorar o comportamento sintático de cada tipo semântico de condicionais, conforme já referido. Para tal, serão considerados dados do português presentes na bibliografia e dados obtidos pela pesquisa dos *corpora* CRPC e CETEMPúblico.

3.2.1. Condicionais factuais

No capítulo anterior, definimos as estruturas condicionais factuais como sendo aquelas cuja correlação entre a subordinada e a principal é dada como um facto; ou aquelas cuja subordinada é que é dada como um facto. Vimos, igualmente, que elas se distribuem por diferentes subtipos: *correlativas de eventos/situações* (16), *genéricas universais* (17) e *não genéricas* (ou episódicas) (18).

(16) Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (Brito 2003: 706)

(17) Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal. (Brito 2003: 706)

(18) a. Se não têm medo, não percebo a vossa postura! (CRPC)

b. Se a maioria não participa -- e a maioria não está a participar -- acabamos por ter um sistema que não representa a América. *par=ext7636-pol-96a-1*

Na aplicação dos testes com vista a aferir o comportamento sintático das condicionais factuais, serão considerados estes subtipos de condicionais.

1. *Escopo de tempo (ou dependência de T matriz)*

a) Factuais correlativas de eventos/situações

Neste subtipo de condicionais factuais, o tempo da subordinada pode ser dependente do tempo da oração matriz (19):⁸

⁸ Note-se que não é pelo facto de se verificar concordância temporal entre o tempo da subordinada e o da matriz que, nas frases de (19), o PPT da encaixada é o intervalo de tempo em que se localiza a situação matriz. A frase (i), abaixo, minimamente modificada a partir de (19b), permite mostrar que, efetivamente, a referência temporal da condicional é determinada a partir do tempo da situação matriz, sem que haja concordância temporal.

i. Se se vem de Bombaim, como eu venho, estar-se-á sempre rodeado de gente de Goa.

- (19) a. Se está_{presente} bom tempo, ficamos_{presente} bem-dispostos.
 b. Se se vem_{presente} de Bombaim, como eu venho, está-se_{presente} sempre rodeado de gente de Goa.

A dependência temporal que se verifica em (19) é comprovada pelas frases em (20), na linha de Haegeman (2003: 321), segundo a qual, quando a subordinada é temporalmente dependente do tempo da matriz, a conjunção “if may often be expanded to if and when”:

- (20) a. *Se e quando* está bom tempo, ficamos bem-dispostos.
 b. *Se e quando* se vem de Bombaim, como eu venho, *está-se* sempre rodeado de gente de Goa.

b) Factuais genéricas universais

Nas factuais genéricas, o tempo da subordinada não se subordina ao tempo da matriz, uma vez que o PPT da encaixada pode não ser o intervalo de tempo em que se localiza a situação matriz, conforme ilustrado em (21b).

- (21) a. Se o narciso é_{presente} uma flor, pertence_{presente} ao reino vegetal.
 b. Se dois mais dois são_{presente} sempre quatro, então quatro é_{presente} /será_{futuro} /foi_{passado} sempre divisível por dois.

Além disso, as factuais genéricas universais não admitem a expansão do operador *se* para *se e quando* (Haegeman 2003):

- (22) a. **Se e quando* o narciso é uma flor, *pertence* ao reino vegetal.
 b. **Se e quando* dois mais dois são sempre quatro, então quatro é divisível por dois.

Assim, conclui-se que, nas condicionais factuais genéricas universais, o tempo da subordinada está fora do escopo do T da matriz.

c) Factuais episódicas

Tendo em conta os dados de *corpora* do PE, depreende-se que, nas factuais episódicas, a oração subordinada factual não está no escopo de T matriz. Por um lado, as factuais episódicas podem exibir tempos diferentes na adverbial e na matriz:

- (23) a. Se a maioria não participa_{presente}, acabamos_{presente}/ acabaremos_{futuro} por ter um sistema que não representa a América.
b. Se ele vai_{futuro} à China no próximo ano, então devíamos publicar_{presente} o seu livro agora.
c. Se Portugal tem vivido_{presente + passado} com o modelo actual, sobreviverá_{futuro} no futuro.
d. Se vocês os expulsaram_{passado}, porque querem_{presente} que nós vivamos com eles?

Por outro lado, e como consequência de (23), elas não admitem, seguindo Haegeman (2002, 2003), uma expansão do tipo *se* e *quando*:

- (24) a. **Se e quando* a maioria não participa, acabamos por ter um sistema que não representa a América.
b. **Se e quando* Portugal tem vivido com o modelo actual, sobreviverá no futuro.
c. **Se e quando* vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles?

2. Escopo da negação

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas de eventos/situações podem estar sob o escopo do operador de negação, obtendo-se a interpretação em que a negação afeta não só o predicado da matriz mas também o predicado da encaixada, conforme ilustram os exemplos em (25).

- (25) a. Não ficamos bem-dispostos *se está mau-tempo*. (= não é se está mau tempo que ficamos bem-dispostos)
b. Não se está sempre rodeado de gente de Goa *se se vem de Bombaim, como eu venho*. (= não é se se vem de Bombaim que se está sempre rodeado de gente de Goa)

b) Factuais genéricas universais

As factuais genéricas universais, ao contrário das factuais correlativas, não se encontram no escopo da negação matriz:

- (26) a. #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= não é se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
b. #Tu não és mortal *se és humano*. (= não é se és humano que és mortal.)

Em (26), é bloqueada pelo nosso conhecimento do mundo a interpretação em que *o narciso pertence ao reino vegetal, mas não por ser uma flor* (26a) e em que o locutor é mortal, *mas não por ser humano* (26b). Daqui conclui-se que, neste subtipo de factuais, o operador de negação, na frase matriz, não tem escopo sobre a oração subordinada.

c) Factuais episódicas

Também as factuais episódicas não podem ser interpretadas no domínio de escopo da negação da oração principal:

- (27) a. Não devíamos publicar o seu livro agora *se ele vai à China no próximo ano*. (= *Não devíamos publicar o seu livro agora se ele vai à China no próximo ano, só se ele vai à China no verão)
b. *O Paulo não foi à festa *se, como dizes, a Ana foi*. (= não é se, como dizes, a Ana foi à festa que o Paulo foi)
c. *Não é porque o meu noivo gosta de mim *se está comigo*.⁹
d. *Por que não querem que vivamos com eles *se vocês os expulsaram*?

3. Resposta a interrogativas QU-

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas podem constituir respostas a interrogativas QU-:

⁹ Neste tipo de condicionais factuais – condicionais de nexos interposicionais dedutivos –, a agramaticalidade pode não se dever à não ocorrência no escopo da negação, mas sim ao facto de este tipo de condicionais ser sempre agramatical quando a subordinada adverbial é deslocada para a posição final (ii).

i. *Se o meu noivo está comigo é porque gosta de mim.*
ii. **É porque o meu noivo está comigo se gosta de mim.*

- (28) a. – Em que circunstâncias /condições ficamos bem-dispostos?
 – *Se está bom tempo.*
- b. – Em que circunstâncias se está sempre rodeado de gente de Goa?
 – *Se se vem de Bombaim, como eu venho.*

Assim sendo, estes resultados indicam que a oração subordinada condicional pode ocorrer como foco informacional.

b) Factuais genéricas universais

As genéricas universais não podem constituir respostas a interrogativas *QU-*, funcionando como foco informacional, conforme ilustrado em (29).

- (29) a – Em que circunstâncias se é mortal?
 – *#Se és humano.* (= Tu és mortal *se és humano*_{FOCO}).
- b. – Em que circunstâncias pertence o narciso ao reino vegetal?
 – *#Se é uma flor.* (= O narciso pertence ao reino *vegetal se é uma flor*_{FOCO}).

Elas só podem ocorrer no contexto de resposta a uma interrogativa *QU-* se a sua interpretação for de tópico:

- (30) – Em que circunstâncias pertence o narciso ao reino vegetal?
 – *Se é uma flor*_{TÓPICO}, pertence... (não sei se noutras circunstâncias também pertencerá).

c) Factuais episódicas

As factuais episódicas não podem ocorrer como resposta a uma interrogativa *QU-*:

- (31) a – Em que circunstâncias / Por que devíamos publicar o seu livro agora?
 – *??*Se ele vai à China no próximo ano.*
- b. – Em que circunstâncias foi o Paulo à festa?
 – **Se a Ana foi.*

- c. – Por que gosta o meu noivo de mim?
– *Se está comigo.
- d. – Em que condições / Porque querem que vivamos com eles?
– *Se vocês os expulsaram.

Assim, as factuais episódicas não podem funcionar como foco informacional.

4. Focalização com “só” ou “apenas”

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas podem estar sob o escopo de advérbios de foco:

- (32) a. Apenas/Só ficamos bem-dispostos *se está bom tempo*. (= é só se está bom tempo que ficamos bem dispostos)
- b. Só se está sempre rodeado de gente de Goa *se se vem de Bombaim, como eu venho*. (= é só se se vem de Bombaim, como eu venho, que se está sempre rodeado de gente de Goa.)

Em (32), obtém-se uma interpretação em que o advérbio incide sobre a subordinada factual, conforme a interpretação pretendida que é dada no final de cada frase.

b) Factuais genéricas universais

As genéricas universais não podem, com a mesma facilidade, ocorrer no escopo de operadores de foco na frase matriz:

- (33) a. ??O narciso só pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= é só se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
- b. *Quatro só é divisível por dois *se dois mais dois são quatro*. (= é só se dois mais dois são quatro que quatro é divisível por dois).

Nestes dados, o advérbio não incide sobre o predicado da frase encaixada, o que indica que a subordinada factual está fora do seu domínio de c-comando.

c) Factuais episódicas

As condicionais factuais episódicas não admitem a focalização, o que indica que a subordinada adverbial está fora do domínio de c-comando de marcadores de foco.¹⁰

- (34) a. *Só vamos repetir a votação *se o acordo é esse*. (= é só se o acordo é esse que vamos repetir a votação).
b. **Portugal* só sobreviverá no futuro *se tem vivido com o modelo actual*. (= é só se Portugal tem vivido com o modelo actual que sobrevivera no futuro.)
c. *Só/apenas porque querem que nós vivamos com eles *se vocês os expulsaram?*

5. Clivagem

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As condicionais factuais correlativas podem ser clivadas:

- (35) a. É *se está bom tempo* que ficamos bem-dispostos.
b. É *se se vem de Bombaim, como eu venho*, que se está sempre rodeado de gente de Goa, indianos cristãos, indianos judeus.

b) Factuais genéricas universais

Pelo contrário, as condicionais factuais do tipo genérico universal não podem ser clivadas:

- (36) a. ?*É *se o narciso é uma flor* que pertence ao reino vegetal.
b. *É *se em ciência dois mais dois são quatro* que quatro é divisível por dois.

c) Factuais episódicas

Algumas factuais episódicas parecem poder ser clivadas. No entanto, a clivagem força uma interpretação hipotética, como se exemplifica em (37). Logo, só podem ser clivadas

¹⁰ Algumas factuais que são ambíguas entre factuais e hipotéticas, como (34a), são compatíveis com a focalização com *só* ou *apenas* quando adquirem a leitura hipotética:

i. Só vamos repetir a votação *se o acordo for esse*.

condicionais que sejam ambíguas entre factuais e hipotéticas, ficando a leitura factual bloqueada nas estruturas clivadas (38).

- (37) a. *É se a maioria não participa* que acabamos por ter um sistema que não representa a América. (= *é se a maioria não participar* que acabamos por
b. *É se o acordo é esse* que vamos repetir a votação. (= *é só se o acordo for esse* que vamos repetir a votação)
- (38) a. **É se Portugal tem vivido com o modelo actual* que sobreviverá no futuro.
c. **É se o meu noivo está comigo* que é porque gosta de mim.

Assim, podemos concluir que, nas factuais há que considerar duas subclasses sintáticas: condicionais que são compatíveis com processos de clivagem (as correlativas de eventos ou situações) e condicionais que não o são (as genéricas universais e as episódicas). Como visto anteriormente, as primeiras são as que admitem estar no escopo de operadores de foco e da negação matriz e as segundas são as que estão fora do escopo destes operadores.

6. Quantificadores e pronomes ligados

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas podem estar sob o escopo de quantificadores. Os exemplos que se seguem foram construídos por falta de exemplos relevantes nos dados considerados do PE.¹¹

- (39) a. [Todo o metal]_i derrete, *se pro_i é aquecido*.
b. [Todo o líquido]_i entra em ebulição, *se pro_i atinge os 100 graus*.

Nas frases em (39), o sujeito nulo da subordinada à direita é ligado pelo sujeito quantificado da frase matriz que o c-comanda (cf. Haegeman 2003). Nesse sentido,

¹¹ Nos *corpora*, condicionais correlativas de eventos contendo um quantificador ligado por um pronome são frases como a frase a seguir na qual, ao contrário de exemplos em (39), não há nenhuma relação configuracional de c-comando entre o sujeito da subordinada à esquerda e o da oração matriz.

i. *Se alguém achava mal alguma coisa*, dizia logo. *par=ext696110-clt-95a-2*

conclui-se que a adverbial condicional ocorre no domínio de c-comando do sujeito quantificado.

b) Factuais genéricas universais

As factuais genéricas apresentam um sujeito que denota uma espécie (e.g., *narciso* na frase: *Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal*). Assim, não podem ser sujeitas a quantificação de contagem; logo, não se pode testar com este tipo de condicionais a ligação de variáveis (40).

(40) a. *[Todo o narciso]_i pertence ao reino vegetal se *pro_i* é uma flor.

b. *[Ninguém/nada]_i é imortal se *pro_i* é humano.

Nesse sentido, depreende-se que as factuais genéricas universais não podem ocorrer no domínio de c-comando do sujeito quantificado na frase matriz.

c) Factuais episódicas

As factuais episódicas não admitem um pronome ligado por um sujeito quantificado da oração matriz:

(41) a. ?[Ninguém]_i sobreviverá no futuro, se *pro_i* não tem vivido com o modelo atual.

b. *Como é que [alguém]_i pode avaliar os europeus, se não *pro_i* é soviético?

Em (41a), apesar de a adverbial ser interpretada no domínio do escopo do quantificador, só é marginalmente possível com a leitura hipotética. Assim, concluímos que as factuais episódicas são interpretadas fora do domínio de c-comando do sujeito quantificado na oração matriz (41).

7. *Lacunas parasitas*

a) Factuais correlativas de eventos/situações

Nas factuais correlativas de eventos, são legítimas lacunas parasitas (42a',b'):¹²

(42) a. Se largas alguma coisa, ela cai. (Justino 2011: 36)

a'. *O que_i é que, se largas [∅]_i, [∅]_i cai.*

b. Se tu não pões as sardinhas no frigorífico, elas estragam-se. (Justino 2011: 36)

b'. *As sardinhas_i, se tu não pões [∅]_i no frigorífico, [∅]_i estragam-se.*

Nestas orações, ambas as lacunas são c-comandas pelo operador-A' (e.g., *que* em (42a') e o tópico *as sardinhas* em (42b')). Nesse sentido, é assumido que a oração subordinada adverbial forma um tipo particular de predicado complexo com o predicado da oração matriz, no sentido de o evento da subordinada constituir com o da oração matriz um evento complexo (Haegeman 2002: 134-135; 2003: 324).

b) Factuais genéricas universais

Estas condicionais não permitem legitimar lacunas parasitas (43a'):

(43) a. Se dois mais dois são quatro, então quatro é divisível por dois.

a'. **O que_i é que se dois mais dois são [∅]_i, [∅]_i é divisível por dois.*

c) Factuais episódicas

As condicionais episódicas não legitimam lacunas parasitas (44). A frase (44a') é adaptada do inglês. Nesta língua, as factuais no geral não legitimam lacunas parasitas (Haegeman 2003; Bhatt e Pancheva 2006).

(44) a. Vou receber o artigo hoje, se, como dizes, ele mo enviou ontem.

a'. **Este é o artigo_i que eu vou receber [∅]_i hoje se, como dizes, ele me enviou [∅]_i ontem.*

b. Se Óscar traiu Tomás, foi para o tentar salvar. CRPC

b'. *?*Quem_i é que se Óscar traiu [∅]_i foi para tentar salvar [∅]_i?*

¹² Isto é uma clara evidência de que as factuais do português, ao contrário das factuais de outras línguas, como o inglês (Haegeman 2003; Bhatt e Pancheva 2006), podem ser integradas na frase matriz a que estão associadas.

8. Negativas e interrogativas alternativas

a) Factuais correlativas de eventos/situações

Este subtipo de factuais pode ocorrer em interrogativas (45a) e negativas (45b) alternativas:

(45) a. Ficamos bem-dispostos *se está bom tempo* ou *se fazemos exercício*?

b. Não ficamos bem-dispostos *se está mau-tempo*, mas sim *se fazemos exercício*.

b) Factuais genéricas universais

As condicionais factuais genéricas universais, pelo contrário, não podem ocorrer em construções interrogativas (46a) nem negativas (46b) alternativas:

(46) a. #O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor* ou *se é um legume*?

b. #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor*, mas sim *se é um legume*.

c) Factuais episódicas

Também as factuais episódicas não podem ocorrer em construções interrogativas nem negativas alternativas:

(47) a. *Portugal sobreviverá no futuro *se tem vivido com o modelo atual* ou *se mudar*?

a'. *Portugal não sobreviverá no futuro *se tem vivido com o modelo atual*, mas sim *se mudar*.

b. *Porque querem que nós vivamos com eles *se vocês os expulsaram* ou *se os aceitaram*?

b'. *Porque não querem que nós vivamos com eles *se vocês os expulsaram*, mas *sim se os aceitaram*.

9. Posição

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas de eventos/situações podem ocorrer em posição final sem que sejam antecedidas de pausa ou quebra entoacional:

(48) a. Ficamos bem-dispostos *se está bom tempo*.

b. Está-se sempre rodeado de gente de Goa *se se vem de Bombaim, como eu venho*.

b) Factuais genéricas universais

As factuais genéricas universais não podem ocorrer em posição final sem pausa (49) e, mesmo com pausa, são melhores com uma prosódia que indique que a oração adverbial está extraposta (50).

(49) a. *O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.

b. *Tu és mortal *se és humano*.

(50) a. O narciso pertence ao reino vegetal || *se é uma flor*.

b. Tu és mortal || *se és humano*.

c) Factuais episódicas

Como mostram os dados (51), certas factuais episódicas não podem ocorrer em posição final independentemente de existir ou não uma pausa.

(51) a. * *Portugal sobreviverá no futuro se tem vivido com o modelo actual*.

?**Portugal sobreviverá no futuro || se tem vivido com o modelo actual*.

b. *É porque gosta de mim *se o meu noivo está comigo*.

*É porque gosta de mim || *se o meu noivo está comigo*.

As episódicas como as frases que se seguem podem ocorrer à direita da frase matriz. Mas precisam de uma pausa a separar a matriz da condicional (interpretativamente, têm uma natureza explicativa e, na escrita, deveriam estar antecedidas de vírgula).

(52) a. Acabamos por ter um sistema que não representa a América || *se a maioria não participa*.¹³

b. Porque querem que nós vivamos com eles || *se vocês os expulsaram?*

c. Como pode avaliar os europeus || *se o senhor é soviético?*

Assim, depreende-se que, na classe das factuais episódicas, umas só podem ocorrer à esquerda da matriz (51), enquanto outras podem ocorrer tanto à direita, com pausa, como à esquerda, com pausa, (52).¹⁴

Em síntese, os resultados obtidos através da aplicação dos testes sintáticos às condicionais factuais do PE são resumidos no quadro a seguir:

Quadro 3.2: Comportamento sintático dos diferentes subtipos de orações condicionais factuais

Subtipos de factuais	Testes Sintáticos								
	Escopo de T	Escopo da neg.	Resp. inter. QU-	Escopo de op. de foc.	Clivagem	Quant. e pron. ligados	Lacun. paras.	Inter. e neg. altern.	Posiç. final sem pausa
Correlativas de eventos	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Genéricas universais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Episódicas	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Estes resultados permitem fazer as seguintes generalizações sobre o estatuto sintático das condicionais factuais:

- As condicionais correlativas de eventos são integradas.
- As condicionais genéricas universais são periféricas.
- As condicionais episódicas são periféricas.

¹³ Esta frase pode ter pausa ou não, mas sem pausa é hipotética (= Acabamos por ter um sistema que não representa a América se a maioria não *participar*).

¹⁴ É de notar, porém, que algumas destas condicionais são mais naturais à direita do que à esquerda. Estão neste caso as estruturas iniciadas por *como é que* (ou outras palavras QU-):

- i. Porque querem que nós vivamos com eles, *se vocês os expulsaram?*
- ii. Como pode avaliar os europeus, *se o senhor é soviético?*

À esquerda, na escrita, precisam sempre de vírgulas, conforme é ilustrado a seguir:

- i. (Pois) se vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles?
- ii. (Pois) se o senhor é soviético, como pode avaliar os europeus? [“pois” só é possível quando há anteposição]

Assim, no grupo das condicionais factuais, podemos distinguir as factuais integradas das factuais periféricas. O comportamento semântico distinto das condicionais factuais favorece esta conclusão. Efetivamente, as factuais que classificámos como integradas modificam o evento descrito na matriz, o que se traduz numa maior coesão interfrásica. Isto é observado pelo facto de a subordinada constituir a causa direta do que é descrito na matriz (53):

- (53) a. *Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (= O facto de estar bom tempo faz com que fiquemos bem-dispostos).*
b. *Se há sol e chuva, aparece o arco-íris. (= Aparece o arco-íris. Isto acontece porque há sol e chuva).*

Quando a subordinada não constitui a causa direta (54), mas sim uma circunstância/razão que leva o falante a concluir ou dizer algo (55a), ou motivação para um ato de fala (55b) (Quirk *et al.* 1985 ou Lopes 2012), observa-se um escasso grau de integração sintática na matriz.

- (54) a. *Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (#O facto de o narciso ser uma flor faz com que pertença ao reino vegetal.)*
b. *Se vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles? (*Porque querem que nós vivamos com eles? Isto acontece por causa de vocês os terem expulsado.)*
(55) a. *Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (= O narciso é uma flor, digo isto porque pertence ao reino vegetal.)*
b. *Se vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles?*
(= Porque querem que nós vivamos com eles? E pergunto isto porque vocês os Expulsaram.)

O que acabámos de descrever está correlacionado com a distinção semântica entre condicionais de *causa-efeito* (ou de conteúdo) e condicionais de *premissa-conclusão* (*dedutivas, epistémicas* ou *de ato de fala*) (Haegeman 2002; 2003, e.o). A nosso ver, factuais

integradas enquadram-se nas do tipo *causa-efeito*, como já demonstrado em (53), e as periféricas, no segundo tipo (cf. *Se o narciso é uma flor, é porque pertence ao reino vegetal*).

Além disso, há a considerar a afinidade (ou o paralelismo) semântico com outras construções adverbiais. Por exemplo, as factuais do tipo correlativo, que se comportam como adverbiais integradas, são equivalentes a temporais de *quando*, que, na literatura são classificadas como integradas (cf. Haegeman 2009b; Lobo 2003, 2013) (56). Por sua vez, algumas factuais que se comportam como periféricas são equiparáveis às causais introduzidas por *já que* (57).

(56) a. *Quando está bom tempo*, ficamos bem-dispostos.

b. *Quando há sol e chuva*, aparece o arco-íris.

(57) a. *Já que o narciso é uma flor*, então pertence ao reino vegetal.

b. *Já que Portugal tem vivido com o modelo atual*, sobreviverá no futuro.

Na literatura, causais deste tipo (57) são caracterizadas como adverbiais periféricas (Quirk *et al.* 1985; Lobo 2001, 2003, 2013; Lopes 2012).

Como já se referiu, a maioria das condicionais factuais periféricas resiste a ocupar a posição final sem uma quebra entoacional. Este facto revela que, na estrutura da frase, elas são geradas numa posição alta em relação à frase matriz. Adicionalmente, do ponto de vista interpretativo, geralmente não podem ocorrer como foco informacional (58) nem como foco contrastivo (59), mas sim como *tópicos /background*, no sentido de informação esperada ou tomada como 'dado adquirido', assumido como verdadeiro no momento da enunciação (Lobo 2003).¹⁵

(58) A: Quando é que, na Europa, o próximo ano conhecerá idêntico fenómeno?

B: **Se, nos Estados Unidos, a liberalização do espaço aéreo é já um facto*.

(59) a. **Só se não têm medo* (é que) não percebo a vossa postura.

b. ?*Só/Apenas se o narciso é uma flor* (é que) pertence ao reino vegetal.

¹⁵ Relembre-se que, enquanto pressuposicionais, as periféricas não são compatíveis com processos de focalização nem clivagem.

As condicionais factuais integradas, pelo contrário, podem ocupar a posição final sem pausa ou quebra entoacional, como já se afirmou. Por isso, possivelmente ocupam uma posição mais baixa em relação à frase matriz. Esta hipótese pode ser suportada pelo facto de estas condicionais poderem ocorrer no escopo da negação matriz e de operadores de foco, poderem ser clivadas e poderem ocorrer como resposta a interrogativas parciais, funcionando como foco informacional.

Ainda em relação à ocorrência da subordinada factual integrada em posição final, os resultados revelam que, nesta posição, podem ser relativamente marcadas no que se refere ao valor semântico. Observemos os seguintes exemplos:¹⁶

- (60) a. *Se há sol e chuva*, aparece o arco-íris. (leitura preferencialmente factual)
a'. Aparece o arco-íris *se há sol e chuva*. (leitura preferencialmente hipotética)
b. *Se está bom tempo*, ficamos bem-dispostos. (leitura factual)
b'. Ficamos bem-dispostos *se está bom tempo*. (leitura preferencialmente hipotética)

A ocorrência da factual em posição final pode levar a que a mesma seja interpretada preferencialmente como hipotética (60a',b'), apesar do modo indicativo, o que pode significar que preferencialmente uma condicional factual ocupa a posição inicial.

Na posição inicial, estas condicionais podem ser interpretadas como tópicos/*background*, no sentido de informação conhecida/dada, conforme é ilustrado através de pares de pergunta-resposta (Ambar 1992a; Lobo 2003):

- (61) a. A: O que acontece *se há sol e chuva*?
B: *Se há sol e chuva*, aparece o arco-íris.
b. A: O que acontece *se está bom tempo*?
B: *Se está bom tempo*, ficamos bem-dispostos.

¹⁶ Estes dados foram testados junto de 4 linguistas portugueses. 3 interpretaram a factual, em posição final, como hipotética e 1 interpretou-a como factual, com a mesma interpretação de a: *Sempre que há sol e chuva aparece o arco-íris*.

De acordo com Valmala (2009), as condicionais integradas podem ocorrer à esquerda como foco. O autor sustenta a sua hipótese com o facto de, em posição inicial, tais condicionais poderem estar sob o escopo de advérbios de foco como *only*, que também pode aparecer na condicional em posição final (veja-se o contraste entre a. e b. em (62)). Com (62c), é atestado que, em espanhol, as subordinadas adverbiais na periferia esquerda podem também ser focalizadas.

- (62) a. The students will accept to negotiate only if the Chancellor resigns.
b. Only if the Chancellor resigns the students will accept to negotiate. /Only if the Chancellor resigns will the students accept to negotiate. (Valmala 2009: 955)
c. (Sólo) si acabas los deberes podrás salir. (Valmala 2009: 955)

Segundo Valmala (2009), o carácter de foco (contrastivo) das condicionais integradas em posição inicial é confirmado por estas estarem sujeitas às mesmas restrições prosódicas que se aplicam a construções de foco: impossibilidade de uma pausa entre o elemento focalizado e o material à sua direita (cf. *John(*,) I will meet on Friday (, not Bill)./Only if you really need it (*,) I will lend you my car.*).¹⁷

Tal como as condicionais integradas de outras línguas (62), as factuais do PE que classificámos como integradas, ao contrário das periféricas (59), podem ocorrer como foco contrastivo:

- (63) a. A mãe telefonava-lhe todos os dias apenas se o Rui estava doente.
a'. Só se o Rui estava doente (é que) a mãe lhe telefonava todos os dias.

Enquanto foco contrastivo, não há pausa entre a adverbial condicional integrada anteposta e a matriz, como foi observado por Valmala (2009).

Assim, podemos concluir que as condicionais factuais integradas podem ocorrer em posição inicial como tópicos (*Se o Rui estava doente*, a mãe telefonava-lhe todos os dias) ou

¹⁷ O comportamento dos constituintes focalizados contrasta com o de constituintes topicalizados:

i. *John(,) I will meet on Friday.*
ii. *If you really need it (,) I will lend you my car.* (Valmala 2009)

como foco contrastivo, desde que associadas a um marcador de foco como *só* ou *apenas*, conforme os exemplos em (63).

3.2.2. Condicionais hipotéticas

Conforme se mostrou no capítulo 2, uma condicional é hipotética quando o valor de verdade do antecedente é desconhecido. Apresentam-se em (64) alguns exemplos deste tipo de condicionais:

- (64) a. Ao todo, a mesa comportará 19 pessoas, *se todas aceitarem o convite*.

par=ext694088-pol-91b-1

- b. *Se te apanho perto da escola*, dou-te uma sova a valer. (CRPC)

Apresenta-se, seguidamente, o comportamento sintático das condicionais hipotéticas.

1. Escopo de tempo (ou dependência de T matriz)

As condicionais hipotéticas são dependentes de T matriz:

- (65) a. Se vens/vieres futuro /*vieste passado ao Algarve, não deixes de ir à praia.

- b. Se não tiveres estudado futuro, não farás futuro a cadeira em julho.

Em frases como as de (65), a subordinada tem obrigatoriamente uma referência temporal de futuro, que é determinada a partir do tempo da frase matriz, que também tem uma interpretação de futuro (ou seja, o PPT da subordinada é o intervalo de tempo em que está localizada a situação descrita na matriz e não t_0).¹⁸ Note-se que, na linha de Haegeman (2003), é possível expandir as frases de (65) para *se* e *quando* (66).

¹⁸ Note-se que esta generalização pode não ser aplicável às hipotéticas que são de nexos interproposicionais dedutivos, como a frase em (i), em que o PPT é t_0 , embora admitam, como as de (65) (veja-se (66)), expandir a oração subordinada adverbial para *se* e *quando* (ii).

i. Se ele não telefonar durante a próxima meia hora, (é porque) apanhou o avião.
ii. *Se e quando ele não telefonar durante a próxima meia hora*, apanhou o avião.

- (66) a. *Se e quando* vieres ao Algarve, não deixes de ir à praia.¹⁹
b. *Se e quando* não *tiveres estudado*, não farás a cadeira.

As hipotéticas geralmente exibem sempre dependência temporal.

2. Escopo da negação

As condicionais hipotéticas estão sob o escopo da negação da matriz:

- (67) a. Não te dou uma sova a valer *se te apanho perto da escola*. (= não é se te apanho perto da escola que te dou uma sova a valer)
b. O Algarve não ficará a perder *se a Cláudia não vier*. (= não será se a Cláudia não vier que o Algarve ficará a perder)

3. Resposta a interrogativas QU-

As condicionais hipotéticas podem ocorrer como repostas a interrogativas QU-:

- (68) a. – Em que circunstância te dou uma sova a valer?
– *Se te apanho perto da escola*.
b. – Em que circunstâncias o Algarve ficará a perder?
– *Se a Cláudia não vier*.

Enquanto único constituinte que é dado como resposta a interrogativas parciais, as condicionais hipotéticas podem funcionar como foco informacional.

4. Focalização com 'só' ou 'apenas'

Nas condicionais hipotéticas, os marcadores de foco como *só* ou *apenas* têm escopo sobre a frase subordinada, conforme ilustram os exemplos:

¹⁹ Estruturas deste tipo são atestadas nos dados dos *corpora*:

i. *As opções só se tornarão claras para a Europa se e quando os Marines desembarcarem em Sarajevo.*
par=ext1028979-pol92b-1

- (69) a. Só te dou uma sova a valer *se te apanho perto da escola*. (= é só *se te apanho perto da escola* que te dou uma sova a valer)
- b. O Algarve apenas/ só ficará a perder *se a Cláudia não vier*. (= é só *se a Cláudia não vier* que o Algarve ficará a perder)

5. Clivagem

As condicionais hipotéticas podem, com facilidade, ocorrer em estruturas clivadas:

- (70) a. É *se te apanho perto da escola* que te dou uma sova a valer.
- b. É *se a Cláudia não vier* que o Algarve ficará a perder.

6. Quantificadores e pronomes ligados

As condicionais hipotéticas podem estar no domínio de c-comando de quantificadores, na posição de sujeito da frase matriz, como observou Haegeman (2003).

- (71) [Muitas unidades]_i terão de fechar as portas, se *pro_i* não compreenderem rapidamente as mudanças da globalização dos negócios. *par=ext903167-eco-95a-2*

Em (71), o pronome vazio da frase condicional hipotética, a qual ocorre à direita da frase matriz, pode ser co-referente com o sujeito quantificado da matriz e admite a leitura ligada pelo quantificador, uma vez que pode estar no seu escopo. Nesse sentido, a subordinada hipotética ocorre no domínio de c-comando do sujeito da oração matriz.

7. Lacunas parasitas

As condicionais hipotéticas podem legitimar lacunas parasitas, como se mostra através dos exemplos (72a',b'):

- (72) a. Se certificarmos a nossa carne, vamos ser capazes de a vender toda e a bons preços. *par=ext1419956-nd-96b-1*
- a'. O que_i é que, se certificarmos [\emptyset]_i, vamos ser capazes de vender [\emptyset]_i e a bons preços?

b. Se Soares não o fizer, o PS poderá fazê-lo. *par=ext281785-pol-93b1*

b'. O que_i é que se Soares não fizer [\emptyset]_i, o PS poderá fazer [\emptyset]_i.

Estes dados indicam que a oração subordinada e a oração matriz formam um tipo de predicado complexo, no sentido de o evento da subordinada formar com o da matriz um evento complexo, consistindo num antecedente e num consequente (Haegeman 2002: 134).

8. Interrogativas e negativas alternativas

As condicionais hipotéticas podem ocorrer em estruturas interrogativas (73a) e negativas (73b) alternativas.

(73) a. O Algarve ficará a perder *se a Cláudia não vier ou se não quiser aparecer em público?*

b. O Algarve não ficará a perder *se a Cláudia não vier, mas sim se vier.*

9. Posição

As condicionais hipotéticas ocorrem em posição final sem pausa ou quebra entoacional:

(74) a. Dou-te uma sova a valer *se te apanho perto da escola.*

b. O Algarve não ficará a perder *se a Cláudia não vier.*

Concluindo, as condicionais hipotéticas comportam-se como subordinadas adverbiais integradas, dado que, como descrito acima, podem estar no escopo de T matriz, da negação e de advérbios de foco, entre outros fenómenos.

As hipotéticas tanto podem ocupar a posição final, sem pausa, como a inicial, com pausa, sem que daí decorra qualquer diferença do ponto de vista semântico:

(75) a. *Se a Cláudia não vier*, o Algarve não ficará a perder. (Leitura hipotética)

b. O Algarve não ficará a perder *se a Cláudia não vier.* (Leitura hipotética)

Os exemplos (75) mostram que o valor semântico é sempre o mesmo, quer a hipotética ocorra em posição inicial quer ocorra em posição final, o que pode significar que as condicionais hipotéticas têm inerente o traço discursivo [- pressuposicional]; e também [+ pressuposicional], uma vez que, em posição inicial, podem ocorrer como tópicos (75a).

As condicionais hipotéticas são sempre compatíveis com fenómenos que envolvem a focalização e a clivagem. O seu valor de verdade, no mundo real, é desconhecido, o que é compatível com a função dos testes que envolvem a focalização: restrição dentro de um conjunto e contraste com um mundo de alternativas possíveis.

Para além disso, as hipotéticas, ao contrário do que acontece com as factuais periféricas, podem ocupar tanto a posição de foco contrastivo (76) como a de foco informacional (77).²⁰

- (76) a. Só se a Cláudia não vier (é que) o Algarve ficará a perder.
b. Só se te apanhar perto da escola (é que) te dou uma sova a valer.
- (77) a. A: Quando é que o Algarve ficará a perder?
B: *Se a Cláudia não vier*
b. A: Quando é que te dou uma sova a valer?
B: *Se te apanhar perto da escola.*

3.2.3. Condicionais contrafactuais

No capítulo anterior (capítulo 2), definimos que as condicionais contrafactuais pressupõem que o antecedente é falso ou contrário aos factos. Exemplos:

- (78) a. Se Edward Newson fosse japonês seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional. *par=ext1254118-soc-95b-2*
b. Mas D. Pedro V, esse sim, se não morrera tão novo, poderia ter sido um grande estadista. *par=ext1391943-soc-96a-1*

²⁰ Só em contextos adequados as hipotéticas podem ocorrer como tópicos discursivos, no sentido de informação conhecida:

i. A: O que vai acontecer *se a Cláudia não vier*?
B: *Se a Cláudia não vier*, o Algarve não ficará a perder.

O comportamento sintático das contrafactuais é apresentado a seguir.

1. *Escopo de tempo (ou dependência de T matriz)*

As condicionais contrafactuais impõem necessariamente restrições à sequência de tempos:

- (79) a. Se a Maria tem ido (= tivesse ido)_{passado} às aulas, não chumbava_{passado}.
b. Se as nuvens fossem_{presente/futuro} /*são /*forem feitas de algodão, apanharia_{presente/futuro}
um pedaço para fazer um edredão.
c. Se a bola vai (= tivesse ido)_{passado} à baliza, seria_{passado} golo.

Como se pode observar, a referência temporal dos eventos descritos em ambas as orações é mesma. O exemplo (79c) é interessante, no que se refere à dependência temporal, porque o Presente do Indicativo (tempo morfológico) na oração subordinada passou a ter uma referência temporal de passado, determinada pelo tempo da oração matriz.

2. *Escopo da negação*

As condicionais contrafactuais estão sob o escopo da negação:

- (80) a. Edward Newson não seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional *se fosse japonês*. (= não era se fosse japonês que Edward Newson seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional)
b. Não seria golo *se a bola fosse à trave*. (= não era se a bola fosse à trave que seria golo)

3. *Resposta a interrogativas QU-*

As condicionais contrafactuais podem ocorrer como respostas a interrogativas parciais, funcionando como foco informacional:

- (81) a. – Em que circunstâncias Edward Newson seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional?

– *Se fosse japonês.*

- b. – Em que circunstâncias ia ser golo?

– *Se a bola fosse à baliza.*

4. Focalização com ‘só’ ou ‘apenas’

As condicionais contrafactuais podem estar sob o escopo de marcadores de foco como *só* ou *apenas* que ocorram na oração matriz:

- (82) a. Edward Newson só seria considerado um Tesouro Vivo Nacional *se fosse*

japonês (= era só se Edward Newson fosse japonês que seria considerado um tesouro nacional).

- b. Só ia ser golo *se a bola fosse à baliza* (= era só se a bola fosse à baliza que seria golo).

5. Clivagem

As condicionais contrafactuais admitem clivagem:

- (83) a. Era *se fosse japonês* que *Edward Newson* seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional.

- b. Era se a bola fosse à baliza que ia ser golo.

6. Quantificadores e pronomes ligados

As condicionais contrafactuais podem estar no domínio de c-comando de um sujeito quantificado na frase matriz. Por falta de exemplos relevantes nos dados dos *corpora* pesquisados, este fenómeno é ilustrado por exemplos construídos pelo investigador:

- (84) a. [Todos os alunos]_i teriam tido muito melhores resultados se *pro/eles_i* tivessem lido a bibliografia recomendada.

- b. [Nenhum partido]_i teria perdido a face perante os portugueses se *pro_i* apostasse na regionalização.

Nestes exemplos, o pronome lexical ou vazio da subordinada é ligado pelo sujeito da matriz, que se encontra estruturalmente numa posição mais alta, daí ser c-comandado por este sujeito (Haegeman 2003).

7. *Lacunas parasitas*

As condicionais contrafactuais legitimam lacunas parasitas (85a',b'), o que significa que a subordinada e a matriz formam um evento complexo.

- (85) a. Joe Dante não teria conseguido realizar este filme se não o tivesse centrado numa estação de televisão. *par=ext1236738-clt-98a-1*
a'. O que_i é que Joe Dante não teria conseguido realizar [Ø]_i se não tivesse centrado [Ø]_i numa estação de televisão?
b. Até ontem, se víssemos uma bandeira palestina, mandávamos tirá-la e talvez prendêssemos o indivíduo. *par=ext397803-pol-93b-2*
b'. O que_i é que até ontem, se víssemos [Ø]_i, mandávamos tirar [Ø]_i e talvez prendêssemos o indivíduo.

8. *Interrogativas e negativas alternativas*

As condicionais contrafactuais podem ocorrer em interrogativas (86a) e negativas (86b) alternativas.

- (86) a. Edward Newson seria considerado um Tesouro Vivo Nacional *se fosse japonês ou se fosse português?*
b. Edward Newson não seria considerado um Tesouro Vivo Nacional *se fosse japonês, mas sim se fosse português.*

9. *Posição*

As condicionais contrafactuais ocorrem em posição final sem que sejam antecedidas de rutura entoacional:

- (87) a. Não teríamos descido *se tivéssemos jogado sempre assim*. (CRPC)
 b. Mas D. Pedro V, esse sim, poderia ter sido um grande estadista *se não morrera tão novo*.

Em suma, os resultados da aplicação dos testes às condicionais contrafactuais permitem concluir que, sintaticamente, se trata de adverbiais integradas.

A possibilidade de ocorrerem em posição final sem pausa ou quebra entoacional, bem como o facto de poderem estar sob o escopo da negação matriz e de advérbios de foco, poderem constituir respostas a interrogativas *QU-*, poderem ser clivadas, entre outros fenómenos, aponta para que tais condicionais ocupem uma posição interna ao domínio de IP/TP, que é uma posição de adjunção a vP ou a VP (Haegeman 2002, 2003; Lobo 2003).

O valor contrafactual envolve dependência temporal, semântica, do T da subordinada relativamente ao T da matriz (Se a bola vai/tem ido à baliza, seria golo). Ora, o facto de o T da subordinada depender do T da matriz revela um maior grau de integração sintática da subordinada na matriz.

Tal como as hipotéticas, as contractuais integradas podem ocorrer tanto em posição inicial como em posição final, sem sofrer nenhuma marcação semântica, isto é, o seu valor semântico não altera em função da posição na frase, como exemplificado em (88).

- (88) a. *Se tivéssemos jogado sempre assim*, não teríamos descido. (CRPC)
 (leitura contrafactual)
 b. Não teríamos descido *se tivéssemos jogado sempre assim*. (leitura contrafactual)

Isto mostra que as contrafactuais podem ocorrer numa posição em que podem ser interpretadas como foco informacional – são sempre compatíveis com os testes que envolvem a focalização e clivagem. Também podem ocorrer, em posição inicial, como foco contrastivo (89), não sendo marcadas por pausa e implicando a inversão do sujeito da frase principal, na linha do que é descrito em Martins & Costa (2016); ou como tópicos (90).

- (89) a. *Só se chover (é que) terei alguma hipótese*. *par=ext183393-des-93a-2*
 b. *Se tivesse lido o texto* teria o Sr. Deputado compreendido melhor. (= Se tivesse lido o texto é que o Sr. Deputado teria compreendido melhor).

(90) a. *Se isso tivesse acontecido, nós saberíamos-lo (sic).* *par=ext1421471-pol-94b-1*

b. *Se não respirasse, morria.* (CRPC)

3.2.4. Conclusões gerais da secção 3.2

O comportamento sintático das condicionais factuais, das hipotéticas e contrafactuais é resumido no quadro 3.3.

Quadro 3.3: Comportamento sintático das condicionais factuais, das hipotéticas e das contrafactuais

		Testes Sintáticos								
Tipologia semântica das condicionais		Escopo de T	Escopo da neg.	Resp. inter. <i>QU-</i>	Escopo de op. foco	Clivagem	Quant. e pron. ligados	Lacun. paras.	Inter. e neg. altern.	Pos. final sem pausa
Factuais	genéricas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	universas									
	Episódicas	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	correlativas de eventos	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Hipotéticas		+	+	+	+	+	+	+	+	+
Contrafactuais		+	+	+	+	+	+	+	+	+

Estes resultados mostram que, no grupo das orações subordinadas adverbiais condicionais, existem integradas e periféricas.

As condicionais hipotéticas comportam-se como adverbiais integradas, confirmando o que já tinha sido observado na literatura (Haegeman 2003; Lobo 2003, 2013).

Também as contrafactuais se comportam como adverbiais integradas.

Já no domínio das factuais, distinguem-se duas subclasses sintáticas, as integradas (que correspondem à subclasse das correlativas de eventos/situações) e as periféricas (que correspondem às subclasses das genéricas universais e das episódicas). Isto é um dado novo relativamente ao que é defendido na literatura, em que se propõe que todas as factuais são apenas periféricas (Haegeman 2003; Lobo 2003; Bhatt & Pancheva 2006).

Em certos aspetos, no entanto, as factuais integradas parecem distinguir-se das hipotéticas e das contrafactuais (igualmente integradas). Em particular, as factuais integradas preferencialmente ocorrem na periferia à esquerda e podem ser relativamente marcadas ao ocorrerem à direita da matriz, já que esta posição favorece uma leitura hipotética das condicionais ambíguas entre factual e hipotética.

3.3. Estrutura sintática das condicionais integradas e das condicionais periféricas do PE

Como ponto de partida, começamos por apresentar as estruturas sintáticas das condicionais integradas e das periféricas propostas na literatura, e decorrentes dos contrastes descritos na secção 1. Iremos referir os trabalhos que adotam a análise clássica, segundo a qual as orações subordinadas adverbiais são adjuntas (Chomsky 1981, 2001; Iatridou 1991; Lobo 2002a, 2003; Adger 2003; Haegeman 2003; e.o) por ser a que assumiremos para as condicionais neste trabalho, e não a configuração que lhes atribui o estatuto de complementos ou especificadores (Kayne 1994; Cinque 1999; Valmala 2009).²¹

Pelo facto de as condicionais integradas poderem ocorrer no escopo de T matriz, da negação, de advérbios de foco e de quantificadores que ocorrem na matriz, em respostas a interrogativas *QU-*, bem como admitirem clivagem e legitimarem lacunas parasitas, Haegeman (2002, 2003) defende que são inseridas no interior do IP, em adjunção a VP, conforme a representação a seguir:²²

²¹ Para argumentos a favor da hipótese por adjunção, veja-se Lobo (2002a, 2003, e.o) e Brito (2003). No que às condicionais diz respeito, são argumentos, entre outros, os seguintes:

a) ***Podem ocupar diferentes posições na frase***, tal como acontece com os adjuntos adverbiais:

- i. Se tivéssemos jogado sempre assim, não teríamos descido. (CRPC)
- ii. Ficaria muito contente se me pudesse aproximar dele. (CRPC)
- iii. Marcelo Rebelo de Sousa, se estava no Coliseu, segundo se disse, terá gostado de ouvir. (CRPC)

b) ***É possível formular uma interrogativa com os verbos fazer ou acontecer seguidos da oração subordinada adverbial e responder com a oração principal***, como também acontece com adjuntos não frásicos:

- i. A: O que é que vamos fazer se vieres cedo?

B: Vamos jantar fora. (Brito 2003: 700)

a) ***É possível a ocorrência de múltiplos adjuntos***:

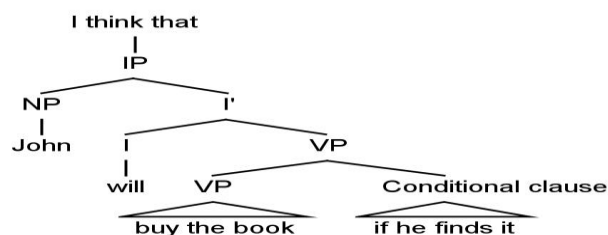
- i. Ficamos bem-dispostos [para irmos à praia] [se está bom tempo].

d) ***Existe a possibilidade de interpretação correferencial do sujeito nulo da subordinada condicional com o DP pleno da oração matriz***:

- i. Se [-], passasse pelo supermercado, o Luís, bem podia comprar a sobremesa. (Brito 2003:701)

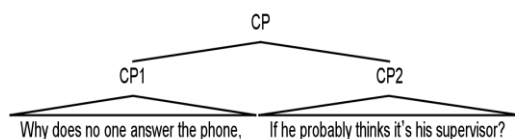
²² Cf. também Lobo (2002b) e trabalhos subsequentes (Lobo 2003, 2006), que na mesma linha defendem que as integradas ocupam uma posição interna ao domínio de TP, que é a posição de adjunção a vP ou VP. Já Iatridou (1991) assume esta configuração sintática (adjunção a VP) para a generalidade das condicionais quando ocorrem em posição final.

(91)

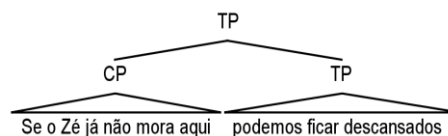


As adverbiais periféricas, que, pelo contrário, estão fora do domínio de T matriz, da negação, de operadores de foco e de quantificadores, não admitem a clivagem nem legitimam lacunas parasitas, são inseridas fora do IP matriz, em adjunção a CP (Haegeman 2002, 2003) ou a TP (Lobo 2003, e.o), como se representa em (92):

(92) a. Adjunção a CP (Haegeman 2002, 2003)



b. Adjunção a TP (Lobo 2003)



Tomando como ponto de partida estas propostas e os resultados da descrição das condicionais do português (cf. a secção 3.2 deste capítulo), consideramos, para as condicionais que classificámos como integradas (factuais, hipotéticas e contrafactuais), que são todas geradas em posições baixas, mais concretamente em adjunção a VP, como em (91).²³

No entanto, as factuais integradas, como todas as adverbiais integradas, podem ser movidas para a esquerda, por topicalização ou focalização contrastiva. Vários estudos têm mostrado existir uma relação entre a posição (i.e. ausência/presença de movimento) e o estatuto informacional de constituintes frásicos (Duarte 1987, 1996; Ambar 1992a; Lobo 2013; Martins & Costa 2016, e.o.). No que se refere às orações adverbiais integradas, tem-se

²³ Contudo, em vez de IP, vamos adotar como fronteira frásica TP, como Lobo (2003). Tal justifica-se pela relação de (in)dependência que se observa entre T da encaixada e T da matriz e pelo facto de T morfológico ser crucial para a definição dos valores semânticos das condicionais.

mostrado que estas podem ocupar a posição inicial ou a posição final relativamente à oração principal, estando a cada posição associados valores discursivos distintos (Lobo 2003, 2013). Através do teste com pares pergunta-resposta, Lobo (2013: 2037) concluiu que as orações adverbiais integradas, quando ocorrem em posição inicial, correspondem a informação conhecida e funcionam como tópicos, ao passo que, quando ocorrem em posição final, correspondem a informação nova ou estão incluídas num constituinte que corresponde a informação nova. Seguindo esta generalização, e com base no que ficou mostrado na secção anterior (secção 3.2), concluímos que as condicionais integradas podem ser interpretadas como tópicos quando ocorrem em posição inicial. Por outro lado, podem ocorrer nesta mesma posição como foco contrastivo (cf. Valmala 2009). A possibilidade de as condicionais integradas receberem a interpretação de tópicos ou de foco contrastivo na periferia esquerda da frase é igualmente confirmada através das seguintes propriedades:²⁴

(i) Enquanto tópicos, as condicionais integradas são seguidas de uma quebra entoacional (93), ao passo que, enquanto focos contrastivos antepostos, elas não devem ser seguidas de uma pausa (94) (Valmala 2009).

(93) a. *Se está bom tempo*(,) ficamos bem-dispostos.

c. *Se tivesse lido o texto*(,) o Sr. Deputado teria compreendido melhor. (CRPC)

(94) a. *(Só) se está bom tempo* ficamos bem-dispostos! [= é se está bom tempo que ficamos bem disposto]

b. *Se tivesse lido o texto* teria o Sr. Deputado compreendido melhor. [= Se tivesse lido o texto é que o Sr. Deputado teria compreendido melhor].

(ii) Relativamente à colocação dos clíticos (Costa & Martins 2011; Martins & Costa 2016), as condicionais integradas com o estatuto informacional de tópico não desencadeiam a próclise (95), enquanto as integradas antepostas com valor discursivo de foco contrastivo tornam obrigatória a colocação proclítica dos pronomes clíticos (96).

²⁴ Estas propriedades são as que distinguem objetos antepostos que estão topicalizados de objetos antepostos que estão focalizados e aqui referimos apenas algumas, aquelas que são relevantes na oposição das condicionais integradas entre si em posição inicial. Para uma visão geral das propriedades que distinguem a construção de topicalização da construção de focalização no PE, veja-se Martins & Costa (2016: 287-397).

- (95) a. *Se o Rui estava doente*, a mãe telefonava-lhe todos os dias.
 b. *Se isso tivesse acontecido*, nós saberíamos-lo (sic). *par=ext1421471-pol-94b-1*
- (96) a. *Se está sol nos sentimos bem!* [= é se está sol que nos sentimos bem]
 b. *Se chover bastante se evitarão mais incêndios.* [= (só) se chover bastante é que se evitarão mais incêndios]

Conforme recebam a interpretação de tópico ou de foco contrastivo, Valmala (2009) defende que, na estrutura da frase, as adverbiais integradas ocupam uma posição específica, que pode ser *Spec* de *TopP* ou *Spec* de *FocP*. Em relação à derivação sintática das orações adverbiais integradas, o autor propõe, pelo paralelismo que se observa entre estas e outros constituintes antepostos, o seguinte:

“topical adverbial clauses are sometimes generated in their surface position —the equivalent of left dislocation—, or moved from a post-verbal position — the equivalent of topicalization —, but focal adverbial clauses (almost always obligatorily) move from a post-verbal position — the equivalent of focus fronting —.”(Valmala 2009: 953)

Na literatura sobre o PE, também é defendido que a topicalização envolve o movimento do constituinte topicalizado (Duarte 1987, 1996; Raposo 1997; Barbosa 2009).²⁵ Também focos contrastivos antepostos são derivados por *Move* para a periferia esquerda (cf. Martins & Costa 2016).

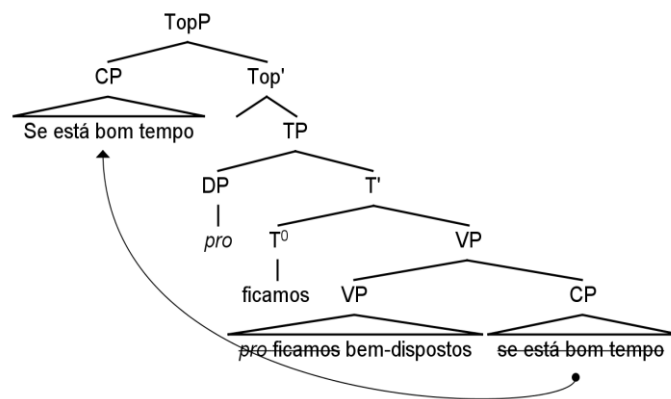
Para Duarte (1987, 1996, 2003), o tópico é derivado por movimento da posição de base onde é gerado para uma posição de adjunção à esquerda a IP/TP ou CP. A autora defende ainda que os tópicos estão fora do domínio de c-comando de TP em *spell out* e que o movimento pode dar-se por razões interpretativas (e não apenas para verificação formal de traços junto a um núcleo específico; Duarte 1996: 350).

Tendo em conta o que ficou exposto, que sustenta um paralelismo entre as condicionais integradas que precedem a matriz e constituintes antepostos como tópico e

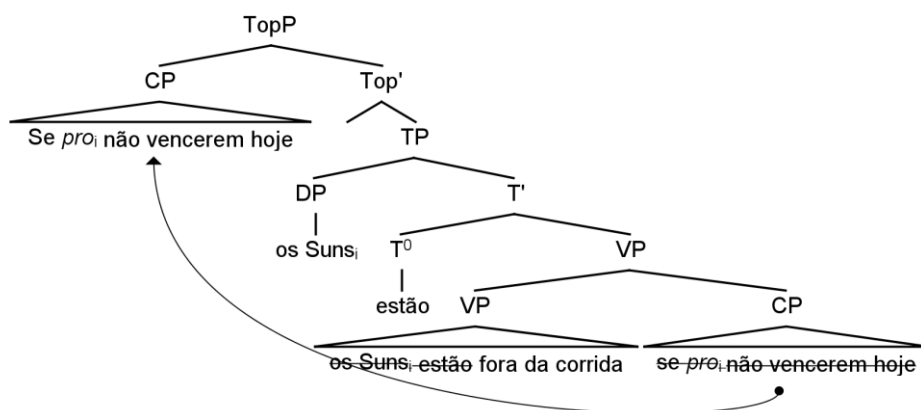
²⁵ Mas não a *deslocação à esquerda clítica* (também *tópico pendente* e *deslocação à esquerda de tópico*), que é derivada na periferia à esquerda por *Merge* (numa reinterpretação minimalista de Duarte 1987 e em Duarte 1996, 1997).

foco contrastivo, propomos que as condicionais factuais integradas e as condicionais hipotéticas e contrafactuais são objeto de movimento quando ocorrem à esquerda. Nesse sentido, apresenta-se a seguir a estrutura sintática proposta no âmbito desta hipótese de tratamento das condicionais integradas do PE por movimento a partir da posição básica de adjunção VP:

- (97) a. Adverbiais factuais integradas. Exemplo: *Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos.*



- b. Adverbiais integradas não factuais à esquerda. Exemplo de uma hipotética: *Se não vencerem hoje, os Suns estão fora da corrida.*



De acordo com esta proposta, a subordinada adverbial integrada é gerada em adjunção a VP, encontrando-se sob o escopo da negação, de operadores de foco ou de T

matriz. De seguida, é movida para uma posição externa a TP, em particular, [Spec, TopP] (ou para [Spec, FocP], em frases como *Só se chover terei alguma hipótese*).

O movimento para a periferia esquerda é, em primeiro lugar, motivado por razões interpretativas: as factuais integradas são preferencialmente interpretadas como tópicos (isto é, informação dada ou conhecida/*background*²⁶) e as hipotéticas e contrafactuais à esquerda podem ocorrer como tópicos ou como foco contrastivo.²⁷

As factuais integradas podem ainda ser movidas para a esquerda por razões de processamento (por forma resolver a ambiguidade semântica). Apesar de poderem ocupar a posição final, nessa posição, ao contrário do que acontece com as não factuais, as factuais integradas que são ambíguas entre factuais e hipotéticas induzem preferencialmente a leitura hipotética, conforme é demonstrado em (98b).

- (98) a. Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos. (leitura preferencialmente factual)
b. Ficamos bem-dispostos se está bom tempo. (leitura preferencialmente hipotética)

Deste modo, o movimento pode ser motivado ou pela necessidade de se evitar a ambiguidade ou pelo facto de a leitura factual ser mais facilmente acessível na subordinada em posição inicial do que na subordinada em posição final. É de notar que, nos dados dos *corpora* analisados, as factuais são todas pré-verbais, o que constitui um argumento empírico a favor de a posição inicial ser preferencial. Já no que diz respeito às hipotéticas e às contrafactuais, foram recolhidas condicionais quer pré-verbais quer pós-verbais, mantendo-se sempre o mesmo valor semântico, independentemente da posição que ocupam na frase.

Do ponto de vista sintático, saliente-se que o contraste entre (99) e (100), a seguir, tem constituído um argumento contra a hipótese por movimento para dar conta das condicionais (Iatridou 1991; Lobo 2003; Brito 2003).²⁸

²⁶ No sentido de 'dado adquirido' ou assumido como verdadeiro no momento da enunciação, na linha de Lobo (2003: 176; nota 48).

²⁷ Factuais integradas também podem ocorrer como foco contrastivo, como já se demonstrou. Entretanto não referimos este valor discursivo porque, nos dados analisados, só foram produzidas factuais com propriedades de tópicos.

²⁸ Embora não adote o princípio C da Teoria da Ligação como diagnóstico para o movimento ou não, como fazem Iatridou (1991), Lobo (2003), Valmala (2009), entre outros, Haegeman (2003) e trabalhos posteriores

- (99) a. Se [a Maria]_i bebe muito leite, *pro*_i fica maldispоста.
- b. Se [Edward Newson]_i fosse japonês, *pro*_i seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional. par=ext1254118-soc-95b-2
- c. Se [o tratado]_i for aprovado, *pro*_i será enviado ao Presidente da República. (CRPC)
- (100) a. *[-]_i fica mal-disposta se [a Maria]_i bebe muito leite.
- b. *[-]_i seria considerado um Tesouro Vivo Nacional se [Edward Newson]_i fosse japonês.
- c. *[-]_i será enviado ao Presidente da República se [o tratado]_i for aprovado.

De acordo com Iatridou (1991), Lobo (2003) e Brito (2003), a violação do princípio C da Teoria da Ligação (100) é um argumento a favor da geração da condicional à esquerda em (99).²⁹ No entanto, é de notar que, com esta análise, as factuais integradas, as hipotéticas e

(Haegeman 2008, 2009a, 2010a,b; Danckaert & Haegeman 2012) defendem que as condicionais integradas são sempre derivadas por movimento, através de um operador *MoodP_{irrealis}*, na linha da abordagem cartográfica de Cinque (1999). Esta hipótese é sustentada pelo facto de tais condicionais serem incompatíveis com construções que também envolvem o movimento de um operador para a posição periférica à esquerda: a) instâncias do que em inglês é chamado por ‘M(ain) C(lause) P(henomena)’ – *argument fronting* (i), *locative inversion* (ii), *preposing around be* (iii), *VP-preposing* (iv) – e b) construções com operadores modais, como, e.g., epistémicos (v), avaliativos (vi), entre outros.

- i. *If *these final exams* you don’t pass, you won’t get the degree. (Haegeman 2003: 332).
- ii. *If upstairs live his parents things, will be much simpler. (Haegeman 2010b: 599)
- iii. *If present at the party are under age children, they won’t be able to show the X-rated films. (Haegeman 2010: 599)
- iv. *If passed these exams you had, you would have had the degree. (Haegeman 2010b: 599)
- v. *If George *probably* comes, the party will be a disaster. (Haegeman 2010b: 603)
- vi. *If she has *luckily* been offered the job, I will be very happy. (Haegeman 2010b: 603)

A explicação para a agramaticalidade destes dados é a de que o operador que se move para derivar as condicionais integradas é bloqueado pelos constituintes que foram deslocados para periferia esquerda, o que não aconteceria se não houvesse movimento, como acontece com as adverbiais periféricas que admitem MCP e podem ocorrer com operadores modais:

- i. If his SYNTACTIC analysis we can’t criticise, there is a lot to be said against the SEMANTICS of the paper. (Haegeman 2003: 332)
- ii. If Le Pen will probably win, Jospin must be disappointed. (Nilsen 2004: 811: note 5) (Haegeman 2010b: 616)

Além disso, Haegeman defende que as condicionais integradas, ao contrário das periféricas, são estruturalmente deficitárias no seu domínio CP (assumindo a estrutura de CP, na linha de Rizzi 1997), sem “Force”, que codifica os traços de força ilocutória, e sem as projeções TopP e FocusP, que são dependentes de Force. Daí não legitimarem MCP e operadores modais, e serem internamente adjungidas a frase matriz mais cedo, antes de o domínio IP estar completo. As periféricas são adjungidas a CP1 (i.e., à oração matriz) mais tarde, depois de a derivação deste CP estar completa.

²⁹ Outros argumentos a favor da geração na base são a) *ausência de reconstrução com negação* (i) e b) a *impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância* (ii) (cf. Lobo 2003).

- i. a. O Zé não faltou à aula porque tinha exame. (Faltou por outra razão) (Lobo 2003: 232)
- b. Porque tinha exame, o Zé não faltou à aula. (*Faltou por outra razão) (Lobo 2003: 232)
- ii. a. O Zé vai dizer que o exame vai ser fácil se os alunos tiverem estudado. (ambígua)
- b. Se os alunos tiverem estudado, o Zé vai dizer que o exame vai ser fácil. (não ambígua)

as contrafactuais seriam estruturalmente projetadas em adjunção a posições altas, CP ou TP, e não estariam no escopo de constituintes na oração matriz, o que é incoerente com o estatuto das condicionais classificadas como integradas por estarem estruturalmente em domínios mais baixos, na frase.

Assim, e sendo esta análise (geração na base à esquerda) incompatível com o facto de as integradas mostrarem sistematicamente (para todos os testes aplicados) um comportamento compatível com a adjunção a posições baixas, assumimos, em alternativa, que as factuais integradas (99a) e as hipotéticas e as contrafactuais (99b,c) à esquerda são movidas de uma posição interna a TP para a periferia esquerda.

Em relação às frases (100) a violação do Princípio C que origina a sua agramaticalidade pode ser evitada precisamente através da topicalização da oração adverbial, criando os contrastes em (101), se adotarmos a proposta de Biskup (2006):

“As in the case of clausal adnominal adjuncts, an r-expression in a clausal adverbial adjunct can be coreferential with the pronoun in the matrix clause. However, it is possible only when the adjunct clause is backgrounded (preposed)”. (p. 99); “Since backgrounding implies presuppositionality, the r-expression does not reconstruct and therefore does not induce a Condition C effect. Hence, since Condition C is sensitive to the interpretation, it applies at the semantic interface. And since it also is sensitive to the interpretation of elements moved to the CP phase of the matrix clause, the final Condition C decision must be able to wait until the semantic interface of the highest phase in the sentence.” (p.102).

- (101) a. **pro_i* fica mal disposta se a [Maria]_i bebe muito leite.
a'. Se a Maria bebe muito leite, fica mal disposta.
b. **pro_i* seria considerado um Tesouro Vivo Nacional se Edward [Newson]_i fosse japonês.
b'. Se Edward Newson fosse japonês, seria considerado um Tesouro vivo.
c. **pro_i* será enviado ao Presidente da República se o [tratado]_i for aprovado.
c'. Se o tratado for aprovado, será enviado ao Presidente da República.

Mais abaixo recorreremos ao teste da reconstrução com a negação para mostrar que as condicionais integradas podem admitir o movimento.

Outros fenómenos sintáticos permitem argumentar a favor da hipótese de movimento na derivação das condicionais integradas à esquerda. Veja-se os casos de quantificadores e pronomes ligados (102), ainda que o pronome nulo, na adverbial, esteja fora do domínio de c-comando do operador de quantificação.

- (102) b. Se *pro_i* dermos passos para melhorar a situação, [*todos*]_i teremos muito a lucrar.
 b. Se *pro_i* apostasse na regionalização, [*nenhum partido*]_i teria perdido a face perante os portugueses.

Sabendo que a interpretação de variável ligada dos pronomes depende de uma relação estrutural específica, a relação de c-comando (Reinhart 1983, e.o), os dados em (102) serão plausivelmente explicados se considerarmos que na sua posição de base a adverbial se encontra no domínio de c-comando do operador de quantificação.

Ainda como argumento para o movimento, veja-se a reconstrução (atualmente analisada em termos de cópia) em (103) a partir dos dados de (104).

- (103) a. Se *pro_i* fosse vivo, Miguel Torga_i dificilmente evitaria um sorriso irónico. CRPC
 b. Se *pro_i* não vencerem hoje, os Suns_i estão definitivamente fora do caminho.
 par=ext1166979-des-93a-1
 (104) a. [Se *pro_i* fosse vivo]_t, Miguel Torga_i dificilmente evitaria um sorriso irónico ~~{se *pro_i* fosse vivo}~~_t.
 b. [Se *pro_i* não vencerem hoje]_t, os Suns_i estão definitivamente fora do caminho ~~{se *pro_i* não vencerem hoje}~~_t.

Em (104) mostra-se que a subordinada adverbial foi movida para uma posição de especificador de TopP (cf. a configuração em (97)), deixando um vestígio co-indexado na posição de origem. Repare-se que o requisito de c-comando do sujeito da encaixada pelo sujeito da matriz é satisfeito no nível de representação sintática em que a subordinada está na sua posição de origem.³⁰

³⁰ Esta análise é próxima da que tem sido feita para construções de topicalização.

i. [_{IP} [A si próprio]₁ [[o João]₁ [dá importância até demais *t*₁]]. (Duarte 1987: 267)

As condicionais integradas, enquanto constituintes que podem ser derivados por *Move*, podem reconstruir-se sob a negação:

- (105) a. Não se está sempre rodeado de gente de Goa *se se vem de Bombaim, como eu venho*. (Está-se rodeado de gente de Goa se se vem de Nova Deli)
 b. Se *se vem de Bombaim, como eu venho*, não se está sempre rodeado de gente de Goa. (Está-se rodeado de gente de Goa se se vem de Nova Deli)
- (106) a. Edward Newson não seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional *se fosse japonês*. (Seria considerado se fosse português)
 b. Se *Edward Newson fosse japonês*, não seria considerado como um Tesouro Vivo Nacional. (Seria considerado se fosse português)

Outra evidência a favor da hipótese de movimento vem da possibilidade de uma interpretação de *sloppy identity* do pronome possessivo que ocorre na elipse do VP na frase (107) (Haegeman 2003, Valmala 2009):³¹

- (107) Se o seu artigo for aceite, o João irá à conferência e a Maria também irá. ([-]/VP = [t] à conferência se o seu artigo for aceite).
 a) A Maria irá a conferência se o artigo do João for aceite. (*strict reading*)
 b) A Maria irá a conferência se o artigo dela for aceite. (*sloppy reading*)

Em síntese, podemos afirmar que as condicionais integradas (sejam factuais correlativas de eventos/situações, hipotéticas ou contrafactuais) são derivadas por movimento de uma posição interna a TP para a periferia esquerda.

Quanto às condicionais periféricas (isto é, as factuais genéricas universais e as factuais episódicas), admitimos que ocupam estruturalmente posições altas na frase, por não estarem sob o escopo da negação matriz (108) e de operadores de foco (109) nem admitirem a clivagem (110), entre outros fenómenos.

³¹ Os exemplos (107) são adaptados do inglês (Haegeman (2003: 329)), por falta de exemplos com elipse do VP nos dados considerados:

- i. If his paper is accepted, John will go to the conference and so will Mary.
 a. Mary will go to the conference if John's paper is accepted.
 b. Mary will go to the conference if her paper is accepted.

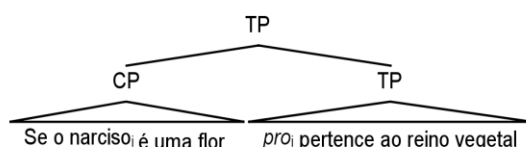
- (108) a. #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.
 b. *O Paulo não foi à festa *se, como dizes, a Ana foi*.
 c. *Por que não querem que vivamos com eles *se vocês os expulsaram?*
- (109) a. ??O narciso só pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.
 b. O Paulo só foi a festa *se, como dizes, a Ana foi*.
 c. *Por que só querem que vivamos com eles *se vocês os expulsaram?*
- (110) a. ?*É *se o narciso é uma flor* que pertence ao reino vegetal.
 b. *É *se Ana foi à festa* que o Paulo foi.
 c. *É *se se vocês os expulsaram* por que querem que vivamos com eles?

As condicionais periféricas são preferencialmente adjuntas à esquerda da matriz, já que resistem a ocupar a posição final com ou sem pausa (111), nem podem ocorrer como foco informacional (112), mas sim como tópicos.

- (111) a. *Pertence ao reino vegetal *se o narciso é uma flor*.
 b. *Não percebo a vossa postura *se não tem medo*.
- (112) a – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?
 – ?Se é uma flor. (= O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor*_{FOCO}).

Assim, a configuração estrutural deste tipo de factuais periféricas é a que se apresenta a seguir:

- (113) Exemplo de uma condicional periférica à esquerda: *Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal*.



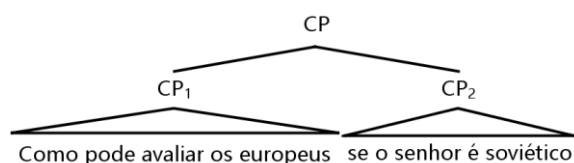
No entanto, algumas factuais periféricas, como as frases (114), são preferencialmente adjuntas à direita da matriz. Ao contrário de (111), estas condicionais episódicas, associadas

a uma matriz que integra um constituinte *QU*-, são mais naturais com a condicional à direita e, na escrita, precisam de uma vírgula se a condicional ocorrer à esquerda.³² Note-se que estas condicionais são semanticamente não ambíguas, não admitindo uma leitura hipotética apesar da sua posição final.

- (114) A. Porque querem que nós vivamos com eles *se vocês os expulsaram*?
b. Como pode avaliar os europeus *se o senhor é soviético*?

Deste modo, a configuração estrutural que propomos para estas condicionais é de adjunção a CP à direita (115):

- (115) Estrutura sintática de uma condicional periférica à direita: *Como pode avaliar os europeus se o senhor é soviético.*



3.4. Conclusões

Neste capítulo, começámos por descrever a oposição sintática entre condicionais integradas e condicionais periféricas. Ficou demonstrado que as condicionais integradas se distinguem das periféricas por manifestarem um comportamento diferente em relação a fenómenos como a dependência de T matriz, a resposta a interrogativas *QU*-, o escopo da negação, o escopo de operadores de foco, a clivagem, a posição, os quantificadores e pronomes ligados, a legitimação de lacunas parasitas e a possibilidade de interrogativas e negativas alternativas (Haegeman 2002, 2003, 2004; Lobo 2003, 2013, e.o.).

No ponto 2 deste capítulo, aplicámos de forma sistemática os testes sintáticos às condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais canónicas do PE, tendo sido possível aferir

³² Exemplo:

i. (Pois) se vocês os expulsaram, porque querem que nós vivamos com eles?

que as condicionais hipotéticas se comportam como adverbiais integradas, confirmando o que já tinha sido observado na literatura (Haegeman 2003; Lobo 2003, 2013). Também as contrafactuais se comportam como adverbiais integradas. Já no domínio das factuais, distinguem-se duas subclasses sintáticas, as integradas e as periféricas. Isto é um dado novo relativamente ao que é defendido na literatura, em que todas as factuais são classificadas apenas como periféricas (Haegeman 2003; Lobo 2003; Bhatt & Pancheva 2006).

O facto de as condicionais integradas (factuais, hipotéticas e contrafactuais) estarem no domínio de c-comando da negação matriz, de advérbios de foco e de quantificadores, poderem constituir resposta a interrogativas parciais e poderem ser clivadas levou-nos a considerar que tais condicionais são geradas em posições baixas, em adjunção a VP da frase matriz (Haegeman 2003; Lobo 2002b, 2003, 2006). Por outro lado, observámos que fatores de natureza semântico-discursiva e sintática permitiram argumentar a favor da hipótese de as condicionais integradas à esquerda poderem ser movidas da posição interna ao domínio de TP, onde são geradas, para uma posição periférica à esquerda. Na periferia esquerda, as factuais integradas e todas as integradas podem ser focalizadas ou topicalizadas.

As periféricas, por apresentarem resultados agramaticais nas diferentes estruturas sintáticas testadas, pelo contrário, ocupam uma posição mais alta na estrutura da frase, encontrando-se adjungidas a categorias funcionais altas, CP ou TP. Na periferia esquerda da frase, as factuais periféricas são preferencialmente interpretadas como tópicos.

4. Tipologia semântica das condicionais do PM, com foco na distribuição dos tempos e modos verbais¹

Neste capítulo, procuramos (i) descrever as condicionais de *se* do PM, no que se refere particularmente à sua tipologia semântica, com foco na distribuição dos tempos e modos verbais, e (ii) compará-las com as condicionais do PE (descritas no capítulo 2 deste trabalho).

Para a descrição semântica das condicionais do PM, assumiremos, como ponto de partida, a classificação tripartida das condicionais em factuais, hipotéticas e contrafactuais, relacionando esta tripartição com a distribuição dos tempos e modos verbais na oração condicional.

Este capítulo está organizado de seguinte modo: na secção 4.1, descrevemos os diferentes valores semânticos das condicionais de *se* do PM e sua relação com os tempos e modos verbais. Na secção 4.2, apresentamos em síntese os resultados da secção 4.1, mostrando em que aspetos o PM é semelhante ao PE e em que se distingue deste. Na última secção, 4.3, são apresentadas as conclusões deste capítulo.

4.1. Tipologia semântica das condicionais do PM

4.1.1. Condicionais factuais

De um modo geral, nos dados de *corpora*, ocorrem dois subtipos de condicionais factuais: (i) aquelas em que a situação descrita no antecedente se verifica no mundo real no intervalo de tempo relevante (1), e (ii) aquelas em que o que é um facto é a frase total, isto é, a correlação entre antecedente e consequente (2).

(1) a. A: Se o branco não chegou até aqui como é que lhe cortou? (CRPC)

B: É que fui chamado lá na casa dele. Cortei dele, cortei dos filhos também. (CRPC)

b. Se sabemos de tudo isso é porque existe uma língua em que nós somos falantes ou conhecemos. (CRPC)

¹ O conteúdo deste capítulo foi objeto de uma comunicação apresentada no XXXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Justino (no prelo).

- (2) a. Se a cabeça não funciona, o corpo é que sofre. (CRPC) (= *Quando / Sempre que a cabeça não funciona, o corpo é que sofre.*)
- b. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se perdesse, o pai tinha que nos mandar ir à procura. (CRPC) (=...*quando/sempre que se perdesse o pai tinha que nos mandar ir à procura.*)
- c. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se houver dinheiro. (CRPC) (= *Alguns membros da comunidade participam com regularidade, outros apenas participam sempre que houver/quando há dinheiro.*)

Os dados revelam que, à leitura factual, está associado apenas o indicativo, quando o antecedente é assumido como um facto em t_0 , como nos exemplos (1), que apresentam condicionais de leitura episódica. Embora não tenham ocorrido nos *corpora*, também nas condicionais do tipo genérico universal, à leitura factual, está associado apenas o indicativo (3).² Nos exemplos (3), o uso do Presente genérico indica que, no mundo real, em t_0 , como, aliás, em qualquer momento, o que é descrito no antecedente é um facto: *narciso é uma flor* (3a) e o *interlocutor é humano* (3b).

- (3) a. Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal. (PP)
- b. Todos os humanos são mortais. Assim, se tu és humano, tu és mortal. (PP)

Ao contrário das episódicas e das genéricas universais, nas factuais que decorrem da correlação de eventos/situações, cujos exemplos são apresentados em (2), tanto o indicativo como o conjuntivo são selecionados.³

² As frases em (3) foram extraídas de um teste de produção provocada, aplicado a população universitária moçambicana. Para além do modo indicativo, os sujeitos produziram, para estas frases, condicionais no modo conjuntivo (incluindo em contextos em que o seu uso é marginal, do ponto de vista do PE (cf. ?*Todos os humanos são mortais. Assim, se tu fores/fosses humano, tu és/serias mortal*):

- i. a. Se o narciso **for/fosse** uma flor, pertence/pertenceria ao reino vegetal. (PP)
- b. Todos os humanos são mortais. Assim, se tu **fores/ fosses** humano, tu és/serias mortal. (PP)

Mas, o uso do conjuntivo induz outras interpretações do antecedente: hipotética ou contrafactual. Daí que se assume que, no PM, o indicativo é o modo das condicionais genéricas universais, quando associadas à leitura factual.

³ Veja-se a seguir as variantes possíveis das frases em (2):

- i. a. Se a cabeça não **funciona**, o corpo é que sofre.
- a'. Se a cabeça não **funcionar**, o corpo é que sofre.
- a'. Se a cabeça não **funcionasse**, o corpo é que sofria.

A seguir, descrevemos, detalhadamente, as condicionais factuais do PM, com foco na distribuição dos tempos e modos verbais, na oração antecedente, nomeadamente o Presente (4.1.1.1.), o Pretérito Imperfeito (4.1.1.2.) e o Pretérito Perfeito do Indicativo (4.1.1.3), e o Pretérito Imperfeito (4.1.1.4) e o Futuro do Conjuntivo (4.1.1.5).

4.1.1.1. Presente do Indicativo

Como já referido, por um lado, o Presente do Indicativo ocorre nas condicionais em que o que é descrito no antecedente é real em t_0 . Do exemplo (4a), depreende-se que *o locutor sabe (tem conhecimento de) que se caminha para a violência no desporto rei*; de (4b), que *eles estão a sofrer com o seu próprio dinheiro* e, de (4c), que o locutore assume que *saber de tudo isso* é um facto.

- (4) a. Se nesse campo festivo que é o desporto rei **marchamos** para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária» par=2
 b. Como é que podemos desenvolver desta forma se **sofremos** com o nosso dinheiro? par=1
 c. Se **sabemos** de tudo isso é porque existe uma língua em que nós somos falantes ou conhecemos. (CRPC)

Enquanto condicionais em que o antecedente é tido como um facto em t_0 , estas estruturas podem ser parafraseadas por estruturas com operadores factivos (5), na linha de Gomes (2008).

- (5) Já que nesse campo festivo que é o desporto rei *marchamos para a violência*, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária».

-
- ii. a. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai tinha que nos mandar ir à procura.
 a'. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdia**, o pai tinha que nos mandar ir à procura.
 iii. a. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **houver** dinheiro.
 a'. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **há** dinheiro

No entanto, nem todas admitem este tipo de paráfrase, admitindo, porém, outros tipos, aproximáveis.⁴ Por exemplo, a condicional (4b) pode permitir uma paráfrase do tipo *Não q_(oração consequente), já que/porque p_(oração antecedente)*, pelo facto de a oração correspondente ao consequente, que ocorre em forma de uma interrogativa retórica, implicar uma expectativa que é contraditória ao facto nela expresso (6a). As factuais como a de (4c), que são de nexos interproposicionais dedutivos, poderiam ser parafraseadas como em (6b).

(6) a. ≈ Não podemos desenvolver, *já que/visto que* temos estado a sofrer com o nosso dinheiro.

b. É porque existe uma língua em que nós somos falantes que sabemos de tudo isso.⁵

Como já referido, à leitura factual, está associado apenas o indicativo, quando o antecedente é assumido como um facto em t_0 , em condicionais de leitura episódica (cf. (4) e (7)). Daí que uma possível alternância com o conjuntivo pode gerar a agramaticalidade da condicional (8).

(7) a. Se **morrem** tantas mulheres em Moçambique, por que razão poucas vezes se investiga a fundo as causas? (CRPC)

b. Este disse que o plano de acção daquela empresa passa por abastecer o precioso líquido 24 horas por dia, pelo que se os residentes da Vila de Boane **sofrem** restrições, algo pode ter sucedido por razões técnicas e não propositadas. par=1

⁴ Refira-se que muitas das interpretações (paráfrases) são formuladas com base nas minhas intuições, enquanto falante nativo do PM (quando não podem ser inferidas contextualmente). No entanto, admito que elas podem não coincidir com as dos falantes que produziram estes dados, uma vez que podemos não operar com uma mesma gramática. Gonçalves (2010: 91) chama a atenção para este facto ao afirmar que, “quando o(a) investigador(a) opera com gramáticas distintas das dos locutores observados, os dados obtidos através do recurso à sua intuição linguística, seja para gerar frases ausentes nos dados observados, ou para formular juízos de gramaticalidade sobre essas frases, podem não ser totalmente fiáveis”.

⁵ Note-se, a propósito das condicionais de nexos dedutivos, que as hipotéticas e contrafactuais, quanto a mim, parecem não admitir a paráfrase que se sugere para as condicionais que são factuais (6b):

(i) a. Se **soubemos** de tudo isso é porque existe uma língua de que todos somos falantes.

a'. *É porque existe uma língua de que nós somos falantes que **soubemos** de tudo isso.

b'. #É porque **existia** uma língua de que todos somos falantes que **tivéssemos sabido** de tudo isso.

A leitura de b' é factual e não contrafactual como em b.

- (8) a. *Se **morrerem** tantas mulheres em Moçambique, por que razão poucas vezes se investiga a fundo as causas?
- b. *Este disse que o plano de acção daquela empresa passa por abastecer o precioso líquido 24 horas por dia, pelo que se os residentes da Vila de Boane **sofrerem** restrições, algo pode ter sucedido por razões técnicas e não propositadas.

Nas factuais em análise, o Presente que ocorre é um presente que se sobrepõe a t_0 , indicando que a situação descrita se localiza e se verifica em t_0 . Tal é ainda demonstrado, por exemplo, pelo facto de não poder ser modificado por advérbios de referência futura nem poder ocorrer com um ponto de perspectiva futuro:

- (9) ***Amanhã**, se nesse campo festivo que é o desporto rei marchamos para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária».

O Presente do Indicativo, no antecedente, combina-se com o Presente do Indicativo, no conseqüente, nas condicionais factuais denexo causal (10). Assim, na frase (10a), o uso do Futuro do Indicativo induz a leitura hipotética do antecedente (cf. *Caso nesse campo festivo que é o desporto rei marchemos para a violência, começarei a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária»*). Já nas factuais denexo dedutivo (11a) e naquelas em que o conseqüente aparece em forma de uma interrogativa retórica (11b), o conseqüente admite tempos verbais diferentes do Presente do Indicativo, mantendo-se a interpretação factual.

- (10) a. Se nesse campo festivo que é o desporto rei marchamos para a violência, começo/#começarei /*comecei a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária».
- b. Hoje é o Neves; está atrás dos óculos e não te aperta a mão. Se o faz, olha / *olhará antes para todos os lados.
- (11) a. (...) Se sabemos de tudo isso é porque existiu / existe uma língua em que nós éramos/somos falantes ou conhecemos.
- b. Como é que poderemos / podíamos desenvolver desta forma se sofremos com o nosso dinheiro? par=1

Assim, podemos assumir que, nas factuais como as de (10), o tempo da oração correspondente ao antecedente depende do tempo da oração correspondente ao consequente, enquanto, nas factuais como as de (11), a factualidade não é necessariamente condicionada pelo Presente da oração consequente. Dito de outra forma, o antecedente de (11) continua a ser interpretado como um facto no tempo real e essa interpretação não é determinada pelo tempo da oração principal.

Como já se referiu, o Presente do Indicativo é ainda usado com valor factual nas condicionais que expressam uma correlação de eventos/situações:

- (12) a. Hoje não se respeita o sexo e se uma menina **atinge** os vinte anos sem conhecer homem as amigas gozam-lhe e riem dela dizendo que é anormal. (CRPC)
- b. Os últimos autocarros são sagrados, se a pessoa os **perde** corre o risco de dormir fora de casa. *par=1*
- c. Se a gente **diz** que a educação baixou de qualidade, então queremos dizer que não se está valorizando o que está sendo feito agora. (*Corpus África*)

Nestas condicionais, é difícil uma interpretação segundo a qual apenas o antecedente é tido como um facto, em t_0 , ou seja, em que o locutor assume, por exemplo, que no momento de enunciação *a menina tem/atingiu os vinte anos* (12a) ou que *a pessoa está a perder/vai perder os últimos autocarros* (12b). O que é um facto do mundo real é a correlação entre o antecedente e o consequente. Nesse sentido, estas estruturas são equivalentes a frases temporais introduzidas por *quando* e *sempre que* (13).⁶

- (13) a. Hoje não se respeita o sexo e quando uma menina atinge os vintes anos sem conhecer homem as amigas gozam-lhe e riem dela dizendo que é anormal.
- b. Os últimos autocarros são sagrados, quando /sempre que a pessoa os perde corre o risco de dormir fora de casa.

⁶ Esta propriedade é atestada pelos dados naturais (*corpora*), conforme ilustra o exemplo:

i. Passa muito tempo que este assunto não é abordado nos meios de comunicação social ou ainda se (quando) é abordado tem passado despercebido por muitas pessoas, incluindo os que comigo partilham o dia-a-dia. *par=3*

Além disso, podem ser parafraseáveis com recurso a *caso*, de valor correlativo (não episódico), conforme ilustram os exemplos (14).⁷

- (14) a. Hoje não se respeita o sexo e caso uma menina atinja os vinte anos sem conhecer homem as amigas gozam-lhe e riem dela dizendo que é anormal.
- b. Os últimos autocarros são sagrados, caso a pessoa os perca corre o risco de dormir fora de casa.

Ao contrário das factuais episódicas, nas correlativas, o indicativo pode alternar com o conjuntivo. Nestas em particular, que são correlativas de situações/eventos no presente, pode ocorrer o Futuro do Conjuntivo, mantendo-se o Presente habitual na oração consequente:⁸

- (15) a. Uma pessoa só é sempre pobre, se não **for** casada. (= *Uma pessoa só é sempre pobre sempre que/ quando não for casada.*)
- b. Os últimos autocarros são sagrados, se a pessoa os **perder** corre o risco de dormir fora de casa. (= *Os últimos autocarros são sagrados, sempre que/ quando a pessoa os perder corre o risco de dormir fora de casa.*)

As condicionais correlativas podem ainda admitir que o Presente do Indicativo, no antecedente, se combine, no consequente, com o Futuro do Indicativo ou com uma expressão adverbial com referência futura (16), o que em geral não acontece nas factuais em que o antecedente é tido como um facto em t_0 (cf. (9) e (10)).

- (16) a. Uma pessoa só será sempre pobre, se não **é** casada.
- b. **No futuro**, se a cabeça não **funciona**, o corpo é que sofrerá.

⁷ Lembramos que assumimos que o conector *caso* é correlativo quando apresenta restrições de episodicidade (i) e é hipotético quando não apresente este tipo de restrição e tem um valor episódico (ii).

i. **Hoje não se respeita o sexo e caso uma menina atinja os vinte anos sem conhecer homem **esse ano** as amigas gozam-lhe e riem dela dizendo que é anormal.*

ii. Se o investimento externo continuar, Moçambique vai manter um crescimento sustentável. par=1 (= *Caso o investimento externo continue **este ano**, Moçambique vai manter um crescimento sustentável.*)

⁸ A frase a seguir, extraída do CRPC, atesta o que acabámos aqui de afirmar, que o Futuro do Conjuntivo pode ocorrer com valor factual, em correlativas de eventos no presente:

i. Sempre que **tiver** tempo estou sempre ao lado de um rádio ou de gravador a escutar música. (CRPC)

Nas frases (16), mantém-se a leitura factual do tipo correlativo (cf. *Sempre que a cabeça não funciona (= funcionar), o corpo é que sofrerá.*), embora sejam correlativas de eventos/situações futuros. Como se demonstrou anteriormente, o Presente do Indicativo tem a mesma interpretação que o Futuro do Conjuntivo e tal é determinado pelo Futuro na oração principal. Deste modo, é plausível considerar que há dependência temporal neste tipo de factuais. Repare-se, por outro lado, que o Presente habitual, no consequente, não pode combinar-se com tempos de referência temporal passada em relação a t_0 nem com um PPT passado (17).

- (17) a. *Antigamente, uma pessoa só era sempre pobre, se não **é** casada.
 b. *Os últimos autocarros são sagrados, se a pessoa os **perde** correu/corria o risco de dormir fora de casa.
 c. *Se a cabeça não **funciona**, o corpo é que sofreu.

Entretanto, o Presente habitual pode coocorrer com o Pretérito Perfeito Composto desde que seja de dimensão aspetual (continuidade temporal e iteração), conforme atestam os exemplos abaixo do PM.

- (18) a. Passa muito tempo que este assunto não é abordado nos meios de comunicação social ou ainda *se (quando) é abordado tem passado despercebido por muitas pessoas, incluindo os que comigo partilham o dia-a-dia. par1*
 b. Tem havido esses problemas nos lares se não **há** pessoas mais adultas para aconselhar. (*corpus África*) (= *Tem havido* esses problemas nos lares quando não há pessoas mais adultas para aconselhar).

Nestes exemplos, também há concordância temporal relativamente à dimensão aspetual de habitualidade, o que favorece a interpretação factual.

4.1.1.2. Pretérito Imperfeito do Indicativo

As frases que se seguem, com Pretérito Imperfeito, são interpretadas como factuais. Do antecedente de (19a), pode-se inferir que *se riram das histórias*; de (19b), que *nem sempre iam para o baile* e, de (19c), que *os locutores entravam às 7*, a partir da situação aí descrita pelo Imperfeito e que se localiza no passado em relação a t_0 ou em relação a um intervalo de tempo passado (cf., e.g., *Nessa altura/No ano anterior*, se **entravámos** às 7, saíamos às 12).

- (19) a. Se se **riam** destas histórias, não deixavam de sentir uma certa comiseração pelos homens da cidade. (CRPC)
- b. Fim-de-semana se não **íamos** para o baile eram farras em casa de amigos. (CRPC)
- c. Se **entravámos** às 7, saíamos às 12. (NK62, Justino 2011)

Nestas mesmas condicionais, a factualidade pode ser igualmente asserida a partir da existência de uma correlação de eventos/situações passadas, por admitirem uma interpretação genérica equivalente à das orações temporais de *quando* ou *sempre que*:

- (20) a. Quando/ Sempre que se riam destas histórias, não deixavam de sentir uma certa comiseração pelos homens da cidade.
- b. Fim-de-semana sempre que não íamos para o baile, eram farras em casa de amigos.

Além disso, elas podem sempre ser parafraseadas com recurso a *caso* correlativo, tal como acontece com as correlativas de eventos/situações no presente:

- (21) a. *Caso se rissem* destas histórias, não deixavam de sentir uma certa comiseração pelos homens da cidade.
- b. Fim-de-semana, *caso não fôssemos* para o baile, eram farras em casa de amigos.

Nestas factuais, o Imperfeito do Indicativo, no antecedente, pode alternar com o Imperfeito do Conjuntivo, mantendo-se sempre o tempo do indicativo (Imperfeito) no consequente:⁹

- (22) a. Sempre que/Quando se **rissem** destas histórias, não deixavam de sentir uma certa comiseração pelos homens da cidade.
- b. Fim-de-semana, quando não **fôssemos** para o baile, eram farras em casa de amigos.

Do ponto de vista temporal, o Pretérito Imperfeito do Indicativo, no antecedente, e o Imperfeito, no consequente, são ambos de valor aspetual de habitualidade, e ainda podem exprimir um valor temporal que é passado, como já referido.

- (23) a. **Antigamente/No passado**, se se **riam** destas histórias, não deixavam de sentir uma certa comiseração pelos homens da cidade.
- b. **Fim-de-semana** se não **íamos** para o baile, eram/ *serão/ *são / *foram farras em casa de amigos.

Qualquer outro tempo do indicativo que não seja o Pretérito Imperfeito é, quanto a mim, agramatical (23b).¹⁰ Nesse sentido, podemos assumir que nestas correlativas de eventos/situações passadas, há obrigatoriamente uma combinação Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo, ou seja, há identidade de tempos entre as duas orações.

⁹ Esta alternância indicativo/conjuntivo é corroborada pelos dados de PP, de que as frases abaixo são exemplos construídos pelos sujeitos:

- i. Normalmente, se ele me desse/dava conselhos, aceitava-os. (PP)
- ii. Moçambique foi sempre assim: se chovesse/chovia muito, as ruas ficavam alagadas. (PP)

¹⁰ É de referir que, nos dados de *corpora* e nos de PP, nas condicionais que podem admitir correlação de eventos passados, não ocorrem casos de não identidade de tempos, o que pode ser uma evidência a favor do que acabámos de afirmar. A não identidade de tempos, com Imperfeito do Indicativo no antecedente, está presente em frases que têm uma leitura particular/episódica:

- i. Já perdemos o nosso avião. Mas se nós apanhamos/apanhássemos/apanharmos táxi, **chegávamos** a tempo.
- ii. Se a cerejeira **era** uma flor, então pertenceu ao reino vegetal.

4.1.1.3. Pretérito Perfeito do Indicativo

Condicionais factuais com Pretérito Perfeito são como as de (24). O seu antecedente verifica-se no mundo real no tempo relevante.

(24) a. A: Se o branco não **chegou** até aqui como é que lhe cortou? (CRPC)

B: É que fui chamado lá na casa dele. Cortei dele, cortei dos filhos também. (CRPC)

b. Não, não é caso de dinheiro. Se o próprio Henrique, mulato igual como ela, **foi negado** na proposta de anelamento (...). Anabela, por todos desejada, queria-se só com Benjamim. (CRPC)

Em (24a), o que é descrito no antecedente é partilhado pelos interlocutores A e B como um facto do mundo real: *o branco não chegou até onde eles estavam*. Em (24b), o interlocutor sabe que *o Henrique não foi aceite para ser o noivo da Anabela*, o que também é um facto.

Como factuais, condicionais como as de (24) podem comutar com operadores factivos:

(25) a. *Se/Como o branco não chegou até aqui* como é que lhe cortou?

b. Não, não é caso de dinheiro, uma vez que o próprio Henrique, mulato igual como ela, *foi negado na proposta de anelamento*.

Note-se ainda que a leitura factual está facilmente associada a estas condicionais pelo facto de a leitura hipotética ser de difícil acesso (26), ocorrendo o antecedente sob o escopo do operador *caso* que indica que o que é aí descrito é desconhecido.

(26) a. ?Caso o branco não tenha chegado até aqui como é que lhe cortou.

b. ?Não, não é caso de dinheiro, caso o próprio Henrique, mulato igual como ela, *tenha sido negado na proposta de anelamento*.

Como o conteúdo do antecedente é tido como verdadeiro em t_0 , estas condicionais dificilmente alternam com o modo conjuntivo:

(27) a. Se o branco não chegou/*tiver chegado/*tivesse chegado até aqui como é que lhe cortou?

b. Não, não é caso de dinheiro, se o próprio Henrique, mulato igual como ela, foi negado /#tiver sido negado/ *tivesse sido negado na proposta de anelamento.

Estes dados apontam para o facto de a seleção do modo indicativo, Pretérito Perfeito, ser obrigatória, neste tipo de factuais.

O Pretérito Perfeito usado no antecedente destas factuais descreve uma situação que teve lugar no passado e pode combinar-se, no consequente, nuns casos, com o Pretérito (28a) e, noutros, com o Presente (28b,c).

(28) a. Se o branco não **chegou** até aqui como é que lhe cortou?

b. Se os números apresentados **foram** confirmados o Chissano ganha as eleições.

(CRPC)

c. A: Tira a farda, ao menos.

B: Cala-te a boca. Se **cansei** com a farda, devo descansar com ela também.

(CRPC)

A leitura factual associada ao antecedente não depende da existência da concordância temporal (cf. igualmente: *Se/Já que/Como o branco não chegou até aqui como é que lhe vai cortar / cortará?*).

4.1.1.4. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

O Pretérito Imperfeito do Conjuntivo está associado ao valor factual nas condicionais de correlação de eventos passados, conforme ilustra a paráfrase (30) a partir da frase (29):

(29) Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai tinha que nos mandar ir à procura do tal gado ou cabrito. (CRPC)

(30) Portanto ali o gado às vezes perdia-se, sempre que/quando se **perdesse** o pai tinha que nos mandar ir à procura do tal gado ou cabrito.

A paráfrase (30) demonstra que o Imperfeito é factual, uma vez que, quando se encontra associado ao valor hipotético (31a) ou contrafactual (31b), não ocorre, com facilidade, no escopo de *quando* ou de *sempre que* nem alterna com o Pretérito Imperfeito do Indicativo (32).

- (31) a. Todas estas colectividades e outras não mencionadas, sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se **caíssem** ninguém seria colhido de surpresa. par=1
- b. Se não **fosse** por causa do rei, já teria raptado a criança. (CRPC)
- (32) a. *Todas estas colectividades e outras não mencionadas, sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido *quando* **caíssem** ninguém seria colhido de surpresa./*...se **caíam** ninguém seria colhido de surpresa.
- b. *Quando não **fosse** por causa do rei, já teria raptado a criança. /*Se não **era** por causa do rei, já teria raptado a criança.

Enquanto factual, pelo contrário, o Imperfeito do Conjuntivo alterna com o Pretérito Imperfeito do Indicativo, mantendo-se o indicativo (Imperfeito) na oração antecedente:

- (33) Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se/quando/sempre que se **perdesse**/**perdia**, o pai tinha que nos mandar ir à procura do tal gado ou cabrito.

Por o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, com valor factual, poder ocorrer no escopo de *quando* ou *sempre que*, quantificadores temporais, assumimos que esse tempo imprime um valor aspetual de habitualidade.

Na frase em análise, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, no antecedente, coocorre com o Imperfeito do Indicativo no consequente e essa combinação/identidade de tempos é obrigatória:

- (34) a. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai tinha que nos mandar ir à procura do tal gado ou cabrito.
- b. *Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai teve / terá / tem que nos mandar ir à procura do tal gado ou cabrito.

Ainda na frase em discussão, observa-se que o segmento frásico que precede o antecedente – *portanto ali o gado às vezes perdia-se* – descreve um facto em t_0 , o que permite inferir que a proposição condicional, o gado perder-se, é também tida como um facto real no tempo relevante. Deste modo, podemos afirmar que o Imperfeito do Conjuntivo, se legitimado contextualmente, pode referir situações do mundo real.

Para terminar esta subsecção, é de mencionar que, no PM, o Futuro do Conjuntivo (35a) pode ser usado como forma supletiva do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (35b), com valor factual.¹¹

- (35) a. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa se as coisas não **correr** bem. (*Corpus África*)
b. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa se as coisas não **corresse** bem. (=Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa quando as coisas não corressem bem.)

Tanto o Futuro, em (35a), como o Pretérito Imperfeito, em (35b), têm um valor aspetual de habitualidade, isto é, de situações que se repetiram no passado.

Assim, podemos depreender que, nas factuais de correlação de eventos passados, pode-se usar, no PM, o Pretérito Imperfeito e o Futuro do Conjuntivo em combinação com o Imperfeito do Indicativo, na oração principal (35).

4.1.1.5. Futuro do Conjuntivo

Nos dados, o Futuro do Conjuntivo é usado como factual nas condicionais de correlação de eventos no presente ou atemporais:

- (36) a. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **houver** dinheiro. (CRPC)
b. Se for preso sai logo no dia seguinte. Se **demorar** a sair agora até há bons advogados que aparecem logo a defender-nos. (CRPC)

¹¹ Apesar de o exemplo abaixo ser uma condicional hipotética episódica, ele mostra que, no PM, a possibilidade de o Futuro ser usado em vez do Imperfeito é um facto:

i. A TIC estaria interessada nas Linhas Aéreas de Moçambique, que deverá ser privatizada. Se o turismo **crescer** em Moçambique, a aquisição da LAM seria um complemento lógico. (CRPC)
*A TIC estaria interessada nas Linhas Aéreas de Moçambique, que deverá ser privatizada. Se o turismo **crecesse** em Moçambique, a aquisição da LAM seria um complemento lógico.*

Nestas frases, o que é um facto é a correlação antecedente e consequente, o que é demonstrado pelas paráfrases a seguir apresentadas:

- (37) a. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam *sempre que houver dinheiro*.
b. Se for preso sai logo no dia seguinte. *Sempre que demorar a sair* agora até há bons advogados que aparecem logo a defender-nos.

Além disso, nas correlativas, o Futuro do Conjuntivo, com valor aspetual de habitualidade, parece poder permutar com o Presente do Indicativo, também de valor aspetual, mantendo-se o Presente habitual no consequente:

- (38) a. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam *sempre que houver/ há* dinheiro.
b. Se for preso sai logo no dia seguinte. *Sempre que demorar/ demora* a sair agora até há bons advogados que aparecem logo a defender-nos.

Dado que o Futuro do Conjuntivo, nas factuais, tem um valor aspetual de habitualidade ou, temporalmente, descreve uma situação que se sobrepõe a t_0 , não refere uma situação de realização futura (39), como acontece quando tem valor hipotético (40).

- (39) a. *Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se, **amanhã/ algum dia**, houver dinheiro.
b. *Se for preso sai logo no dia seguinte. Se, **no futuro**, demorar a sair agora até há bons advogados que aparecem logo a defender-nos.
(40) a. Se a pastagem continuar ser comunal, haverá sempre pressões fortes no sentido de ela ser sobre-explorada. (CRPC)
a'. Se, **amanhã/no futuro**, a pastagem continuar ser comunal, haverá sempre *pressões fortes no sentido de ela ser sobre-explorada*.

O Futuro aspetual de habitualidade que ocorre no antecedente das correlativas é determinado pelo tempo da oração consequente, que, como já referimos, é um Presente

habitual (cf. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, *outros apenas **participam** (sempre), se houver dinheiro* vs. ... *outros apenas **vão participar** (sempre) se houver dinheiro* (= hipotética)). Nesse sentido, podemos depreender que existe dependência temporal no sentido de que o PPT do antecedente é o intervalo de tempo em que está localizada a situação descrita no consequente.¹²

A combinação Futuro do Conjuntivo + Presente habitual parece ser apenas possível quando o Futuro está associado à leitura factual. Quando o Futuro está associado à leitura hipotética (41a), parece não poder combinar-se com o Presente habitual (41b).

- (41) a. Se a pastagem **continuar** ser comunal, haverá sempre pressões fortes no sentido de ela ser sobre-explorada. (CRPC)
- b. *Se a pastagem continuar ser comunal, há sempre pressões fortes no sentido de ela ser sobre-explorada. (**Sempre que a pastagem continuar (a) ser comunal, há sempre pressões fortes no sentido de ela ser sobre-explorada.*)

Por último, note-se que, como acontece com qualquer correlativa, as que são de eventos no presente/atemporais, também podem estar sob o escopo do operador *caso* correlativo:

- (42) a. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam caso *haja dinheiro*.
- b. Se for preso sai logo no dia seguinte. Caso *demore sair agora até há bons advogados que aparecem logo a defender-nos*.

Síntese sobre o tempo/modo nas condicionais factuais:

- ✓ Quando o antecedente é assumido como um facto do mundo real (factuais episódicas e genéricas universais), usa-se apenas o modo indicativo. Assim, depreende-se que a correspondência entre o valor factual e o tempo/modo é direta nas factuais episódicas.

¹² Note-se ainda que, no antecedente, não pode ocorrer um tempo do passado.

i. *Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas **participaram/participavam** se houver / há dinheiro.

- ✓ Nas condicionais de correlação de eventos, a factualidade é expressa pelos modos Indicativo e Conjuntivo. Nas correlativas de eventos no presente/atemporais, encontramos o Presente do Indicativo e o Futuro do Conjuntivo, no antecedente. Já nas correlativas de eventos passados, a factualidade é expressa pelo Pretérito Imperfeito do Indicativo ou pelo Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, mas também se pode usar o Futuro do Conjuntivo como forma supletiva do Imperfeito (cf. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa se as coisas não *correr* (= *corressem*) bem). Deste modo, conclui-se que, nas correlativas, a relação entre a factualidade e os tempos/modos verbais não é direta.

4.1.2. Condicionais hipotéticas

No PM, as condicionais hipotéticas são exemplificadas pelas frases em (43), nas quais a hipótese de o antecedente ser verdadeiro no futuro é deixada em aberto.

- (43) a. Se o investimento externo continuar, Moçambique vai manter um crescimento sustentável. par=1
- b. Todas estas colectividades e outras não mencionadas, sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se caíssem ninguém seria colhido de surpresa. par=1
- c. O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se acertei, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido. (CRPC)
- d. Se a chuva volta a cair, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada Lua. (CRPC)

De acordo com os dados, ao valor hipotético estão associados tempos do conjuntivo (43a,b) e do indicativo (43c,d). A seguir, são descritas detalhadamente as condicionais hipotéticas, tendo em conta a ocorrência dos seguintes tempos/modos verbais no antecedente da condicional: Futuro do Conjuntivo (simples e composto) (4.1.2.1), Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (4.1.2.2), Presente do Indicativo (4.1.2.3), Pretérito Perfeito (4.1.2.4) e Pretérito Imperfeito do Indicativo (4.1.2.5).

4.1.2.1. Futuro do Conjuntivo (simples ou composto)

O Futuro do Conjuntivo é usado, com valor hipotético, nas condicionais episódicas:¹³

- (44) a. Se por ventura a pessoa **entrar** um dia em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV. (CRPC)
- b. Os mufanas que já compraram gritam: Laurinda, tu vai mbunhar.
E se **mbunhar**, teus filhos não vai comer nada. (CRPC)
- c. Ao defunto só é permitido fazer Qurbán se este **tiver deixado** dinheiro e um testamento para o efeito. par=2

Enquanto hipotéticas, estas condicionais podem ser parafraseadas pelo operador *caso*, com valor hipotético:¹⁴

- (45) a. Caso por ventura a pessoa entre um dia em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV.
- b. Os mufanas que já compraram gritam: Laurinda, tu vai mbunhar. E caso mbunhes, teus filhos não vão comer nada.
- c. Ao defunto só é permitido fazer Qurbán caso este tenha deixado dinheiro e um testamento para o efeito.

O Futuro do Conjuntivo que ocorre nas hipotéticas pode alternar com o Presente do Indicativo com o valor de futuro (46), mas não com o Presente habitual (47), que, como vimos, é possível quando o Futuro está associado à interpretação factual.

¹³ No PM, o Futuro do Conjuntivo também pode ocorrer, com valor hipotético, em condicionais genéricas/correlativas de eventos futuros, como na frase abaixo do PE:

i. Se a água **atingir** os 100 graus, entrará/entra em ebulição.

¹⁴ Nestes contextos, o conector *caso* expressa um valor episódico, tal como se pode observar, por não apresentar restrições de episodicidade:

i. Caso por ventura a pessoa entre **um dia / esta tarde** em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV.

Alguns exemplos de *corpora* do PM que atestam o uso de *caso* com sentido hipotético são:

i. Ao viajante, o Qurbán não é obrigatório, mas *caso regresse à casa antes do pôr-do-sol do dia 12 de Dhul-Hidja*, então deverá fazê-lo se para tal dispuser de meios materiais. par=2

ii. Depois de acontecer e *caso não se cumpra com o prometido* algo pode acontecer a pessoa que fez a promessa ou um membro familiar. par=1

- (46) a. Se por ventura a pessoa **entra** um dia em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV. (CRPC)
- b. Os mufanas que já compraram gritam: Laurinda, tu vais mbunhar. E se **mbunhas**, teus filhos não vai comer nada. (CRPC)
- (47) a. *Se por ventura a pessoa **entra sempre** um dia em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV. (= *Quando por ventura a pessoa entra um dia em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV).
- b. Os mufanas que já compraram gritam: Laurinda, tu vai mbunhar.
- *E se **mbunhas sempre**, teus filhos não vai comer nada. (= *E sempre que mbunhas, teus filhos não vai comer nada.)

O que é descrito pelo Futuro simples pode ser localizado, temporalmente, no futuro em relação a t_0 (cf. Justino 2011). Nesse sentido, pode ser modificado por advérbios de referência futura:

- (48) a. Se por ventura a pessoa **entrar um dia** em contacto com o vírus, o organismo reagiria combatendo o HIV.
- b. **No futuro**, se **conseguir** cumprir o prazo estipulado, levarás a minha filha.

Além disso, não pode ter como PPT o passado, conforme ilustra a agramaticalidade de (49).

- (49) *Phati, se, **ontem/ nesse dia/antigamente**, a Sarnau **morrer**, saberás o que é a fúria de um leão.

O Futuro Composto, pelo contrário, pode ter como PPT o passado:

- (50) a. Ao defunto só é permitido fazer Qurbán se, **no passado**, este **tiver deixado**, dinheiro e um testamento para o efeito.
- b. As escolas serão excluídas da terceira prestação se, **anteriormente**, os materiais não **tiverem sido** utilizados na escola.

De acordo com os dados analisados, o Futuro do Conjuntivo (Simples e Composto), no antecedente, é preferencialmente usado, no conseqüente, com formas verbais de referência temporal futura (51a) ou de leitura modal de possibilidade/hipótese em aberto no t_0 (51b,c).

- (51) a. Phati, se a Sarnau morrer, **saberás** o que é a fúria de um leão.
b. As escolas **serão** excluídas da terceira prestação se os materiais não tiverem sido utilizados nas escolas.
c. Se por ventura a pessoa entrar um dia em contacto com o vírus, o organismo **reagiria** combatendo o HIV. (CRPC)

Assim, nem sempre pode combinar-se, no conseqüente, com o Presente com valor temporal de presente (52), bem como não pode coocorrer com tempos de valor temporal passado (53), excetuando quando a condicional é de nexos interproposicionais dedutivos (53c).

- (52) a. *Phati, se a Sarnau morrer, **sabes** o que é a fúria de um leão.
b. *Se por ventura a pessoa entrar um dia em contacto com o vírus, o organismo **reage** (= **está a reagir**) combatendo o HIV.¹⁵
(53) a. *Phati, se a Sarnau morrer, **soubeste/sabias** o que é a fúria de um leão.
b. *As escolas **foram/estavam/tinham sido** excluídas da terceira prestação se os materiais não tiverem sido utilizados nas escolas.
c. Se a mesma morte **acontecer** nas mãos de um enfermeiro, é porque foi negligente. par=1

Deste modo, podemos assumir, com os dados de (52) e (53), que existe um fenómeno de concordância temporal entre o Futuro e o tempo da oração conseqüente que decorre de uma relação de dependência temporal.

¹⁵ (52b) é possível enquanto Presente com valor de futuro:

i. Se por ventura a pessoa entrar um dia em contacto com o vírus, o organismo **reage** (= **vai reagir**) combatendo o HIV.

4.1.2.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

Nos dados de *corpora* considerados, são escassas as condicionais em que o Pretérito Imperfeito tem apenas valor hipotético:¹⁶

- (54) Todas estas colectividades e outras não mencionadas sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se **caíssem** ninguém seria colhido de surpresa. par=1

Nesta frase, a leitura hipotética é legitimada, por um lado, pelo contexto que precede a condicional (cf. *Todas estas colectividades e outras não mencionadas, sempre falaram das suas dificuldades financeiras*) e, por outro, pelo Imperfeito que se combina com predicados de eventos, admitindo a leitura segundo a qual a hipótese de todas as colectividades caírem no futuro é deixada em aberto (55a), não podendo essa frase representar uma situação que não teve efetivamente lugar ou que já teve lugar (55b):

- (55) a. Todas estas colectividades e outras não mencionadas sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se/caso **algum dia** caíssem ninguém seria colhido de surpresa. par=1
- b. *Todas estas colectividades e outras não mencionadas sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se/caso caíssem, mas não caíram/ e já caíram, ninguém seria colhido de surpresa.

Repare-se que, ao contrário dos contextos em que é também contrafactual (56), quando o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo é associado apenas ao valor hipotético, como na frase em discussão, dificilmente pode combinar-se com o Condicional Composto ou com o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (tipicamente associados à contrafactualidade) (57):¹⁷

¹⁶ Nos vários exemplos de *corpora*, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo está associado a leitura contrafactual, isto é, o antecedente, em t_0 , é dado como falso (i a iii). A descrição semântica deste tipo de condicionais é feita no ponto 4.2.3.2, abaixo.

i. Dúvidas não nos restam que muitos exemplos, se vos **solicitassem** trazer para esta reflexão, viriam. par=1
ii. Aquele homem é um fugista. Se não **fosse era** um fugista, ele havia de parar aqui. (CRPC)
iii. Se a minha rainha **estivesse** viva, acredito que as coisas não seriam assim. (CRPC)

¹⁷ Agradeço a Telmo Mória (c.p.) a sugestão do teste em (57).

(56) Injusto seria se alguém lhe **apontasse** o dedo. (CRPC) (Injusto teria sido se alguém lhe **tivesse apontado** o dedo).

(57) ?*Todas estas colectividades (...) se **caíssem**, ninguém teria sido colhido de surpresa.

O Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, quando está associado à leitura hipotética, tem uma referência temporal futura, com predicados eventivos:¹⁸

(58) a. Todas estas colectividades e outras não mencionadas sempre falaram das suas dificuldades financeiras e em certo sentido se **caíssem algum dia** ninguém seria colhido de surpresa.

b. Injusto seria se alguém lhe **apontasse** o dedo **esta tarde**.

No PM, o Imperfeito do Conjuntivo, com valor hipotético, pode coocorrer com o modo condicional simples, como mostram os exemplos (58), com o Imperfeito do Indicativo (59), bem como com o Futuro do Indicativo (60).

(59) Se alguém me **pedisse** para escolher uma dentre as seguintes ocupações como "profissão" professor, enfermeiro, polícia, pastor de qualquer gado, agricultor, eu preferia como primeira opção, a de pastor. (*Corpus África*)

(60) a. Se ela **cometesse** um crime, não a veremos mais. (PP)

b. Se **apanhasses** o metro já, chegarás a tempo. (PP)

É de referir que frases como as de (60) envolvem uma espécie de ato de fala diretivo indirecto. De (60b), pode inferir-se que o enunciador sugere que o seu interlocutor apanhe o metro.¹⁹ Já a frase (60a) parece estar associada a algo mais forte do que uma mera

¹⁸ Ao contrário de (58), se a condicional tiver um valor estativo e/ou habitual, ou afim, obtém-se predominantemente a leitura contrafactual (cf. (i)) e, nestes contextos, pode apresentar restrições de episodicidade (cf. (ii)), o que não se verifica quando o Pretérito Imperfeito se combina com predicados de eventos (veja-se (58b)):

i. Se a minha rainha **estivesse viva**, acredito que as coisas não seriam assim. (CRPC)

ii. *Se a minha rainha estivesse viva **esta tarde**, acredito que as coisas não seriam assim.

¹⁹ No PM, em vez do Pretérito Imperfeito, pode-se usar o Presente do Indicativo para formular um convite ou uma sugestão:

i. Se **apanhas** o metro já, chegas a tempo. (PP)

sugestão/convite (talvez a uma ameaça). A recomendação de que alguém não cometa um crime é mais clara se ocorrer a segunda pessoa gramatical, diretamente associada ao interlocutor (Se tu **cometesses** um crime, não te veremos mais).

Concluindo, podemos assumir que o Imperfeito do Conjuntivo, com predicados eventivos, admite preferencialmente o valor hipotético se coocorrer com tempos simples: o Pretérito Imperfeito do Indicativo ou o Condicional, na oração matriz. Por outro lado, e independentemente do tipo aspetual básico do predicado (eventivo ou estativo), a leitura hipotética sobressai, com Pretérito Imperfeito, nos contextos em que se usa como uma espécie de ato de fala diretivo indireto: um convite, uma sugestão ou uma ameaça, como no exemplo (60a).

4.1.2.3. *Presente do Indicativo*

As frases (61), com o Presente do Indicativo, são hipotéticas. De (61a), deduz-se que o locutor não sabe se o seu interlocutor vai traí-lo ou não e, de (61b), se a chuva voltará a cair ou não.

- (61) a. Se me **traís**, amanhã morrerás na ponta da minha lança. (CRPC)
b. Se a chuva **volta a cair**, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua.
(CRPC)

Por serem hipotéticas, em que o valor de verdade do antecedente é desconhecido em t_0 , admitem paráfrases com o conector *caso* com valor epistémico de incerteza (62):

- (62) a. Caso me *traias*, amanhã morrerás na ponta da minha lança.
b. Caso a chuva *volte a cair*, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua.

As condicionais indicativas de valor hipotético são equivalentes às de Futuro do Conjuntivo. Dito de outra forma, o Presente do Indicativo usado nestas condicionais poderia alternar com o Futuro do Conjuntivo, mantendo-se o tempo do indicativo da frase matriz (63) e podendo ocorrer advérbios de referência temporal futura (64):

- (63) a. Se me **traíres**, amanhã morrerás na ponta da minha lança.
 b. Se a chuva **voltar** a cair, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua.
- (64) a. Se **amanhã** me traís, morrerás na ponta da minha lança.
 b. Se **mais logo** a chuva volta a cair, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua.

Por o Presente poder ser modificado por advérbios de referência temporal futura ou poder ter um PPT futuro (64), aduzimos que veicula um valor temporal de futuro em relação a t_0 (cf. também o facto de não poder ter como PPT o passado: **Nessa altura/ Ontem, se me **traís**, amanhã morrerás na ponta da minha lança.*). Esta referência temporal é determinada pelo tempo da oração consequente, que geralmente é um Futuro (65a) ou Presente com valor de futuro (65b,c).

- (65) a. Se me traís, amanhã **morrerás** na ponta da minha lança. (CRPC)
 b. Salomão, se me voltas a falar assim, **rebento-te** as fuças. (CRPC)
 c. Jovem, se tens exercícios de literatura escritos há mais de um mês, **destrói-os**. (CRPC)

Quando o Presente não é usado para referir um tempo futuro (66), pode estar associado a um outro tipo de interpretação hipotética que não é a de condicional dada como podendo ser verdadeira.

- (66) a. Deus é inocente e é só único se é que ele existe. (CRPC) (**Deus é inocente e é só único se é que ele existe **amanhã**.*)
 b. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou? (CRPC) (**Se **amanhã** esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou?*)
 c. Se esse filho é meu porque não o trouxeste contigo? Foi tudo uma invenção tua para complicar-me. (CRPC) (**Se esse filho é meu **no futuro** porque não o trouxeste contigo?*)

Estas frases parecem marcar uma oposição entre o enunciador e o seu interlocutor ou interlocutores quanto à avaliação do valor de verdade do antecedente. Todas as frases podem ser associadas a um “como dizes/dizem” (67), e a leitura hipotética está ligada a uma atitude de dúvida e/ou de descrença relativamente ao valor de verdade do antecedente.²⁰

- (67) a. Deus é inocente e é só único se é que ele existe, como dizem.
b. Se esse tal Mwando te ama de verdade, como tu dizes, porque é que antes te abandonou?
c. Se esse filho é meu, como dizes (mas eu não acredito), porque não o trouxeste contigo? Foi tudo uma invenção tua para complicar-me.

Repare-se que, nestas condicionais, de facto obtém-se a interpretação segundo a qual o locutor exprime uma contestação da asserção prévia, se considerarmos que o antecedente foi asserido antes como um facto (68), o que nos leva a designá-las de *retóricas*.

- (68) a. A: Mwando ama-me de verdade.
B: Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou?
b. A: Esse filho é teu.
B: Se esse filho é meu porque não o trouxeste contigo?

Note-se que, ao contrário das hipotéticas *canónicas* (i.e. não retóricas), nas quais o antecedente pode vir a ser verdadeiro, nas *retóricas*, o Presente não pode alternar com o Futuro do Conjuntivo (69) e o antecedente pode não ser parafraseável com recurso a *caso* (70).²¹

²⁰ Repare-se que, na frase (67a), o uso da expressão *é que* parece condicionar a interpretação de descrença na proposição *Deus existir*. Nas restantes frases, atitude de dúvida e/ou de descrença relativamente ao valor de verdade do antecedente é atestada por poderem ter a continuação: *duvido muito que...*:

i. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou? *Duvido muito que te ame*.
ii. Se esse filho é meu porque não o trouxeste contigo? *Duvido muito que seja*.

²¹ Numa frase como a de (70a), a agramaticalidade decorre do facto de *é que* não poder coocorrer com *caso*. Mas, sem *é que*, a frase que poderia resultar da comutação de *se* com *caso* não seria a paráfrase de (70a), porque se perderia o valor de oposição entre o enunciador e o seu interlocutor ou interlocutores quanto à avaliação do valor de verdade do antecedente (Deus é inocente e é só único *caso ele exista*).

- (69) a. *Deus é inocente e é só único se é que ele existir. (CRPC)
 b. *Se esse tal Mwando te amar *de verdade* porque é que antes te abandonou?
- (70) a. *Deus é inocente e é só único *caso é que ele exista*. (CRPC)
 b. ?*Caso esse tal Mwando te ame de verdade* porque é que antes te abandonou?

Para terminar este ponto sobre o Presente do Indicativo, refira-se que, às vezes, este tempo é ambíguo, estando associado quer à leitura hipotética (71) quer à leitura factual (72).

- (71) a. Se o cliente não se cuida, pode levar consigo um artigo que se parece com o solicitado. (CRPC) (= *Caso o cliente não se cuide*, pode levar consigo um artigo que se parece com o solicitado.)
 b. Se a chuva volta a cair, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua. (CRPC) (= *Caso a chuva volte a cair*, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua).
- (72) a. *Quando o cliente não se cuida*, pode levar consigo um artigo que se parece com o solicitado.
 b. *Já que/ Como a chuva volta, neste momento*, a cair, há esperança de dias de celeiros fartos e paz em cada lua.

Nuns casos, a ambiguidade associada ao Presente decorre da dicotomia leitura episódica/genérica vs leitura hipotética/factual, sendo que, com a leitura episódica, geralmente o Presente refere uma situação futura e, com a leitura genérica, o Presente é aspetual de habitualidade (cf. (71a) e (72a), respetivamente). Noutros casos, a ambiguidade decorre de o Presente já ser temporalmente ambíguo: quando tem valor de futuro admite a leitura hipotética e quando tem o valor de presente/sobreposição a t_0 , a leitura factual (cf. (71b) e (72b), respetivamente).

Em suma, o Presente do Indicativo é usado em dois subtipos de hipotéticas: nas condicionais nas quais o valor de verdade do antecedente é dado como desconhecido em t_0 , encontramos o Presente com valor de futuro (e que pode alternar com o Futuro do Conjuntivo); quando o antecedente foi antes asserido como um facto, mas o locutor contesta o seu valor de verdade, encontramos o Presente que se sobrepõe a t_0 , em

associação com outros elementos linguísticos, como a expressão é que. Nestas últimas, o Presente não alterna com o conjuntivo e a conjunção *se* não pode comutar com *caso*.

4.1.2.4. Pretérito Perfeito do Indicativo

As seguintes frases, com Pretérito Perfeito, são hipotéticas:

- (73) a. O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se **acertei**, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido. (CRPC)
- b. Se **usou** correctamente, o fogo pode ser bom. (CRPC)

O valor de verdade do antecedente é desconhecido em t_0 . De (73a), depreende-se que o locutor não sabe *se acertou ou não*, de (73b), o locutor não indica se o interlocutor usou o fogo correctamente ou não. Assim, admitem uma paráfrase com recurso a *caso* de valor episódico/hipotético (74):

- (74) a. O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. *Caso tenha acertado, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido.*
- b. *Caso tenha usado correctamente, o fogo pode ser bom.*

As hipotéticas com o Pretérito Perfeito podem alternar com o Futuro do Conjuntivo:

- (75) a. O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se tiver acertado, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido.
- b. Se tiver usado correctamente, o fogo pode ser bom.

Note-se ainda que, nestas frases, a leitura factual é dificilmente acessível, conforme ilustram as frases a seguir:

- (76) a. *O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Como *acertei, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido.*
- b. ?Já que *usou correctamente, o fogo pode ser bom.*

Do ponto de vista temporal, a situação descrita pelo Pretérito Perfeito é anterior a t_0 . Este tempo, no antecedente, pode combinar-se ou com o Pretérito Perfeito (77a) ou com o Presente com valor modal de possibilidade (cf. *pode ser*) (77b), no consequente.

- (77) a. O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se **acertei**, lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido. (CRPC)
- b. Se **usou** correctamente, o fogo pode ser bom. (CRPC)

Na frase (77a), o Pretérito Perfeito na oração principal é obrigatório (**O tiro me ensurdeceu. Não ouvi, não vi. Se acertei, lhe cortarei/corto o fio da vida, isso ainda hoje me duvido.*).²² Na frase (77b), admite-se outros tempos verbais de valor modal de possibilidade na oração principal (cf. *Se usou correctamente, o fogo podia/ poderá ser bom*), mas não o Pretérito Perfeito do Indicativo com a forma *poder ser* (**Se usou correctamente, o fogo pôde ser bom / Se usou correctamente, o fogo foi bom*).

4.1.2.5. Pretérito Imperfeito do Indicativo

Na frase (78), o Imperfeito do Indicativo está associado à leitura hipotética.

- (78) Não vendo atacado, mas se **conseguia** ter um dinheiro de vender atacado, ia vender. (LFJ51, Justino 2011)

O Pretérito Imperfeito do Indicativo com valor hipotético aponta para possibilidades que, embora distantes do real, estão em aberto em t_0 . Dito de outra forma, o Imperfeito do Indicativo aponta para hipóteses mais distantes do que é esperado no contexto conversacional (segundo Marques 2010 ou 2016, para o PE).²³ Do ponto de vista temporal,

²² Esta frase pode ter uma outra interpretação se o consequente não for *lhe cortei* = *Se **acertei** (e) lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido*. Nesta outra interpretação, o verbo da oração correspondente ao consequente está no Presente do Indicativo, ao contrário do que acontece na frase (77a) (ii), não estabelece a relação semântica do tipo *se, então* (i).

i. **Se acertei, (se) lhe cortei o fio da vida, então isso ainda hoje me duvido. / Se acertei (e) lhe cortei o fio da vida, então isso ainda hoje me duvido.*

ii. *Se acertei, então lhe cortei o fio da vida, isso ainda hoje me duvido.*

²³ Também na seguinte frase, com o Presente do Indicativo, o que é hipótese em aberto é distante do que é esperado no contexto conversacional. Por isso, seria preferencial o uso do modo conjuntivo, do ponto de vista do PE.

i. *Se eu te **levo** para Lichinga, vais encontrar pessoas que falam português de maneiras diferentes.*

o Pretérito Imperfeito do Indicativo, em (78), pode ter uma referência temporal de futuro em relação a t_0 , isto é, sofreu uma mudança *díctica* (Crouch 1993): de um tempo passado passou a ter o valor de futuro, como é ilustrado em (79):

(79) Não vendo atacado, mas se **algum dia/no futuro** conseguia ter um dinheiro de vender atacado, ia vender.

É de notar que, embora exemplos como o de (78) estejam atestados nos dados de produção espontânea, considero marginal ou até agramatical o uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo com referência futura no PM *culto*.²⁴ As minhas intuições foram confirmadas pelos juízos de gramaticalidade de estudantes universitários que assinalaram como agramaticais exemplos como o de (78), assumindo que, nesses contextos, o modo conjuntivo deveria ter sido usado. Isto vem corroborar a ideia de que, por um lado, os falantes do PM não partilham todos, entre si, os mesmos traços e regras gramaticais (cf. Gonçalves 2010) e, por outro, que, na mente destes falantes, podem estar disponíveis duas gramáticas em concorrência, a do PE e a do PM. São, portanto, falantes com múltiplas proficiências em Português (Justino 2015).

Síntese sobre o tempo/modo nas condicionais hipotéticas

- ✓ Às hipotéticas estão associados tempos do conjuntivo (Futuro e Pretérito Imperfeito) e do indicativo (Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Mais-que-Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito – este último apenas enquanto forma supletiva do Imperfeito do Conjuntivo).
- ✓ Nas hipotéticas com indicativo, podem distinguir-se dois subgrupos: hipotéticas decorrentes de o valor de verdade ser dado como desconhecido e hipotéticas (*retóricas*) decorrentes de o locutor expressar descrença ou contestação face a uma asserção prévia. Nas primeiras, as formas do indicativo podem alternar com as formas

(NZC39, Justino 2011)

²⁴ Tomando como referência o PE padrão, as propriedades gramaticais do PM distribuem-se ao longo de um *continuum* polilectal, em que no extremo basilectal se encontram as subvariedades de falantes com baixa escolaridade e no extremo acrolectal a subvariedade *educada/culta*, mais próxima do PE, e falada maioritariamente pela população urbana com um nível de instrução mais elevado (Gonçalves 2010). Considera-se, assim, a variante *culta* como muito próxima da definida como *educada*, por tomarmos em consideração também dados de falantes com nível de escolarização médio e superior, incluindo dados extraídos da imprensa escrita.

do conjuntivo e podem estar sob o escopo do operador *caso* de valor hipotético, nas segundas, a alternância indicativo/conjuntivo não é possível nem podem comutar com estruturas com *caso* episódico.

- ✓ Nas hipotéticas do PM, pode não haver distinção de interpretação associada ao uso do Indicativo e Conjuntivo, já que o primeiro, como o segundo, é usado em contextos que envolvem a consideração de hipóteses que são distantes do mundo real.
- ✓ A relação entre o valor hipotético e o tempo/modo verbais é não direta/simples.

4.1.3. Condicionais contrafactuais

Nos dados considerados, as condicionais com interpretação contrafactual são como as frases (80), que pressupõem que o que é descrito no antecedente é falso (Lakoff 1970; von Stechow 2012, e.o.).

- (80) a. Aquele homem é um fugista. Se não fosse era um fugista, ele havia de parar aqui.
(CRPC)
- b. Nós chegámos aqui tarde. Se chegássemos logo em Fevereiro ou se tivéssemos chegado logo em Fevereiro, eu teria ido contactar do instituto de línguas para mudar-me de curso! (CRPC)
- c. Nós estaríamos muito felizes se podemos dispor de infra-estruturas que pudéssemos apenas reformar, disse Chissano, adiantando não compreender como é que se exige que se reforme o que nem sequer se tem. (CRPC)

Nestas contrafactuais *canónicas* parece ocorrer apenas o conjuntivo.²⁵ O indicativo, quando usado, como em (80c), ocorre em vez do conjuntivo canónico, já que as atestações com indicativo em condicionais contrafactuais, como (80c), são vistas como agramaticais/marginais por falantes do PM *culto*.²⁶

Também condicionais contrafactuais que, no PE, são gramaticais com o modo indicativo (81) são agramaticais de acordo com os meus juízos de gramaticalidade, enquanto

²⁵ As contrafactuais não *comuns*, como as de sentido irónico, podem ocorrer no Presente do Indicativo:

- i. Se ele **é** mais inteligente, eu sou “barra” (= um génio). (PP)
- ii. Se tu **és** santo, eu sou o Papa. (PP)

²⁶ Refira-se que também no PE o conjuntivo seria obrigatório nesta frase (80c). Os tempos do Indicativo que ocorrem nas contrafactuais *canónicas* são o Pretérito Perfeito Composto (81a) e o Presente do Indicativo (81b), sendo que o Presente ocorre em registo mais marcado, em particular, na oralidade (cf. Justino 2016).

falante nativo do PM/L1, bem como de outros falantes cultos do PM/L1 ou L2 (estudantes universitários).

- (81) a. *Se o Zé tem ido às aulas, não chumbava/teria chumbado no primeiro ano. (JG)
b. *Se ele marca o golo, teríamos ganho o jogo. (JG)

Assim, na frase (80c) assumimos que o Presente do Indicativo foi usado como uma forma supletiva do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (cf. *Nós estaríamos muito felizes se pudéssemos dispor de infra-estruturas que pudéssemos apenas reformar...*).

De um modo geral, os dados de *corpora* apontam para o conjuntivo ser o modo das condicionais contrafactuais *canónicas* do PM. Nas subsecções seguintes, descrevemos detalhadamente as condicionais contrafactuais do PM, tendo em conta a distribuição dos tempos verbais: Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (4.1.3.1) e Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (4.1.3.2).

4.1.3.1. Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo

Este tempo verbal, nas condicionais, pressupõe que o antecedente é falso em t_0 . Também o que é descrito no consequente é dado como falso. De (82a), depreende-se que o locutor *não fez exame* e, então, *não passou no curso* e, de (82b), que *o locutor recebeu uma carta vinda de uma identidade não anónima* e, por isso, há *rubrica*.

- (82) a. Se eu tivesse feito o exame, eu estou consciente que passava este curso. (CRPC)
b. Não haveria rubrica se não tivesse recebido uma carta vinda de anónima identidade. (CRPC)

Enquanto contrafactuais *canónicas*, estas frases admitem paráfrases com estruturas com *caso* e são coordenáveis com adversativas de polaridade inversa:

- (83) a. *Caso eu tivesse feito o exame, mas não fiz, eu estou consciente que passava este curso.*
b. *Não haveria rubrica caso não tivesse recebido uma carta vinda de anónima identidade, mas recebi-a vinda de uma entidade não anónima.*

De ponto de vista temporal, o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto é anterior a t_0 e geralmente coocorre, no consequente, com o Imperfeito do Indicativo, o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto e o Condicional Composto, tempos que, por um lado, são também temporalmente anteriores a t_0 e, por outro, veiculam o valor modal contrafactual.²⁷ Esta combinação de tempos verbais é obrigatória nestas contrafactuais, como ilustrado pelo exemplo (84). Apesar disso, e conforme mostra o exemplo (85), o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto sob o escopo de *se* pressupõe só por si a interpretação contrafactual, sem que tal seja condicionado pelo tempo da oração matriz/ou pelo valor contrafactual da frase matriz.

(84) Se o bebé tivesse chorado, ela teria ouvido/ tinha ouvido/**ouve*/**ouviu*, primeira que todos.

(85) A: Não podes viver sem mim? E se não tivesse nascido?

B: Mas nasceste, nasceste, Sarnau! (CRPC)

4.1.3.2. Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

Também o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, no antecedente, pode desencadear a pressuposição que a situação aí descrita é falsa. Isto é o que acontece nos exemplos que se seguem:

(86) a. Nós chegámos aqui tarde. Se **chegássemos** logo em Fevereiro, eu teria ido contactar do instituto de línguas para mudar-me de curso! (CRPC)

b. Se não **fosse** por causa do rei, já teria raptado a criança. (CRPC)

As paráfrases a seguir ilustram o valor contrafactual que está associado às frases acima:

²⁷ É de referir que o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto pode ter como PPT um presente ou um passado (i), mas não o futuro (ii):

i. **Neste presente momento/Ontem**, se eu tivesse feito o exame, eu estou consciente que passava este curso.
ii. ***Amanhã/Daqui a algumas horas**, se tivesse feito o exame, eu estou consciente que passava este curso.

- (87) a. Nós chegámos aqui tarde. Caso chegássemos logo em Fevereiro, mas não chegámos, eu teria ido contactar o instituto de línguas para mudar-me de curso!
- b. Se não fosse por causa do rei, já teria raptado a criança, mas é precisamente por causa do rei que não a raptei.

Como ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo pode estar também associada a leitura hipotética, ele é contrafactual quando coocorre, na oração principal, com o Condicional Composto (88a) ou com o Pretérito Mais-que-Perfeito Composto (88b), tempos tipicamente associados ao valor contrafactual.

- (88) a. Se não fosse o rei, já teria raptado a criança.
- b. Se me desses conselhos, eu não os tinha aceitado.

Da mesma forma, tem predominantemente uma leitura contrafactual, no antecedente, quando se combina com predicados estativos, porque, tendo como PPT o t_0 , a situação descrita por este predicado é de algo que não teve efetivamente lugar:²⁸

- (89) a. Se **tivesses dez mulheres**, mas não tens/ *e tens/ *podes vir a ter, eu seria a décima primeira.
- b. Se a minha rainha **estivesse viva**, mas não está/ *e está viva/ *pode vir a estar viva ou não, acredito que as coisas não seriam assim.
- c. Se a solução **fosse ajuda alimentar**, mas não é/ *e é/ e pode vir a ser, Moçambique já estaria fora da crise.

No PM, a contrafactualidade pode ser ainda expressa por *fosse (que) + Pretérito Imperfeito/Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo principal*, numa construção particular do PM, que não tem correspondência em PE:

²⁸ Quando o predicado é episódico e pode ter como PPT não só o t_0 pode ser ambíguo. A frase abaixo, apesar de poder ser interpretada como contrafactual (i), também pode ser asserida numa situação em que não se sabe se o Benjamim será apurado ou não (*Se o Benjamim ficasse apurado está tarde/ amanhã, nunca mais desperdiçaria a oportunidade com a formosa Anabela*):

i. Se o Benjamim ficasse apurado, **mas não ficou apurado**, nunca mais desperdiçaria a oportunidade com a formosa Anabela. (CRPC)

- (90) a. Aquele homem é um fugista. Se não **fosse era** um fugista, ele havia de parar aqui. (CRPC)
- b. Eu estava naquela zona de museu então ela pensa que pode subir o preço mas aí é que está//não pode só **se fosse que era** mercado. (*Corpus África*)
- c. A minha decisão até este ano **se fosse que aconteceu** em Março, eu devia ter corrido de novo ir falar com o diretor. (MAM53, Justino 2011)

Esta estratégia de expressão da contrafactualidade é recorrente nos dados de aquisição, exemplos (91), e nem sempre pode ocorrer na gramática adulta, chegando a ser considerada marginal, para além de ser de registo coloquial. Entretanto, a sua ocorrência na gramática adulta de certos falantes do PM, sobretudo os da subvariedade não educada, conforme atestam os dados de (90), indica que ela não foi abandonada, mas sim mantida como parte da *Língua-I*.

- (91) a. *Se fosse que era grande* ia ser professora. (aluno do ensino primário)
- b. *Se fosse que tinha dinheiro* ia comprar uma casa na cidade. (aluno do ensino primário)

Para terminar esta subsecção, constata-se que o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo é ainda usado com interpretação contrafactual quer com predicados estativos/habituais (92a) quer com predicados de eventos (92b), em condicionais que são distintas das contrafactuais *canónicas*.

- (92) a. Se Wazimbo não **fosse** cantor, seria cantor. par=2
- b. Se não **cantasse**, cantava. par=2

As contrafactuais *canónicas* pressupõem a falsidade tanto do antecedente como do consequente (93a) e é possível acrescentar à proposição expressa no antecedente a proposição contraditória (93b). Nos exemplos (92), observa-se uma contradição entre o que é pressuposto no antecedente e o que é pressuposto pelo consequente (94) e a impossibilidade de serem coordenáveis com adversativas de polaridade inversa (95).

- (93) a. *Se eu tivesse feito o exame*, eu estou consciente que passava este curso. (CRPC)
(Pressupõe que *não fiz exame nem passei de curso*.)
- b. *Se eu tivesse feito o exame*, mas não fiz, eu estou consciente que passava este curso.
- (94) a. Se Wazimbo não fosse cantor, seria cantor (Pressuposto: #Wazimbo é cantor e não é cantor.)
- b. Se não cantasse, cantava. (Pressuposto: #Canta e não canta)
- (95) a. ?*Se Wazimbo não fosse cantor, mas é, seria cantor.
- b. ?*Se não cantasse, mas canta, cantava.

Entretanto, consideramos que o facto de, no consequente, ocorrer uma proposição que é contraditória do antecedente é uma estratégia de tomar o consequente como o reforço da proposição descrita no antecedente. Repare-se que, partindo, por exemplo, de (92a), pode inferir-se que *de tão bem cantar (de tão talentoso ser)*, *Wazimbo não seria outra coisa senão ser sempre cantor/ Wazimbo canta tão bem que mesmo que não fosse cantor, sê-lo-ia sempre*. Nesse sentido, assumimos que são *enfáticas*.

4.1.3.3. Condicionais contrafactuais de sentido irónico

Embora não tenham ocorrido nos dados de *corpora*, no PM, são possíveis condicionais irónicas, como as dos exemplos (96), dos quais se depreende que, para o locutor, *ela é feia* (ou *não é bonita*) (96a) e que *ele de santo não tem nada* (96b).

- (96) a. Se tu és linda, eu sou a miss universo. (PP)
- b. Se tu és santo, então eu sou o Papa. (PP)

Esta interpretação de negação ou contestação do que é descrito no antecedente obtém-se através da comparação ou do contraste entre o conteúdo do antecedente e o do consequente, que é dado pelo locutor como falso ou absurdo.²⁹ Entretanto, a leitura irónica

²⁹ Apesar de condicionais como as que se seguem ((i) e (ii)) também implicarem contestação do que é descrito no antecedente, o conteúdo do consequente não é falso/absurdo, mas sim um facto do mundo real, como ficou demonstrado na secção 4.1.2 deste capítulo.

i. Se esse tal Mwando te ama de verdade *porque é que antes de abandonou?*

ii. Se esse filho é meu *porque não o trouxeste contigo?*

é relativa, não está estabelecida como um facto universalmente aceite. O locutor basicamente expressa um comentário irónico face ao conteúdo do antecedente, que é tido como verdadeiro por outros interlocutores, conforme é a seguir demonstrado pelo contexto discursivo em que as irónicas do PM podem ocorrer:

(97) a. A: Eu sou linda.

B: *Se tu és linda*, eu sou a miss universo.

b. A: Eu sou santo.

B: *Se tu és santo*, então eu sou o Papa.

Deste modo, são distintas das contrafactuais *canónicas*. Não se pode acrescentar à proposição antecedente a sua negação (98a) e não são parafraseáveis com recurso a *caso* (98b).

(98) a. **Se tu és santo, mas não és*, eu sou o Papa.

b. **Caso tu sejas santo, mas não és*, então eu sou o Papa.

Relativamente a combinações de tempos verbais, geralmente ocorre no consequente, que é a oração falsa/absurda, o Presente do Indicativo (99a), mas também podem ser usados o Pretérito (99b) e o Imperfeito (99c).

(99) a. Se tu és linda, eu sou a miss universo.

b. Se tu és linda, eu fui a miss universo.

c. Se tu és santo, eu era o Papa.

Tempos como o Futuro do Indicativo (100) podem indicar que o consequente não é necessariamente falso/absurdo e, consequentemente, o seu antecedente também não o é.

Nesse sentido, são distintas das irónicas. Repare-se que nas irónicas se pode começar por uma interjeição do tipo *hum* (iii), mas não nestas, que são hipotéticas (iv):

iii. Hum, se tu és santo, então eu sou o Papa.

iv. ?Hum, se esse filho é meu porque não o trouxeste contigo?

Além disso, nestas pode ter-se uma continuação com *duvido que...*(v); e não nas *irónicas* (vi).

v. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes de abandonou? Duvido que te ame.

vi. Se tu és santo, então eu sou o Papa. ?Duvido que tu sejas santo.

A leitura que se obtém em (100) é hipotética, mesmo que seja distante do mundo real (cf. *Caso tu venhas a ser linda, eu serei a miss universo*).

(100) a. #Se tu és linda, eu serei a miss universo.

b. #Se tu és santo, então serei o Papa.

Para além do Presente do Indicativo (tempo verbal mais comum), pode-se ter, no antecedente, outros tempos do indicativo, como o Pretérito Perfeito (101) e o Pretérito Imperfeito (102), e o Futuro do Conjuntivo (103), mantendo-se o Presente na oração principal:

(101) A: Eu fui santo.

B: *Se tu **foste** santo, eu sou o Papa. (= Nunca foste santo...)*

(102) A: Eu era linda

B: *Se **eras** linda, eu sou a miss universo. (= Nunca foste linda/ de linda nunca tiveste nada...)*

(103) A: Eu serei santo!

B: *Se **vieres a ser** santo, eu sou o Papa. (= Não virás a ser santo/Não acredito que venhas a ser Santo)*

Não admitem, no antecedente, o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, mantendo-se o Presente ou o Pretérito na frase matriz:

(104) a. *Se tu **fosses** santo, eu sou o Papa.

b. *Se tu **viesses** a ser santo, eu sou o Papa.

Isto acontece porque, nestes exemplos, não se contesta nenhuma asserção prévia, para além de que o Pretérito Imperfeito ou pressupõe a falsidade da oração antecedente ou admite uma leitura hipotética.

Síntese sobre o tempo/modo nas condicionais contrafactuais

- ✓ No PM, as condicionais contrafactuais podem ser *canónicas*, parafraseáveis com recurso a caso e coordenáveis com adversativas de polaridade inversa, e *não canónicas, enfáticas* e de sentido irónico, que não são parafraseáveis com recurso a caso e não são coordenáveis com adversativas de polaridade inversa.
- ✓ Nas contrafactuais *canónicas*, bem como nas de sentido *enfático*, à leitura contrafactual está associado apenas o modo conjuntivo. Daí que, ao contrário das factuais e das hipotéticas, a correspondência entre o tempo/modo e a contrafactualidade seja direta.
- ✓ Para se expressar a contrafactualidade, pode-se recorrer igualmente à forma *fosse (que) + Pretérito Imperfeito/Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo principal*, uma especificidade do PM.
- ✓ Nas condicionais *irónicas*, o Presente do Indicativo é o tempo geralmente selecionado e o sentido irónico decorre da contestação ou negação do antecedente, comparando-o com o conteúdo da oração consequente, reconhecido como falso.

4.2. Condicionais do PM em comparação com as do PE

Na secção anterior, procurámos descrever as condicionais do PM, com foco na distribuição dos tempos/modos verbais. Nesta secção, iremos apresentar, em síntese, os resultados principais dessa descrição, referindo, em cada classe semântica, os aspetos em que o PM e o PE são semelhantes e aqueles em que o PM se distingue do PE.

4.2.1. Condicionais factuais

Tal como no PE, no PM, as condicionais factuais podem ser episódicas e correlativas de eventos/situações presentes ou passadas.

Nas episódicas, a leitura factual decorre do facto de o valor de verdade do antecedente ser dado como um facto do mundo real, como foi referido no ponto 4.1.1. Neste subtipo de factuais, usam-se apenas tempos no modo indicativo, tanto no antecedente como no consequente. Dito de outra forma, a factualidade numa condicional não correlativa/episódica é expressa apenas pelos tempos do indicativo. Deste modo, concluímos que a correspondência entre o valor factual e o tempo/modo é direta, nas factuais episódicas, o que aproxima o PM do PE e ambas as variedades do português do que

é também assumido para outras línguas, como o espanhol e o inglês (cf. Karttunen & Peters 1979; Montolío 1999; Norris 2003).

Nas condicionais em que o que é um facto é a frase total, ou seja, nas correlativas de eventos/situações, o PM e o PE são semelhantes por poderem usar, para além do indicativo, o conjuntivo, ainda que a literatura sobre as condicionais do PE não o tenha observado (Brito 2003; Lobo 2013), provavelmente como resultado de não terem sido analisados dados de *corpora*. Nas correlativas de eventos passados, tanto no PM como no PE, pode seleccionar-se o Imperfeito do Indicativo ou o Imperfeito do Conjuntivo. Nestas factuais, estes tempos/modos verbais podem alternar entre si, mantendo-se sempre o Imperfeito do Indicativo na oração principal (cf. *Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**/ **perdia** o pai tinha que nos mandar ir à procura*), para além de existir uma implicação temporo-aspetual que permite que *se* comute com *quando* ou *sempre que*.³⁰

Tal como no PE, nas condicionais correlativas do PM, a identidade de tempos verbais (ou, simplesmente, concordância temporal) é obrigatória (105). Nestes exemplos de factuais de correlação de eventos passados, temos sempre o Imperfeito do Indicativo/Conjuntivo combinado com o Pretérito Imperfeito do Indicativo, sendo ambos os tempos verbais usados com o valor temporal de passado em relação a t_0 e com o valor aspetual de habitualidade.

(105) a. Se **entravámos** às 7, saíamos /*saímos/ *sairemos às 12h.

b. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se **perdesse**, o pai tinha/*teve que nos mandar ir à procura.

O PM distingue-se do PE, bem como de outras línguas, como o PB, o inglês ou o espanhol (cf. Gomes 1998; Montolío 1999), por poder usar também o Futuro do Conjuntivo nas factuais correlativas de eventos passados (106a) e presentes/atemporais (106b).³¹

³⁰ Para o PE, eis um exemplo:

i. No final de 1997 era chique organizar uma festa perto de San José e depois enfiar os convidados numa carrinha e levá-los a passear no Mae. Se [= *Quando/ Sempre que*] *se pusesse isso no convite, as pessoas que compareciam à festa duplicavam*. (CRPC)

³¹ No PE, o Futuro do Conjuntivo é sempre hipotético, mesmo quando usado em condicionais de correlação de eventos/situações, porque induz a leitura genérica de situações ancoradas no futuro.

i. a. *Os cientistas acham que se este líquido que acabaram de misturar **atingir** 100 graus, entra em ebulição; vão verificar se assim é.* [*se = sempre que*] (Telmo Mória, c.p.)

b. Se a manteiga for aquecida, derrete.

ii. *Se a água atingir a temperatura de 100 graus, entrará/entra em ebulição* (*Sempre que/quando a água atingir a temperatura de 100 graus, entrará/ *entra em ebulição*).

(106) a. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa se as coisas não **correr** bem.

(Corpus África) [*se = sempre que/quando*]

b. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **houver** dinheiro. (CRPC) [*se = sempre que/quando...*]³²

Nas correlativas de eventos passados (106a), o Futuro do Conjuntivo é usado como forma supletiva do Imperfeito do Indicativo/Conjuntivo (cf. *Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa se as coisas não corriam / corressem bem.*), ao passo que, nas correlativas de eventos no presente, permuta com o Presente habitual, mantendo-se o Presente do Indicativo (também habitual) na oração matriz (cf. *Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam se **há** dinheiro.*). Deste modo, podemos assumir que o Futuro de Conjuntivo que ocorre nas factuais é de dimensão aspetual de habitualidade.

Uma outra propriedade das condicionais factuais do PM que as distingue das do PE tem a ver com o facto de, no PM, as correlativas de eventos poderem ser sempre parafraseáveis com estruturas com *caso*:

(107) a. Se não vou correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos. (JR41, Justino 2011)

a'. *Caso não vá correr nas manhãs, estou com um grupo de amigos.*

b. Se entravámos às 7, saíamos às 12h. (NK 39, Justino 2011)

b'. *Caso entrássemos às 7, saíamos às 12h.*

No PE, as paráfrases (107), com *caso*, são agramaticais/marginais.³³ Elas só seriam possíveis enquanto paráfrases de condicionais episódicas (e não correlativas) com valor hipotético, conforme é demonstrado pelos exemplos (108).

³² Esta frase é gramatical no PE, sendo o Futuro interpretado como hipotético.

³³ Entretanto, Telmo Mória (c.p.) assinalou que certas condicionais factuais correlativas do PE podem ser parafraseáveis por estruturas com *caso*, ainda que talvez um pouco marginalmente e sem serem as formas mais naturais/frequentes:

i. a. *Se está bom tempo, ficamos bem-dispostos.*

a'. ^{OK/OK?} *Caso esteja bom tempo, ficamos bem-dispostos. {é uma coisa que acontece normalmente/é sempre assim}*

ii. a. *Se o Rui estava doente a mãe telefonava-lhe todos os dias.*

a'. *?Caso o Rui estivesse doente, a mãe telefonava-lhe todos os dias.*

- (108) a. *Caso não vá correr, estarei com um grupo de amigos.* (a partir de: Se não vou correr, estarei com um grupo de amigos).
- b. *Caso entrássemos às 7h, saíamos às 12.* (A partir de: Se entrássemos às 7h, sairíamos / teríamos saído às 12).

Assim, ao contrário do PE e do PB (Gomes 2008), assumimos que, no PM, a conjunção *caso* pode encabeçar condicionais factuais. Isto significa que, no PM, para além de episódico, este operador pode ser correlativo. Repare-se que, nas condicionais do PM com valor correlativo, é possível *caso* coocorrer com advérbios do tipo *nas manhãs* ou afins (109a) ou com um PPT passado (109b), sendo a primeira frase agramatical e a segunda marginal, no PE.

- (109) a. *Caso não vá correr **nas manhãs**, estou com um grupo de amigos.*
- b. **Antigamente**, caso o Rui estivesse doente a mãe telefonava-lhe todos os dias.

Para terminar, pelo facto de, nas factuais de correlação de eventos, se poder usar ou o modo indicativo (Presente e o Pretérito Imperfeito) ou o conjuntivo (Futuro e o Pretérito Imperfeito), os dados apontam para que, no PM, a correspondência entre a factualidade e o tempo/modo não seja simples. Contribui para esta conclusão o facto de, no PM e ao contrário do PE, se usar, por vezes, o conjuntivo no lugar do indicativo, de que a frase *os pais sempre tinham que dizer alguma coisa se as coisas não **correr** bem* é um exemplo.

No PM, a alternância entre os modos indicativo e conjuntivo, nas factuais, é coerente com a ideia de que os seus falantes operam com competências múltiplas (cf. Gonçalves 2010 ou 2016) ou múltiplas proficiências em português (Justino 2015). Há formas e estruturas geradas pelas regras comuns às do PE (ou subvariedade educada do PM) e outras geradas pela própria gramática do PM (como é o exemplo do uso do Futuro do Conjuntivo nas factuais). Note-se ainda que o uso do Futuro do Conjuntivo, sobretudo nas condicionais de correlação de eventos passados, embora atestado nos dados, não é aceite como gramatical por todos os falantes da subvariedade culta do PM, como é o caso do investigador.

Mas, quanto a mim, a contraparte com *caso* remete a condicional para uma leitura episódica e não correlativa (*Antigamente/Normalmente, *caso o Rui estivesse doente*, a mãe telefonava-lhe todos os dias.)

4.2.2. Condicionais hipotéticas

O PM assemelha-se ao PE no que diz respeito às hipotéticas, nas quais o valor de verdade do seu antecedente é desconhecido em t_0 , por aquelas poderem ocorrer quer no modo indicativo quer no conjuntivo.³⁴ Tanto no PM como no PE, estas hipotéticas são parafraseáveis por estruturas com *caso* de valor hipotético, e podem ser modificadas por advérbios de referência futura, como, por exemplo, *amanhã, no futuro* ou expressões afins.

Apesar de o indicativo e o conjuntivo poderem ocorrer nas hipotéticas, note-se que o indicativo é preferencialmente usado no registo mais marcado, ou seja, oral e informal, quer no PM (110) quer no PE (111):

(110) Se **acerto** no totoloto, não modifico meu comportamento.

(111) Se te **apanho** perto da escola, dou-te uma sova a valer.

Mas condicionais como estas podem ser algo estranhas para um falante do PE à primeira leitura (Telmo Mória, c.p., e nota 34 deste capítulo), o que não acontece no PM. Aliás, no PM, é possível usar-se o modo indicativo em contextos em que no PE seria apenas selecionado o modo conjuntivo:

(112) a. Não vendo atacado, mas se **conseguia** ter um dinheiro de vender atacado, ia vender. (LFJ 51, Justino 2011) (PE = conseguisse)

b. Se alguém me **pergunta** se me disser que a educação baixou ainda terá que me focalizar onde parte portanto para dizer que baixou a qualidade da educação.³⁵ (*Corpus África*) (PE = perguntasse)

Nestas frases, o Pretérito Imperfeito do Indicativo e o Presente são usados com valor temporal de futuro em relação a t_0 .³⁶ Para além disso, descrevem hipóteses em aberto que

³⁴ Note-se que, em certas variedades do PB, o uso do modo indicativo com valor hipotético é agramatical (Gomes 2008). Também para alguns falantes do PE é marginal o uso do indicativo com valor hipotético (Justino 2011) e não é referido em gramáticas do português que possa ser usado (cf. Mateus *et al* 2003; Raposo *et al* 2013; Bechara 1999, e.o.). Em algumas gramáticas do inglês (cf. Quirk *et al.* 1985) e do espanhol (Montolío 1999), também não é referido que o indicativo possa ser usado.

³⁵ Este exemplo mostra de facto a possibilidade de alternância conjuntivo/indicativo neste tipo de condicionais, que poderá significar, por outro lado, a falta de segurança por parte do falante do PM em relação ao modo verbal que é selecionado e, por outro, o conhecimento de duas regras gramaticais: a do PM e a do PE.

são distantes do que é esperado ou expectável num contexto conversacional, o que, do ponto de vista do PE, e tendo em conta a questão da acessibilidade epistémica e da fonte de ordenação (Kratzer 1991, e.o.), só é possível com o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (cf. Marques 2001 e 2016). Assim, depreende-se que, no PM, mas não no PE, o indicativo e conjuntivo, que podem ocorrer em hipotéticas, estão em variação livre.

Por outro lado, no PE, mas não no PM, o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo pode ocorrer em condicionais hipotéticas. Em (113), o enunciador sugere de algum modo ao seu interlocutor que leia o artigo.

(113) Chegas a Coimbra às 10 horas. Se já **tivesses lido** o artigo, discutia-lo com eles.

(Marques 2001: 325)

No PM, este tempo induz apenas a leitura contrafactual. Para se expressar, nas hipotéticas, um ato de fala diretivo recorre-se ao Imperfeito do Conjuntivo (114a) ou ao Presente do Indicativo (114b).

(114) a. Se **apanhasses** o metro já ali, chegarás a tempo. (PP)

b. A: O meu voo para Pemba é daqui a pouco e há falta de autocarros...

B: Mas se **apanhas** um táxi, chegas à hora de apanhar o avião. (PP)

No PE, o Imperfeito do Conjuntivo também pode ser usado, mas não com o Futuro do Indicativo na oração principal, como pode acontecer no PM (114a). Já a frase (114b), com o indicativo (Presente) seria no PE marginal, porque não induz a leitura de sugestão/convite nem a de a hipótese de alguém apanhar um táxi, no futuro, estar aberta.

³⁶ Note-se que nem todos os falantes do PM consideram gramatical o uso do Imperfeito do Indicativo com valor hipotético, (112a). Mas, ao contrário do Imperfeito, o Presente (112b) é perfeitamente natural para a generalidade dos falantes, já que este tempo pode ocorrer com o valor de futuro.

4.2.3. Condicionais Contrafactuais

Como vimos na subsecção 4.1.3, as condicionais de interpretação contrafactual podem ser *canónicas* e *não canónicas*.

Relativamente às contrafactuais *canónicas*, tanto no PM como no PE, estas condicionais pressupõem que, em t_0 , o antecedente é dado como falso, sendo, por isso, possível acrescentar à proposição antecedente a sua negação (cf. Brito 2003) ou parafraseá-las com estruturas com o *caso* (cf. *Caso eu tivesse feito exame, mas não fiz, eu estou consciente que passava este curso*).

No PM, às contrafactuais *canónicas*, está associado apenas o conjuntivo (Pretérito Imperfeito ou Pretérito Mais-Que-Perfeito). No PE, ao contrário do PM, para além do conjuntivo, pode-se usar o modo indicativo em contextos especialmente marcados, do ponto de vista de registo: o Presente (115a) e o Pretérito Perfeito Composto (115b) são frequentes no registo oral. O Pretérito Mais-que-Perfeito simples (115c) é raramente usado e, quando ocorre, é como uma forma supletiva do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.

- (115) a. Se o Benfica **faz** o 0 x 2 no lance em que o Jonas vai isolado, o resultado do jogo teria sido diferente. (Justino 2016)
- b. "Foi um salto excelente, pois ela não apanhou praticamente a tábua e se o **tem feito** melhor conseguiria cerca de 6,40m." *par=ext26894-des-92b-1*
- c. Mas D. Pedro V, esse sim, se não **morrera** tão novo, poderia ter sido um grande estadista. *par=ext1391943-soc-96a*

No PM, o Presente e o Pretérito Perfeito Composto, nas contrafactuais, são agramaticais. Ao contrário destas formas verbais, o Pretérito Mais-que-Perfeito simples é aceitável, de acordo com as minhas intuições, enquanto falante nativo, por ser equivalente ao Imperfeito do Conjuntivo (cf. *Se Samora Machel não **morrera** em 1986, o país seria diferente.*). Na frase (116) do PM, atesta-se o uso do Pretérito Mais-que-Perfeito simples com valor equivalente ao Imperfeito do Conjuntivo contrafactual:

- (116) Crescia com resoluta obsessão. Progressivo como se **houvera** alvo. (CRPC)

No PM, mas não no PE, por os falantes operarem com competências múltiplas em português (cf. Gonçalves 2010; Justino 2015), observa-se, por um lado, que há falantes que podem seleccionar o indicativo (Presente) em vez do conjuntivo, para marcar a contrafactualidade:

- (117) Nós estaríamos muito felizes se **podemos** dispor de infra-estruturas que pudéssemos apenas reformar, disse Chissano. (CRPC)

Por outro lado, a contrafactualidade é expressa por *fosse (que) + Pretérito Imperfeito/Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo principal* (118), como consequência da retenção, na gramática adulta/final, de uma construção recorrente no estágio inicial da aquisição do PM/L2.

- (118) Aquele homem é um fugista. **Se não fosse (que) era** um fugista, ele havia de parar aqui. (CRPC)

Na classe das contrafactuais *não canónicas* (119), as como a frase de (119a), *enfáticas*, mas não as *irónicas* (119b), podem ser estruturas particulares do PM.³⁷

- (119) a. *Se/Caso Wazimbo não fosse cantor, mas é, seria cantor.
b. *Caso tu sejas santo, mas não és, eu sou o Papa.

Nas enfáticas, para além de não existir uma relação de sentido causa-efeito entre as duas orações (cf. *Se Wazimbo não fosse cantor, então seria cantor.), a proposição consequente é contraditória do consequente, o que funciona como uma estratégia de reforço da leitura contrafactual. Por exemplo, (119a) quererá dizer que *Wazimbo não seria outra coisa senão cantor*.

Tanto no PE como no PM, para que as contrafactuais irónicas sejam produzidas é necessário que aquilo que é falso para o falante seja tido como verdadeiro por outros. A falsidade não está, portanto, estabelecida como um facto universalmente aceite.

³⁷ Este tipo de contrafactuais não é referido na literatura consultada nem ocorre nos dados de *corpora* do PE.

Entretanto, no PM, as irónicas implicam necessariamente uma contestação/negação de uma asserção prévia, através de uma comparação e/ou contraste entre o conteúdo das suas orações. Nesse sentido, consideram-se sempre termos comparáveis, como por exemplo: *ser santo* vs *ser Papa*. As irónicas que não implicam termos comparáveis, como a frase (120), possível em PE e em inglês (Oliveira 1991; Lobo 2013; Quirk *et al.* 1985), podem ser pouco naturais no PM, com a leitura de contestação/negação de uma asserção prévia.³⁸

(120) #Se o Zé é honesto, eu sou o Rei de Marrocos.

No que diz respeito às combinações possíveis de tempos verbais, nas condicionais irónicas, podemos ter o Presente (121a), o Pretérito Perfeito (121b) e o Pretérito Imperfeito do Indicativo (121c), e o Futuro do Conjuntivo (128d), tanto no PM como no PE.

- (121) a. Se tu **és** santo, então eu sou o Papa.
b. Se tu **foste** santo, então eu sou o Papa.
c. Se tu **estavas** a ser sincero há bocado, então eu sou Cristo.
d. Se tu **fores/vieres a ser** honesto alguma vez na vida, então eu sou o Papa.

Mas, no PE, podemos ainda ter o Imperfeito do conjuntivo (122a) e o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo (122b), em estruturas com o discurso indireto livre, que, no PM, não são possíveis (todas as frases em (122) seriam agramaticais no PM), por, nestes contextos, não implicar necessariamente a negação/contestação de uma asserção prévia.

- (122) a. Eu disse-lhe na altura que se ele **tivesse sido/viesse a ser** honesto alguma vez na vida, então eu era o rei de Marrocos.
b. Eu disse-lhe na altura que se ele **estivesse** a ser sincero, então eu era o rei de Marrocos

³⁸ Esta frase só seria possível se, para o locutor, dado o que sabe sobre o rei de Marrocos, ele for uma pessoa mais honesta do que o Zé.

4.3. Conclusões

As semelhanças e diferenças entre o PM e o PE, relativamente à distribuição dos tempos/modos verbais nas condicionais de *se*, são apresentadas no quadro que se segue:

Quadro 4.1: Tempo e Modo nas condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PM e do PE

Classes Semânticas/Subclasses		Tempos e modos verbais		
		<i>Antecedente (P)</i>	<i>Consequente (Q)</i>	
Factuais	Genéricas	Presente genérico	Presente genérico	PM/PE
		Presente habitual	Presente habitual/Futuro	PM/PE
	Correlativas de eventos/situações		Pretérito Perfeito Composto	PM/PE
		Imperfeito habitual	Imperfeito habitual	PM/PE
		Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito habitual	PM/PE
		Futuro do Conjuntivo habitual	Presente habitual	Só PM
		Futuro do Conjuntivo (= Imperf.)	Imperfeito habitual	Só PM
	Episódicas	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo/Futuro	PM/PE
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito/Presente/Futuro Ind.	PM/PE
		Pretérito Perfeito Composto Indic.	Presente/Futuro do Indicativo	Só PE
		Imperfeito do Indicativo	Imperfeito/Futuro do Indicativ.	PM/PE
		Futuro do Indicativo	Presente/Futuro do Indicativ.	Só PE
		Pretérito M-q-Perfeito do Ind.	Modo Condicional	Só PE
Hipotéticas		Futuro do Conjuntivo	Presente/Futuro/Imperativo	PM/PE
		Futuro do Conjuntivo (= Imperf.)	Condicional	Só PM
		Futuro Composto do Conjuntivo	Presente/Futuro do Indicativo	PM/PE
		Imperfeito do Conjuntivo	Imperf. do Indic/ Condicional	PM/PE
			Futuro/Presente do Indicativ. ³⁹	Só PM
		Pretérito Mais-q-Perf do Conj ⁴⁰	Imperfeito do Indicativo	Só PE
		Presente do Indicativo	Presente/Futuro do Indicativo	PM/PE
		Presente do Indicativo ⁴¹	Presente do Indicativo	Só PM
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Pretérito Presente/Futuro Ind.	PE/PM
		Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Indicativo	PM/PE
		Imperfeito do Ind. (= Imper. Conj.)	Imperfeito do Ind./Condicional	Só PM
		Pretérito M-q-Perfeito do Ind.	Imperfeito/Pretérito Perfeito	PM/PE
		Pretérito Perfeito Composto	Presente/Futuro do Indicativo	Só PE
		Futuro do Conjuntivo	Futuro do Indicativo	PM/PE
Contrafactuais	Comuns	Pretérito M-Q-P do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional Simp/composto	PM/PE
		Pretérito Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito/Condicional/ Pretérito M-Q-P Composto	PM/PE
		Presente do Indicativo	Imperfeito	Só PE
		Pretérito Perf. Composto do Ind.	Imperfeito/Condicional	Só PE
		Pretérito M-Q-Perfeito Simples	Imperfeito/Condicional	PM/PE
	Enfáticas	Imperfeito do Conjuntivo	Imperfeito do Indicativo	Só PM
	Irónicas	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	PM/PE
		Pretérito Perfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	PM/PE
		Pretérito Imperfeito do Indicativo	Presente do Indicativo	PM/PE
		Futuro do Conjuntivo	Presente do Indicativo	PM/PE
		Pretérito Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Indicativo	Só PE
		Pretérito (Imperfeito ou M-Q-P do Conjuntivo)	Imperfeito do Indicativo	Só PE

³⁹ Com um valor pragmático (convite/sugestão): Se **apanhasses** o metro já ali, chegarás/cheegas a tempo.

⁴⁰ Ver a nota anterior.

⁴¹ Nos contextos em que tem um valor pragmático, sugestão/convite, (cf. Se **apanhas** o metro já, chegas a tempo).

De um modo geral, esses resultados mostram que não existem grandes diferenças entre o PM e o PE: há três classes semânticas (*factuais*, *hipotéticas* e *contrafactuais*) e a correspondência entre elas e o uso dos tempos/modos verbais é não biunívoca, dado que cada uma das classes pode ser marcada quer pelo modo indicativo quer pelo modo conjuntivo.

No entanto, encontramos algumas diferenças, entre o PM e o PE, em contextos em que, no PE, se usam de forma mais marcada tempos/modos verbais nas hipotéticas ou contrafactuais. São exemplos desta constatação o *facto de*, no PE, mas não no PM, se usar o Pretérito Mais-que-Perfeito do Conjuntivo com valor hipotético, *facto* não referido nas gramáticas do PE em condicionais que envolvem uma espécie de ato de fala diretivo indireto. Por sua vez, o PM exprime este valor usando, para além do Imperfeito do Conjuntivo, o Presente do Indicativo. Nas contrafactuais *canónicas*, no PE, usa-se também o Presente do Indicativo, com valor modal contrafactual, descrevendo uma ação completamente realizada (*perfectiva*) (Justino 2016), e o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo, com o valor equivalente ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo com valor contrafactual. No PM, isto é marginal, porque a estes tempos do indicativo não são associados estes valores modais mais marcados. No PE, o modo indicativo (sobretudo o Presente), em hipotéticas, é usado no discurso oral e em contextos informais, e nem sempre é, numa primeira leitura, natural para um falante do PE (Telmo Mória, c.p., e Justino 2011). No PM, pelo contrário, pode ocorrer tanto no registo oral como no escrito e é sempre gramatical, confirmando o trabalho de Justino (2011).

Além das diferenças acima referidas, sobressaem diferenças que resultam da ambiguidade do *input*. No PE, apesar de indicativo e conjuntivo não estarem em variação livre, os tempos do indicativo e (alguns tempos) do conjuntivo podem ocorrer associados às três classes semânticas. No PM, observámos que há variação/alternância livre entre o indicativo e o conjuntivo nas condicionais hipotéticas e factuais. Nas hipotéticas, há uma tendência para a selecção do indicativo em contextos em que, no PE, o conjuntivo seria obrigatório. Está, neste caso, por exemplo, o uso do Pretérito Imperfeito e do Presente do Indicativo em vez do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo. Nas factuais correlativas de eventos passados, por outro lado, usa-se o conjuntivo em contextos em que, no PE, o indicativo seria obrigatório (cf., por exemplo, o uso do Futuro do Conjuntivo no lugar do Imperfeito do Indicativo).

Por último, refira-se que o PM, enquanto adquirido como uma L2 ou como L1, se distingue claramente do PE no que diz respeito (i) ao uso do Futuro do Conjuntivo nas condicionais factuais, (ii) à expressão da contrafactualidade através de *fosse (que) + Pretérito Imperfeito/Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo principal*, (iii) à expressão da contrafactualidade através da ênfase e (iv) à possibilidade o conector *caso* poder encabeçar quaisquer condicionais factuais correlativas de eventos.

5. Tipologia e estrutura sintática das condicionais do PM

O presente capítulo procura aferir o estatuto sintático das condicionais do PM, cruzando a tipologia sintática (integradas/periféricas) com a tipologia semântica (factuais/hipotéticas/contrafactuais), e apresentar a estrutura sintática de cada um dos tipos sintáticos de condicionais, em comparação com as condicionais do PE descritas no capítulo 3.

O capítulo encontra-se estruturado como se segue: na secção 5.1, exploramos o estatuto sintático das condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PM; na secção 5.2, apresentamos, de forma esquemática, as estruturas sintáticas dessas condicionais. Finalmente, na secção 5.3, apresentamos as principais conclusões.

5.1. Comportamento sintático das condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PM

Como já referido, o objetivo desta secção é o de aferir o estatuto sintático das condicionais factuais (cf. subsecção 5.1.1), hipotéticas (cf. subsecção 5.1.2) e contrafactuais (cf. subsecção 5.2.3). Para tal vamos aplicar de forma sistemática a estas condicionais os testes sintáticos apresentados no quadro abaixo, já devidamente descritos no capítulo 3 deste trabalho.

Quadro 5.1: Testes sintáticos

Testes Sintáticos	
1. Escopo de Tempo	6. Quantificadores e pronomes ligados
2. Escopo da negação	7. Lacunas parasitas
3. Resposta a interrogativas <i>Qu-</i>	8. Interrogativas e negativas alternativas
4. Escopo de operadores de foco	9. Posição final, sem pausa
5. Clivagem	

5.1.1. Condicionais factuais

No capítulo anterior, vimos que, no PM, as condicionais factuais podem distribuir-se em correlativas de eventos/situações (1), genéricas universais (2) e episódicas (3).

- (1) a. Se a cabeça não funciona, o corpo é que sofre. (CRPC)
 b. Portanto ali o gado às vezes perdia-se, se se perdesse, o pai tinha que nos mandar ir à procura. (CRPC)
- (2) Se o narciso é uma flor, então pertence ao reino vegetal. (PP)
- (3) Se o branco não chegou até aqui como é que lhe cortou? (CRPC)

Na aplicação dos testes com vista a aferir o estatuto sintático das condicionais factuais, serão considerados estes três subtipos de condicionais.

1. *Escopo de tempo (ou dependência de T matriz)*

a) Factuais correlativas de eventos/situações

Neste subtipo de condicionais factuais, o tempo da subordinada é dependente do tempo da oração matriz:

- (4) a. Se a cabeça não funciona_{presente}, o corpo é que sofre_{presente}.
 b. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam_{presente} se houver_{presente} dinheiro.
 c. Se entrávamos/ entrássemos_{passado} às 7, saíamos_{passado} às 12h.

Por um lado, o facto de o tempo da oração subordinada estar dependente de T matriz é suportado pelos dados em (5), na linha de Haegeman (2003: 321), segundo a qual, quando a subordinada é temporalmente dependente do T da oração matriz, a conjunção “*if* may often be expanded to *if and when*”:

- (5) a. *Se e quando* a cabeça não funciona, o corpo é que sofre.
 b. Alguns membros da comunidade participam com regularidade em todas actividades, outros apenas participam *se e quando* houver dinheiro.

Por outro lado, e conforme ficou demonstrado no ponto 4.1.1. do capítulo 4, a dependência temporal, nestas factuais, é ilustrada pelo facto de a referência temporal da subordinada ser determinada pelo tempo da oração matriz. Nos exemplos (6), o Presente do Indicativo na frase subordinada tem uma referência temporal de presente

habitual (6a) ou de futuro (6b), conforme ocorra, respetivamente, o Presente habitual ou o Futuro na oração principal. No exemplo (7), observa-se que o Futuro do Conjuntivo passou a ter uma referência temporal passada, determinada a partir do Imperfeito do Indicativo que ocorre na matriz.

- (6) a. Uma pessoa só é_{presente habitual} sempre pobre, se não é_{presente habitual} casada.
 b. Uma pessoa só será_{futuro} sempre pobre, se não é_{futuro} casada.
- (7) Os pais sempre tinha_{passado} que dizer alguma coisa se as coisas não correr_{passado} bem.

Em suma, podemos afirmar que as factuais correlativas de eventos/situações estão no escopo do tempo da oração matriz.

b) Factuais genéricas universais

As condicionais genéricas universais, exemplos em (8), estão fora do escopo do T da oração matriz. Por um lado, não admitem que o operador *se* se expanda para *se e quando* (9) e, por outro, podem exibir tempos diferentes na adverbial e na matriz (10).

- (8) a. Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.
 b. Se as andorinhas são pássaros, então voam.
- (9) a. **Se e quando* o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.
 b. **Se e quando* as andorinhas são pássaros, então voam.
- (10) a. Se o narciso é_{presente} uma flor, pertencerá_{futuro} ao reino vegetal.
 b. Se as andorinhas são pássaros, então serão_{futuro} mortais/então não nasceram_{pretérito perfeito} de novo.

c) Factuais episódicas

Os exemplos que se seguem são de condicionais factuais episódicas:

- (11) a. Se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água, então alguma coisa pode ter sucedido.
- b. Se sabemos de tudo isso é porque existe uma língua de que nós somos falantes.
- c. Se o branco não chegou até aqui como é que lhe cortou?

Segundo Haegeman (2003), estas factuais não admitem uma expansão do tipo *se e quando*, como mostram os dados em (12):

- (12) a. **Se e quando* os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água, então algo pode ter sucedido.
- b. **Se e quando* sabemos de tudo isso é porque existe uma língua de que nós somos falantes.
- c. **Se e quando* o branco não chegou até aqui como é que lhe cortou?

Nesse sentido, assumimos que, nas factuais episódicas, a subordinada adverbial é interpretada como estando fora do escopo de T matriz.

2. Escopo da negação

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas estão no escopo do operador de negação:

- (13) a. Uma pessoa não é pobre *se é casada*. (=não é se é casada que uma pessoa é sempre pobre; possível continuação: é sempre pobre se não trabalha)
- b. Não saíamos às 12h *se entrávamos às 7*. (= não era se entrávamos às 7 que saíamos às 12h; possível continuação: era se entrávamos às 5 que saíamos às 12h)
- c. Os pais sempre não tinha que dizer alguma coisa *se as coisas correr bem*. (= não era se as coisas correr bem que os pais sempre tinha que dizer alguma coisa)

Em (13), o advérbio de negação incide sobre o predicado da encaixada, conforme a interpretação pretendida demonstrada entre parênteses. Assim, conclui-se que a subordinada factual das correlativas de eventos/situações está dentro do escopo do advérbio de negação que ocorre na frase matriz.

b) Factuais genéricas universais

Ao contrário das factuais correlativas, as factuais genéricas não podem estar no escopo da negação da frase matriz:

- (14) a. #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= não é se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
b. #As andorinhas não voam se são pássaros. (= não é se as andorinhas são pássaros que podem voar)

As frases em (14) evidenciam que o predicado da encaixada não pode estar no domínio de c-comando da negação.

c) Factuais episódicas

As factuais episódicas não podem ser interpretadas no domínio do escopo da negação da frase matriz (15).

- (15) a. ??Algo pode não ter sucedido *se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água*. (= não é se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições de água que algo pode ter sucedido)
b. *Como é que não lhe cortou *se o branco chegou até aqui?* (= não foi se o branco chegou até aqui que como é que lhe cortou?)
c. **Se sabemos de tudo isso* não é porque existe uma língua de que nós somos falantes. (= não é se sabemos de tudo isso que é porque existe uma língua de que somos falantes)¹

¹ Refira-se que o teste da negação é apenas aplicável a esta frase ocorrendo a oração subordinada em posição inicial, mas não em posição final, na qual seria igualmente agramatical sem a negação:

i. *(Não) é porque existe uma língua de que nós somos falantes ou conhecemos se sabemos de tudo isso.

3. Resposta a interrogativas QU-

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As condicionais correlativas de eventos/situações podem ocorrer como resposta a interrogativas QU- (16), indicando que a oração subordinada adverbial pode ocorrer como foco informacional.

(16) a. – Em que circunstâncias é que o corpo sofre?

– *Se a cabeça não funciona.*

b. – Quando é que saíamos às 12h?

– *Se entrávamos às 7.*

b) Factuais genéricas universais

As genéricas universais, pelo contrário, não podem facilmente ocorrer como resposta a orações interrogativas parciais, funcionando como foco informacional:²

(17) a. – Em que circunstâncias é que as andorinhas voam?

– *?Se são pássaros.*

b. – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?

– *?Se é uma flor.*

c) Factuais episódicas

Nas factuais episódicas, não podem ocorrer como resposta a uma interrogativa QU-:

(18) a. – Em que circunstância (como) é que lhe cortou?

– **Se o branco não chegou até aqui.*

² Tal como no PE, no PM, a interpretação do constituinte correspondente ao sintagma QU- é uma interpretação de tópico (cf. a) e não de foco (cf. b).

i. – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?

a. – *Se é uma flor* TÓPICO, pertence... (não sei se noutras circunstâncias também pertencerá).

b. – **O narciso pertence ao reino vegetal, se é uma flor* FOCO.

- b. – Em que circunstâncias (é porque) existe uma língua de que nós somos falantes?

– **Se sabemos de tudo isso.*

As factuais episódicas não podem funcionar como foco informacional.

4. Focalização com “só” ou “apenas”

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas de eventos/situações podem estar sob o escopo de marcadores de foco, como só:

- (19) a. As amigas só lhe gozam e riem dela *se uma menina atinge os vinte anos sem conhecer homem*. (= é só se uma menina atinge os 20 anos sem conhecer homem que as amigas lhe gozam e riem dela)
- b. Só saíamos às 12h *se entravámos às 7*. (= é só se entravámos às 7 que saíamos às 12h)

Em (19), obtém-se uma interpretação em que o advérbio tem escopo sobre a subordinada factual, conforme a interpretação pretendida que é dada no final de cada frase.

b) Factuais genéricas universais

Ao contrário do que acontece com as factuais correlativas de eventos/situações, as factuais genéricas universais não podem, com a mesma facilidade, ocorrer no escopo de operadores de foco na frase matriz:

- (20) a. ??O narciso só pertence ao reino vegetal *se é uma flor*. (= é só se o narciso é uma flor que pertence ao reino vegetal)
- b. ??As andorinhas só voam *se são pássaros*. (= é só se são pássaros que as andorinhas voam)

Nestas condicionais, é bloqueada pelo nosso conhecimento do mundo a interpretação em que o advérbio *só* incide sobre o predicado da oração subordinada (cf. *‘O narciso pertence ao reino vegetal só se é uma flor’*/ *‘As andorinhas voam só se são pássaros.’*).

Assim, conclui-se que as condicionais factuais genéricas escapam ao domínio de c-comando de operadores de foco.

c) Factuais episódicas

Tal como as genéricas universais, as factuais episódicas não podem ocorrer no escopo de operadores de foco.³

- (21) a. *#Só* pode ter sucedido alguma coisa *se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições no fornecimento de água*. (= é só se os residentes da Vila de Boane sofrem restrições no fornecimento de água que alguma coisa pode ter sucedido)
- b. **Apenas/só* como é que lhe cortou *se o branco não chegou até aqui?*
- c. **Apenas* é porque existe uma língua de que nós somos falantes *se sabemos de tudo isso*. (= é só se sabemos de tudo isso que é porque existe uma língua de que somos falantes)

Nos exemplos (21), o advérbio *só* não incide sobre a oração subordinada adverbial, indicando que não está no seu domínio de c-comando.

5. Clivagem

a) Factuais correlativas de eventos/situações

No PM, as condicionais factuais correlativas podem ser clivadas:

- (22) a. Era *se entrávamos às 7* que saíamos às 12h.
- b. É *se a cabeça não funciona* que o corpo sofre.

³ A frase (21a) tem a interpretação hipotética.

b) Factuais genéricas universais

Pelo contrário, as factuais genéricas universais dificilmente admitem a ocorrência em estruturas clivadas, como se ilustra em (23):

- (23) a. ?É *se o narciso é uma flor* que pertence ao reino vegetal.
b. ?É *se as andorinhas são pássaros* que voam.

c) Factuais episódicas

Estas factuais não podem ser clivadas:

- (24) a. *É *se o branco não chegou até aqui* que como é que lhe cortou?
b. *É (apenas) *se sabemos de tudo isso* que é porque existe uma língua de que nós somos falantes.

6. *Quantificadores e pronomes ligados*

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas de eventos/situações podem estar sob o escopo de quantificadores:

- (25) a. [Nenhum aluno]_i saía às 12h *se pro_i entrava às 7*.
b. [Qualquer um]_i corre o risco de dormir fora de casa *se pro_i perde os últimos autocarros*.

Nas frases de (25), o sujeito nulo está no domínio de c-comando do sujeito quantificado da oração matriz, a qual corre à esquadra, por o sujeito quantificado ser nó irmão do constituinte que domina a subordinada condicional que contém o sujeito nulo por si ligado (cf. Haegeman 2003: 323).

b) Factuais genéricas universais

Nas condicionais genéricas universais, um pronome não pode ser ligado por um quantificador, conforme mostram os exemplos a seguir adaptados das frases: *Se o*

*narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal. / Se as andorinhas são pássaros, então voam.*⁴

(26) a. *Todo o narciso pertence ao reino vegetal se é uma flor.

b. *Nenhuma andorinha voa se não é um pássaro.

Uma vez que o pronome não pode estar ligado pelo sujeito quantificado da oração matriz (26), depreendemos que, nas factuais genéricas universais, a oração subordinada está fora do escopo do sujeito quantificado da frase matriz.

c) Factuais episódicas

Nas condicionais episódicas, o sujeito nulo da subordinada pode ser interpretado como uma variável ligada pelo sujeito quantificado na oração principal:⁵

(27) a. Como é que [alguém]_i pode desenvolver desta forma se *pro*_i sofre com o seu próprio dinheiro?

b. [Todos nós]_i estamos próximo de uma «Nação Pária» se nesse campo festivo *pro*_i marchamos para a violência.

No entanto, só nas factuais episódicas como a de (27b), adquirindo a interpretação hipotética, é que a oração subordinada é c-comandada pelo sujeito quantificado, uma vez que, seguindo Haegeman (2003), o sujeito quantificado da matriz, a qual ocorre à esquerda da adverbial, é nó irmão do constituinte que domina a oração subordinada contendo o sujeito nulo. Em (27a), pelo contrário, a subordinada está fora do escopo do sujeito quantificado, porque o sujeito quantificado não é nó irmão do constituinte que domina a oração subordinada de que o sujeito nulo faz parte, ou seja, não é c-comandado pelo sujeito quantificado.

⁴ Tal como foi observado para o PE, também no PM, as frases em (26) são em si mal formadas porque, na leitura relevante, o sujeito quantificado, por exemplo, *todo o narciso*, é uma expressão mal-formada.

⁵ Os exemplos em (27) foram adaptados das frases:

i. Como é que podemos desenvolver desta forma se sofremos com o nosso dinheiro?

ii. Se nesse campo festivo marchamos para a violência, começo a pensar que estamos mais próximo de uma «Nação Pária».

Assim, podemos concluir que, nas factuais episódicas, umas podem estar sob o escopo do sujeito quantificado da matriz e outras não.

7. *Lacunas parasitas*

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As condicionais factuais correlativas legitimam lacunas parasitas (28a'e b'):

(28) a. Se (= *sempre que*) um casal não tem filhos, adopta-os.

b'. *O que_i é que, se um casal não tem [Ø]_i, adopta [Ø]_i?*

Tal facto aponta para a oração subordinada formar um tipo particular de predicado complexo com o predicado da oração matriz, no sentido de o evento da subordinada constituir com o da oração matriz um evento complexo (Haegeman 2002: 134-135; 2003: 324).⁶

b) Factuais genéricas universais

Por se tratar de frases caracterizadoras (cf. Justino 2011, 2016), este teste não é aplicável às condicionais genéricas universais (29). O constituinte à direita do verbo da subordinada é um predicativo do sujeito e não um complemento direto, o que, por si só, inviabiliza a ocorrência de uma lacuna parasita.⁷

(29) a. Se as andorinhas são pássaros, então voam.

a'. * *O que_i é que se as andorinhas são [Ø]_i, [Ø]_i voam.*

a.'' * *O que_i é que [Ø]_i voam, se as andorinhas são [Ø]_i.*

⁶ Este tipo particular de predicado complexo é assim definido: "Nissenbaum (2000, p. 64) proposes that an adjunct clause containing a PG forms a kind of complex predicate with the VP of the main clause. Let us assume that the formation of this complex predicate is only possible if the relevant VP c-commands the adjunct with which it composes and which contains the parasitic gap." (Haegeman 2003: 324).

⁷ Sobre as condições de legitimação e ocorrência de uma lacuna parasita em orações adverbiais adjuntas, veja-se, entre outros, Haegeman (1984) ou Engdahl (1983). Em Haegeman (1984: 232), é dito que "Parasitic gaps are seen to occur in adverbial clauses and may be licensed both by subject traces and object traces. However, while in the case of subject traces licensing parasitic gaps the adverbial clause always precedes the matrix clause, in the case of object traces licensing the parasitic gaps the adverbial clauses containing the parasitic gap precedes or follows the matrix clauses".

Deste modo, concluímos que não há legitimação de lacunas parasitas neste tipo de condicionais factuais.

c) Factuais episódicas

Nas factuais episódicas, não são legítimas lacunas parasitas, conforme de ilustra em (30a' e b'):

(30) a. Se (= *já que*) conheces a Maria, então vamos convidá-la para a nossa festa.

a'. *Quem_i é que, se conheces [Ø]_i, então vamos convidar [Ø]_i para a nossa festa?/**Maria é quem_i, se conheces [Ø]_i, então vamos convidar [Ø]_i para a nossa festa.*

b. Se, como dizes, me enviaste o trabalho, vou vê-lo esta noite.

b'. **O que é que, se, como dizes, me enviaste [Ø], vou ver [Ø] esta noite?*

8. Negativas e interrogativas alternativas

a) Factuais correlativas de eventos ou situações

Este subtipo de factuais pode ocorrer em interrogativas (31a) e em negativas (31b) alternativas:

(31) a. O corpo sofre *se a cabeça não funciona ou se não regula?*

b. O corpo não sofre *se a cabeça não funciona, mas sim se não regula.*

b) Factuais genéricas universais

As genéricas universais, pelo contrário, não podem ocorrer em construções interrogativas (32a) nem em negativas (32b) alternativas:⁸

(32) a. #O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor ou se é um legume?*

b. #O narciso não pertence ao reino vegetal *se é uma flor, mas sim se é um legume.*

⁸ Lembramos que estas condicionais não podem ocorrer em negativas não alternativas (i), o que poderá significar que a sua não adequação ao teste da negação parece dever-se a fatores de natureza pragmática.

i. #O narciso não pertence ao reino vegetal se é uma flor.

c) Factuais episódicas

Também as factuais episódicas não podem ocorrer em construções interrogativas e negativas alternativas:⁹

- (33) a. *Como é que podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso próprio dinheiro* ou *se investimos tanto o nosso próprio dinheiro*?
b. *Como é que não podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso próprio dinheiro*, mas sim *se investimos tanto o nosso próprio dinheiro*?

9. Posição

a) Factuais correlativas de eventos/situações

As factuais correlativas de eventos/situações podem ocorrer em posição final sem que sejam antecedidas de pausa ou quebra entoacional, conforme atestam os exemplos a seguir:

- (34) a. Os pais sempre tinha que dizer alguma coisa *se as coisas não correr bem*.
(Corpus África)
b. Tem havido esses problemas nos lares *se não há pessoas mais adultas para aconselhar*. (Corpus África)

b) Factuais genéricas universais

As genéricas universais parecem não poder ocorrer em posição final sem pausa (35) e mesmo com pausa, quanto a mim, são melhores se tiverem obrigatoriamente uma entoação suspensiva ou uma prosódia que indique que a oração condicional está extraposta (36).

⁹ Nas condicionais como as de (33), se retiramos o *como é que*, elas ficam compatíveis com o teste:

i. Não podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso próprio dinheiro*, mas sim *se investimos o nosso próprio dinheiro*.

Isto acontece porque a oração principal implica uma expectativa que é contraditória ao facto nela expresso (cf. o capítulo 4). Repare-se que a frase sem *como é que* já é em si agramatical.

ii. *Podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso próprio dinheiro*.

(35) a. ??O narciso pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.

b. ??As andorinhas voam se são pássaros.

(36) a. O narciso pertence ao reino vegetal || *se é uma flor*.

b. As andorinhas voam || *se são pássaros*.

c) Factuais episódicas

Os dados de *corpora* parecem indicar (tanto quanto é possível confiar na pontuação como indicador da entoação) que, no PM, algumas condicionais factuais episódicas podem ocorrer em posição final sem pausa (37a,b), bem como com uma pausa (37c):¹⁰

(37) a. Como é que iria justificar a gravidez *se o meu marido nunca me forneceu a semente?* (CRPC)

b. Começo a pensar que estamos próximo de uma «Nação Pária» *se nesse campo festivo temos estado a marchar para a violência*.

c. A: Hei de bebê-la.

B: Mas como é que vais beber, *se não tens chifres?* (Corpus África)

No entanto, nas episódicas como a de (38), a subordinada condicional não pode ocorrer na posição final nem com nem sem pausa:

(38) *É porque existe uma língua de que nós somos falantes *se sabemos de tudo isso*.

¹⁰ No PE, como me fez saber Ana Martins, as estruturas iniciadas por *como é que* (ou outras palavras QU-), como os exemplos (37a, c), são mais naturais com a condicional à direita e, na escrita, precisam de vírgula se a condicional ocorrer à esquerda:

- i. a. Como é que posso ir lá se não tenho carro?
- b. (Pois) se não tenho carro, como é que posso ir lá?
- ii. a. Como é que vou a pé se está a chover torrencialmente?
- b. (Pois) se está a chover torrencialmente, como é que queres que vá a pé? [“pois” só é possível quando há anteposição]

Em suma, à excepção de condicionais como a de (38) (factuais episódicas de nexu dedutivo), as outras factuais episódicas (37) podem ocorrer à direita da matriz sem que sejam precedidas de uma pausa ou quebra entoacional.

Os resultados obtidos através da aplicação dos diferentes testes sintáticos às condicionais factuais do PM são resumidos no quadro a seguir:

Quadro 5.2: Comportamento sintático dos diferentes subtipos de orações condicionais factuais do PM

Subtipos de factuais	Testes Sintáticos								
	Escopo de T	Escopo da neg.	Resp. inter. QU-	Escopo de op. de foc.	Cliva-gem	quant. e pron. ligad.	Lacun. paras.	Inter. e neg. altern.	Pos. final sem pausa
Correlativas de eventos	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Genéricas universais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Episódicas	-	-	-	-	-	- e +	-	-	- e +

Estes resultados permitem fazer as seguintes generalizações:

- As factuais correlativas de eventos/situações são integradas.
- As factuais genéricas universais são periféricas.
- As factuais episódicas são periféricas.

Posto isto, e considerando o descrito para o PE no capítulo 3, também no PM as condicionais factuais podem ser integradas e periféricas. São integradas as factuais correlativas de eventos/situações e periféricas as factuais genéricas e as factuais episódicas. Nesse sentido, são distintas das factuais de outras línguas, como o inglês, em que são apenas periféricas (Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006).

5.1.2. Condicionais hipotéticas

As condicionais hipotéticas são exemplificadas pelas frases em (39), nas quais a hipótese de o antecedente ser verdadeiro no futuro é deixada em aberto.¹¹

¹¹ As hipotéticas retóricas, frases que parecem marcar uma oposição entre o enunciador e o seu interlocutor ou interlocutores quanto à avaliação do valor de verdade do antecedente (veja-se os exemplos abaixo), não serão consideradas nesta secção, porque não foram objeto de análise no capítulo do PE, embora também existam.

- (39) a. Se o investimento externo continuar, Moçambique vai manter um crescimento sustentável. par=1
 b. Se usou corretamente, o fogo pode ser bom. (CRPC)
 c. Vamos jogar às cartas. Se me venceres, dou-te uma noiva. (*corpus* África)

Apresenta-se, seguidamente, o comportamento sintático das condicionais hipotéticas.

1. *Escopo de tempo* (ou dependência de T matriz)

As condicionais hipotéticas podem ser dependentes de T matriz, já que, na linha de Haegeman (2003), é possível expandir as frases de (39) para *se* e *quando* (40).

- (40) a. *Se e quando* o investimento externo continuar, Moçambique vai manter um crescimento sustentável.
 b. *Se e quando* usou correctamente, o fogo pode ser bom.

Assim, conclui-se que as hipotéticas geralmente exibem dependência temporal, nos termos em que este fenómeno é definido por Haegeman (2003 ou 2004).

2. *Escopo da negação*

As condicionais hipotéticas podem estar sob o escopo da negação da matriz:

- (41) a. Não haverá cheias *se o nível chegar a 1500m³ por segundo*. (CRPC) (= não é o se nível chegar a 1500m³ que haverá cheias)
 b. Não te dou uma noiva *se me venceres*. (= não é se me venceres que te dou uma noiva).

i. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou? (CRPC)
 ii. Se esse filho é meu porque não o trouxeste contigo? (CRPC)
 Estas condicionais são periféricas, tal como as factuais de enunciação ou *não canónicas* (cf. Se o branco não chegou até aqui como é lhe que cortou?).

Como se pode observar pela interpretação pretendida dada entre parênteses (41), o operador de negação, na oração matriz, tem escopo sobre a oração subordinada.

3. Resposta a interrogativas QU-

As condicionais hipotéticas podem ocorrer como repostas a interrogativas QU-:

(42) a. – Em que circunstância o fogo pode ser bom?

– *Se usou correctamente.*

b. – Em que circunstâncias haverá cheias?

– *Se o nível chegar a 1500m³ por segundo.*

Enquanto único constituinte que é dado como resposta a interrogativas parciais, as orações adverbiais condicionais hipotéticas funcionam como foco informacional.

4. Focalização com 'só' ou 'apenas'

Nas condicionais hipotéticas, os marcadores de foco como *só* ou *apenas* têm escopo sobre a frase subordinada, conforme ilustrado em (43), exemplos atestados nos *corpora*.

(43) a. A Constituição só é sagrada *se for para fazer o bem*. par=1 (= é só se for para fazer o bem que a constituição é sagrada)

b. Só haverá cheias *se o nível chegar a 1500m³ por segundo*. (CRPC) (= é apenas se o nível chegar a 1500m³ por segundo que haverá cheias)

Como mostra a interpretação pretendida dada no final de cada frase acima, os marcadores de foco incidem sobre o predicado da oração subordinada condicional hipotética.

5. Clivagem

As condicionais hipotéticas podem, com facilidade, ocorrer em estruturas clivadas:

- (44) a. É (apenas) *se usou correctamente que o fogo pode ser bom*.
 b. É (apenas) *se o nível chegar a 1500m³ por segundo que haverá cheias*.
 c. É (apenas) *se me venceses que te dou uma noiva*.

6. Quantificadores e pronomes ligados

As condicionais hipotéticas podem estar no domínio de c-comando de quantificadores, na posição de sujeito da frase matriz:

- (45) [Toda a constituição]_i só é sagrada se *pro_i* for para fazer o bem.

Em (45), o pronome vazio da frase condicional hipotética é uma variável ligada pelo NP quantificado *toda a constituição*. Nesse sentido, conclui-se que a subordinada hipotética ocorre no domínio de c-comando do sujeito da oração matriz.

No entanto, esta não é a única relação/interpretação possível, em termos de c-comando e ligação, nas condicionais hipotéticas. Nos exemplos a seguir, extraídos dos *corpora*, é o sujeito nulo da matriz que é interpretado como uma variável ligada pelo sujeito quantificado da subordinada condicional (46), a qual ocorre à esquerda da frase matriz.

- (46) a. Se alguém_i me vir dizer que a educação baixou e argumentar, então *pro_{i/j}* pode ter razão. (*Corpus África*)
 b. Eu sou a porta: se alguém_i entrar por mim, *pro_{i/*j}* achará pastagens. (CRPC)

7. Lacunas parasitas

As condicionais hipotéticas podem legitimar lacunas parasitas, como se mostra através dos exemplos (47a',b'):

- (47) a. Se usou correctamente, o fogo pode ser bom. (CRPC)
 a'. O que_i é que, se usou [Ø]_i correctamente, [Ø]_i pode ser bom?

b. Se eu não alimento o meu filho, homem também não há-de alimentar.

(CRPC)

b'. Quem_i é que, se eu não alimento/alimentar [Ø]_i, o homem também não há-de alimentar [Ø]_i.

Estes dados indicam que a oração subordinada e a oração matriz formam um tipo de predicado complexo, pela possibilidade de o VP matriz poder c-comandar a oração adverbial que contém a lacuna parasita (Haegeman 2003: 324).

8. Interrogativas e negativas alternativas

As condicionais hipotéticas podem ocorrer em estruturas interrogativas (48a) e em negativas alternativas (48b).

(48) a. O padre expulsa-me do colégio *se descobrir a minha paixão* ou *se descobrir que rompi o meu voto de castidade?*

b. O padre não me expulsa do colégio *se descobrir a minha paixão*, mas sim *se descobrir que rompi o meu voto de castidade*.

9. Posição

As condicionais hipotéticas podem ocorrer em posição final sem pausa ou quebra entoacional, conforme os exemplos atestados nos dados do PM:

(49) a. As escolas serão excluídas da terceira prestação *se os materiais não tiverem sido utilizados na escola*. (CRPC)

b. A Constituição só é sagrada *se for para fazer o bem*. par=1

Em síntese, e tendo em conta o descrito para as hipotéticas do PE no capítulo 3, conclui-se que, no PM, as hipotéticas são tipicamente integradas:¹² podem estar sob o domínio de c-comando de T matriz, da negação, de marcadores de foco, e de um sujeito quantificado na matriz, bem como podem ocorrer em estruturas clivadas e em

¹² Apenas tipos particulares, marcados, é que são periféricas. Exemplo de hipotéticas retóricas (cf. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou?).

posição final sem pausa. Pelo seu comportamento relativamente a estes fenómenos, na estrutura da frase, vão ocupar posições mais baixas, que aqui se assume ser a posição de adjunção a vP ou a VP, tal como as adverbiais integradas à direita do PE (Lobo, 2002a,b, 2003, 2006; Canceiro 2016, e.o).

5.1.3. Condicionais contrafactuais

No capítulo 4, concluímos que, no PM, as condicionais contrafactuais (ou seja, que pressupõem que o antecedente é falso), podem ser *canónicas* (50) ou *não canónicas* (51):

- (50) a. Aquele homem é um fugista. Se não fosse era um fugista, ele havia de parar aqui. (CRPC)
b. Se eu tivesse feito o exame eu estou consciente que passava este curso.
- (51) a. Se Wazimbo não fosse cantor, seria cantor. par=2
b. Se tu és santo, eu sou o Papa. (PP)

As contrafactuais *não canónicas* são estruturalmente periféricas.¹³ Como, no capítulo 3, sobre a sintaxe das condicionais do PE, as *não canónicas* não foram objeto de análise, nesta subsecção, vamos apenas discutir o estatuto sintático das condicionais contrafactuais *canónicas* do PM de modo a que sejam comparáveis com as do PE descritas nesse capítulo.

1. *Escopo de tempo* (ou dependência de T matriz)

As condicionais contrafactuais podem ocorrer no escopo do T da oração matriz, pelo que podem admitir a identidade de tempos:

¹³ Como se pode observar, estas condicionais, por exemplo, não podem ocorrer no escopo de T da oração matriz (i), da negação (ii) e de operadores de foco (iii), nem admitem a clivagem (iv).

- i. a. *Se e quando tu és santo, eu sou o Papa.
b. *Se e quando Wazimbo não fosse cantor, seria cantor.
- ii. a. ???Eu não sou o Papa se tu és santo.
b. *Wazimbo não seria cantor se não fosse cantor.
- iii. a. *Eu apenas sou o Papa se tu és santo.
b. *Wazimbo só seria cantor se não fosse cantor.
- iv. a. *É se tu és santo que sou o Papa.
b. *Era se Wazimbo fosse cantor que seria cantor.

- (52) a. A inundação chegaria_{passado} se par ssemos_{passado} de limpar o chão molhado pela chuva.
- b. Se eu tivesse feito_{passado} exame eu estou consciente que passava_{passado} este curso.

2. Escopo da negação

As condicionais contrafactuais estão sob o escopo da negação da frase matriz:

- (53) a. A inundação não chegaria *se parássemos de limpar o chão molhado pela chuva*. (= não seria por pararmos/se parássemos de limpar o chão molhado pela chuva que a inundação chegaria)
- b. Eu estou consciente que não passava este curso *se tivesse feito exame*. (= estou consciente que não seria por fazer/se tivesse feito o exame que passava este curso)

Como se pode observar pela interpretação pretendida dada entre parênteses (53), o advérbio de negação tem escopo sobre a oração adverbial.

3. Resposta a interrogativas QU-

As condicionais contrafactuais podem ocorrer como respostas a interrogativas parciais, funcionando como foco informacional:

- (54) a. – Em que circunstâncias a inundação chegaria?
– *Se parássemos de limpar o chão molhado pelas chuva.*
- b. – Em que circunstâncias passava este curso?
– *Se eu tivesse feito o exame.*

4. Focalização com ‘s  ’ ou ‘apenas’

As condicionais contrafactuais podem estar sob o escopo de marcadores de foco como *só* ou *apenas* que ocorram na oração matriz (55).

- (55) a. A inundação só chegaria *se parássemos de limpar o chão molhado pela chuva*. (= era só se parássemos de limpar o chão molhado pela chuva que a inundação chegaria)
- b. Eu estou consciente que só passava este curso *se eu tivesse feito o exame* (= era só se tivesse feito o exame que passava este curso)

5. Clivagem

As condicionais contrafactuais podem ser clivadas:

- (56) a. Era *se parássemos de limpar o chão molhado pela chuva* que a inundação chegaria.
- b. Estou consciente que era *se tivesse feito o exame* que passava este curso.

6. Quantificadores e pronomes ligados

As condicionais contrafactuais podem estar no domínio de c-comando de um sujeito quantificado na frase matriz. Por falta de exemplos relevantes nos dados dos *corpora*, este fenómeno é ilustrado pelo exemplo adaptado da frase *Se eu tivesse feito o exame eu estou consciente que passava este curso*.

- (57) [Qualquer aluno]_i passava este curso se *pro_i* tivesse feito o exame.

Neste exemplo, o pronome vazio da subordinada é ligado pelo sujeito da matriz que o c-comanda. Portanto, a subordinada está no domínio de c-comando do NP sujeito da matriz.

7. Lacunas parasitas

As condicionais contrafactuais legitimam lacunas parasitas (58a',b'), o que significa que a subordinada e a matriz podem formar um evento complexo, ou seja, a subordinada contendo a lacuna parasita é c-comandada pelo VP da frase matriz.

- (58) a. Se parássemos/tivéssemos parado de limpar, a água inundava a escola.
 a'. *O que_i é que a água inundava [∅]_i se tivéssemos parado de limpar [∅]_i?*
 b. Se eu não tivesse alimentado o meu filho, homem também não alimentava.
 b'. *Quem_i é que, se eu não tivesse alimentado [∅]_i, homem também não alimentava [∅]_i.*

8. Interrogativas e negativas alternativas

As condicionais contrafactuais podem ocorrer em interrogativas (59a) e em negativas (59b) alternativas.

- (59) a. Estás consciente que passavas este curso *se tivesses feito exame* ou *se tivesses dispensado de ir ao exame*?
 b. Eu estou consciente que não passava este curso *se tivesse feito o exame*, *mas sim se tivesse dispensado de ir ao exame*.

9. Posição

As condicionais contrafactuais podem ocorrer em posição final sem que sejam antecedidas de rutura entoacional:

- (60) a. Só se podia estar confortado lá dentro *se tivesse carregado consigo um guarda-chuvas*. (*Corpus África*)
 b. Eu estou consciente que passava este curso *se tivesse feito o exame*.

Em suma, e tendo em conta as condicionais contrafactuais *canónicas* do PE, os resultados da aplicação dos testes às do PM permitem concluir que, sintaticamente, também se trata de adverbiais integradas.

A possibilidade de ocorrerem em posição final sem pausa ou quebra entoacional, de poderem estar sob o escopo da negação matriz e de marcadores de foco, de poderem constituir resposta a interrogativas Qu- e de poderem ser clivadas aponta para que, tal como em PE, as condicionais contrafactuais *canónicas* do PM ocupem uma posição interna ao domínio de TP, em adjunção a vP ou a VP (Haegeman 2003; Lobo 2003).

5.1.4. Conclusões gerais da secção 5.1

No PM, as condicionais de *se* podem sintaticamente ser integradas ou periféricas, tal como acontece no PE.

Tanto no PE como no PM, as condicionais hipotéticas e contrafactuais são tipicamente integradas, ainda que tipos particulares, marcados e marginais/infrequentes, não o sejam.¹⁴ As condicionais factuais, por outro lado, em oposição às hipotéticas e contrafactuais, revelam-se uma classe não coesa quanto à oposição integrada/periférica, sendo integradas as correlativas de eventos/situações, e periféricas outras subclasses de factuais (que não são marcadas nem marginais/infrequentes). Nesse sentido, depreendemos que a classe das factuais é muito mais complexa e diversificada do que tem sido descrito na literatura em que se assume que são apenas periféricas (cf. Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006).

Nas condicionais, o estatuto integrado ou periférico parece estar correlacionado com o nível de dependência semântica entre as duas orações. Uma maior dependência semântica da adverbial relativamente à matriz corresponde à sintaxe das integradas, enquanto uma menor ou nenhuma relação semântica entre antecedente e consequente corresponde à sintaxe das periféricas. Nas integradas, é possível obter uma interpretação em que, semanticamente, o conteúdo da matriz é predizível a partir do conteúdo da subordinada:

(61) *Se falta chuva, morre-se de sede. Se vem, morre-se afogado. (= É por faltar a chuva que se morre de sede.../ Morre-se de sede. Isto acontece por causa de faltar chuva.).*

Nas condicionais integradas (61), o antecedente funciona como modificar do evento da matriz. Nas condicionais periféricas, pelo contrário, o conteúdo da matriz nem sempre é predizível a partir do conteúdo da subordinada, conforme ilustram os exemplos em 62, sendo (62a) exemplo de uma factual e (62b) de uma contrafactual.

¹⁴ Tal como é o caso das hipotéticas *retóricas* e contrafactuais *enfáticas*. Exemplos:

- i. Se esse tal Mwando te ama de verdade porque é que antes te abandonou?
- ii. Se Wazimbo não fosse cantor, seria cantor.

- (62) a. Se sabemos a língua portuguesa é porque a aprendemos na escola. (= **Aprendemos na escola. Isto acontece por sabermos a língua portuguesa*)
b. Se Wazimbo não fosse cantor, seria cantor. (**Se Wazimbo não fosse cantor, então seria cantor.*)

Como se pode observar, em (62), o conteúdo da subordinada não modifica a situação descrita na oração a que estão associadas.

5.2. Estrutura sintática das condicionais integradas e das periféricas

Na secção anterior, ficou definido que, no PM, também existem duas classes sintáticas de adverbiais condicionais: as integradas e as periféricas. Assim, nesta secção, vamos apresentar a estrutura sintática destas condicionais.

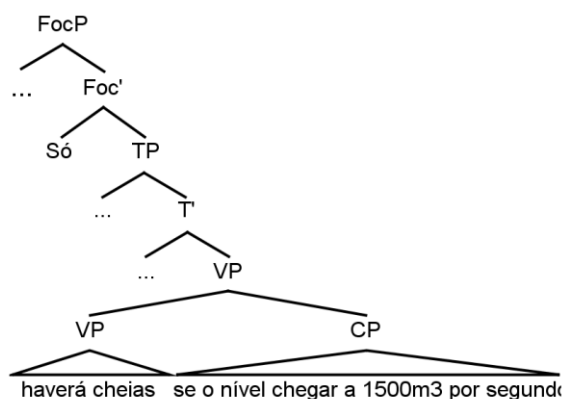
5.2.1. Condicionais integradas

As condicionais integradas podem ocorrer à direita (63) ou à esquerda (64), em relação à frase matriz.

- (63) a. Só haverá cheias *se o nível chegar a 1500m³ por segundo*. (CRPC)
b. O afundamento podia ter sido evitado *se tivesse sido feita a dragagem do local*. (Corpus África)
- (64) a. *Se eu tivesse feito o exame (...)*, passava este curso. (CRPC)
b. *Se não vou correr nas manhãs*, estou com um grupo de amigos. (JR41, Justino 2011)

Para as condicionais **integradas à direita**, a configuração estrutural que assumimos é a que se segue em (65), em que a subordinada é adjunta a VP da oração matriz, na linha de trabalhos que adoptaram os mesmos critérios para definir uma oração adverbial integrada (Haegeman 2003, 2004, 2009; Lobo 2003, 2006, e.o).

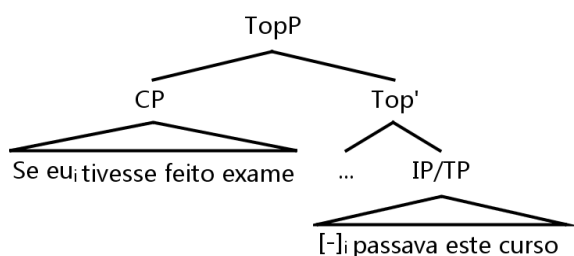
- (65) Estrutura sintática de uma condicional integrada à direita: *Só haverá cheias se o nível chegar a 1500m³ por segundo.*



Esta configuração estrutural permite dar conta de, por exemplo, a oração adverbial integrada poder estar sob o escopo de marcadores de foco, da negação matriz, e do sujeito da matriz; isto é, estar no domínio de c-comando desses constituintes.

Para as adverbiais **integradas à esquerda**, propomos que as mesmas se encontram numa posição alta relativamente à matriz, que aqui assumimos ser a posição de especificador de TopP, na linha da proposta adotada por outros autores, como Valmala (2009: 957).

- (66) Exemplo de uma condicional adverbial integrada à esquerda: *Se eu tivesse feito o exame (...), passava este curso.*



Por um lado, consideramos que as condicionais integradas antepostas são o tópico (64) e (66), porque podem ocorrer em pares de pergunta-reposta como tópico da frase, o que é evidenciado quer pela posição à esquerda quer pelo facto de retomarem informação já introduzida na pergunta (Ambar 1992a; Lobo 2003, 2013):

(67) A: O que acontecia se tivesse feito o exame?

B: *Se tivesse feito o exame*, passava este curso.

Além disso, ocorrem em posição inicial seguidas de uma pausa (68) (Valmala 2009).

(68) Eu vou-me embora, ele está à minha espera. Se chego tarde, ele bate-me.

(CRPC)

Por outro lado, a questão que se coloca é a de saber se, em (66) (como por, e.g., *Se eu tivesse feito o exame (...), passava este curso*), a adverbial integrada é gerada à esquerda por *Merge* externo, tal como é assumido por Lobo (2003), ou por *Move*, tal como se assume, para as condicionais de *se*, em Valmala (2009) e ainda no capítulo 3 deste trabalho.

A hipótese de que a adverbial integrada condicional anteposta é gerada na base (Lobo 2003) não permite dar conta do comportamento integrado destas condicionais independentemente de ocorrerem à direita ou à esquerda. Vimos que podem estar sob o escopo de T matriz, da negação, do sujeito, e de partículas de foco; são clivadas e constituem resposta a interrogativas *Qu-*. Este comportamento justifica que, na estrutura da frase, ocupem uma posição interna ao domínio de TP, em adjunção a VP, em forma lógica.

A hipótese da geração da condicional integrada na base à esquerda (69) não permite dar conta do facto de existir uma interpretação de variável ligada do pronome da oração subordinada ainda que o pronome nulo, na adverbial, esteja fora do domínio de c-comando do operador de quantificação, nas frases em (69). Sabendo que a interpretação de variável ligada dos pronomes depende de uma relação estrutural específica, a relação de c-comando (Reinhart 1983, e.o), os dados em (69) serão

plausivelmente explicados se considerarmos que na sua posição de base a adverbial se encontra no domínio de c-comando do operador de quantificação, conforme ilustrado em (70).

(69) a. Estou consciente que, se *pro_i* não tivessem feito o exame, *ninguém_i* passava este curso.

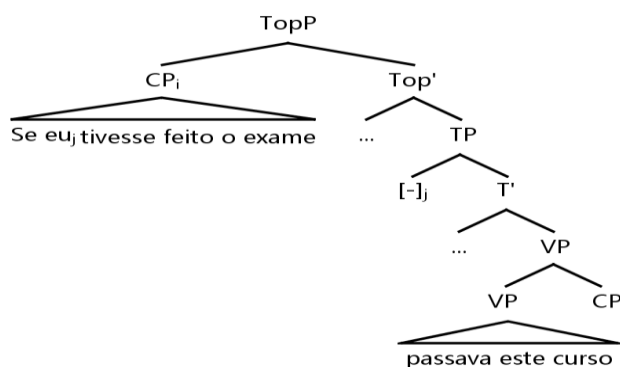
b. Eu sou a porta. Se *pro_i* entrar por mim, *alguém_i* achará pastagens.

(70) a. Estou consciente que *ninguém_i* passava este curso se *pro_i* não tivessem feito o exame.

b. Eu sou a porta. Qualquer *crente_i* achará pastagens se *pro_i* entrar por mim.

Assim, para dar conta das propriedades sintáticas que definem as condicionais integradas, assumimos que uma condicional adverbial integrada à esquerda é deslocada para a posição inicial, a partir da posição interna a TP, conforme a configuração estrutural a seguir:

(71) Estrutura sintática de uma condicional integrada pré-verbal: *se tivesse feito o exame (...), passava este curso*.



Adicionalmente, são argumentos a favor da hipótese de que, no PM, as integradas à esquerda são geradas por movimento os que se seguem.

Em primeiro lugar, é possível uma leitura correferente entre um sujeito pleno (uma expressão-R) e o sujeito nulo da matriz:

- (72) a. *pro_i* perde igualmente a sua validade se a carne for vendida ou distribuída aos empregados como forma de compensar o seu labor. par=2
 b. *pro_i* pode levar consigo um artigo que se parece com o solicitado, se o cliente_i não se cuida.
 c. *pro_i* expulsa-me do colégio na frescura do entardecer tal como Adão no Paraíso, se o padre descobrir a minha paixão.

A frase (72a) é extraída dos dados analisados. As restantes foram adaptadas a partir de frases de *corpora* em que a adverbial se encontra à esquerda. Todas estas frases foram testadas com falantes do PM, que admitiram a leitura correferente entre os sujeitos.¹⁵

Em segundo lugar, no PM, as condicionais integradas, enquanto constituintes que podem ser derivados por *Move*, podem reconstruir sob a negação na posição inicial (73a',b'):¹⁶

¹⁵ Adoptando o modelo de tarefa de interpretação de sujeitos, usados em alguns trabalhos (Canceiro 2016, e.o) (cf. (i)), foram recolhidos juízos de 12 linguistas moçambicanos no sentido de aferir a existência de correferência. Os resultados dos seus juízos são apresentados no quadro abaixo.

(i) Perde igualmente a sua validade se a carne for vendida ou distribuída aos empregados como forma de compensar o seu labor.

O que perde a sua validade?

- a. A carne
- b. Outra coisa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

Resultados da tarefa:

Frase 72a			Frase 72b			Frase 72c		
a. Leitura Corretere.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.	a. Leitura Corretere.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.	a. Leitura Corretere.	b. Leitura Disjunta	c. Leituras a. e b.
7	1	4	7	3	2	10	0	2

¹⁶ Note-se que estas condicionais também admitem a reconstrução, atualmente analisada em termos de cópia:

- i. [Se *pro_i* não cumprir as suas promessas]_t, Dhlakama_i demite-se [~~se *pro_i* não cumprir as suas promessas~~]_t.
- ii. [Se *pro_i* se fizesse ao mar]_t não mais *pro_i* voltaria a terra [~~se *pro_i* se fizesse ao mar~~]_t.

- (73) a. Uma pessoa não é pobre *se é casada*. (= é pobre noutras circunstâncias)
 a'. *Se a pessoa é casada, não* é pobre. (= é pobre noutras circunstâncias)
 b. Não se aplica uma multa de 30% se o atraso for de uma semana. (= aplica-se uma multa de 30% noutras circunstâncias)
 b'. *Se o atraso for de uma semana, não* se aplica uma multa de 30%. (= aplica-se uma multa de 30% noutras circunstâncias)

Por fim, o movimento da adverbial integrada da posição interna ao domínio do TP, onde é inserida, para a periferia esquerda (71) é suportada pela possibilidade de uma interpretação de *sloppy identity* do pronome possessivo que ocorre na elipse do VP de (74) (Haegeman 2003, Valmala 2009):¹⁷

- (74) Se o seu artigo for aceite, o João irá à conferência e a Maria também irá. ([-]/VP
 = [t] à conferência se o seu artigo for aceite).
 a) A Maria irá à conferência se o artigo do João for aceite. (*strict reading*)
 b) A Maria irá à conferência se o artigo dela for aceite. (*sloppy reading*)

Em síntese, no PM, as condicionais integradas ocupam posições relativamente baixas na estrutura da frase que é a de adjunção a VP, tal como as do PE, mas podem ser movidas para uma posição alta, à esquerda.

Relativamente às condicionais integradas antepostas, no PM, são geradas por *Move* do interior do TP da matriz para a posição de especificador de tópico, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987, 1996) e Valmala (2009). Quanto ao PE, Lobo (2003 e trabalhos subsequentes) defende que as integradas à esquerda são geradas por *Merge* externo, por, entre outras razões teóricas, *Merge over Move* e, empíricas, a saber, ausência de efeitos de reconstrução. Apesar disso, no capítulo 3, recorrendo a argumentos sintáticos (e.g, a reconstrução com a negação, e como cópia) e outros de natureza semântico-discursiva, defendemos

¹⁷ Os exemplos são adaptados do inglês (cf. Haegeman (2003: 324)), por falta de exemplos com elipse do VP nos dados considerados.

i. If his paper is accepted, John will go to the conference and so will Mary.
 a. Mary will go to the conference if John's paper is accepted.
 b. Mary will go to the conference if her paper is accepted.

que, no PE, as condicionais integradas à esquerda podem ser movidas da posição interna ao domínio do TP, onde são geradas, para a periferia esquerda, tal como as do PM e de outras línguas, como o inglês e o espanhol (Valmala 2009, Haegeman 2003).

5.2.2. Condicionais periféricas

As condicionais periféricas também podem ocorrer em posição final (75) ou em posição inicial (76).

- (75) a. Como é que podemos desenvolver desta forma *se sofremos com o nosso dinheiro?* par=1
b. Como é que iria justificar a gravidez *se o meu marido nunca me forneceu a semente?* (CRPC)
- (76) a. *Se o narciso é uma flor*, pertence ao reino vegetal.
b. *Se sabemos a língua portuguesa* é porque a aprendemos na escola.

Em certas periféricas, embora seja possível a adjunção à esquerda e à direita, uma destas posições parece ser mais natural, ou seja, é menos marcada do que a outra. Assim, as condicionais de atos de fala, como as frases de (75), são preferencialmente periféricas à direita. Tal pode observar-se por nem sempre admitirem facilmente a ocorrência em posição inicial:¹⁸

- (77) a. ?*Se sofremos com o nosso dinheiro*, como é que podemos desenvolver desta forma?
b. ?*Se o meu marido nunca me forneceu a semente*, como é que iria justificar a gravidez?
c. Se o branco não chegou até aqui || como é que lhe cortou?

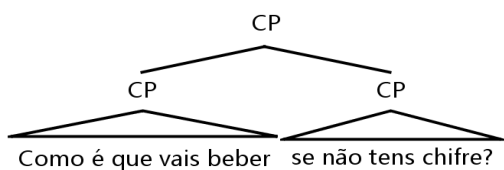
¹⁸ As periféricas que podem com facilidade ocorrer na posição inicial (77c) têm sempre uma pausa a separá-las da oração subordinada.

Ao contrário das periféricas de (75), as genéricas universais (76a) e as episódicas denexo dedutivo (76b) são sempre periféricas à esquerda (78); não podem ocorrer em posição final nem sem nem com uma pausa.¹⁹

- (78) a. *O narciso pertence ao reino vegetal (||) *se é uma flor*.
b. *(É porque) a aprendemos na escola (||) *se sabemos a língua portuguesa*.

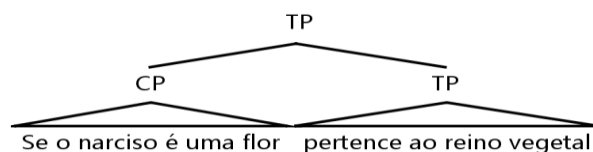
Assim, e pelo que ficou anteriormente exposto, no que diz respeito às **periféricas à direita**, de que são exemplo as frases de (75), a representação estrutural é a que se apresenta em (79). Já para as **periféricas à esquerda**, exemplificadas por frases como as de (76), a representação estrutural é a que se apresenta em (80).

- (79) Estrutura de uma condicional periférica à direita. Exemplo: *Como é que vais beber se não tens chifre?*



¹⁹ Lembramos ainda que estas condicionais não podem ocorrer como foco informacional, ao não poderem ocorrer como resposta a uma interrogativa *Qu-*, conforme ficou demonstrado na secção 5.1.1 deste capítulo.

- (80) Estrutura de uma condicional periférica à esquerda. Exemplo: *Se o narciso é uma flor, pertence ao reino vegetal.*



Em (79) e (80), assumimos que as periféricas, na estrutura da frase, se encontram adjuntas à direita ou à esquerda de categorias funcionais altas, CP ou TP. Tal permite dar conta de a adverbial periférica estar fora do domínio de c-comando do sujeito da frase matriz:

- (81) a. Como é que o [animal]_i vai beber se *pro_i/ele_i* não tem chifres.
 b. Se [o narciso]_i é uma flor, *pro_i* pertence ao reino vegetal.

Em frases como as periféricas (81), os sujeitos das duas orações podem ser correferentes. No entanto, em nenhum dos casos há uma relação configuracional de c-comando do sujeito da subordinada pelo sujeito da matriz. Em (81a), sendo a oração matriz um CP, o seu sujeito não é nó irmão da subordinada que contém o sujeito pronominal. Em (81b), estando a subordinada adverbial adjunta à esquerda da matriz, por *merge* externo, o seu sujeito está sempre fora do domínio de c-comando do sujeito da matriz.

As estruturas sintáticas propostas para as periféricas permitem igualmente dar conta do facto de estas condicionais escaparem ao domínio de c-comando da negação matriz e de operadores de foco, e de não serem legítimas lacunas parasitas, como ficou demonstrado na secção 5.1.1. deste capítulo.

Para terminar, refira-se que por não admitirem fenómenos que envolvem a focalização, como a clivagem, as periféricas têm inerentemente o traço [+pressuposicional] e de informação conhecida (Lobo 2001, 2003), ou seja, são tópicos.

Repare-se que elas não podem constituir-se como resposta a interrogativas *QU*-enquanto foco informacional (82). Podem-no, no entanto, se antes forem interpretadas como um constituinte correspondente ao sintagma *Qu*-, com a interpretação de tópicos (83).

(82) – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?

– *Pertence ao reino vegetal *se é uma flor*.

(83) – Em que circunstâncias é que o narciso pertence ao reino vegetal?

– *Se é uma flor*, pertence... (não sei se noutras circunstâncias também pertencerá)

Em suma, no PM, as factuais periféricas podem ser adjuntas a CP ou a TP tanto à esquerda como à direita. As factuais genéricas são preferencialmente periféricas à esquerda, enquanto as episódicas (de acto de fala ou de nexo dedutivo) são preferencialmente periféricas à direita.

5.3. Conclusões

Neste capítulo, por um lado, aferimos o comportamento sintático das condicionais factuais, das hipotéticas e das contrafactuais do PM, e, por outro, apresentámos a estrutura sintática destas condicionais, em comparação com as condicionais do PE.

De um modo geral, não há diferenças, relativamente ao comportamento e à estrutura, entre as condicionais do PM e as do PE. A seguir, apresentamos as principais conclusões a que chegámos, neste capítulo, relativamente às condicionais do PM e que também são aplicáveis às do PE:

Os resultados da aplicação dos diferentes testes sintáticos às condicionais do PM permitem depreender que as hipotéticas e contrafactuais são tipicamente integradas. Já no domínio das factuais, distinguem-se duas subclasses sintáticas, as integradas e as periféricas.¹ Estes resultados deixam em aberto a possibilidade de as condicionais do

¹ No entanto, se tivermos em conta condicionais *canónicas* e *não canónicas*, podemos aduzir que, em cada uma das três classes semânticas (factuais/hipotéticas e contrafactuais), há condicionais que se comportam como integradas e aquelas que se comportam como periféricas.

PM (e do PE) serem distintas das condicionais de outras línguas, como o inglês, para as quais se defende que as factuais são apenas periféricas (cf. Haegeman 2003; Bhatt & Pancheva 2006), ainda que a análise de dados de *corpora* nestas línguas possa vir a revelar possibilidades não referidas na literatura.

Relativamente à estrutura sintática, assumimos que as integradas ocupam posições relativamente baixas na estrutura da frase que é a de adjunção a VP, mas podem ser movidas para uma posição alta, à esquerda. Neste trabalho, e com base em argumentos empíricos, defendemos que as integradas antepostas são geradas por *Move* do interior do TP da matriz, onde são geradas, para a posição de especificador de tópico, por topicalização da oração adverbial condicional, na linha de Duarte (1987 ou 1996) e Valmala (2009), contrariando, deste modo, a hipótese de que seriam geradas por *Merge* externo, à esquerda (Iatridou 1991; Lobo 2003).

As periféricas são adjuntas a posições altas na frase, CP ou TP, e são geradas por *Merge* externo, à direita ou à esquerda destas categorias funcionais.

6. Conclusões

Este estudo teve como objetivo contribuir para o conhecimento de aspetos semânticos e sintáticos das condicionais de *se* do PM e do PE. Ele incidiu essencialmente sobre dados orais e escritos de *corpora*, e dados escritos de produção provocada e de testes de juízos de gramaticalidade.

No capítulo 2, depois de feitas a revisão da literatura associada à tipologia semântica das condicionais nas línguas naturais que foi considerada e a reanálise sobre os valores semânticos das condicionais e sua relação com os tempos e modos verbais no PE (estado da arte), analisámos a relação que existe entre os valores semânticos e os tempos e modos verbais nas construções condicionais de *se* nos *corpora* CETEMPúblico e CRPC. Os resultados da análise dos dados de *corpora* mostraram que os diferentes valores semânticos, nas condicionais, são determinados pelas propriedades temporais, aspetuais ou modais dos tempos verbais e que, por vezes, esses valores são legitimados contextualmente. Tempos do indicativo e alguns do conjuntivo admitem ambiguidade (ou seja, diversidade de interpretações). Os resultados revelaram ainda que, nas factuais, não só o indicativo, tal como tem sido defendido na maioria dos trabalhos (Montolío 1999; Brito 2003; Norris 2003, e.o), mas também o conjuntivo pode ser usado. Certas formas do indicativo e do conjuntivo são usadas com valor hipotético, em contextos mais marcados. Também em contrafactuais, formas do indicativo admitem essa interpretação quando estão ligadas a valores modais marcados.

Relativamente à descrição da tipologia semântica das condicionais do PM, com foco na distribuição dos tempos e modos verbais, em comparação com as do PE, chegámos às seguintes conclusões (cf. capítulo 4). Não existem grandes diferenças entre o PM e o PE: há três classes semânticas (factuais, hipotéticas e contrafactuais) e a correspondência entre elas e o uso dos tempos verbais/modos verbais é não biunívoca, dado que cada uma das classes pode ser marcada quer pelo modo indicativo quer pelo modo conjuntivo. No entanto, encontrámos algumas diferenças, entre o PM e o PE, em contextos em que, no PE, se usam de forma marcada certos tempos/modos verbais nas hipotéticas ou contrafactuais. São exemplos disso o facto de, no PE, mas não no PM, se usar o Pretérito Mais que-Perfeito do Conjuntivo com valor hipotético, facto não referido nas gramáticas do PE, em condicionais que

envolvem uma espécie de ato de fala diretivo indireto. Por sua vez, o PM exprime este valor usando, para além do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo, o Presente do Indicativo. Nas contrafactuais *canónicas*, no PE, usa-se também o Presente do Indicativo, com valor modal contrafactual, descrevendo uma ação completamente realizada (perfectiva) (Justino 2016), e o Pretérito Perfeito Composto, com o valor equivalente ao Pretérito Imperfeito do Conjuntivo contrafactual. No PM, isto é marginal, porque, a estes tempos do indicativo, não são associados estes valores modais marcados. No PE, o modo indicativo (sobretudo o Presente) em hipotéticas é usado no discurso oral e em contextos informais, e nem sempre pode ser natural para um falante do PE (cf. Justino 2011). No PM, pelo contrário, pode ocorrer tanto no registo oral como no escrito e é sempre gramatical, confirmando o trabalho de Justino (2011). Além das diferenças acima referidas, sobressaem diferenças que resultam da ambiguidade do *input* do PE. No PE, apesar de indicativo e conjuntivo não estarem em variação livre, os tempos do indicativo e (alguns tempos) do conjuntivo podem ocorrer associados às três classes semânticas. No PM, observámos que há variação/alternância livre entre o indicativo e o conjuntivo nas condicionais hipotéticas e factuais. Nas hipotéticas, há uma tendência para a seleção do indicativo em contextos em que, no PE, o conjuntivo seria obrigatório. Está, neste caso, por exemplo, o uso do Pretérito Imperfeito e do Presente do Indicativo em vez do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo. Nas factuais correlativas de eventos passados, usa-se o conjuntivo em contextos em que, no PE, o indicativo seria obrigatório (cf., por exemplo, o uso do Futuro do Conjuntivo no lugar do Pretérito Imperfeito do Indicativo). Por último, refira-se que o PM, adquirido como L2 ou como L1, se distingue claramente do PE no que diz respeito (i) ao uso do Futuro do Conjuntivo nas condicionais factuais, (ii) à expressão da contrafactualidade através de *fosse (que) + Pretérito Imperfeito/Pretérito Perfeito do Indicativo do verbo principal*, (iii) à expressão da contrafactualidade através da ênfase em que a proposição consequente é a contraditória da que corresponde ao antecedente¹ e (iv) à possibilidade de o conector *caso* poder encabeçar quaisquer

¹ Já numa fase terminal deste trabalho, Anabela Gonçalves fez-me chegar a frase abaixo, extraída da Crónica de António Lobo Antunes – “De onde menos se espera é que não sai nada de jeito” – na revista *Visão* de 12/7/2018, que atesta a ocorrência de contrafactuais *enfáticas* também no PE. Por limitações de tempo, já não me foi possível rever a ideia de que as enfáticas são construções particulares do PM.

i. (...) *se ela não tivesse casado com o Alberto casava com o Alberto.*

condicionais factuais correlativas de eventos. Para a descrição de aspetos sintáticos das condicionais tanto no PE como no PM, começámos por descrever a oposição sintática entre condicionais integradas e condicionais periféricas. Ficou demonstrado que as condicionais integradas se distinguem das periféricas por manifestarem um comportamento diferente em relação a fenómenos como a dependência de T matriz, a resposta a interrogativas *QU*-, o escopo da negação, o escopo de operadores de foco, a clivagem, a posição, os quantificadores e pronomes ligados, a legitimação de lacunas parasitas e a possibilidade de interrogativas e negativas alternativas (Haegeman 2002, 2003, 2004; Lobo 2003, 2013, e.o). No segundo momento, aplicámos de forma sistemática os testes sintáticos às condicionais factuais, hipotéticas e contrafactuais do PE (cf. capítulo 3) e do PM (cf. capítulo 5), tendo sido possível aferir que, tanto no PE como no PM, as condicionais hipotéticas e contrafactuais são tipicamente integradas, ainda que tipos particulares, marcados e marginais/infrequentes, não o sejam. As condicionais factuais, por outro lado, em oposição às hipotéticas e contrafactuais, revelam-se uma classe não coesa quanto à oposição integrada/periférica, sendo integradas as correlativas de eventos/situações e periféricas as outras subclasses de factuais (que não são marcadas nem marginais/infrequentes).

O facto de as condicionais integradas (factuais, hipotéticas e contrafactuais) estarem no domínio de *c*-comando da negação matriz, de marcadores de foco e de quantificadores, poderem constituir resposta a interrogativas parciais e poderem ser clivadas levou-nos a considerar que tais condicionais são geradas em posições baixas, em adjunção a VP da frase matriz (Haegeman 2003; Lobo 2002b, 2003, 2006). Por outro lado, observámos que fatores de natureza semântico-discursiva e sintática (e.g., a reconstrução com a negação, a interpretação com quantificadores e variáveis ligadas ou a interpretação de *sloppy identity* do pronome possessivo em contextos de elipse do VP) permitiram argumentar a favor da hipótese de que as condicionais integradas à esquerda são geradas por *Move* da posição interna ao domínio de TP, onde são geradas, para a periférica à esquerda. Na periferia esquerda, podem ser focalizadas ou topicalizadas, podendo propriedades de natureza semântico-discursivas definir preferências por topicalização ou focalização.

As periféricas, por apresentarem resultados agramaticais nas diferentes estruturas sintáticas testadas, pelo contrário, ocuparão uma posição mais alta na

estrutura da frase, encontrando-se adjungidas a categorias funcionais altas, CP ou TP. Na periferia esquerda da frase, as factuais periféricas são preferencialmente interpretadas como tópicos.

Com a realização deste trabalho esperamos ter contribuído para um melhor conhecimento sobre aspetos semânticos e sintáticos das condicionais de *se* não só do PM mas também do PE. Os resultados obtidos neste trabalho, através de uma descrição sistemática das estruturas condicionais, fornecem pistas para o conhecimento do comportamento sintático da generalidade das orações adverbiais do PM. Por outro lado, podem ser aplicados no ensino da língua portuguesa ao nível da graduação e pós-graduação, bem como na elaboração de uma gramática do PM.

Por fim, refira-se que, apesar de termos cumprido com muita satisfação os objetivos definidos neste trabalho, sabemos que, tal como acontece com qualquer trabalho desta natureza, que não esgotámos tudo o que há para se estudar sobre as condicionais de *se*.

Referências Bibliográficas

- Adger, David (2003). *Core Syntax: A Minimalist Approach*. Oxford: Oxford University Press.
- Ambar, Manuela (1992a). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito Verbo em Português*. Colibri: Lisboa.
- Ambar, Manuela (1992b). Temps et Structure de la Phrase en Portugais. In Hans Obenauer & Anne Zribi-Hertz (eds.). *Structure de la Phrase et Théorie du Liage*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, pp. 29-49.
- Anderson, Alan Ross (1951). A Note on Subjunctive and Counterfactual Conditionals. *Analysis* 11.
- Anjum, Rani Lill & Schapansky, Nathalie (s/d). *Conditionals and their Logical Classification*. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ranilillanjum/research>.
- Austin, J. (1956). Ifs and Cans. *Proceedings of the British Academy* 42, pp. 109-132.
- Azevedo, Milton (1976). *O Subjuntivo em Português: um Estudo Transformacional*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bechara, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bennett, Jonathan (1995). Classifying Conditionals: The Traditional Way is Right. *Mind* 104, pp. 331-354.
- Bennett, Jonathan (2003). *A philosophical guide to conditionals*. Oxford: Oxford University Press.
- Bhatt, Rajesh & Roumyana, Pancheva (2006). Conditionals. In M. Everaert & H. van Riemsdijk (eds.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Vol. I. Blackwell, Boston & Oxford, pp. 638-687.
- Biskup, Petr (2006). Adjunction, Condition C, and the Background Adjunct Coreference Principle. In: Donald Baumer, David Montero & Michael Scanlon (eds.). *Proceedings of WCCFL 25*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, pp. 96-104.
- Bosque, Ignacio & Demonte, Violeta (1999). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Espasa Calpe: Madrid.
- Brito, Ana Maria. (2003). Subordinação adverbial. In Maria Helena Mateus et al. (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho, pp. 695-728.

- Canceiro, Nádia (2016). *Relações Referenciais entre Sujeitos em Estruturas Coordenadas e Subordinadas Adverbiais em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cardoso, Adriana & Susana, Pereira (2003). Contributos para o Estudo da Emergência do Tempo Composto em Português. *Revista da ABRALIN* 2 (2), pp. 159-181.
- Carlson, Gregory N. (1995). Truth-Conditions of Generic Sentences. In Gregory Carlson & Francis Jeffry Pelletier (eds.). *The Generic Book*. University of Chicago Press, pp. 224-37.
- Carlson, Gregory N. (2005). Generics, Habituals and Iteratives. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd Ed. Elsevier.
- Chomsky, Noam (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris Publications, Dordrecht.
- Chomsky, Noam (1995). *O Programa Minimalista* (trad. Eduardo Paiva Raposo). Lisboa. Editorial Caminho.
- Chomsky, Noam (2001). Derivation by Phase. In Michael Kenstowicz (ed.): *Ken Hale, a Life in Language*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- Cinque, Guglielmo (1999). *Adverbs and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press.
- Costa, João & Martins, Ana (2011). On Focus Movement in European Portuguese. *Probus* 23 (2), pp. 217-245.
- Crouch, Richard (1993). *Tense and Simple Conditionals*. Proc. 9th Amsterdam Colloquium.
- Crouch, Richard (1994). *The Temporal Properties of English Conditionals and Modals*. PhD dissertation, University of Cambridge.
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Cunha, Luis Filipe (2013). Aspeto. In Eduardo Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 585-619.
- Danckaert, Lieven & Haegeman, Liliane (2012). Conditional Clauses, Main Clause Phenomena and the Syntax of Polarity Emphasis. In Peter Ackema *et al.* (eds.) *Comparative Germanic Syntax: The State of The Art, [Linguistik Aktuell/Linguistics Today 191]*, p.133-167.

- Declerck, Renaat (1991). *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Comrie, Bernard (1986). Conditionals: A Typology. In Traugott *et al.* (eds.). *On Conditionals*. Cambridge University Press: Cambridge, pp. 77-99.
- Duarte, Inês (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (1996). A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa. In Inês Duarte & Isabel Leiria (eds.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: APL/Edições Colibri, pp. 327-360.
- Duarte, Inês. (1997). Ordem de Palavras e Estrutura Discursiva. In Ana Maria Brito *et al.* (eds.). *Sentido que a Vida Faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp. 581-592.
- Duarte, Inês (2003). Frases com Tópicos Marcados. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* (eds.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 489-506.
- Duarte, Inês; Gonçalves, Anabela & Santos, Lúcia (2012). Infinitivo Flexionado, Independência Temporal e Controlo. In Arminda Costa, Cristina Flores & Nélia Alexandre (eds.). *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 217-234.
- Dudman, Victor Howard (1984). Conditional Interpretations of 'If'-sentences. In *The Australian Journal of Linguistics*. Vol. 4, pp. 143-204.
- Dudman, Victor Howard (1988). Indicative and Subjunctive. In *Analysis* vol. 48, pp. 113-122.
- Engdahl, Elisabet (1983). Parasitic Gap. *Linguistics and Philosophy* 6, pp 5-34.
Disponível em <http://semantics.uchicago.edu/kennedy/classes/w07/readings/engdahl83.pdf>
- Espada, Catarina (2009). *Indicativo e Conjuntivo em Completivas de Objecto: Contributos Didácticos para o Ensino do Português como Língua Materna*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Ferrari, Liliane (1999). Construções Condicionais e a Negociação de Perspectivas Epistémicas na Interação entre Professores”. *Revista do Gele 1* (1). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, pp. 79-81.

- Ferreira, Idalina (1996). *O Tempo nas Construções Condicionais*. Dissertação de mestrado, Porto, Universidade do Porto.
- Ferreira, Idalina (1997). Afinidades Semânticas entre Estruturas Condicionais e outras Construções. *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Lisboa: Colibri, pp. 287-301.
- von Fintel, Kai (1998). The Presupposition of Subjunctive Conditionals. In Uli Sauerland & Orin Percus (eds.). *The interpretive tract* (MIT Working Papers in Linguistics 25). Cambridge, MA: MITWPL, pp. 29-44.
- von Fintel, Kai (2011). Conditionals. In Klaus von Heusinger, Claudia Maienborn & Paul Portner (eds.). *Semantics: An international handbook of meaning 2*, pp.1515-1538
- von Fintel, Kai (2012). Subjunctive Conditionals. In Gillian Russell & Delia Graff Fara (eds.). *The Routledge Companion to Philosophy of Language*. New York: Routledge, pp. 466-477.
- Geis, Michael L. & Lycan, William G. (2001). Nonconditional Conditionals. In William Lycan (ed.). *Real Contidions*. Oxford: Clarendon Press, pp. 184-205.
- Giannakidou, Anastasia (2013). The subjunctive as Evaluation and Nonveridicality. In Joanna Blaszack *et al.* (eds.). *Tense, Mood and Modality: New Perspectives on Old Questions*.
- Gilles, Anthony (2012). Indicative Conditionals. In Gillian Russell & Delia Graff Fara (eds.). *Routledge Companion to Philosophy of Language*. Routledge.
- Gomes, Gilberto (2008). Three Types of Conditionals and Their Verb Forms in English and Portuguese. *Cognitive Linguistics 19* (2), pp. 219-240.
- Gomes, Gilberto & Monken, Priscila Mattos (2011). Postura Epistêmica e Parafraseabilidade Diferencial em Condicionais. *Revista de Estudos Linguísticos 19* (2), Belo Horizonte, pp. 127-140.
- Gonçalves, Anabela, Luís Filipe Cunha & Purificação Silvano (2010). Interpretação Temporal dos Domínios Infinitivos na Construção de Reestruturação do Português Europeu. In Ana Maria Brito *et al.* (eds.). *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisbon: APL, pp. 435-447.

- Gonçalves, Anabela, Rui Marques, Ana Lúcia Santos, Purificação Silvano & Sandra Duarte Tavares (2013). Sequências de Tempos em Completivas Finitas: Restrições Semânticas e Efeitos na Aquisição. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra/APL, pp. 433–452.
- Gonçalves, Anabela, Ana Lúcia Santos & Inês Duarte (2014). (Pseudo-)Inflected infinitives and Control as Agree. In Karen Lahousse & Stefania Marzo (eds). *Romance Languages and Linguistic Theory 2012. Selected papers from 'Going Romance' Leuven 2012*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 161-180.
- Gonçalves, Perpétua (2010). *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Gonçalves, Perpétua (2013). O Português em África. In. Eduardo Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 157-168.
- Gonçalves, Perpétua (2016). Competência Múltiplas das Novas Gerações de Falantes em Moçambique: Desafios para a Teoria e para a Planificação Linguística. In. Teixeira e Silva Roberval (eds.). *Contextos de Formação de Novas Gerações de Falantes do Português no Mundo: Perspectivas em Política, História, Língua e Literatura*. Escola Superior de Educação de Santarém: Universidade de Macau, pp. 97-112.
- Gryner, Helena (1998). Variação e Iconicidade: A Representação Morfossintática de uma Hierarquia Semântica”. *Revista de Estudos da Linguagem* 7 (2), Belo Horizonte.
- Gryner, Helena (2008). Consecutio Temporum: Tendências em Conflito no Complexo Condicional. *Diacrítica: Ciências da Linguagem* 22 (1), pp. 9-24.
- Haegeman, Liliane (1984). Parasitic Gaps and Adverbial Clauses. *Journal of Linguistics* 20 (2). Cambridge University Press, pp. 229-232
- Haegeman, Liliane (2002). Anchoring to Speaker, Adverbial Clauses and the Structure of CP. *GUWPTL* 2, pp. 117-180.
- Haegeman, Liliane (2003). Conditional Clauses: External and Internal Syntax. *Mind and Language* 18 (4), pp. 317-339.

- Haegeman, Liliane (2004). The Syntax of Adverbial Clauses and Its Consequences for Topicalisation. *Antwerp Papers in Linguistics* 107, pp. 61-90.
- Haegeman, Liliane (2008). The Syntax of Adverbial Clauses and the Licensing of Main Clause Phenomena. Truncation or intervention? *Paper presented at the 31st GLOW Conference*, University of Newcastle 26-28 March 2008.
- Haegeman, Liliane (2009a). Main Clause Phenomena and the Derivation of Adverbial Clauses. *Selected Papers from the 18th ISTAL*.
- Haegeman, Liliane (2009b). The Movement Analysis of Temporal Adverbial Clauses. *English Language and Linguistics* 13, pp. 385-408.
- Haegeman, Liliane (2010a). Internal Syntax of Adverbial Clauses. In Kleantes Grohmann & Ianthi-Maria Tsimpli (eds.). *Exploring the Left Periphery*. *Lingua* 120, pp. 628-648.
- Haegeman, Liliane (2010b). The Movement Derivation of Conditional Clauses. *Linguistic Inquiry* 41 (4), pp. 595-621.
- Harris, Martin (1986). The historical development of si-clauses in romance. In E. Closs Traugott et al. (eds.). *On Conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 265-84.
- Hogeweg, Lotte (2009). What's so Unreal about the Past: Past Tense and Counterfactuals. In A. Tsangalidis & R. Facchinetti (eds.). *Studies on English Modality in Honour of Frank R. Palmer*, pp. 181-208.
- Iatridou, Sabine (1991). *Topics in Conditionals*. PhD dissertation, Cambridge, MIT.
- Iatridou, Sabine (2000). The grammatical Ingredients of Counterfactuality. *Linguistic Inquiry* 31, pp. 231-270.
- Jackson, Frank (1990). Classifying Conditionals. *Analysis* 50 (2), pp. 134-147.
- Justino, Víctor (2011). *A Distribuição e a Expressão Gramatical do Futuro do Conjuntivo no Português de Moçambique*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Justino, Víctor (2015). Concordância Verbal em Número: Da Descrição Linguística à Avaliação no Contexto de Ensino-Aprendizagem. In Mónica Bastos, José Marques, Ana Monteiro e Conceição Siopa (eds.). *Ensinar a língua portuguesa em Moçambique: Desafios, Possibilidades e Constrangimentos. Textos*

- Selecionados das VII Jornadas da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, pp. 166-186.
- Justino, Víctor (2016). Os Valores Semânticos das Condicionais e sua Relação com os Tempos e Modos Verbais. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (2), pp. 265-293. DOI: 10.21747/2183-9077/rapl2a12
- Justino, Víctor (2018). Tipologia Semântica das Condicionais no Português de Moçambique. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (4), pp. 98-116. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a35>
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993). *From Discourse to Logic*. Kluwer Academic Publishers, 417 Dordrecht.
- Karttunen, Lauri & Stanley Peters (1979). Conventional Implicature. In Choon-Kyu David Dinneen (ed.). *Syntax and Semantics 11: Presupposition*, New York Academic Press, pp. 1-56.
- Kayne, Richard (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press.
- Kratzer, Angelika (1991). Modality. In Arnim von Stechow & D. Wunderlich (eds.). *Semantics*. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 639-650.
- Krifka, Manfred *et al.* (1995). Genericity: an Introduction. In Gregory Carlson & Francis Pelletier (eds.). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George (1970). Linguistics and Natural Logic. *Synthese* 22 (1/2), pp. 151-271.
- Landau, Idan (2004). The Scale of Finiteness and the Calculus of Control. *Natural Language and Linguistic Theory* 22, pp. 811-877.
- Larsen-Freeman, Dianne & Long, Michael (1991) *An introduction to second language acquisition research*. Harlow: Addison Wesley Longman Ltd.
- Leão, Ângela Vaz (1961). *O Período Hipotético iniciado por se*. UMFG: Belo Horizonte.
- Lightfoot, David (2006). *How new Languages Emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lobo, Maria (2001). Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 291-306.
- Lobo, Maria (2002a). On the Structural Position of Non-Peripheral Adjunct Clauses. *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), pp.83-118.

- Lobo, Maria (2002b). On the Structural Position of Adverbial Clauses, Discourse Features and Informational Structure. *Proceedings XXVIII Incontro di Grammatica Generativa* (Lecce, 28 Fev.-2 Mar. 2002).
- Lobo, Maria (2003). *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Lobo, Maria (2006). Dependências Temporais: a Sintaxe das Orações Subordinadas Gerundivas do Português. *Veredas 10* (1-2), UFJF. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo055.pdf> Acesso, maio de 2015.
- Lobo, Maria (2013). Subordinação Adverbial. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1879-2057.
- Lopes, Cristina Macário (1995). Para uma Análise semântica dos Tempos do Presente em Português. *Cadernos de Semântica*, 21. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Lopes, Cristina Macário (2009). Contributos para o Estudo de Construções Condicionais não Canónicas no PEC. *Diacrítica* 23 (1), pp.149 - 170.
- Lopes, Ana Cristina Macário & Santos, Pedro (1993). A Condicionalidade das Frases Genéricas. *Cadernos de Semântica* 17. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Marques, Rui (1995). *Sobre o Valor dos Modos Conjuntivo e Indicativo em Português*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Marques, Rui (1999). Variações de Forma e Sentido em Construções Condicionais. *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Voll. II. Braga: APL, pp. 219-238.
- Marques, Rui (2001). O Modo em Condicionais Contrafactuais e Hipotéticas. *Textos Seleccionados do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 325-335
- Marques, Rui (2010). Sobre a Semântica dos Tempos do Conjuntivo”. In Ana Maria Brito, João Veloso e Alexandra Fiéis (eds.). *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 549-565.

- Marques, Rui (2013). O Modo. In Eduardo Paiva Raposo *et. al* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 673-693.
- Marques, Rui (2014). Modalidade e Condicionais em Português. *ReVEL* 8. www.revel.inf.br
- Marques, Rui (2016). O modo Conjuntivo. In Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Gruyter, pp. 610-635.
- Marques, Rui, Purificação Silvano, Anabela Gonçalves & Ana Lúcia Santos (2015). Sequence of Tenses in Complementation Structures: Lexical Restrictions and Effects on Language Acquisition. In Rachel Klassen, Juana M. Liceras & Elena Valenzuela (eds.). *Hispanic Linguistics at the Crossroads. Theoretical Linguistics, Language Acquisition and Language Contact*. [Proceedings of the Hispanic Linguistics Symposium 2013]: 69-88. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. [DOI: 10.1075/iHL.4.04mar]
- Martins, Ana & Costa, João (2016). Ordem dos Constituintes Frásicos: Sujeitos Invertidos; Objetos Antepostos. In Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Gruyter, pp. 371-400.
- Mateus *et al.* (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mateus *et al.* (2003). *Gramática do Português*. Lisboa: Caminho.
- Mönnink, Inge de (1999). Combining Corpus and Experimental Data. *International Journal of Corpus Linguistics*, 4 (1), pp. 77-111.
- Montolío, Estrella (1999). Las Construcciones Condicionales. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, pp. 3643-3737.
- Neves, Maria Helena de Moura (1999). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP.
- Norris, Robert (2003). How do we Overcome the Difficulties of Teaching Conditionals?. In *Bulletin of Fukuoka International University* 9, pp. 39-50.
- Oliveira, Fátima (1991). Sobre as Condicionais. *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 239-257.
- Oliveira, Fátima (2008). Sobre os Tempos do Conjuntivo. In Fátima Oliveira & Inês Duarte (eds.). *Fascínio da Linguagem. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP/FLUP, pp. 109-118.

- Oliveira, Fátima (2013). O tempo Verbal. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 509-556.
- Oliveira, Fátima & Luís Filipe Cunha (2011). Tipos de genericidade. In Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (eds.). *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, pp. 446-459.
- Oliveira, Fátima & Mendes, Amália (2013). Modalidade. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (eds.). *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 623-672.
- Peres, João Andrade (1997). Sobre conexões proposicionais em Português. In Ana Maria Brito *et al.* (orgs.). *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Campo das Letras: Porto, pp. 775-787.
- Quirk *et al.* (1985). *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- Raposo, Eduardo Paiva (1997). Definite/zero Alternations in Portuguese: Towards a Unified Theory of Topic Constructions. In A. Schwegler, B. Tranel & M. Uribe-Etxebarria (eds.). *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, pp. 197-212.
- Reinhart, Tanya (1983). *Anaphora and Semantic Interpretation*. Londres, Croom Helm.
- Reis, Sílvia Lopes (2006). *Estudo de Inglês para Turismo: Recurso à Linguística de Corpus*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Renzi, Lorenzo & Salvi, Giampaolo (1991). *Grande Grammatica Italiana di Consultazione. II. I sintagmi verbale, aggettivale, avverbiale. Lasubordinazione, il* Mulino, Bologna.
- Santos, Pedro (1992). *Aspectos da Semântica das Condicionais "se...então"*. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Schulz, Katrin (2008). Non-deictic Tenses in Conditionals. In Katrin Schulz, T. Friedman & S. Ito (eds.). *SALT XVIII*, Ithaca. NY: Cornell University.
- Schulz, Katrin (2014). Fake Tense in Conditional Sentences: a Modal Approach. *Natural Language Semantics* 22, pp.117-114.
- Seliger, Herbert & Shohamy Elana 1989. *Second Language Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.

- Silvano, Purificação (2002). *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*. Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade do Minho.
- Sweetser, Eve (1990). *From Etymology to Pragmatics, Metaphorical and cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Telmo, Mória (2016). Semântica e Pragmática. In Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho (eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Gruyter, pp. 308-335.
- Thornton, Rosalind (1998). Elicited production. In Dana McDaniel, Cecile McKee & Helen Cairns (eds.). *Methods for Assessing Children's Syntax*. Massachusetts: MIT Press, pp. 77-102.
- Valmala, Vidal (2009). On the Position of Central Adverbial Clauses. *ASJU*, XVIII, pp. 951-970.

ANEXO

I - TAREFAS DE PRODUÇÃO PROVOCADA - EXEMPLOS ILUSTRATIVOS

TAREFA I - Forme todas as frases possíveis usando o verbo entre parênteses para preencher os espaços em branco, conforme os exemplos. Note que o número de frases a construir em cada caso pode variar entre uma e quatro. Construa só as frases que lhe parecem naturais e que poderia usar espontaneamente ou na oralidade ou na escrita.

Exemplo:

a) Se a lua _____ (ser) uma estrela, _____ (ter) uma luz própria.

Se a lua fosse uma estrela, teria uma luz própria.

Se a lua for uma estrela, terá uma luz própria.

Se a lua é uma estrela, tem uma luz própria.

Se a lua era uma estrela, tinha uma luz própria.

1. Normalmente, se ele me(dar) conselhos, eu _____ (aceitar).
2. Se os homens _____ (ter) asas, eles _____ (ser) capazes de voar.
3. Se a Maria _____ (ter) bordado a toalha, possivelmente, não _____ (precisar) de comprar outra.

TAREFA II - Nas frases abaixo, preencha os espaços em branco com o verbo entre parênteses. Siga os exemplos e tenha em atenção que pode construir mais do que uma frase, mas não é necessário que o faça.

Exemplo:

a) Se _____ / _____ (pôr) o metal ao lume, ele derrete.

Se puseres / pões o metal ao lume, ele derrete.

b) Se _____ / _____ (terminar) o trabalho, iremos ao cinema.

Se terminarmos / _____ (terminar) o trabalho, iremos ao cinema.

1. Já perdemos o nosso avião. Mas se nós _ / _____ (apanhar) táxi, chegávamos a tempo.
2. Todos os humanos são mortais. Logo, se tu _____ / _____ (ser) humano, então és mortal.
3. Se tu _____ / _____ (ser), eu sou a miss universo.

II. TESTE DE JUÍZO DE GRAMATICALIDADE

Leia atentamente as frases (1) a (20).

1) Coloque, no início de cada uma das frases, os seguintes símbolos, de acordo com as instruções fornecidas:

- a) Coloque ‘*’ no início das frases que considerar incorretas.
- b) Coloque ‘ok’ no início das frases que considerar corretas.
- c) Coloque ‘?’ no início das frases de cuja correção duvida.

2) Apresente uma alternativa para as frases que marcou com ‘*’ ou com ‘?’.

Exemplos:

^{OK}Se o João vier amanhã, a Mãe fará um bolo.

[?]/^{*}Se ele for a viajar no próximo mês, então devíamos publicar o seu livro neste mês.
Se ele vai viajar no próximo mês, então devíamos publicar o seu livro neste mês.

- 1. Moçambique foi sempre assim: se chovesse muito, as ruas ficavam alagadas.
- 2. Se o Zé tem ido às aulas, não chumbava no primeiro ano.
- 3. Ele chegou ontem de Londres. Se eu sabia disso, ia saudá-lo à chegada.